

“A Luz Completa”

O GRANDE EVANGELHO
de JOÃO

VOLUME X

**Revelado pelo Senhor ao
profeta Jakob Lorber**

Obras da Nova Revelação Viva

**O GRANDE
EVANGELHO DE JOÃO**

- Volume X -

“A Luz Completa”



Obra revelada pelo Senhor ao profeta
Jakob Lorber (1840-1864)

*Traduzido por YOLANDA LINAU
Revisado por PAULO G. JUERGENSEN*

Publicado na Internet, por:
UNIÃO NEO-TEOSÓFICA
www.neoteosofia.org.br

(Esta obra em formato digital ou impressa,
não pode ser vendida, pois é de distribuição gratuita)

O GRANDE EVANGELHO DE JOÃO

Volume X

O SENHOR NOS ARRABALDES DE CESARÉIA PHILIPPI (continuação)

1. PROPOSTAS PARA A RÁPIDA DIVULGAÇÃO DA DOCTRINA.

1. Novamente nos dirigimos para fora, isto é, à praia onde já estivéramos pela manhã. Após algum tempo sem troca de palavras, o romano dirige-se a Mim: “Senhor e Mestre, Único e Verdadeiro, cheio de puro Amor, Sabedoria e Poder divinos, veio-me neste momento um pensamento estranho. Não pode haver coisa mais sublime e desejável para as criaturas desta Terra, do que a divulgação rápida da Tua Doutrina, o que a meu ver não seria tão difícil.

2. És Onnipotente, e um simples pensamento da Tua parte é carregado pelo Poder da Tua Vontade, seria o bastante na extinção de templos e ídolos pagãos. São eles os principais esteios da antiga superstição e, se fossem exterminados a um só tempo, em todos os cantos da Terra, as criaturas começariam a meditar sobre o significado deste acontecimento.

3. Em seguida deveriam os inúmeros informados de Ti e do Teu Reino, aproximar-se dos perplexos com o fenómeno, começando a doutriná-los em Teu Nome, e caso encontrem enfermos, curá-los como fizeram os Teus discípulos enviados a Jope. Seria tal proceder viável, ou estaria em desacordo com a Tua Sabedoria e Ordem?”

4. Digo Eu: “Meu amigo, fosse Eu simples homem pensando e julgando a teu modo, poderia agir dessa maneira; acontece, Eu ver e julgar diferentemente, como Mestre Eterno de todo Ser e Vida, não podendo aceitar a tua proposta.

5. Se destruísse todos os templos e ídolos feitos pelos homens, de modo repentino, seria preciso exterminar primeiro todos os sacerdotes; são também humanos, dotados de livre vontade e

destinados a desenvolver-se e fundamentar-se na vida espiritual; entre eles há muitos que desde tempos idos se interessam pela verdade da vida no Além, e não seria viável exterminá-los por serem sacerdotes pagãos.

6. Se, porém, templos e ídolos desaparecessem, mas os sacerdotes continuassem, prontamente explicariam tal fenómeno como ira dos deuses, obrigando o povo a sacrifícios impraticáveis. Em muitos locais, os sacerdotes destroem um ou outro templo durante a noite, caso o povo se mostre pouco inclinado a sacrifícios, e transmitem ira e vingança de um deus ofendido, com que as massas se tornam ainda mais ignorantes, supersticiosas e menos acessíveis à conversão.

7. Além disso, são os milagres e sinais, recursos pouco indicados para a conversão, mormente para um povo um tanto atrasado. Seduzem rapidamente e determinam o homem a crer naquilo que é obrigado; sempre houve e haverá no futuro, toda sorte de magos entre os sacerdotes, que operam magias. Onde estaria o povo de compreensão e critério claros, capaz de discernir os milagres falsos dos verdadeiros?

8. Se Eu te facultasse o dom de efectuar entre pagãos, provas reais, e os sacerdotes também as produzissem como os antigos essênios, conquanto falsas, - como convencerias o povo serem apenas as tuas provas as verdadeiras?"

9. Responde o romano: "Senhor e Mestre, tens razão em tudo; apenas a Verdade luminosa faculta ao homem a conquista da verdadeira liberdade interna. Quanto às provas e milagres por Ti operados, diante de pagãos ignorantes, são necessários para a confirmação da Tua Divindade. A Tua Doutrina sendo transmitida pelos Teus discípulos, tão pura como a receberam, certamente será aceite como Verdade pura e viva vinda dos Céus, e a maior prova se dará pelo cumprimento das suas promessas. Naturalmente, levará muito tempo até que ela seja levada a todos os homens da Terra. Tu, Senhor, saberás melhor, qual o povo preparado para o Teu Verbo." Respondo: "É isso, Meu amigo, agora julgaste mais acertadamente."

2. FALHAS DE UMA DIVULGAÇÃO OBRIGATÓRIA.

1. (O Senhor): "A semente deitada no solo também necessita de certo tempo para germinar e se tornar fruto maduro. Não deixa de ser prova de paciência para o lavrador, ser obrigado a esperar

meio ano para poder colher o que semeou, e certamente preferiria semear hoje, e colher amanhã. Facilmente Deus poderia realizá-lo; todavia a formação espiritual do homem seria pior do que nunca. O egoísta estaria semeando e colhendo, constantemente; o preguiçoso cairia em crescente inércia, o que é fácil compreender-se. Por isso, é a Ordem determinada por Deus para os homens desta Terra, a melhor possível e de maior utilidade para o seu desenvolvimento espiritual.

2. O que necessita surgir, rapidamente, de tempos em tempos, não necessita de meio ano entre o período da sua origem até ao pleno estado efectivo, como por exemplo, o vento, o raio, a chuva e outros fenómenos, que, sendo indispensáveis, têm que aparecer imediatamente pela Vontade de Deus. Outras coisas destinadas à ocupação do homem, têm o seu tempo, portanto igualmente a Minha Doutrina, exclusivamente trazida por Mim, para as criaturas desta Terra, de hoje e do futuro.”

3. Diz o romano: “Compreendo-o perfeitamente. Imaginando que se consegue a Vida Eterna da alma pela acção da Tua Doutrina e sabendo do prejuízo de milhares que a desconhecem, desejei a divulgação rápida.”

4. Digo Eu: “Tal desejo honra o teu coração, e alegra o Meu! É bem verdade, ser unicamente Eu a Porta para a Vida Eterna da alma de todos, e quem crer em Mim e agir segundo o Evangelho, recebê-la-á.

5. Ontem, porém, **viste e falaste com a alma do teu pai e de vários amigos, podendo observar a sua maneira de viver no Além. Asseguro-te receberem eles igualmente a transmissão do Meu Evangelho, por parte de muitos anjos.** Quem quiser ouvi-lo e aceitá-lo como norma de conduta, chegará à bem-aventurança; todavia não tão facilmente como nesta Terra, onde o homem trava verdadeiras batalhas com o mundo, com a sua carne e muitas outras coisas, com toda a paciência, renúncia, meiguice e humildade.

6. **Por isso, não te aflijas por quem quer que seja no grande Além;** Amor, Sabedoria e Misericórdia de Deus agem também lá. Quem nelas se agarrar e se modificar, não se perderá; quem não o fizer em vida, tampouco no Além, não se deve queixar do mal que atraiu. Estás satisfeito com esta explicação?”

7. Retruca ele: “Sim, Senhor e Mestre, pois corresponde a todas as exigências do sentimento razoável e é plena de consolo para as nossas almas. Todo o amor e gratidão a Ti, hoje e sempre.”

3. O ROMANO CONVERTE OS SEUS AMIGOS.

1. Nisto se apresenta um empregado de Marcus, trazendo recado ao romano por parte de vários amigos, interessados pelo sanatório, ao qual ele deveria voltar como incurável, segundo a opinião deles. Ele então Me pergunta como proceder, pois não queria denunciar-Me perante os hóspedes.

2. Respondo: “Quanto aos teus amigos e conhecidos, podes falar de Mim, confidencialmente, e explicar-lhes como se deu a tua cura. Caso acreditarem, melhorarão; do contrário, continuarão com as moléstias. Exigindo falar-Me, faz-lhes uma contraproposta, no que o empregado de Marcus te ajudará. Contudo, insistindo, deixa que venham; mas, diante de judeus, fariseus e outros sacerdotes, nada fales de Mim. Podes voltar ao sanatório, para não despertar atenção a tua demorada ausência.”

3. Quando lá chega, o romano é prontamente abordado pelos amigos que o bombardeiam com perguntas. Ele então diz: “Calma, observai-me com atenção e dizei-me o que achais.”

4. Todos o fitam demoradamente e um romano de Tyro diz: “Pareces estar perfeitamente são. Que aconteceu, se ontem o teu estado de saúde não prometia cura tão breve? Acaso descobriste em casa de Marcus, um médico melhor que os três do sanatório, ou achaste outra fonte curadora? Conta-nos as minúcias, para também nos curarmos.”

5. O outro então relata tudo que viu e assistiu. Os amigos dão de ombros e o primeiro diz: “Amigo, isso é mais difícil de ser aceite do que as fábulas do politeísmo. Já ouvi falar dos estranhos feitos do teu Deus que, igual a todos, nascera de mulher e também morrerá como qualquer um; todavia, vi confirmada a minha antiga convicção tirada de livros acerca de homens importantes e célebres.

6. A divinização de tais homens é facto remoto, e entre nós circula o ditado, não haver homem célebre sem bafejo divino. O mesmo certamente se dará com o teu Deus, que consta ser galileu.

7. É dotado de talentos e capacidades raríssimos, desenvolvidos em qualquer escola antiga, realizando coisas fabulosas, pelo que merece todo o louvor; apresentar-se por isso como deus, é algo ridículo e jamais agradará a pessoas inteligentes. Com prazer deixaria que me curasse mediante remuneração combinada; considerá-lo deus, em virtude da cura, não é possível, muito embora aceitável a sua religião. Quem quiser aceitar como

verdade o que acabas de relatar, que o faça e viva feliz nessa crença até morrer; da minha parte, dificilmente participarei de tal felicidade.”

8. Diz o juiz romano: “Sois homens de várias experiências e deveríeis estar mais aparelhados na aceitação da Verdade. Em toda a parte, as criaturas acreditam em um ou vários deuses; mas ninguém poderia afirmar de ter visto tal entidade, para poder chegar a uma conclusão própria como fiz.

9. Se não fordes capazes de crer que um homem, a quem obedecem todas as forças e elementos, e que é servido pelos génios celestes, é realmente Deus, - compreendo como será difícil a divulgação da Sua Doutrina pura.

10. Acaso já vistes um deus mais real, a fim de poderdes julgar se Este de Quem vos falei, é Verdadeiro ou não? Podeis crer o que quiserdes, - eu continuarei na minha fé até ao fim da vida e receberei a Vida Eterna, tão certo quanto a sinto neste instante, e certamente conseguirei acentuar essa sensação sublime.

11. Quem poderia ser Deus verdadeiro: um inventado, conforme temos número elevado, todos mortos, dos quais ninguém até hoje sentiu o menor efeito, - ou um homem real, diante de cuja palavra e vontade poderosa se curvam todos os elementos dos Céus e da Terra?

12. A meu ver, é tal Homem, Deus, do Qual todos os sábios judeus e outros profetas profetizaram a Sua Encarnação nesta Terra, restituindo-lhes o que perderam pelo ódio, amor mundano e domínio.

13. Ele aqui está, doutrina e age segundo as profecias. Por acaso não deveria eu crer naquilo que não conseguis, por motivos fúteis? Lastimo a todos cujos olhos da fé não se deixam abrir.”

14. A tais palavras do juiz, os amigos nada sabem retrucar, pois Eu havia inspirado o coração dele. Somente no terceiro dia lhe foi possível despertar-lhes a fé, levando-os junto de Mim, e assim receberam a cura. Sumamente gratos, ficaram mais um dia conosco, e Raphael tinha oportunidade de fazer-se professor. No quinto dia partiram após o desjejum, cheios de fé e gratidão, voltando a Tyro, outros a Sidon, de saúde perfeita.

4. PERSAS E HINDUS SÃO SALVOS POR RAPHAEL.

1. Durante os cinco dias que passei, em companhia dos romanos, convertidos, em casa de Marcus, nada ocorreu de maior. Demos pequenos passeios pelos arrabaldes, onde curei alguns enfermos, e no segundo dia, Marcus empreendeu grande pesca, a Meu Conselho, obtendo resultado mui farto.

2. No sexto dia, aproximou-se de manhã cedo, um barco. Como sempre, estávamos reunidos na praia antes do desjejum, observando as cenas matutinas; Raphael explicava as causas dos fenómenos, para alegria de todos, com excepção de Judas.

3. O mencionado barco trazia persas e hindus, e enfrentava certa dificuldade devido às enormes vagas. Os barqueiros eram de Gadara conhecedores da margem perigosa, razão por que manobravam a uns cem metros, a fim de descobrirem ponto mais apropriado para aportar. O forte vento continuando sem cessar, eles faziam sinal pedindo socorro. Marcus então pergunta o que fazer, caso, por motivo qualquer, Eu não quisesse operar milagre.

4. Respondo: “Até tomarmos o desjejum, podem os persas e hindus suportar as ondas, inclusive os seus animais e apetrechos de magia; quando voltarmos à praia, veremos como proporcionar-lhes ajuda.” De imediato, entramos para tomar o desjejum.

5. Passada uma hora, dirigimo-nos novamente à margem onde o barco se encontrava na mesma situação. Eis que dei um aceno a Raphael que, a fim de não chamar a atenção dos recém-vindos, toma um bote e se aproxima rapidamente do navio.

6. Os barqueiros, admirados da sua coragem, indagam: “Que queres aqui, menino frágil? Acaso pretendes ajudar-nos? Então a situação não será promissora, porquanto não tens corda nem fateixa. Como hás-de enganchar o nosso navio pesado ao teu bote e levá-lo até a praia?”

7. Responde Raphael: “Será a minha incumbência. Se quiserdes e confiardes em mim, poderei socorrer-vos; achando-me mui fraco para tanto, pedi socorro de algum outro.”

8. Diz um marinheiro: “Demonstra-nos a tua arte e força, pois necessitamos delas com urgência; do contrário, sucederá uma calamidade.” Prontamente, Raphael agarra uma viga que se salientava do navio e o conduz velozmente à praia; esta manobra secundada pela vontade dele, impele grandes massas de água à

margem, de sorte que o navio não toca a maré baixa, portanto não sofre dano.

9. A tripulação e os passageiros ficam admiradíssimos com a força incompreensível do jovem que manobrava com a fúria dos elementos como se fossem gotas de orvalho tocadas pela suave brisa da manhã. Quando se encontram em terra firme, começam a elogiar a destreza de Raphael, que tocava o milagroso, e perguntam quanto lhes cabia pagar.

10. Diz ele: “Não preciso do vosso pagamento; encontrando algum pobre, mais necessitado que vós, aplicai-lhe amor e misericórdia.” Todos se admiram, e os próprios estrangeiros observam ser ele, jovem curioso.

11. O facto havia feito grande alarde e todos os empregados de Marcus se aproximam para saber o que sucedera. Uma vez informados, afirmam: “Quando os Céus e a Terra se unem através do Senhor, os milagres quase se tornam factos naturais; mas tão logo Ele voltar acima de todas as estrelas, haverá grande falta de ocorrências tão extraordinárias na Terra.”

12. Em seguida, os passageiros trazem a bagagem para terra e se informam como poderiam prosseguir viagem até alcançarem o grande Mar. A Meu Mando, Raphael os encaminha para tanto, sem denunciar ser ele mais do que simples mortal. Chegando a Tyro, chama-lhes a atenção sobre Quem os havia salvo tão milagrosamente. Naturalmente querem voltar para conhecer-Me em Pessoa, oferecendo grandes somas de dinheiro. Nisto, Raphael desaparece diante dos seus olhos, e se encontra entre nós.

5. A VIAGEM DO SENHOR PARA GENEZARETH.

1. Assim aproximou-se o oitavo dia de repouso em casa de Marcus; ele e os discípulos, então, perguntam-Me porque havia passado tanto tempo em completa calma, caso nunca visto.

2. Explico: “Há dois anos e meio trabalhamos dia a dia, sem interrupção, de sorte que a Minha Doutrina já foi divulgada por toda a parte; portanto era preciso respeitarmos um verdadeiro repouso de sábado, dando-vos tempo para várias anotações.

3. A partir de agora terminará o repouso. **Atingiremos o tempo justo das grandes tempestades e em menos de meio ano se apresentará o maior temporal que abaterá o Pastor, e muitas ovelhas do Seu Rebanho se dispersarão por todo o mundo, sendo**

perseguidas por causa do Meu Nome, de um ponto do orbe a outro. Quando isso acontecer, compreenderéis perfeitamente porque agora descansei por vários dias.”

4. As Minhas Palavras entristecem a todos, e Maria diz: “Senhor, foi-Te dado todo o Poder, inclusive sobre Satanás; não permitas que as tempestades venham atingir-Te.”

5. Respondo: “Somente Eu entendo estas coisas; por isso, nada mais faleis a respeito. **É preciso que a morte e o julgamento do mundo e da sua matéria sejam eternamente vencidas.**” Todos silenciam e Marcus, a fim de alegrar-Me, tenciona trazer mais vinho.

6. Entretanto, digo: “Amigo, deixa-o por ora; estamos supridos de sobra. Manda preparar um bom barco, pois dentro de uma hora tenho que partir para Genezareth, onde está o Meu amigo Ebahl. Quem quiser, poderá acompanhar-Me. Os Meus discípulos, Kisjonah, Maria e Philopoldo devem vir Comigo.”

7. Todos se põem de pé e dentro de uma hora partimos. A travessia do Mar Galileu durou cerca de três horas e atracamos na enseada conhecida como Lago de Genezareth. Lá encontramos os pescadores de Ebahl que, não obstante ocupados desde cedo, poucos peixes haviam pescado em virtude da maré alta.

8. Ao passarmos por perto, faço parar o nosso navio e pergunto sobre o resultado da pescaria. Os pescadores respondem: “Amigo, há dias que o lago está inquieto e, neste caso, a pesca nada promete. Os depósitos do patrão estão vazios e ele se vê obrigado a mandar buscar peixes de outros locais, para poder satisfazer os inúmeros hóspedes. Se fordes a Genezareth, vereis a dificuldade tremenda.”

9. Digo Eu: “Atirai mais uma vez as redes ao mar, que tereis motivo de satisfação.” Neste instante, vários Me reconhecem e exclamam: “Toda gratidão e honra a Ti, Senhor! Perdoa-nos a cegueira, pois deveríamos reconhecer-Te desde o primeiro momento, porquanto já nos abençoaste com a Tua Santa Presença, há um ano atrás. À Tua Palavra poderosa, certamente faremos rica pescaria, e Ebahl saberá imediatamente Quem foi o Grande Pescador.”

10. Em seguida, atiram as redes ao mar e a pesca é tão abundante que mal pode ser guardada em navios e botes. Terminada a tarefa, o seu júbilo é grande, tomando a vanguarda da nossa frota em direcção a Genezareth, onde os espera Ebahl com o seu pessoal, na expectativa de boa pesca, tanto mais quanto a sua

filha Yarah tivera um sonho no qual Me vira com os Meus discípulos e amigos chegarem por mar. Quando Ebahl avista a pesca abundante, ergue as mãos para o Céu e diz: “Minha filha, esta alma tão pura, teve uma visão real. Eis uma Bênção do Senhor, nosso Deus! Todo louvor e honra Lhe sejam dados.”

11. Em seguida, pergunta aos pescadores se não Me viram em um navio ou em qualquer praia. Eles apontam os navios ainda a certa distância e dizem: “Eis que Ele vem com todos os amigos. Que grande benefício sucede ao local com a Sua Chegada.”

12. Imediatamente, Ebahl manda os familiares e empregados tratarem da grande sala de jantar, onde Eu e os que iria determinar poderiam entrar. Ele mesmo toma um barco, em companhia de Yarah, para irem ao nosso encontro. Enorme é a alegria de ambos quando percebem ao Meu lado, Maria, Raphael, Kisjonah, Philopoldo, João, Pedro, Jacob (*Tiago*) e o velho Marcus. Ebahl e Yarah passam para o Meu barco, entregando o outro aos marinheiros.

13. Em poucas palavras relato os factos principais das Minhas Acções durante a viagem doutrinária. Entrementes, chegamos à margem, na qual os pescadores ainda se acham atarefados em guardar os peixes nos depósitos.

14. Ebahl, então, diz: “Senhor, perdoa eu ter esquecido de agradecer por este enorme presente!” Acrescento: “Não é preciso; sabes o que por Mim é considerado na criatura. Continua como és, que sempre terás motivo para alegrar-te do Meu Amor, Misericórdia e Amizade. Vamos à nova sala, para abordarmos outros assuntos.”

6. A REFEIÇÃO EM CASA DE EBAHL.

1. Todos se admiram da sumptuosidade do salão, cuja construção havia sido feita por arquitecto grego. Tomamos lugar na grande mesa, que comporta umas cem pessoas, e Ebahl faz servir pão e vinho, enquanto a refeição estava sendo preparada.

2. Yarah, firmemente ao Meu lado, fala com a Mãe Maria e o arcanjo Raphael; a este pergunta certas explicações de sonhos vivos, e Maria se espanta da sua inteligência e a trata com todo o carinho. Ebahl, à Minha direita, pede que lhe sejam dados os nomes de alguns discípulos desconhecidos.

3. Entrementes, os filhos e servos trazem os pratos e Me agradecem pela consideração da Minha nova visita. Eu os abençoo,

e eles voltam aos seus afazeres. Havia grande número de hóspedes e forasteiros, pois desde a Minha primeira permanência, a antiga Genezareth insalubre se havia transformado em local de cura, mormente o prado por Mim abençoado, especialmente. Em seguida, Ebahl pergunta qual o Meu plano para a tarde.

4. Respondo: “Meu amigo, dentro em pouco apresentar-se-á bastante trabalho que nos ocupará até à noite, e tu mesmo Me louvarás sobremaneira. Por enquanto fiquemos nesta sala, que a tarefa virá a nós, dispensando irmos à sua procura.”

5. Durante meia hora os discípulos fazem conjecturas acerca do problema acima, julgando tratar-se de um caso farisaico, ou então teria Herodes enviado os seus asseclas para a Minha captura ou dos adeptos de João.

6. Nisto, entra um empregado de expressão confusa, razão por que Ebahl dele se aproxima e diz: “Benjamim, meu velho, que me trazes? Os teus olhos não denunciam coisa agradável.”

7. Diz ele: “Meu patrão, realmente o facto nada de agradável tem para ti e os teus hóspedes. Conheces o novo capitão romano, para aqui transferido há poucas semanas. É uma vassoura nova que pretende exceder-se, a fim de aumentar o seu prestígio. Através dos seus fiscais, soube da chegada do grupo ilustre, que naturalmente deveria ser-lhe declarado, isto é, a sua procedência e motivo da viagem, e se cada um pode legitimar-se. Esta declaração foi esquecida por causa da grande alegria com a Chegada do Salvador, razão por que o romano está alterado e te espera lá fora.”

8. Irritado, Ebahl retruca: “É deveras estranho não haver nesta Terra, um dia inteiramente feliz, mesmo para um homem honesto e devoto, pois logo se apresenta um demónio tratando de envenenar-nos a vida.”

9. Digo Eu: “Meu amigo, não te aborreças. **Não fosse esta Terra destinada por Deus para local de provação, no qual o homem terá que se exercitar na paciência, meiguice, humildade e amor, no caminho da completa renúncia até alcançar o pleno renascimento espiritual, - Eu não teria vindo Pessoalmente para preceder-vos com o exemplo mais real e verdadeiro. Caso queiram as criaturas desta Terra se tornar filhas de Deus, para toda Eternidade, como foi por Raphael exemplificado, têm que suportar os recursos determinados por Deus para finalidade tão sublime.** Agora vai tratar com o romano, para que sejas o primeiro a se convencer da grande tarefa que nos espera.”

7. A REFEIÇÃO É INTERROMPIDA PELO ROMANO.

1. Quando Ebahl procura o capitão, é prontamente recebido com expressão furiosa, acompanhada das seguintes palavras: “Que modos são esses de se considerar as minhas ordens? Talvez ignores as consequências do seu não-cumprimento? Por que deixaste de me mandar a declaração imediata da chegada dos forasteiros e se podiam ser aceites por determinado tempo?”

2. Responde Ebahl: “Senhor e soberano, desde que executas as tuas ordens nesta cidade, com severidade incomum, nunca recebi reprimenda por desconsideração das tuas ordens; desta vez deixei de fazer as declarações não por má vontade, mas porque esqueci de cumprir os meus deveres, em virtude da minha enorme alegria com a chegada dos melhores amigos, e creio não pedir em vão, caso peça condescendência.”

3. Diz o capitão: “A lei desconhece considerações. Infringiste a minha ordem, por esquecimento ou má vontade, o que não vem ao caso, portanto és sujeito à punição. Por seres primeiro cidadão, transformarei a punição corpórea em multa. Se não cumprires a minha exigência, farei prender os teus filhos como reféns até que resolves pagar a importância. A multa monta a mil libras de ouro e dez mil libras de prata, e tem que ser paga dentro de três horas. Finalizei a questão contigo. Irei concluir a minha função com os teus amigos. Vamos.”

4. Ebahl fica abalado com a multa inescrupulosa, cuja importância ultrapassa as suas finanças; mas confia em Mim. Por isso, conduz o capitão e os seus subalternos à sala, que ele faz cercar com soldados. Ainda estávamos alegres à mesa quando o romano entra cheio de ódio e diz com arrogância: “É cada um responsável por si, ou há um chefe para todos, como acontece entre viajantes?”

5. Digo Eu: “Sou Senhor Único e Verdadeiro para todos. Que mais desejas de nós, após a exigência desumana e injustificável pela lei de Roma? Pretendes cumular-nos de castigos semelhantes?”

6. Retruca ele: “Os que são sujeitos a ti, são impunes; tu, porém, que pareces ter pouco respeito pela autoridade, pois proferiste mau critério acerca da minha sentença, terás que pagar a mesma importância que Ebahl, dentro de igual tempo. Exemplificarei nos judeus as leis de Roma.”

7. Digo Eu: “Mas, que será, se não pudermos e quisermos cumprir a tua exigência injusta? Onde está escrito que um capitão

romano tem o direito de fazer extorsões em países amigos como se fossem inimigos? Apresenta-Me a procuração dada pelo próprio Imperador ou do seu Prefeito Cirénius. Caso não a tenhas, enfrentarás Alguém que abriga em Si a máxima Autoridade. Se não a tivesse, não falaria deste modo contigo. És aqui um mandão orgulhoso, duro e quase insuportável; todavia, existem outros acima de ti, com os quais os oprimidos encontrarão maior justiça do que contigo. Apresenta as tuas prerrogativas a Mim ou a Cirénius, do contrário Eu apresentarei as Minhas.”

8. Algo perplexo com o rigor das Minhas Palavras, o capitão diz, após alguma reflexão: “Não tenho procuração por escrito, porque o meu cargo a dispensa; cada capitão está sujeito ao juramento de fidelidade para com o Imperador e o exclusivo bem de Roma. Mantendo a minha atitude dentro destes dois pontos, ninguém poderá chamar-me à responsabilidade. Onde se encontra, pois, a tua procuração?”

9. Retruco: “Não a queiras conhecer antes do tempo!”

10. Diz ele: “Pensas ser um romano um coelho medroso que prontamente fugiria diante de uma raposa judia e ladina? Nunca! Um romano é leão a fazer caça a todos os animais!” Com isto, ele dá sinal a um empregado, que abre a porta pela qual se precipitam uns trinta soldados armados até aos dentes. Eles circundam a nossa mesa, enquanto o capitão diz com voz estentórica: “Vê, judeu plenipotenciário, eis o meu poder efectivo que vos prenderá até que tenhais cumprido a minha exigência. Conheces este poder?”

11. Respondo: “Sim, romano orgulhoso e ainda mui cego, como os teus asseclas e soldados, – de há muito conheço tal poder. Mas, desta vez pouco resultado te dará. Por Me teres demonstrado a agudez das tuas armas, também farei demonstração da Minha Omnipotência, apenas do tamanho de um átomo, e perceberás não seres tu o Meu, senão Eu para sempre o teu senhor.

12. Esta sala é muito espaçosa e alta, e sete homens não atingem o tecto, sendo o seu comprimento de vinte e a largura de doze homens. Quero que flutueis, com as armas pesadas, no meio do salão, e veremos de que vos adianta o vosso poder severo qual leão. Enquanto não desistires da tua exigência injusta, feita a Ebahl e a Mim, não pisarás em solo firme. Que se faça o que disse!”

8. UM MILAGRE DO SENHOR ACALMA OS ROMANOS.

1. Quando termino de falar, todos os romanos se acham flutuando no meio da sala, e como perdessem base sólida e equilíbrio, em breve se encontram de cabeça para baixo em virtude dos movimentos de reacção; um vento forte que entra pela grande janela os impele de uma parede para a outra, sem que se pudessem socorrer. Alguns tentam atirar as armas contra nós, mas estas também ficam dependuradas.

2. Após meia hora em que o capitão e os seus asseclas passam nessa posição incómoda, pergunto-lhe: “Que opinião tens da Minha Omnipotência? Não achas ser o leão de Judá mais poderoso que a tua procuração romana, que denominaste também de leão, a fazer caça a todos os animais, e não fugia qual lebre diante de uma raposa ladina da Judeia?”

3. Brada ele lá de cima: “Peço-te, chefe de todos os magos ou semideuses, liberta-nos desta posição insustentável, que sustarei a referida indemnização; vejo claramente que todo o poder terreno não poderia sustentar uma competição contigo. De maneira alguma vos importunarei e silenciarei este caso qual pirâmide egípcia. Podereis permanecer nesta cidade o tempo que vos agradar, sem serdes molestados.”

4. Retruco: “Analiso o teu coração e vejo não seres inteiramente sincero com as tuas promessas; o Meu Poder sendo maior que o teu, atenderei o teu pedido, e o solo será a vossa base firme.” Todos recebem posição erecta e lentamente descem à terra.

5. O capitão manda retirar os soldados e ordena que as guardas voltem às tendas, enquanto ele se senta com os seus ajudantes em uma pequena mesa para tomar algum pão e vinho. Em seguida vira-se para Ebahl: “Tu e o teu amigo onnipotente podeis proporcionar-nos isto, em paga da desistência da multa. Se me tivesses avisado algo do poder deste homem peculiar, não teria feito a minha exigência. Quem poderia supor, que entre os teus supostos amigos se encontre um mago tão poderoso?”

6. Senti grande pavor e mereço este conforto; além disso, não tinha vontade de entrar em palestra amigável com ele.” Quando os romanos se reconfortam, criam coragem a ponto de o capitão querer dirigir-se a Mim. Os seus empregados, porém, o impedem porquanto não é aconselhável privar com magos especiais, antes que estes o desejem.

9. A RESSURREIÇÃO DA CARNE.

1. Como já tivéssemos passado bastante tempo à mesa entretendo-nos com assuntos úteis, os discípulos indagam se podiam dirigir-se para fora. Respondo: “Para hoje, o trabalho que nos espera com a sua parte mais difícil, é mais importante que o ar livre, pouco aprazível em Genezareth. Ainda assim, querendo tomar ar fresco, podereis fazê-lo. Eu ficarei aqui.”

2. Respondem eles: “Senhor, ficaremos onde estiveres. Somente na Tua Companhia há bem-estar; sem Ti, só há julgamento, perdição e morte.”

3. Digo Eu: “Então ficai onde imperam o Reino de Deus e a Sua Vida Eterna do Espírito; pois Eu Mesmo sou a Verdade, o Reino de Deus, a Ressurreição e a Vida Eterna. Quem crer em Mim, receberá a Vida Eterna, pois o despertarei no seu dia mais recente. Quem ficar em Mim pela fé e o amor, ter-Me-á consigo, e deste modo já possui a Vida Eterna e jamais verá, sentirá e provará a morte. Ficai com o vosso e pelo vosso amor, Comigo.”

4. Pergunta Ebahl: “Senhor e Mestre, a maioria dos judeus acredita em uma ressurreição também da carne, no Vale Josafat. Acho isso algo estranho. Primeiro, porque são poucos enterrados naquele Vale; segundo, que acontecerá com os corpos dos que nunca ouviram falar dele, morrendo algures e às vezes são queimados ou enterrados? Terceiro, que sucederá naquele dia com os que foram tragados pelas águas ou despedaçados por animais ferozes? Quando virá o Dia do Juízo Final, tão funebremente descrito pelos fariseus?”

5. Como vêes, Senhor, não podem tais coisas ser aceitas pela lógica humana. Somente a superstição mais tenebrosa e sem capacidade de raciocínio de judeus atrasados e pagãos, pode considerar tais absurdos. Ao pesquisador o prejudicam e tiram-lhe a fé em uma Revelação puramente divina, na imortalidade da alma e na ressurreição da carne no Dia do Juízo Final. Como compreendê-lo?”

6. Digo Eu: “Não considereis os ensinamentos dos fariseus. O corpo, dado à alma para instrumento de acção externa, não será despertado no Vale Josafat nem em parte alguma desta Terra, para unir-se à psique no dia do Juízo Final. **Quanto à Ressurreição da Carne, representa esta as obras feitas pela alma através do seu corpo.**

7. O Vale de Josafat refere-se ao estado da calma interna da alma, quando o seu proceder foi sempre justo. Nesta calma, não perturbada pelo amor do mundo, desejos e paixões, mas, semelhante a um espelho de água, no qual podes ver os reflexos de zonas distantes ou próximas, – existe o início do verdadeiro e mais recente Dia da alma, o seu despertar pelo Meu Espírito dentro dela, para a Vida Eterna, através da ressurreição.

8. Em tal estado, a alma percebe os bons frutos das suas obras e começa a alegrar-se cada vez mais com eles; nesta percepção consiste a verdadeira ressurreição da carne.

9. Aliás consta: É deitado no solo, um corpo mortal e perecível que ressuscitará, imortal e imutável. Se ligares isto ao teu corpo físico, cairás em grande erro; relacionando-o às boas obras da alma, como corpo real, chegarás à Verdade. Toda e qualquer boa obra feita pela alma através do seu corpo, em benefício do próximo, passa como tudo nesta Terra e morre após a acção; pois se nutriste um faminto, saciaste um sedento, vestiste um desnudo e libertaste um preso, tais acções somente perduram por algum tempo. Em seguida caem em esquecimento teu e de quem as recebeu, portanto foram levadas à sepultura e, como mortais e perecíveis, semeadas no solo do esquecimento. **No dia verdadeiro e mais recente da alma, a boa acção será despertada pelo Meu Espírito dentro da alma, não na forma passageira, mas na do fruto de duração eterna.**

10. Qual será o seu aspecto? Uma zona de habitação da alma, maravilhosa e dotada de tudo, na qual ela se elevará de degrau em degrau no aperfeiçoamento bem-aventurado. Segundo **as obras de uma alma na Terra, servirão elas no Além como zonas habitáveis. Eis a verdadeira ressurreição da carne.** Crê e cumpre tais normas, pois a Verdade é esta.”

11. Considera Ebahl: “Isto soa deveras diferente do que falam os fariseus ignorantes diante do povo, e assim o intelecto também pode concordar recebendo um conhecimento novo e grandioso. Da carne que serviu à alma na Terra, não haverá um átomo que com ela ressuscite no Além?”

12. Respondo: “Como substância da alma eternamente viva pelo Meu Espírito, não, porque ela mesma se tornou puro espírito. Quanto à silhueta da sua forma, mormente no que se refere à vestimenta, as partes etéreas da alma dentro do físico serão com ela unidas em pureza espiritual. Do corpo grosseiro, nem um átomo. A ele compete o que cabe a toda a matéria telúrica que igualmente será

dissolvida em elementos mais evoluídos, assim como de início ela foi concatenada de elementos da Natureza muito mais inferiores e de graduação mais ínfima.

13. Os elementos já desprendidos da matéria grosseira podem com o tempo se tornar almas humanas; detalhes desta esfera entenderás somente quando a tua alma se encontrar no mencionado Vale Josafat. Por isso, encerremos o assunto. O capitão e os seus ajudantes assistiram a esta explicação com muita atenção, sem algo entenderem; por isso nos importunarão com sua sapiência grega, obrigando-nos a bastante paciência.”

10. INDAGAÇÕES FILOSÓFICAS DO CAPITÃO.

1. No mesmo instante, o romano levanta-se e dirigindo-se amavelmente a Mim, diz: “Mestre poderoso em tua esfera oculta de artes e ciências, nas quais submeteste todos os poderes da Natureza à tua vontade! Assisti, com atenção, à vossa polémica e deduzi pertencerdes ao culto judaico, que contém os seus prós e contras e no qual os sacerdotes se emaranharam muito mais prejudicialmente que os nossos.

2. Seja como for, pareces estar mais entendido que o culto amigo Ebahl. Não entendi a tua afirmação segundo a qual te dizias o princípio básico de todo o ser e vida, que eras a Verdade e a Vida Eterna, e quem cresse em ti e te amasse, jamais sentiria e veria a morte. Além disso, serias o indicado a despertar as almas à vida eterna, no Dia do Juízo Final, e outras coisas mais. Acaso é este o teu modo de falar, ou serias realmente o que afirmas? Não sou leigo na sabedoria grega e poderias falar-me para te conhecer mais de perto.”

3. Digo Eu: “Senta-te com os teus subalternos a esta mesa, e veremos o grau da vossa assimilação.” Em seguida, prossigo: “Fala abertamente o que desejas saber. Não toques no assunto ventilado com o Meu amigo Ebahl, porque o teu raciocínio não o assimilaria.”

4. Algo encabulado, o capitão não sabe que perguntas formular. Após certo tempo diz: “Mestre poderoso, em que escola concluíste os teus estudos?”

5. Respondo: “Na Minha Própria, e desde Eternidades; pois antes que se encontrasse um ser no Espaço Infinito, Eu existia com o meu Espírito preenchendo o Infinito eterno.”

6. Arregalando os olhos, ele retruca: “Acaso é o teu interior maior que o teu corpo? Falas sem nexos. Como entendê-lo? Que pretendes dizer com isso?”

7. Respondo: “A plena Verdade; mas como em ti ainda não há verdade, não podes compreender a Verdade primordial. Revelar-te-ei um detalhe. No início de todo início e antes de existir qualquer ser, era o Verbo. Este Verbo estava com Deus; pois Deus Mesmo era o Verbo, e tudo que existe e preenche o Espaço Infinito, do qual os vossos sábios já falavam, foi criado pelo Verbo e não há o que não fosse por Ele criado.

8. O Verbo Eterno agora aceitou a carne e veio como Homem junto dos homens deste mundo, e eles não O conhecem. Também és homem e não descobres o Verbo Eterno em Mim, por seres cego de coração. Nunca leste os profetas dos judeus?”

9. Responde o romano: “Sim, como outras coisas mais; mas quem entende aquilo? Nem os vossos sacerdotes, muito menos eu. Escreviam tão incompreensivelmente quanto ora falaste de ti. Percebo eu não conseguir alguma clareza contigo, e caso te agrade, passemos a outro assunto. Em que país nasceste e qual é a tua nacionalidade?”

10. Retruco: “Eis a Minha Mãe; fala com ela.” Ele dirige-se a Maria que lhe relata minuciosamente a concepção e tudo o que se relaciona Comigo, milagrosamente, até aos doze anos.

11. Os três romanos estão perplexos e não sabem como enquadrar-Me. Não têm fé nos deuses e muito menos no Deus judaico; seguiam a filosofia de Epicuro, e uma divindade era-lhes um absurdo. Eis que descobrem em Mim Predicados divinos, mas não sabem como podem relacionar-se a um homem mortal. Por isso, o capitão diz: “Grande senhor e mestre, morrerás fisicamente ou viverás para sempre?”

12. Respondo: “Falta pouco tempo para que Eu, como ora sou, volte de onde vim, onde os Meus estarão Comigo para sempre.” Pergunta ele: “Quem, são eles e onde está o local para onde voltarás dentro em breve?”

13. Digo Eu: “Os Meus, são os que em Mim crêem, Me amam e cumprem os Meus Mandamentos; o local não é terreno, mas o Próprio Reino de Deus, por Mim fundado entre os homens e em seus corações. Este Reino da Vida verdadeira e eterna, não se alcança pelas estradas cómodas do mundo, senão por uma trilha estreita que se chama humildade, paciência, renúncia a todos os

prazeres mundanos, e completa entrega à Vontade de Deus, Único e Verdadeiro.”

14. Diz ele: “Como saber-se a Vontade de Deus, e quais são os teus mandamentos seguidos pelos teus?” Respondo: “A Minha Vontade é a Vontade de Deus, e os Meus Mandamentos são os de Deus. Quem executa a Minha Vontade e cumpre os Meus Mandamentos, caminha pelo caminho justo, para o Reino de Deus.”

15. Nisto, o capitão levanta-se e dirige-se a um discípulo para ouvir a sua opinião a Meu respeito. Este responde: “Todos nós O consideramos pelo que diz de Si. Ele é o Senhor, nós os Seus discípulos. Nele habita a Plenitude de Deus; não há outro senão Ele.” Novamente, o romano volta junto de Mim.

11. CONSIDERAÇÕES NEGATIVAS.

1. Sentando-se ao lado dos seus ajudantes, o capitão indaga qual o parecer deles sobre a Minha Pessoa, após terem ouvido as afirmações acima. Um deles responde: “É difícil formar-se critério. Do poder extraordinário da sua vontade, tivemos uma experiência real e dispensamos outra. Acontece termo-nos apartado da ideia e da fé em um ser poderoso, porquanto os nossos deuses apenas são nulidades para qualquer mente esclarecida. E agora nos deparamos com um deus verdadeiro em figura de homem e não sabemos o que deduzir.

2. Muitos comentários ouvimos em Belém e Jerusalém a respeito deste homem, e pensamos ser ele um deus ou talvez um mago importante, como surgem da escola essénia. Mas o que aqui assistimos ultrapassa tudo até hoje visto. Termina qualquer magia para apresentar-se um poder divino. Acresce a isto o fiel relato da sua mãe com relação ao nascimento e à sua vida, durante a qual nunca necessitou aprender algo, porquanto veio ao mundo dotado da máxima sabedoria. Eis o nosso parecer, e creio não estar errado.”

3. Obtempera o capitão: “Não posso contestar-te, todavia tenho as minhas objecções. Caso aquele homem me convencer de algo diferente, aceitarei a tua opinião.” Virando-se para Mim, ele prossegue: “Grande senhor e mestre, estou quase inclinado a aceitar-te como fazem os demais; entretanto, existem alguns senões. Se conseguires afastá-los, estarei vencido.

4. Se dentro de ti habita a plenitude de Deus Único, por que deixaste as criaturas abandonadas por tanto tempo? Afirmas que

somente os Teus, que em Ti crêem, Te amam e cumprem os Teus Mandamentos, receberão a vida eterna no Teu Reino celeste. Se assim é, e tudo que existe foi criado pelo Teu Poder, inclusive os homens que jamais Te conheceram sem culpa própria, – qual será o seu destino? Não Te conhecendo, não podiam amar-Te nem tampouco cumprir os Teus Mandamentos, – como será a sua situação após a morte?”

12. O CONSTANTE ZELO DE DEUS PARA COM AS CRIATURAS.

1. Digo Eu: “Amigo, adquiriste algum conhecimento através dos filósofos da Grécia, mas nunca te inteiraste dos antigos livros dos egípcios e, quanto às Escrituras dos judeus, leste apenas alguns trechos sem os entender.

2. Quem ora por Mim Se dirige a ti, falou igualmente ao primeiro casal, dando-lhe os mesmos Mandamentos que repito, porquanto esqueceste as Leis de Deus Verdadeiro; os homens dotados do livre arbítrio, deixaram-se tentar pelo mundo e as suas seduções, abandonaram Deus, entregando-se aos prazeres. Deste modo obscureceram as suas almas e obstruíram os seus corações.

3. Em todas as épocas enviei os mensageiros dos Céus para que instruissem os homens; apenas alguns os consideraram, pois a grande massa nada queria ouvir. De tempos em tempos, inspirei homens e jovens que ensinavam o povo e se esforçavam a reconduzi-lo à antiga Verdade. Apenas alguns prestaram ouvidos, porquanto a maioria os perseguia, os martirizava e até mesmo os matava.

4. Igualmente, não deixei de afligir o povo por demais pervertido, através de grandes e pequenos castigos e julgamentos. O resultado foi temporário e apenas em alguns; em breve o espírito do mal tomava o Meu lugar. Quando Moisés no Monte Sinai, transmitiu, debaixo de raios, trovões e fogo, as Leis dadas por Mim, o povo no início ouviu com medo e temor as palavras ouvidas a longa distância; mas, **tão logo se acostumou à revelação, pouca importância lhe deu.** Além disso, cansou-se dos constantes ensinamentos e Me pediu, Eu revelar somente a Moisés a Minha Vontade para a totalidade do povo, que haveria de segui-lo. Entrementes, os judeus se afastariam do Monte Sinai, onde os

acontecimentos os atemorizavam, para erigirem as suas moradas em um vale afastado.

5. Após muitas súplicas, foi-lhes concedido tal pedido; não demorou, e o povo começou a esquecer-se de Mim e das maravilhosas cenas no Sinai, fundiu um bezerro do muito ouro trazido do Egito, dançando ao seu redor e prestando-lhe veneração divina.

6. Avisei disto Moisés e o enviei ao povo, completamente esquecido de Mim e o fiz castigar como foi por Moisés descrito. Voltou novamente para Mim; todavia sempre havia muitos que se deixavam seduzir pelas tentações mundanas, infringindo as Minhas Leis e pecando contra a Minha Ordem. Fora preciso Moisés determinar sanções temporárias para manter o povo dentro da ordem.

7. Quando posteriormente o povo foi reconduzido à Terra Prometida, dela tomando posse como se a tivesse recebido das Minhas Mãos, tornou-se culto através do regime de sábios juízes que se encontravam em constante união Comigo, e deste modo, cresceu e tornou-se poderoso, e a sua abastança era a maior entre todos os povos.

8. Eis que ficou insolente e começou a observar a pompa de outras nações dominadas por regentes mundanos. O antigo brilho material o ofuscou, querendo também usufruir de tais vantagens; insatisfeito com o Meu Regime, pediu por intermédio de Samuel, pleno do Meu Espírito, um soberano, cometendo pecado mais pesado.

9. Caiu, portanto, cada vez mais profundamente, conquanto Eu nunca deixasse de adverti-lo à penitência e apontar-lhe as consequências que adviriam pela teimosia. Agi deste modo até agora e actualmente vim em Pessoa para junto deste povo. Observa os inúmeros judeus que, em vez de Me aceitarem e amarem pela fé, pois sempre Me apresentei Qual sou através de milagres inéditos, - Me odeiam e Me perseguem procurando aprisionar-Me e matar este Meu Corpo.

10. Se por Mim sempre houve o maior desvelo para a educação espiritual dos homens, - como podes perguntar-Me pelo motivo de Eu somente agora Me aproximar das criaturas, a fim de fundar o Reino de Deus, ou seja, o Reino da Vida eterna, entre os poucos aceitadores? Pesquisa os países por ti conhecidos, cujos habitantes ainda sejam capazes de aceitar a Minha Doutrina, e

informa-te se até mesmo nesta época não foram instruídos acerca da Minha Vinda e Acção.

11. Em outros países, por ti desconhecidos, pessoas de inclinação espiritual têm visões do que ora aqui acontece. Somente em esconderijos ocupados por homens animalescos, a notícia de Minha Vinda não pode penetrar porque estão longe de poderem aceitá-la; com o tempo também serão encaminhados à Verdade. Vês por aí, ter sido a tua pergunta tola. Se pretendes continuar nas indagações, aborda outros assuntos, mais úteis ao teu crescimento espiritual.”

13. O CAPITÃO PEDE ORIENTAÇÃO ACERCA DO GLOBO TERRESTRE.

1. O romano queda pensativo, inclusive os seus ajudantes, e leva tempo até que um dos presentes dirija apenas uma palavra ao próximo. Eu também silencio; mas a atenção de todos está voltada para Mim. Finalmente, um forte vento interrompe o silêncio, e o capitão pergunta a Ebahl se aquilo foi um trovão.

2. Responde Ebahl: “À beira-mar, mormente nesta enseada, tais fenómenos são comuns; quanto a este golpe de vento semelhante ao trovão, poderia ter outro sentido, por causa da Presença do Senhor sobre todas as coisas no Céu e na Terra. Somente Ele poderá informar-te.”

3. Encorajado, o capitão volta-se para Mim: “Senhor e Mestre, segundo o Teu discurso, deduzi que acolhes o Espírito da Divindade Suprema. Sem a Tua Vontade, nada pode acontecer, surgir, agir, subsistir e desaparecer; e, quando algo sucede, o motivo é do Teu Conhecimento. Como, portanto, surgiu este golpe de vento e qual a sua finalidade?”

4. Respondo: “Meu amigo, levará tempo para assimilares a origem e a finalidade do vento; pois enquanto as tuas ideias acerca da forma e natureza do globo forem erróneas, não concebes a origem básica dos fenómenos.”

5. Retruca o romano: “Quem, além de Ti, poderia revelar-me a forma verdadeira do planeta? Conheces as nossas noções a respeito; por isso, procurei orientação junto aos escribas, cuja resposta foi deveras confusa. A explicação recebida pelos essénios acerca da Terra, Lua, Sol e estrelas, não aumentou o meu conhecimento. Por

isso, eu e os meus colegas, pedimos explicação exacta, caso for de Tua Vontade.”

6. Digo Eu: “O Sol está prestes a desaparecer, e o tempo seria curto para satisfazer o vosso desejo.” Insiste ele: “Senhor e Mestre, se não Te desagradasse, prestaríamos a maior atenção durante toda a noite.” Digo Eu: “Muito bem. Eis este adolescente, de há muito Meu servo eficaz, que poderá satisfazer a vossa exigência. Da sua acção e discurso percebereis o Meu Poder dentro dele.”

7. Prontamente, Raphael dirige-se aos três romanos, dizendo: “Para os demais, o assunto não necessita ser repetido; vamos ao ar livre a fim de estudarmos o problema.”

14. RAPHAEL, PROFESSOR DE ASTRONOMIA.

1. Raphael conduz os três romanos a um grande terreno, onde os militares costumavam fazer os seus exercícios, estando abandonado à noite. Lá chegando, ele diz-lhes: “O caminho pelo qual alguém pretenda chegar a um conhecimento maior e importante, é sempre duplo: o primeiro é longo, cansativo e difícil através de explicações intermináveis; o segundo, curto e eficaz consiste em exemplos, e será por mim empregado.”

2. Obtempera o capitão: “Será algo difícil proporcionar-nos um exemplo daquilo que carecemos, para toda e qualquer noção.” Responde Raphael: “Isso compete a mim porque tenho o poder para tanto, dado pelo Senhor; prestai atenção a tudo. Demonstrar-vos-ei o planeta total, isto é, a sua superfície em tamanho adequado a poderdes facilmente abranger com a vista.”

3. De pronto, flutua um planeta de circunferência correspondente ao tamanho de três homens, diante dos olhos dos romanos estupefactos. A sua própria iluminação proporciona visão favorável podendo ser tudo vislumbrado. A esfera gira em torno do seu eixo, naturalmente muito veloz, a fim de facultar análise rápida. Todos os continentes, inúmeras ilhas, mares, lagos, rios, montanhas e vales eram nitidamente visíveis e prontamente reconhecidos pelos romanos.

4. Após uma hora de estudo atencioso no qual Raphael tudo explica em palavras concisas, os três romanos exclamam: “Quão ignorantes são os homens e que noções absurdas alimentam quanto à Terra que os sustém e alimenta.”

5. Concorde Raphael: “Tendo alcançado a justa noção do orbe total através deste exemplo, demonstrarei a sua relação com a Lua, o Sol e demais planetas. Ficará localizado mais acima e em correspondente distância surgirá a Lua como o seu acompanhante.” Nem bem termina de falar, surge a Lua, primeiro, a parte dirigida à Terra, em seguida, o lado oposto, não faltando as explicações necessárias.

6. Manifesta-se o capitão: “Que mundo triste comparado à nossa Terra. Os que nele habitam, somente na parte voltada para nós, não podem chegar a conhecimento maior, em virtude da sua moradia tão pobre e, além disso, dispõem de pouco tempo pela ordem disparatada da Terra, para poderem estudar, comparar e deduzir as necessárias experiências. Devem ter semelhança aos símios.”

7. Responde Raphael: “Enganas-te muito, conquanto dê tal impressão ao teu raciocínio. Não ouses chamar um habitante da Lua para uma polémica, pois levarias a pior. Os filhos desta Terra têm muitas experiências e conhecimentos externos; todavia faltam-lhes os da vida interior, muito mais importantes.

8. Os habitantes da Lua acham-se em forte introspecção, pela qual também conhecem os do orbe, sentindo pouco agrado convosco por vos terdes afastado demasiadamente da Verdade interior, em virtude da inclinação e zelo pelas coisas materiais. Afirmam que sois almas mortas. Neste caso, estão em grau superior aos símios da Terra.”

9. Diz o capitão: “Se assim é, retiro a minha opinião e te peço mil desculpas.” Prossegue Raphael: “Voltemos ao assunto. Ficamos conhecendo a Lua (*descrição completa em “A Terra e a Lua”- revelação dada pelo Senhor ao profeta Jakob Lorber*); antes de entrar em explicações quanto à relação da Terra e da Lua com o Sol, dir-vos-ei os nomes dos planetas. Existem alguns que fazem parte deste Sol, recebendo todos, luz e calor. Limitar-me-ei aos que já conheceis pelo nome, fazendo que surjam diante dos vossos olhos. Eis Mercúrio, o planeta mais próximo do Sol.”

10. Imediatamente, os romanos avistam esse planeta e se admiram da sua semelhança com a nossa Terra, e Raphael dá-lhes as devidas explicações. Em seguida, aparece Vénus e depois, Marte visto com algum receio. Percebendo tratar-se de um planeta parecido ao orbe em vez de um deus guerreiro, logo se habituam. Então aparece Júpiter com as suas quatro luas, causando grande

admiração aos romanos. Raphael dá-lhes as explicações necessárias e em seguida faz surgir Saturno, que desperta maior admiração, levando o arcanjo a estender-se nas orientações.

15. A RELAÇÃO ENTRE OS PLANETAS E O SOL.

1. Prossegue Raphael: “Não basta saberdes noção diversa da anterior, é preciso compreenderdes as relações entre os planetas e o Sol. Farei surgir-lo em tamanho diminuto, e vedes uma esfera bastante grande, circundada por forte brilho leitoso; não podereis ver a sua força integral de luz, portanto basta saberdes representar essa esfera, o Sol.

2. O brilho luminoso é a própria atmosfera deste planeta, que o envolve em todas as direcções. No próprio Sol, milhões de vezes maior que esta Terra, a sua luminosidade é muito maior. Dissiparei por momentos essa luminosidade para verdes como realmente é o sólido corpo solar, percebendo ter sido ele criado pelo Senhor para outros múltiplos fins, que não apenas iluminar e aquecer os demais planetas.”

3. Os romanos aproximam-se da parte revelada e observam com grande atenção o astro-rei, recebendo explicações por parte do arcanjo. Quando, passado um quarto de hora, se integraram da sua organização, habitabilidade, função, efeito e relação junto aos demais planetas, cuja organização correspondente se destaca em certos anéis solares, Raphael diz: “Agora vem o ponto principal, prestai atenção. Se o assimilardes, podereis libertar-vos do conceito erróneo pelo qual julgais ser a Terra o centro em cujo redor tudo se movimenta, isto é, Sol, Lua e estrelas, seriam obrigados a fazerem diariamente a viagem pelo mar, de um pólo do Céu ao outro. Eis a esfera solar, e agora darei a devida posição aos planetas por vós conhecidos, em tamanho e distâncias relativas, em linha recta e externa à esfera.”

4. Assim, os romanos vêem primeiro, Mercúrio, Vénus, a Terra, e os outros planetas, em certa distância e tamanho, no que são obrigados a caminharem bom trajecto à beira-mar, até chegarem a Saturno. Além deste, percebem a longa distância alguns pontinhos luminosos e pedem explicação.

5. E Raphael diz: “Já vos disse, existem outros planetas além dos mencionados. Não vos dizem respeito, por enquanto; no futuro, serão descobertos e descritos por homens especializados. Existe

também grande quantidade de pontinhos luminosos entre Marte e Júpiter, que tampouco vos interessam; serão igualmente descobertos no decorrer dos tempos. Querendo orientação mais detalhada, dirigi-vos aos discípulos do Senhor, esclarecidos em todos os segredos do Céu estelar. Em Kis, onde mora o grande publicano Kisjonah, encontrareis um grego chamado Philopoldo, que com alguns dignitários romanos também é orientado de tudo. Dele podeis aprender muita coisa. Voltemos à esfera solar, para vos demonstrar as movimentações dos planetas com relação ao Sol.”

6. O arcanjo, então, faz subir o Sol a tal ponto, a poderem ser vistos todos os planetas a girar ao seu redor, em relação correspondente, se bem que em tempo restrito. Raphael divide o espaço de uma hora de tal forma que Saturno apenas necessita de uma hora para a sua total rotação, e todos os demais planetas se movimentam em tempos matematicamente menores, inclusive as luas, acompanhantes dos seus planetas. O espectáculo é deveras excepcional para os romanos, tanto mais quanto Raphael dá explicações precisas e rápidas.

7. Quando Saturno volta ao ponto de partida, o arcanjo faz com que tudo desapareça, dizendo: “Não mais precisamos de exemplos porque prestaram bons serviços. Se fostes capazes de compreender e assimilar o assunto, podemos voltar à casa do bom Ebahl.” Chegando à sala de refeição, eles encontram todos na ceia. Incontinenti, os romanos agradecem-Me por tudo, e Eu lhes digo: “Sentai-vos e após vos terdes refeito, ainda podemos falar.”

16. CONDIÇÕES PARA A CONQUISTA DA SABEDORIA.

1. Terminada a ceia, o capitão pergunta por Kisjonah e Philopoldo, e Eu respondo: “Ei-los à Minha direita. Ainda terás oportunidade de sobra para falares com eles. Conhecendo Eu o problema que desejas abordar, será melhor esperar por outra ocasião. Hoje aprendeste o bastante para o extermínio da antiga superstição; medita um pouco, para perdurar na memória e no coração, não se perdendo ao retornares aos negócios do Estado.

2. O que tu e os teus colegas aprendestes agora, era do conhecimento dos homens da antiguidade; quando os seus descendentes se inclinaram cada vez mais às coisas mundanas, tornando-se orgulhosos e dominadores, em breve esqueceram a antiga sabedoria, considerando-a desnecessária à subsistência da

vida. Era o bastante que certos sábios tivessem conhecimentos a respeito; o povo que tratasse das suas manadas, campos, hortas e caçadas, dispensando ocupar-se de assuntos astronómicos. Deste modo, o povo e os seus dirigentes embruteceram e se tornaram supersticiosos, conforme ainda são, temendo a Verdade e fugindo da sua luz.

3. Pode-se cuidar das necessidades físicas, ao lado dos conhecimentos elevados; quanto à alma e ao espírito da Vida dentro dela, deveria ser o problema mor de cada criatura; pois ninguém foi posto no mundo para comer, beber e se orgulhar, mas apenas viver segundo a Ordem revelada por Deus, finalidade única dada por Ele. Se aqui reconquistaste a Verdade perdida em assuntos dos Céus, procura digeri-la pela alma; uma vez firme no assunto, poderás tratar de outros, junto a Philopoldo.”

4. Diz o romano: “Senhor e Mestre, tens razão em tudo, e percebo a imensidade daquilo que a Tua Graça me concedeu por intermédio deste jovem. Tão logo tiver assimilado tudo e feito esboços de memória para ensino de outros, procurarei maiores conhecimentos.”

5. Digo Eu: “Está certo; o melhor de tudo é primeiro, procurar o Reino de Deus e a Sua Justiça, segundo a prática dentro da Minha Doutrina. Quem o tiver alcançado, receberá tudo o resto por acréscimo. O espírito da criatura é de Deus; quando se tiver tornado soberano no seu íntimo, em uma hora ensina a alma de modo muito mais eficaz do que na Terra, em mil anos, por meio de professores mui sábios.

6. O Meu Raphael, espírito puríssimo, demonstrou-vos em curto espaço de tempo o necessário para vos ensinar assuntos que os homens com toda a sua argúcia, zelo, pesquisa e meditação, nem em mil anos haveriam de atingir nesta clareza e realidade. **Pode a alma aprender do próprio espírito muito mais em um momento, que os homens com o seu intelecto natural.** Considera isso e age de acordo.”

7. Diz o capitão: “Senhor e Mestre, conheço os princípios da Tua Doutrina: é preciso crer-se em Ti, reconhecer-Te como Deus Único e Verdadeiro, amando-Te acima de tudo e ao semelhante como a si mesmo, seguindo os Mandamentos de Moisés. Quanto às Tuas Normas, são fáceis de cumpri-las. Moisés, porém, transmitiu umas tantas leis e determinações, difíceis de guardar, entender e

cumprir. Será preciso que todos inclinados a receberem o Teu Espírito, também cumpram tais leis?”

8. Respondo: “Se reconheces em Mim, Deus Único e Verdadeiro e Nele crês, O amas acima de tudo e ao próximo como a ti mesmo, cumprirás tudo que Moisés e os demais profetas ensinaram; não divergiam das Minhas poucas Palavras referentes aos deveres dos homens com relação a Deus, muito embora proferissem muitas palavras.

9. Assim, compete a um capitão romano não exigir de própria iniciativa, uma soma em ouro e prata de um tal Ebahl, em virtude de uma falta inocente, importância que, com exceção de Jerusalém e do Templo, não seria possível arrecadar na Palestina, Samaria e Galileia. Em tal exigência não transpira a menor fagulha de amor ao próximo e da Justiça do Reino de Deus, no homem, nem tampouco a jurisprudência romana, provando estares mal orientado nos seus princípios.

10. Se quiseres adoptar a Minha Doutrina, terás que modificar as tuas ordens rigorosas; pois com elas estarás longe do verdadeiro amor ao próximo, portanto do Reino de Deus, ao qual o conhecimento astronómico, somente, não te elevaria. Tudo que o Espaço visível apresenta aos olhos físicos, só tem valor para o Reino de Deus no homem, quando por ele é considerado e iluminado espiritualmente. Por si só, não tem, como matéria, valor para o homem perfeito, senão apenas para o corpo perecível. Isto te sirva para elucidação.”

11. Diz o romano: “Agradeço-Te, Senhor e Mestre, por este conselho real e justo, que seguirei à medida do possível. Aparentemente terei que ser severo, mas no coração haverá outro regime, o que por certo aceitarás.”

12. Concordo: “Claro, respeita as leis de Roma dotadas de muitas atenuantes em pequenos delitos. Um juiz condescendente neste mundo será no outro mundo por Mim tratado com condescendência, e o misericordioso haverá de encontrar Misericórdia Comigo. Em suma, a tua medida ser-te-á aplicada.”

13. Ele o promete, e Eu digo a todos: “Finalizamos a difícil tarefa anunciada no almoço, podendo contar com três novos discípulos. Já é tarde e convém descansarmos.” Levanto-Me com os apóstolos e vamos a um outro recinto, igualmente Maria com Yarah. Os demais continuam falando a Meu respeito e da Minha Doutrina e Feitos.

17. RAPHAEL POSITIVA O SEU PODER.

1. O grupo, do qual Ebahl, Kisjonah e Philopoldo não se haviam apartado, continua com Raphael à mesa, e Jacob (*Tiago*), o maior, fazia de orador, pois Me conhecia desde o Nascimento e sempre esteve Comigo. O arcanjo, por sua vez, dava explicações referentes aos milagres.

2. Pela madrugada, o capitão vira-se para Raphael, dizendo: “Queiras explicar-nos a tua própria natureza e qual a matéria usada na formação do Cosmos que empregaste para maior elucidação nossa.”

3. Responde Raphael: “Sou, primeiro, homem como tu, apenas com a grande diferença de eu poder transformar este corpo visível em meu ser espiritual; segundo, há quase quatro mil anos, antes do Dilúvio, vivi na Terra, por muitos anos fiel a Deus. Actualmente sou cidadão dos Céus de Deus e Seu servo para sempre. O meu poder é o Poder de Deus; por isso posso realizar tudo o que o espírito em mim quer. Assim informado, saberás de que matéria formei as coisas do Céu visível diante de vós.

4. Em todo o Infinito não existe outra substância que a Vontade de Deus. Tudo que vês, ouves, sentes e percebes, são Pensamentos de Deus, e caso Ele queira, criam forma. O que a Deus é possível como Espírito Original, é igualmente possível ao espírito divino no homem. Deus é em Si o puríssimo Amor, portanto também o mais puro Fogo vital, a Luz mais pura e clara, a Sabedoria mais elevada, logo, o Poder e a Força em máxima potência.

5. A Ordem mais sábia desse Poder e Força é a Lei eterna, pela qual todas as coisas se têm de guiar; tal lei rege igualmente o físico humano. À alma foi dada livre vontade, e a lei lhe é dada para que a aceite pela acção, atingindo a plena Semelhança divina, razão por que foi criada.

6. À alma foi confiada apenas uma partícula da Lei de Ordem divina, para este mundo educacional; tornando-se fiel nesta parte diminuta, receberá tarefas maiores, mas apenas quando tiver adquirido a maior destreza como se fosse dela própria, no respeito à lei e dentro daquilo que lhe fora confiado. Sem essa capacidade não poderia alcançar a consciência interior de uma emancipação, tampouco a percepção viva daquilo que a Vontade de Deus pode dentro dela.

7. Dispensar outras provas do Poder divino dentro do homem; quando tiveres atingido grande capacidade no cumprimento da Vontade de Deus e na renúncia das coisas mundanas, perceberás a que poder chegou a tua alma.

8. Somente a prática faz o mestre; por um exercício menor, o homem será eterno remendão e não poderá ser aproveitado para coisas importantes e extraordinárias. Poderias, como capitão romano e perito em ciências bélicas, entregar a um subalterno incumbência importante antes de te convenceres dos seus conhecimentos?

9. Deus não necessita convencer-Se por provas e sabatinas, das capacidades de um homem; sabe perfeitamente o grau de conhecimento adquirido no aperfeiçoamento de cada alma. Deve ela mesma analisar-se quanto ao seu progresso na renúncia das tentações do mundo e a que grau se unificou à Vontade de Deus. Talvez nela ainda reine a incompetência, ou então já se manifesta alguma mestria, e Deus, o Senhor, não deixará de lhe revelar a Sua Onnipotência.

10. Observa a maioria dos discípulos do Senhor. Caso quisessem operar algo através da Vontade de Deus, que já Se tornou poderosa dentro deles, um ou outro faria coisas que te admirariam tanto quanto aquilo que fiz. O seu justo amor para com o Senhor e a sua verdadeira humildade ponderam: somos ainda discípulos mui fracos! esperando até que Ele lhes diga: Ide aos quatro cantos do mundo, revelai a Minha Vontade às criaturas, e agi em Meu Nome! Então serão capazes, se for necessário, de efectuar as mesmas provas que o Senhor Mesmo e também eu, através da Vontade Dele em mim.

11. **O Poder da Vontade divina não é dado ao homem como se dá o leite à criança; é preciso conquistá-la com violência e através do próprio esforço, inteiramente livre.** Fácil é verificar-se tal situação, porquanto o Senhor, ao Qual todas as coisas são possíveis, constantemente ensina e demonstra aos homens o que devem fazer para se apossarem da Sua Vontade.

12. O que os discípulos escolhidos por Ele devem efectuar para alcançar a plena Semelhança divina, cabe também a todos os homens, caso pretendam atingir o Poder da Vontade divina, na sua alma. Demonstrei claramente qual a substância por mim usada na formação das coisas do Céu visível; vedes, portanto, que com o

tempo também sereis o que hoje sou. Agora repousai um pouco, pois a aurora não se fará esperar.”

13. Os três romanos agradecem e voltam a casa, onde acham tudo em ordem; ninguém consegue dormir porque a mente ainda estava ocupada e eles não sabem como unir a sua profissão à Minha Vontade. Nestas palestras surge a manhã, e o capitão tem que expedir as suas ordens. Os soldados admiram-se intimamente da sua maneira amável e dócil, e julgam ter acontecido algo especial; todavia não dão demonstração a respeito.

18. A MATANÇA DE ANIMAIS.

1. Antes de surgir o Sol, estava Eu com alguns apóstolos ao ar livre, inclusive Raphael. Não demora a aparecerem os outros e os romanos. Fomos à beira da água observando o vaivém das ondas, e os discípulos lavam mãos e pés. Ansiosos, os romanos dirigem-se a Mim, a fim de fazerem perguntas. Todavia, lhes digo: “O dia conta ainda dez horas inteiras, durante as quais haverá tempo para responder a muitas perguntas; agora apreciaremos, com calma, a manhã.”

2. Conformados, eles também se lavam para refrescar os olhos que pela vigília necessitavam de conforto. Após uma hora de lazer, dirigimo-nos a um pequeno planalto que facultava boa visão em direcção a Oeste. Na margem, bastante coberta de junco, viam-se alguns pássaros aquáticos à procura de alimento na água.

3. Não contendo a curiosidade, o romano dirige-se a Raphael: “Estou plenamente satisfeito quanto à organização maravilhosa do nosso planeta com relação à sua forma e flora; não concordo no que diz respeito aos irracionais em suas condições de vida e actividade. Todos os vegetais são nutridos pelo solo terrestre, pela água e o calor do Sol; somente os animais e os homens são obrigados a caçarem outros para se alimentarem com a sua carne.

4. Tal facto embrutece o coração e a alma da criatura, o que observei em Roma por ocasião das touradas e outras lutas com feras, dentro de jaulas especialmente construídas; tais lutas são mantidas em Roma e muitas outras cidades para despertarem nos homens a tendência bélica cheia de coragem e intrepidez. De quem teriam os homens aprendido a selvageria da guerra na qual não se acha um vestígio de amor a Deus e ao próximo?

5. Vê esta água. Que fizeram os peixinhos para serem devorados aos milhares por estas aves vorazes? Não poderiam todas as espécies de animais se alimentarem de vegetais como fazem os animais caseiros? É preciso que feras procurem alimento entre as manadas pacíficas, incitando deste modo os homens a lutas selvagens por meio de crueldades permitidas pela Omnipotência de Deus?

6. Foi o homem obrigado a inventar armas artísticas para poder lutar contra as bestas selvagens. Com isso aprendeu a lutar, a matar e vencer; teria por isso ganho algo para o enobrecimento do seu coração e da sua alma? Muito pensei a respeito deste assunto, sem receber solução para este verdadeiro enigma. Sempre dizia: Os sábios deuses sabem por que o permitem. Tu és sábio e poderoso pelo Espírito de Deus em ti; dá-me o justo esclarecimento neste problema tão importante.”

19. A FINALIDADE DA LUTA EM A NATUREZA.

1. Diz Raphael: “Abordaste uma questão deveras importante e poderia dar-te boa resposta; por enquanto não penetraste bastante na esfera do puro espírito e não serias capaz de assimilar a plena Verdade. Asseguro-te estarem os discípulos do Senhor inteiramente orientados nesse assunto, assim como muitos outros, judeus e pagãos, e também tu serás levado a uma compreensão mais clara. Ainda hoje terás oportunidade de louvar Amor e Sabedoria do Senhor, também neste problema.

2. Podes crer ter Ele justamente Se dirigido a essa colina para que, durante a observação da voracidade das aves, surgissem reflexões no teu íntimo quanto ao Amor, Bondade e Sabedoria de um Ser realmente divino. **A vida por si só é luta.** Quem poderia, como homem bom e beato, passar à vida sublime e livre do espírito, sem ter por ela lutado com todo o rigor? E como deveria o homem aprender a lutar, senão com os perigos que o rodeiam por todos os lados? Foram dados e permitidos por Deus para esta Terra, a fim de que o homem os reconheça e os enfrente até vencê-los. Após o desjejum prosseguiremos.”

3. Terminada a segunda refeição, voltamos ao ar livre, subindo uma outra colina mais elevada, da qual não só se avista a enseada de Genezareth, mas também grande parte do Mar da Galileia. Neste topo, os romanos tinham uma espécie de forte que permitia avistar-

se tudo nas redondezas. A guarda romana ali colocada não admitia visitas, a não ser que fossem acompanhadas pelo capitão e os seus ajudantes.

4. Há vários acampamentos e bancos, prontamente ao nosso dispor pelo capitão. Todos nos acomodamos e observamos as cenas no mar e na enseada. De súbito, ele avista um grande condor vindo da serra em direcção à praia, por isso diz: “Eis que se aproximam, como sempre nesta hora, alguns hóspedes indesejáveis em busca de farto almoço. As aves aquáticas não deixam de ser rapinas que se alimentam de peixes e vermes; entretanto, o seu aspecto não é tão chocante quanto o de um condor. Qual flecha atira-se do alto sobre a presa, prende-a nas garras para depois despedaçar a sua vítima.”

5. Quando termina de falar, o condor se precipita no junco à beira-mar onde apanha um ganso selvagem, saturado de peixes. Os gritos da ave presa, são espectaculares. Não demora, outros condores imitam o primeiro, fazendo com que o romano se revolte; por isso se dirige a Mim: “Senhor e Mestre, não viste ou não quiseste impedir que os vorazes condores se apoderassem das aves pacíficas, de maneira revoltante? Acaso deveriam tais cenas horrendas amainar o coração humano e incitá-lo à misericórdia?”

6. Prefiro aceitar o princípio de um sábio da Grécia que ouvi há alguns anos, em Alexandria: A Terra é um ninho de abutres e um vale de sofrimentos para o homem bom; tudo que vê, é agravado da eterna maldição dos deuses. Como poderia o homem constantemente martirizado levar vida elevada e honrar os deuses maldizentes? Portanto, deve ele imitar as feras e se vingar no próximo. Que trate de se tornar regente para governar a vida curta, em detrimento dos deuses.

7. Senhor e Mestre, longe de mim querer afirmar ter o sábio expressado uma tese em benefício dos homens, pois encontrei junto de Ti, outro axioma pelo qual viverei. Mas diz-me Tu Mesmo se o homem natural poderia chegar a outros princípios, através das suas experiências diárias. Vejamos os países abundantes em feras; os homens, a fim de não serem devorados, são obrigados a caçá-las. Qual é a sua própria índole? Semelhante à dos animais ferozes.

8. Observaremos, em comparação, os arménios. Em seu país, um sábio rei havia mandado exterminar todos os animais ferozes, sem poupar gaviões e condores; o povo mantinha animais caseiros e úteis, sendo a lavoura a sua ocupação principal. Que povo meigo e pacífico! A quem deve a sua índole meiga e boa? Ao sábio rei que

soube limpar o seu território dos animais ferozes. A Ti, Senhor e Mestre, seria muito mais fácil sanear todo o orbe, e os homens não precisando lutar contra as feras, com algum ensino, em breve se assemelhariam aos arménios.”

20. A VARIABILIDADE DA CRIAÇÃO DO ORBE.

1. Digo Eu: “Meu amigo, dentro do raciocínio mundano, tens razão; no tocante às relações de alma e espírito, por ora inteiramente desconhecidas de ti, exigirias algo de Mim, contrário à Ordem nesta Terra. Em um planeta, no qual as criaturas têm a finalidade de se tornarem filhos de Deus, pela alma e pelo espírito, tudo tem que ser como é. Visão e raciocínio percebem apenas julgamento, perseguição, roubo, assassinio, morte, decomposição e perecimento. Tal porém, não se dá, sendo bem diverso do que pensas.

2. Primeiro, é o ócio inevitável acompanhante do julgamento do físico para a alma cada vez mais desperta, pelo que unicamente poderá alcançar a plena semelhança do Espírito de Deus dentro dela; é realmente o seu maior inimigo, e quanto mais quentes os países procurados pelos homens tanto mais são ameaçados por este importante adversário.

3. Caso não existissem em tais países, animais nocivos, e a subsistência não fosse imprescindível, o homem não se perturbaria com a educação das forças espirituais. Dentro em pouco assemelhar-se-ia a um pólipó ou à raiz de uma árvore, nada mais fazendo do que absorver os elementos nutritivos da água, da terra e do ar. Eis o motivo principal porque foram dados ao homem toda sorte de incentivos à acção diversa, primeiro, do corpo e após da alma, sendo a última de importância primordial.

4. Quanto ao outro motivo, qualquer pensador o descobrirá. Imagina a Terra como esfera inteiramente uniforme. Em sua superfície surgiriam apenas córregos, lagos e mares, uns parecidos com os outros não havendo montanhas. Com excepção do carneiro não haveria outro animal, fora da galinha não haveria outra ave; por toda parte as mesmas espécies de peixes. Do solo cresceria uma só qualidade de erva para alimento do carneiro; somente uma espécie de cereal para nutrição do homem e da galinha; somente uma qualidade de árvore frutífera, uma qualidade de árvore para construção de cabanas rústicas; uma só qualidade de pedra, de metal para confecção de instrumentos caseiros. Pergunta a ti mesmo,

a que ponto chegaria o desenvolvimento das ideias, noções e fantasias humanas, num planeta como este.

5. Não será preciso expor-te o quadro do raciocínio e intelecto destinado à evolução; chamo apenas a tua atenção ao estado de educação psico-espiritual das criaturas de tal planeta, que habitam zonas desprovidas de montanhas, cobertas cá e acolá de erva e arbustos comuns, à beira de córregos monótonos e lagos pantanosos.

6. Conheces zonas tais. Qual é a cultura espiritual dos seus habitantes? Na maior parte são selvagens, porque pela carência da alma, não podem atingir dilatação dos seus conceitos, ideias e fantasia, tão férteis para a formação do raciocínio e do intelecto.

7. Observa os que dotaram o seu território com toda a sorte de variedades confortadoras, e verás serem inteligentes, se bem que não na esfera da vida interna da alma e do espírito; todavia, na do intelecto externo, da razão e da fantasia, indispensável, caso o homem queira ingressar na formação da vida espiritual. Se quiseres galgar uma montanha por causa do panorama, preciso é que haja uma, e em tal caso não podes satisfazer-te com a metade da subida, mas deves esforçar-te por alcançar o cume mais elevado.

8. De igual modo, não devem as criaturas de inteligência e fantasia satisfazer-se neste ponto evolutivo, mas procurar as culminâncias totais. Entendes bem o sentido das Minhas Palavras, e com elas, o segundo motivo pelo qual Deus dotou esta Terra com variabilidade tão enorme de coisas, seres e fenómenos, dos quais por ora desconheces até mesmo a primeira linha do Alfa, não obstante a tua educação alexandrina.

21. A SUBSTÂNCIA PSÍQUICA E A SUA GRADATIVA LIBERTAÇÃO DA MATÉRIA.

1. (O Senhor): “Quanto ao terceiro motivo, conhecido de todos os Meus discípulos, irás futuramente conhecê-lo melhor do que ora seria possível explicá-lo. Posso apenas adiantar-te que tudo dentro do planeta, desde o seu centro, até à sua mais elevada região atmosférica, é substância psíquica (*ou espiritual*) em estado variado, em julgamento férreo ou ameno até determinada época de libertação, motivo porque se apresenta aos sentidos como matéria dura ou macia. A ela pertencem todas as qualidades de pedras, minerais, solo, água, ar e as substâncias ainda livres.

2. Do reino vegetal na água e da terra, tudo ingressa ao reino animal, onde o julgamento já é mais ameno. A substância psíquica se encontra no período de completa libertação, e a selecção e formação isolada com referência à evolução intelectual da anterior substância caoticamente mesclada, acha-se em variedade mais profusa.

3. A substância psíquica que no segundo reino fora sujeita a uma grande selecção, em virtude da formação especial de inteligência, é levada a uma crescente fusão no terceiro reino, animal, muito mais variado, por causa da aquisição mais perfeita das inteligências isoladas, mais claras e livres. Eis porque se unem inúmeras partículas de inteligências psíquicas dos infusórios de espécie variada, em uma alma maior, digamos, de um verme e insecto ou maiores.

4. Incontáveis almas de insectos de várias qualidades, quando libertas do seu invólucro material de ligação, juntam-se em uma alma animal maior, de espécie mais perfeita, até alcançarem animais grandes, em parte selvagens, em parte de carácter ameno; desta última fusão surgem então as variadas capacidades intelectivas de almas humanas.

5. Quando nasce uma criatura nesta Terra, recebendo físico material para a sua plena emancipação, Deus age mui sabiamente por não lhe facultar recordação dos estados primitivos aos transitórios e isolados, assim como o teu olho não pode diferenciar as gotas isoladas do mar. Se disso fosse capaz, a alma não suportaria a fusão das partículas infinitamente variadas de substância e inteligência, tratando rapidamente da sua dissolução como acontece à gota de água em ferro incandescente.

6. **A fim de conservar a alma da criatura, preciso é tirar-lhe toda e qualquer recordação através da organização física, até à época da sua completa união interna com o Espírito do Amor de Deus;** tal Espírito é justamente a argamassa pela qual as partículas infinitamente variadas da alma são consolidadas a uma entidade eternamente indestrutível, podendo iluminar, reconhecer e compreender-se, e como ser perfeito e semelhante a Deus, louvará o Seu Amor, Sabedoria e Poder.

22. A COMPOSIÇÃO DA ALMA HUMANA.

1. (O Senhor): “Qualquer pessoa inteligente e sensível poderá observar em vários fenómenos, o facto de ser a conjunção da alma e correspondente a ela, também o físico, sumamente imprecisa, no início. Considera noções e ideias, infinitas e variadas que uma alma de certa educação pode projectar e imaginar – certo ou errado, isto por ora não importa, – pois se não fosse concatenada de um compêndio total, não seria capaz para tanto, tampouco um boi ou burro poderia desenhar um castelo e construí-lo.

2. Se observares os diversos animais, tanto do ar, da terra e da água, descobrirás na maioria capacidade construtiva. Abelhas e outros insectos semelhantes; pássaros, formigas, aranhas e lagartos, camundongos de várias espécies, o castor que constrói verdadeira cabana, raposas, lobos, ursos e outros, todos eles efectuam as suas moradias segundo as suas necessidades. Estuda os animais aquáticos, mormente os crustáceos, que descobrirás capacidade construtora que às vezes desperta grande admiração do melhor arquitecto.

3. Cada animal, do mais ínfimo ao maior, possui apenas uma capacidade construtora peculiar à sua inteligência simples, conhece o material que usa sempre de maneira idêntica; **em uma alma humana existem todas as capacidades intelectivas de animais, em grande número, das quais pode organizar inúmeras noções e ideias, criando formas novas e importantes.**

4. Assim, pode o homem de alguma educação inventar toda a sorte de habitações de várias formas e outras coisas mais, realizando-as com a sua vontade, inteligência e dedicação. Acaso poderia fazê-lo, se não existissem em sua alma todas as variadas capacidades? Certo que não; pois **o animal mais inteligente não tem fantasia, tampouco o dom da composição integral.**

5. Em teu íntimo perguntas: Por que era preciso uma alma atingir tais capacidades por caminho tão longo? Respondo: O mais sábio e perito Construtor de todas as coisas e seres sabe melhor porque organizou este caminho para a educação de uma alma perfeita, portanto podes estar satisfeito. Quando estiveres mais aperfeiçoado, assimilarás também o motivo do teu trajecto longo e insípido.

6. Os romanos, gregos, fenícios e egípcios acreditavam na transmigração das almas e até hoje o fazem, como os persas, hindus,

sihinitas além das montanhas no Levante distante, inclusive um outro povo que habita em ilhas enormes e muitos outros povoados na vasta Terra. Pouco a pouco, a Verdade foi em toda a parte, deturpada pelos doutrinadores e posteriores sacerdotes ambiciosos e dominadores; pois a verdadeira metempsicose (*passagem da alma de um corpo para outro*) não lhes trouxera lucros e juro, de sorte que começaram a dizer que as almas humanas, voltavam aos animais, onde sofriam muito, mas que este sofrimento somente eles podiam aliviar por meio de grandes sacrifícios e oferendas.

23. A QUEDA DA DOCTRINA PURA.

1. (O Senhor): “Perguntas intimamente: Como podia o povo já esclarecido dentro da Verdade, deixar-se cegar de tal forma pelos sacerdotes maus e mistificadores? – Nada mais fácil que isto. Os antigos sábios desapareceram do palco da vida e ainda durante a sua existência surgiram certos feiticeiros e adivinhos que positivavam os seus ensinamentos com toda a sorte de milagres instigados por maus espíritos e aceites pelos ignorantes como sendo provas divinas. Deste modo foi fácil desviar-se da Verdade; aos homens sempre inclinados a coisas milagrosas, foi fácil serem enganados pelos falsos sábios, que os doutrinavam erradamente em benefício deles próprios.

2. Muitos desses magos, dos quais em breve surgiram sacerdotes e falsos profetas, entendiam e ainda hoje entendem modificar a voz, a ponto de se ter impressão de vir à distância, de uma árvore ou animal. Imitavam o timbre de voz de pessoas falecidas, o dialecto, como se surgisse de vegetal, pedra, poço ou animal, com tanta perfeição que qualquer assistente era obrigado a afirmar: É realmente a alma de fulano, aliás homem bom e honesto. Qual seria o seu pecado levando a sua alma a sofrer dentro de um camelo?

3. O sacerdote mistificador não se deixava perturbar, pois os ouvintes percebiam uma frase, saída do animal: Fui teimoso em querer persistir na doutrina dos patriarcas, com toda minha família, e desprezei os sábios e profetas recentemente inspirados por Deus. Com isto pequei e fui preso neste animal, durante dez anos, suportando grande sofrimento. Acreditai nos novos profetas de Deus e entregai-lhes uma oferenda dos meus tesouros deixados, para remissão do meu erro. Por intermédio deles, cuja oração subirá

a Deus, dentro em breve serei libertado do meu grande padecimento, e vós também, após a morte.

4. A tal resposta do camelo compreender-se-á que os ignorantes abandonaram a antiga Verdade, começando a crer na doutrina dos falsos profetas. O mesmo se dará após a Minha Passagem, se na divulgação do Evangelho não for aplicada toda a prudência.

5. Deste modo surgiram o politeísmo, paganismo e a crença errônea na metempsicose e outras tantas tolices horrendas. Ainda que Deus sempre enviasse doutrinadores verdadeiros ao povo ofuscado pela mentira, de nada adiantaram, pois a vontade livre da alma desta Terra tem que ser respeitada, do contrário ela se tornaria animal. Preciso é ter muita paciência com a Humanidade, deixando que a maior parte consiga melhor conhecimento em outro mundo.

6. Ai dos falsos doutrinadores, sacerdotes e profetas que bem conhecem a Verdade antiga e pura, todavia a retêm diante do povo por causa da sua tendência de cobiça e domínio. Não escaparão do Meu futuro julgamento. Nesta Terra, eles também possuem livre arbítrio podendo fazer o que querem, até certo tempo. Ultrapassando os limites, Eu Mesmo espargirei a Minha eterna Luz da Verdade, qual raio sobre os homens deste planeta, como ora a ensino e demonstro, Pessoalmente. Eis que os falsos doutrinadores, sacerdotes e profetas começarão a clamar procurando ocultar-se diante dos por Mim inspirados e do Poder da Minha Luz. Tal empreendimento e grande esforço serão infrutíferos. Como se fossem animais selvagens, serão atizados com açoites incandescentes, de um ponto da Terra ao outro, não mais encontrando pouso certo, e o seu reino e domínio trevoso terão fim para sempre. Acabas de receber, amigo, além do terceiro motivo, ainda outras explicações que todos poderão considerar.”

24. A PROPOSTA PARA DESMASCARAR OS FALSOS PROFETAS.

1. O romano Me agradece sobremaneira a paciência e o trabalho aplicado por Mim a seu favor e diz: “Se tudo que acabaste de explicar ainda não me é tão claro como a um dos Teus discípulos, ao menos penetrei no espírito da Verdade, a ponto de considerar esta Terra de outro modo que anteriormente. Apenas há um ponto a considerar: Se tais homens inescrupulosos começaram a trabalhar a

multidão, uma prova extraordinária vinda do Céu seria o meio mais eficaz para tapar-lhes a boca. Se por exemplo o camelo misticador fosse enfrentado pela alma da pessoa falecida, dando prova concludente da fraude, duvido que os falsos profetas conseguissem prosseguir.”

2. Digo Eu: “Poderei acrescentar algo, todavia sem grande importância, porque o teu recurso sempre foi aplicado a todos os povos, com resultados variados. Enquanto um povo se mantinha fielmente na antiga Verdade, uma parte porém se inclinava aos tesouros materiais afastando-se da mesma, e o teu recurso agia durante duas ou três gerações. Na quarta, ainda mais influenciada na busca dos tesouros mundanos, ingressando por livre e espontânea vontade no amor-próprio, tais meios se tornaram lendários e poucos acreditavam neles.

3. Se posteriormente eram usados de novo, pequeno efeito tinham e eram ridicularizados e escarnecidos pela classe prestigiada, e os misticadores entendidos a fazerem milagres em benefício daqueles, já desfrutavam de vantagens. Durante séculos, a queda dos povos era evidente e provocada por culpa própria.

4. Actualmente, o recurso por ti proposto para o extermínio de todo o engano entre as criaturas, veio por Mim, dos Céus mais elevados, age há muito tempo junto dos judeus ainda entendidos na antiga Verdade e por várias vezes operou milagres apenas possíveis a Deus, em Jerusalém e em muitas outras cidades e lugarejos. Procura saber quantos se converteram por este meio sublime.

5. Se o recurso mais elevado consegue efeito tão fraco em virtude do livre arbítrio, o que se esperar de algum espírito do Além? Afora isto, é tarefa mui árdua para um espírito feliz, aparecer novamente neste mundo. Caso o queira, ser-lhe-á por Mim permitido; mas nunca seria induzido para tanto.

6. Para um menos perfeito não é fácil voltar ao mundo, especialmente no meio de criaturas puramente mundanas, assim como te prontificarias a voltar ao ventre materno, mundo primitivo e mais estreito de todos, para lá organizar qualquer coisa. Por aí, podes fazer uma comparação das condições de vida dos espíritos no Além e dos peregrinos nesta Terra. Um pequeno grupo se acomoda em espaço pequeno; o inverso, dificilmente. Entendeste?” Todos meditam a respeito, enquanto descanso.

7. Permanecemos na colina durante duas horas além de meio-dia; muitos assuntos são abordados e demonstrados por Raphael

aos romanos, que os anotaram posteriormente. Voltando a casa, tomamos a refeição. À tarde continuei repousando. Os discípulos se entretêm a responder a várias perguntas do capitão. João e Mateus se ocupam com a escrita, inclusive Jacob, o maior, tomou apontamentos somente organizados no decorrer de alguns anos.

8. Fiquei em Genezareth durante oito dias, onde chegavam muitos forasteiros de Damasco e outras cidades, privando Comigo e aceitando a fé em Mim. Dispensa menção de tudo que foi doutrinado e exemplificado, porquanto já fora demonstrado no que as criaturas foram por Mim e Raphael ensinadas. Não somente em assuntos concernentes ao Reino de Deus na Terra, mas também nos fenómenos naturais, a fim de livrá-los da superstição. Deste modo, em breve se criou uma importante comunidade em Damasco e outros lugarejos, onde o Meu Nome era louvado.

ADVERTÊNCIA PARA A ÉPOCA ACTUAL

25. AS CONDIÇÕES ESPIRITUAIS DA ACTUALIDADE.

1. No decorrer das mensagens de tudo que ensinei e demonstrei no vasto país dos judeus, a maior parte caiu em esquecimento, passados quinhentos anos, ou então foi mesclada novamente às antigas incoerências, de sorte que ninguém mais descobria a pura Verdade.

2. Foram feitas anotações quase iguais, na maioria por gregos e romanos, nas dez cidades no extenso vale do Jordão (entre as quais se incluem cerca de sessenta cidades, habitadas por gregos e romanos, já antes da Minha Vinda e até mesmo após a destruição de Jerusalém e adjacências). Algumas em Esséia (onde há mil e duzentos anos não mais se encontrou vestígios, por ter sido essa seita perseguida pelos romanos cristãos) e na maior parte guardadas na grande biblioteca de Alexandria.

3. Considerai as guerras devastadoras e as grandes emigrações de que fora vítima metade da Ásia, o norte da África e quase toda a Europa, porque os homens, principalmente os chefes de comunidades, começaram a deturpar e mesclar a Minha Doutrina pura que lhes trazia pouco lucro, conforme foi predito pelo profeta Daniel e o Meu Apóstolo João, na Ilha de Patmos (*no livro - Apocalipse*).

4. Então resolvi: Preferindo o antigo e trevoso detrito do mundo ao Meu Ouro puro dos Céus, assemelhando-vos cada vez mais aos cães que retornam àquilo que expeliram, e também aos suínos ávidos para voltarem às poças onde se sujaram por várias vezes, – o Ouro Celeste ser-vos-á tirado e Eu vos deixarei consumir em tribulações, aflições e misérias, e a morte será novamente o maior pavor na Terra!

5. Assim foi até à época de hoje. Quase todas as cidades e vilas onde se encontravam anotações das Minhas Ações e Ensinos, foram destruídas e desoladas; apenas os pequenos Evangelhos de João e Mateus foram conservados como documentos genuínos da Minha Passagem, como ensinamentos morais dos homens de boa vontade. Igualmente as Escrituras de Marcos e Lucas, à medida que este anotou o que ouviu de Paulo, em poucas palavras. Várias cartas dos apóstolos, das quais muitas se perderam, e a Revelação de João (*Apocalipse*), com alguns erros linguísticos, de pouca importância para quem é guiado por Mim.

6. Dos demais ensinamentos referentes às coisas, fenômenos e à sua origem, poucos foram conservados, secretamente; quando se encontrava algo da época dos romanos e dos gregos, os claustros imediatamente se apossaram, sem jamais transmitirem uma vírgula sequer à humanidade sofredora, em sua treva.

7. Eclipses solares e lunares, cometas e outros fenômenos naturais, pouco lucro trouxeram aos sacerdotes devido ao seu aparecimento realístico; todavia, foram aproveitados para anunciadores e transmissores de punições mandadas por Mim para os homens, a fim de que, amedrontados, corresse aos templos, que surgiam quais cogumelos, depositando ricas oferendas aos pés dos sacerdotes.

8. Nas catacumbas de Roma e nos mosteiros da Espanha e Itália, e também na Alemanha ainda se encontram várias anotações de grande importância da Minha Passagem; a ganância, tendência para o brilho e o domínio da prostituta de Babel não permitem a sua divulgação, por medo e preocupação de se trair e ser chamada à responsabilidade perante todo o mundo. O desdenhoso motivo sendo evidente, dispensa ser elucidado.

9. Quanto tempo faz que se proibia a leitura dos quatro Evangelhos, a História dos apóstolos, de Lucas, as cartas dos apóstolos e a Revelação de João, e em vários países ainda são proibidos? Como se obstinam contra a Luz do Meu Raio científico,

que do Levante ao Poente começou a iluminar tudo que existe na Terra, – e isto há mais de trezentos anos – cuja Luz brilha cada vez mais, de sorte que nesta época os recintos mais ocultos e secretos da Babel, antigamente tão grande e poderosa, ora se acham desvendados.

10. Perguntais com justiça por quanto tempo ela ainda exercerá o seu poder, e Eu respondo: Vede em toda a parte a Luz cada vez mais poderosa do Meu Raio. Como se poderia manter o antigo misticismo babilônio, cuja fraude é esclarecida até às menores fendas, ao lado das verdades matematicamente provadas e à disposição de todos, surgidas de todos os ramos de ciência e da arte?

11. Exercerá o seu poder enquanto ainda viverem velhas tolas, supersticiosas e hipócritas, e beatos deixando-se ludibriar pelos padres, enquanto aqueles ainda dispuserem de meios para protegerem o trono da prostituta de Babel, o que somente perdurará por pouco tempo, pois já se tratou de tirar-lhes os recursos para tanto. Isto já aconteceu a muitos que ora, sem pátria e povo, têm observado como os seus esforços, bem como as suas obras nefastas se estão desfazendo iguais ao fumo.

12. Poderia a noite terrena exercer o seu poder se o Sol se encontra acima do horizonte? Eis a situação. A Luz tornou-se por demais poderosa, e os regentes que anteriormente bajulavam as trevas em virtude do seu fausto, começam a compreender a sua importância e, caso queiram subsistir, terão que agradar à Luz anteriormente tão odiosa. Se tiverem vontade de voltar novamente à treva anterior, o povo o observará e negará obediência, levando-os a grandes embaraços e até mesmo os enxotará do trono, como já há vários exemplos.

13. À Minha Vontade não se pode opor teimosia. Isoladamente deixo o livre arbítrio de cada um; de um modo geral, sou Eu o Senhor e não considero os poderosos desta Terra. **Veio a época da Luz e não pode ser barrada por nenhum poder humano.**

26. OS FALSOS PROFETAS DA ÉPOCA ACTUAL.

1. É também chegado o tempo da pedra angular, rejeitada pelos construtores, mormente os de Babel. Quem nela bater será dizimado, e quem for atingido por ela, será soterrado, conforme dentro em breve ocorrerá a todos que desprezarem a pedra angular,

querendo bajular a prostituta de Babel. Como chorarão e se lastimarão; mas a pedra angular rejeitada, não lhes trará socorro.

2. De há muito venho observando o jogo dos suínos, como na Minha Época faziam os pastores de Gadara com os seus porcos. Mas havia dois possessos nos antigos sepulcros de basalto, pois Gadara era a antiga cidade dos sepulcros. A quem se assemelhavam os dois, presos por correntes e cordas dentro dos sepulcros, que à Minha Chegada tudo arreventaram e Me disseram: Que temos a ver Contigo, antes do tempo? Ambos se semelham ao espírito antigo do lucro mundano, no qual se oculta uma legião de outros, maus. (*Mateus 8:28-34*)

3. Como esses espíritos conheciam a Minha Vontade rigorosa, pediram permissão de entrarem nos suínos, libertando deste modo os homens que Me louvaram, conquanto os gadarenos Me rogaram posteriormente deixá-los à mercê, pois sentiam grande pavor de Mim. De igual modo, o justo espírito do mundo e o seu zelo comercial Me elogiará, porque fora liberto pelo Poder da Minha Luz, da legião dos seus espíritos egoísticos que se dirigiram aos suínos, todavia encontraram o seu fim dentro do mar.

4. Ao grupo de suínos pertencem todos os servos ultramontanos da prostituta de Babel, em virtude das suas tendências imundas, egoístas e dominadoras, que abertamente se externavam por concordatas, missões, bulas e excomunicações. Eis o que ocorre desde a época de domínio da prostituta de Babel sobre povos e regentes, representando a integração de legiões de maus espíritos nos mencionados suínos que começaram a atirar-se ao mar, precisamente nesta época, razão por que é certo o seu extermínio.

5. O mar, é a teimosia em querer permanecer na antiga ignorância, pois procuram perseguir e condenar a Luz que permito seja espargida em todos os ramos da ciência e das artes. Eis o mar no qual os suínos serão impelidos pelos espíritos, que de há muito neles se alojaram e onde encontrarão o extermínio total.

6. Fizeram uma cova para a Minha Luz Original, a fim de ocultá-la diante dos olhos dos homens, mantendo-os na ignorância, em benefício próprio. Eu libertei a Luz, e eles se atiram na própria cova destinada a abafar e exterminar a Luz. Se isso ocorre diante de todo o mundo atendendo aos pedidos expressos, fútil é perguntar-se quando tal sucederá.

7. Subentende-se não se poder dar isto de um momento para outro, tampouco a noite poderá fugir perante o pleno dia. Tudo tem

o seu tempo neste mundo e nem o mais talentoso poderia tornar-se filósofo e artista de um dia para outro, nem um fruto amadurecer subitamente. Quando as árvores na primavera se tornam suculentas e os botões começam a inchar, é prova flagrante estar próximo o verão abençoado. Algumas geadas pouco prejuízo darão.

8. O que por Ezequiel foi predito no capítulo quatorze com referência ao castigo de Israel e Jerusalém, tem relação ao actual falso profetismo que deve e será exterminado. No que consiste e quem são os fariseus de hoje, não precisa ser apontado para uma criatura inteligente. Todo o mundo conhece os adversários da Luz, da Verdade e do Amor, vindos por Mim.

9. Se Eu Mesmo disse aos apóstolos que não devem condenar, amaldiçoar e julgar a quem quer que seja, para não lhes suceder o mesmo partindo de Mim, – quem lhes teria outorgado o direito de julgar, condenar e lançar o anátema sobre os que, influenciados pelo Meu Espírito, procuraram, e ainda procuram a pura Verdade? Por isso serão atirados à cova, por eles próprios cavada para milhões de inocentes, onde as suas más obras serão julgadas sem dó nem piedade, recebendo eles a sua paga.

10. Observa todos os Continentes da Terra e descobrirás o quanto é odiado o falso profetismo da prostituta de Babel entre os povos mais cultos, e qual a consideração recebida pelos seus missionários nesses mesmos países! Não como os jornais ao serviço dela o descrevem. Somente entre povos rudes e selvagens poderão manter-se por algum tempo. Basta demonstrarem as suas tendências egoísticas e dominadoras, ou seja, o lobo em pele de cordeiro, – e terá chegado o fim do efeito da sua missão e convém fugirem para salvar a pele.

11. Quantos já foram enviados para China e Japão, onde há muito ouro, prata e outras preciosidades. Enquanto não descuidavam da pele de cordeiro, eram tolerados, conseguindo muitos prosélitos para a suposta doutrina de paz celeste. Tão logo aquela indumentária se lhes tornava por demais incómoda, julgando poderem agir segundo a sua verdadeira natureza, as suas intenções eram descobertas e eles recebiam o prémio merecido.

12. Quando a notícia chegava a Babel, eram prontamente santificados com grande pompa, muito embora Eu Mesmo houvesse ensinado que somente Deus é Santo. A tais “santos” digo apenas: Não vos conheço e nunca conheci! Afastai-vos de Mim e procurai a vossa salvação e paga junto àqueles em cujo nome doutrinastes e

agistes. Nunca pregastes e agistes em Meu Nome. Desde a vossa infância jamais praticastes um acto de caridade ao próximo, por Mim ensinada, abusando do Meu Nome apenas para o vosso lucro material, portanto não tendes que aguardar recompensa e misericórdia. Dirigi-vos aos que servistes e pedi-lhes o prémio.

27. A IMPOSSIBILIDADE DE GUERRAS RELIGIOSAS.

1. Eis o que acontece neste mundo. Na dita cidade santa prolifera toda a sorte de santos esfomeados, e não se sabe dar-lhes destino e onde arrumar-lhes um pequeno paraíso, pois não obstante todas as ameaças de maldições, as suas ordens são cumpridas apenas dentro do limite de algumas milhas quadradas. Nem regentes, nem povos mais esclarecidos aceitarão ordens partindo daquela metrópole (*Vaticano*).

2. Que mais resta a tais santos preguiçosos e esfaimados senão virarem as costas à sua santidade e procuraram outros serviços, anteriormente considerados profanos? Julgas que à situação actual, certamente seguirão guerras religiosas? Tal seria o caso, se o responsável em Babel ainda possuísse o antigo poder sobre os regentes e os povos, e a maior parte da humanidade fosse tão tola e ignorante como há trezentos anos atrás. Os actuais partidários da antiga e tão poderosa Babel estão muito reduzidos, e os homens acham-se bastante esclarecidos. Nem o mais simples lavrador acredita que a máquina a vapor no mar e na terra é movida por uma alma proscrita do demónio, e que nos fios telegráficos o diabo salta de ponta a ponta, a fim de transmitir aos habitantes de todos países, as notícias desejadas.

3. Quantos haverá ainda crentes nas estampas milagrosas? Qual o país onde se queimam os prestidigitadores como sendo feiticeiros, e os leitores da Bíblia e outros livros de cunho espiritual, são chamados a julgamento inquisitorial, para serem martirizados até morrerem? Qual seria o homem de alguma cultura que considerasse indulgências, cerimónias fúteis e destituídas de qualquer bom senso, o incenso, estampas abençoadas, sinos e sininhos, velas, relíquias, missas e enterros dispendiosos, dias de jejum e outras actos semelhantes?

4. Acompanham-se tais coisas por causa das aparências e pelas leis um tanto enfraquecidas; crer nelas, nem dez, entre mil e estes, não pela verdade, como acontecia na época de superstição trevosa.

Se as coisas estão neste pé, como cogitar-se de guerras religiosas de efeito comum?

5. São poucos os ignorantes para se poderem levantar contra os esclarecidos, conquanto o quisessem. Os esclarecidos, caso fossem atacados, teriam a certeza plena de saírem vitoriosos de qualquer contenda. Ainda assim haverá lutas e escaramuças para humilhação dos regentes que se querem opor à Minha Luz. A partir de agora não mais terei paciência e consideração com tais soberanos, e isto podes crer, porque Eu Mesmo o afirmo.

6. Vê o país que habitas (*Áustria, país natal do profeta Jakob Lorber*). Tem forte tendência babilônica por motivos facilmente descobertos, com referência aos regentes. Que experimentem arregimentar todo o seu poder e elevar ao trono ao “santo pai.” Se ainda vacilar em proporcionar aos súbditos o que por Mim é justo, porquanto segundo o Meu Verbo a pura Verdade libertará a todos, – participará do destino daquele de quem esperava a sua salvação. Para um socorro positivo, não dispõe de recursos financeiros. Se confiar na ajuda suposta de um altar e da sua imagem, sete vezes consagrados, em breve perderá o resto do seu poder. Basta considerar as consequências da sua concordata estúpida, e todo o estrangeiro responderá: Se te uniste tão fielmente ao inimigo comum da Luz e do amor ao próximo, impossível encetar-se uma ligação amistosa contigo. Que te ajude quem te favoreceu, pois lhe auferiste metade do teu poder em teu próprio prejuízo.

7. Pensa um pouco se no teu país as consequências mui amargas de uma acção impensada não bradarão por toda a parte? Urge reparar tal erro, do contrário se manifestará o incêndio mortífero e total. Se numa casa todos os recursos começam a falhar, e os amigos e melhores companheiros lhe viram as costas, nada querendo saber de tal organização descontrolada, como se poderá manter?

8. Poderá fortificar-se para uma nova consolidação. Mas, para tanto seria preciso vontade inabalável para desfazer-se do antiquado e deitar uma base nova e sólida, e edificar rapidamente a casa toda com a ajuda de operários bons e conscienciosos, inclusive o telhado, a fim de que todos vejam a construção, dizendo: Agora o antigo edifício completamente desvalorizado conseguiu valor real, podendo-se confiar nas suas bases, recintos e tectos. Se a questão fosse empreendida desta forma, não haveria carência de bons amigos internos e muito mais estrangeiros.

28. O FUTURO DA IGREJA CERIMONIAL.

1. (O Senhor): De que adianta pregar-se um retalho novo em uma veste velha e roto, a fim de cobrir e proteger a pele contra o vento e o frio. Basta vir um pequeno vendaval para rebentar com facilidade o remendo, inclusive uma parte da própria veste. Quem protegerá a pele desnuda contra o frio? Por isso, arruma um sobretudo novo e resistente, enquanto ainda dispões de alguns recursos e não os desperdices para retalho novo em uma veste antiga, pois mesmo que viessem tempestades, não seriam capazes de te prejudicar.

2. Qual seria o lagareiro que pusesse vinho novo em odres velhos? Que acontecerá com eles quando o vinho começar a fermentar? Romper-se-ão os odres e o lagareiro imprudente ficará desprovido dos mesmos e do vinho. O mesmo terá que esperar um soberano imprudente que quisesse incluir uma nova constituição em uma antiga. Uma é infalivelmente o extermínio da outra, e o regente perderá tudo: constituição, país e povo, como há muitos exemplos na Europa e ainda os haverá.

3. Digo-te com franqueza: Quem procurar bajular e lisonjear o dito homem que se diz beato, durante a constante projecção da Minha Luz dos Céus, dentro em breve estará abandonado e sozinho. Quero terminar com a prostituição de Babel, por demais duradoura. A partir de então tudo terá que surgir em força e poder novos, e perdurar até ao fim dos tempos desta Terra. **Todos se devem banhar e aquecer na Luz da Minha Doutrina celeste, e os Meus verdadeiros seguidores e amigos, entrarão em uma constante comunhão com os Meus anjos, portanto Comigo, como foi em época remota.**

4. Intimamente perguntas o que sucederá ao teu país, caso os velhos odres se romperem pela pressão do vinho e este for despejado. Digo-te, a situação será mil vezes melhor que agora, em que quase todo homem, de medo do efeito da vacilação demorada e dispendiosa, não mais confia no irmão honesto, dizendo: Não se sabe como as coisas se desenvolverão!

5. No momento de um possível rompimento dos odres, acabarão os grandes consumidores e o Estado se empenhará para que nada seja suprimido aos que o serviram e ao povo, através do seu intelecto e cultura. Os vadios e preguiçosos sem profissão, no total ultrapassando um quarto de milhão, na maior parte padres,

não mais receberão os seus grandes ordenados e pensões; pelo contrário, serão mantidos rigorosamente dentro da dívida do Estado, a fim de que nenhum irmão possa levantar queixa contra o outro.

6. Em todas as circunstâncias, estou Eu na ponta, e não pode haver desordem, em prejuízo dos que em Mim acreditam. Durante este ano terei pequena paciência com o país cuja jurisprudência respeitais. Passando este prazo, não mais terei condescendência ainda que nele habitassem muitos dos Meus antigos amigos, com o seu amor e fidelidade. Os Meus e os recentemente inspirados pelo Meu Espírito, devem ser mantidos, os outros devem ser punidos.

7. Conjecturas o seguinte: Está tudo certo, pois quando o regente de um povo se tornou preguiçoso e inepto, preciso é que receba outro, à altura das necessidades materiais e mormente espirituais. Enquanto perdurarem os antigos templos pagãos que se chamam de Casas de Deus ou Igrejas, com os seus servos, podendo divulgar entre os ignorantes o formidável efeito do seu serviço eclesiástico, especialmente nos locais de peregrinação e claustros, um novo regime político, de constituição boa e favorável, ou um novo soberano, sempre correrá perigo de recair na antiga ignorância, tanto mais quanto os padres forem obrigados a viver do ordenado eclesiástico. Se for preciso deixá-los continuarem como doutrinadores do povo, que sejam pagos quais funcionários públicos. Pelo ministério eclesiástico não deveriam exigir nem aceitar remuneração, e deste modo se teria levantado uma barreira mui eficaz entre os padres sugadores e falsários do povo, terminando com as peregrinações, estampas e outras aberrações religiosas e abusos diversos.

8. Em parte tens razão, e a situação melhoraria por certo tempo, porque o padre se dedicaria mais ao ensino popular pelo qual é pago, do que às cerimónias religiosas que nenhum lucro lhe dão. Mas se ele efectuasse o seu ofício religioso sem remuneração, o povo ignorante começaria a atribuir-lhe maior mérito para Deus, aumentando a velha superstição. Aquilo que daria aspecto formidável e pomposo, de nenhum valor para Mim, fortificaria as massas na sua tolice, construindo novo trono para a prostituta de Babel, cujo fim está próximo.

9. Por isso deixa os padres sugarem o povo, que peregrine e pague as missas dispendiosas. Deixa que confesse e mande celebrar acompanhamentos caríssimos para os defuntos. Que procurem

legados ou doações, vendam dispensas e indulgências. Em suma, deixa que os babilónios se excedam, que o mais cego em breve cairá em si, dizendo: Tal religião deve ser apenas fraude, pois os que deveriam estar convictos da pura Verdade da Doutrina do Cristo, demonstram desconsiderarem-na, não acreditam em Deus sendo falsos profetas apenas interessados a encherem o seu estômago. Açambarcam pela mistificação, e quando esta não surte efeito, usam uma espécie de coacção permitida pelo Estado, e do seu roubo real não proporcionam nem um copo de água a uma alma sedenta. Fora com tais falsos profetas! Fora com os lobos vorazes em pele de cordeiro e fora com tudo que martirizava, iludia e roubava o povo pobre e ignorante! Acabemos com os templos, os altares, estampas, relíquias, sinos e todos os utensílios de nenhum valor! A partir de agora, nós mesmos analisaremos a Doutrina do Cristo, pedindo que um doutrinador inspirado por Deus a explique, para poder aplicá-la efectivamente, e o justo doutrinador não haverá de sentir necessidades quais forem.

29. FUTURO DA EUROPA E DA AMÉRICA.

1. Eis o que se dá na Itália, ainda há pouco tão ignorante. O mesmo aconteceu há anos na Alemanha, Inglaterra e América do Norte, actualmente empenhada na libertação das tendências contrárias à Minha Doutrina original. Eis que muitos exclamam: Mas, Senhor, como podes permitir vitórias consideráveis aos confederados com inclinações à escravatura, contra os adversários?

2. Respondo: Nem tudo é vício nos confederados, e nos outros, nem tudo é virtude. Ambas as partes tiram argueiros e trancas no olho do outro, varrendo um a soleira da porta do outro, o que, segundo a Minha Doutrina, não deveria ser. Mas quando cada um livrar os seus próprios olhos de argueiros e trancas e varrer os detritos da sua própria porta, ambos os partidos se entenderão com facilidade.

3. Tais desentendimentos, grandes e pequenos, entre os povos e igualmente isoladamente, são sempre consequência do não-cumprimento do Meu Verbo. Ninguém deve dizer ao próximo: Vem cá, para eu poder tirar a trave do teu olho! e o vizinho responde: Que te interessa a minha trave se descubro no teu, um argueiro inteiro? Limpa primeiro o teu, para poderes ajudar-me a limpar o meu.

4. Tais contendas sempre houve e haverá, enquanto os homens não aceitarem realmente a Minha pura Doutrina. Mas o caso da América não durará por muito tempo. Na América do Sul, onde a Babel é representada da pior maneira que em qualquer parte do mundo, surgirá um grande julgamento. **A Babel tem que se transformar em uma nova Jerusalém**, e os suínos dos gadarenos pagãos, encontrarão o seu extermínio na tumba da sua treva.

5. Creio ter feito grande revelação para esta época e quem for capaz de calcular pelos dedos, reconhecerá o porquê das situações. Não deves perguntar pelo ano, dia e hora, porque já está diante de todos, sendo obrigados a provar o breve fim da noite, quando no horizonte se avistam as nuvenzinhas iluminadas pelo Sol.

6. Os homens dotados de qualquer poder deveriam experimentar proibir e impedir o surgimento, crescimento e o florescer dos vegetais na primavera, ordenar ao vento e prescrever o caminho ao raio, para se convencerem quão enorme é a sua impotência devido à sua ignorância. O que digo e quero, acontecerá tão certo quanto o Sol terá que surgir pela manhã e pôr-se à noite. Não preciso estender-me, conquanto veja dentro de ti uma pergunta referente à França, com relação à actual irradiação da Luz geral. Digo-te apenas: A sua atitude dificilmente poderá ser contra a Minha Vontade.

30. A ORDEM DA EVOLUÇÃO.

1. Que a França se apresente pro forma como protectora de Babilónia, enquanto no íntimo é adversária da mesma, é bem justo. Com isso detém outros estados e regentes a colaborarem com o seu poderio unificado no sentido de que a antiga treva suba ao trono elevado, para subjugar ainda mais os povos. Pouco se nota entre os antigos regentes de uma boa e livre vontade em benefício das multidões; tudo que fazem é motivado pelas circunstâncias. Se fosse possível livrarem-se por qualquer recurso favorável, não hesitariam a mudar de encenações, e as criaturas seriam obrigadas a dançarem segundo a antiga moda da inquisição.

2. Destruir, de um só golpe, todas as situações actuais pendentes entre boas e más, seria o mesmo que devastar países e povos. Por isso, tudo neste mundo tem que ter o seu tempo. Enquanto o vinho novo, ainda não estiver inteiramente fermentado, expulsando as impurezas, não será vinho aromático.

3. Quem quiser construir uma casa nova e boa, não deve arrasar a antiga enquanto a outra não estiver inteiramente pronta; pois se assim fizesse, onde moraria e quem o protegeria contra as intempéries durante a construção da nova? É mais prudente usar-se uma veste velha e remendada até que a nova esteja pronta, para não andar desnudo. Deste modo, uma coisa tem que surgir da outra, dentro da Minha Ordem, caso deva ter durabilidade e consistência.

4. Quando na Terra passei a Minha Doutrina aos homens, o paganismo estendia-se em todas as formas sobre o orbe, e o Verbo era apenas uma Estrela matutina na grande treva pagã. A Estrela da Manhã facilmente foi tão encoberta pelas nuvens pesadas dos pagãos que os homens só podiam localizá-la com dificuldade. Uns diziam: Ei-la! outros: Lá está ela! E acontecia tomarem outras estrelas pela Estrela da Manhã e a honravam. Foi portanto fácil ao paganismo poderoso, incluí-la a si, e quando inquirido pelo povo, apresentá-la como a genuína.

5. **A Estrela da Manhã encoberta e deturpada também operava milagres**, em nome de Zeus como sendo o Meu Nome, o povo ficava satisfeito e o antigo paganismo continuava com poucas modificações. A Minha Doutrina também se manteve incólume e pura entre poucos, não obstante todas as perseguições. A boa semente que caía em bom solo, deitou raízes boas e fortes, produziu bom frutos, se bem que secretamente e despercebidamente da prostituta de Babel.

6. Da Estrela se fez um Sol que surge em todo o esplendor, e as nuvens do paganismo não o encobrirão de tal forma, a levar um míope a considerar o dia, noite. A Luz do Meu Reino tornou-se poderosa e jamais será afastada pela noite pagã. Eis o que acabo de vos demonstrar.

7. **Assim termino com a advertência amorosa aos Meus amigos, de não só lerem esta Revelação, mas tomá-la a sério e acreditar ter sido Eu a dar-lhes esta Luz, para consolo dos seus corações e esclarecimento do seu intelecto psíquico, nada mais pedindo que o vosso puro amor e fé viva.** Quem puder fazer algo especial a este servo sempre pobre e já idoso, por amor a Mim, receberá recompensa em breve. Amém. Isto digo Eu, o Senhor da Vida e da Verdade. Prossigamos na leitura do Evangelho. Em Genezareth ficaremos mais meio dia, para depois peregrinarmos pelas dez cidades.

31. AS DÚVIDAS DOS SEGUIDORES DO SENHOR.

1. Como fora mencionado, fiquei desde manhã até uma hora após meio-dia em Genezareth. Abençoei especialmente os amigos presentes, Marcus, Kisjonah e Maria que se havia dirigido a Kis, em companhia deste e de Philopoldo, onde ficou algum tempo para depois voltar a Nazaré. Lá relatou aos irmãos tudo que ouviu e assistiu acerca da Minha Missão com o que se admiraram muito, inclusive outros conhecidos e amigos de José, de Maria e dos três irmãos, carpinteiros e zeladores da casa.

2. Quanto à sua fé em Mim, vários davam de ombros, dizendo: “Ele faz realmente coisas grandiosas e a Sua Doutrina é perfeitamente pura e boa. Caso se manifestar contrário aos templários de Jerusalém, sucumbirá, pois as intenções contra Jesus e os Seus adeptos são as piores possíveis. Entre os pagãos conta muitos amigos fiéis e crentes. Entre os judeus, poucos, que O consideram profeta, todavia não aceitam ser Ele Filho de Deus, conquanto se cumpra Nele o que os profetas anunciaram.

3. Caso se repetir com Ele o que houve com João Baptista, os poucos judeus Lhe virarão as costas para voltarem ao Templo e perseguirem os Seus adeptos. Até então Ele manteve-Se forte contra os perseguidores, e esperamos poder finalizar a obra iniciada com ajuda da Sua Natureza divina. Mas o mundo é falso e mau, os seus filhos são maus e ignorantes, nada entendendo daquilo que os profetas revelaram, e tudo leva a crer que a maldade dos fariseus acabe com o justo zelo do nosso Irmão.” Com este parecer muitos concordam, com exceção de Maria e alguns amigos.

4. Finalmente, um opina: “Se Ele o quiser e permitir, é possível os maldosos porem as mãos sobre Ele, mas não em benefício deles, senão para seu extermínio, conforme se lê em todos os profetas. Por isso nos preocupamos inutilmente, pois Ele sabe melhor o que fazer em benefício real das criaturas. Em todas as circunstâncias havemos de crer e confiar Nele como Filho de Deus.”

5. Com isto, todos concordam e continuam a falar acerca da Minha Pessoa, levando muitos em Nazaré a crerem mais positivamente, **pois os Meus próprios irmãos não Me consideravam Aquele que deveriam esperar**, razão porque não visitava tão a miúde essa cidade e respondera à sua pergunta de onde o filho de José havia recebido tal sabedoria e poder: Um profeta em parte alguma vale tão pouco quanto na sua pátria. Com

isto prossegui viagem e não mais voltei para Nazaré. Após a conversa tida com Maria, a fé se firmou mais e muitos começaram a louvar-Me como Messias e Filho de David.

32. A ORAÇÃO DO SENHOR.

1. Acompanhado dos discípulos, Ebahl, Yarah e os três romanos, dirigi-Me às dez cidades, ou melhor, sessenta cidades que se espalhavam no Vale do Jordão e nas colinas e montanhas circunjacentes. Ao atingirmos considerável colina fora de Genezareth, viro-Me para os companheiros e digo: “Até então Me acompanhastes, levados por puro amor, sabendo e crendo Quem vos falava. Permanecei neste Meu Amor, que também ficarei convosco, e tudo que pedirdes ao Pai em Mim, ser-vos-á dado. Não peçais coisas do mundo, senão os tesouros eternos do Reino de Deus. Tudo o resto, indispensável à subsistência ser-vos-á dado automaticamente.”

2. Diz o capitão: “Senhor e Mestre, como pedirmos dentro do Teu Agrado, pois o homem pode ser atingido por necessidades várias, querendo dirigir-se unicamente a Ti. Como deve fazê-lo?”

3. Respondo: “Em todas as aflições e misérias, pedi com palavras simples, no coração, que não tereis pedido em vão. **Poucas palavras sem ritual algum, mas silenciosamente, devem ser dirigidas a Mim da seguinte forma:**

4. **Nosso querido Pai, que habitas no Céu. O Teu Nome seja eternamente louvado! O Teu reino da Vida, da Luz e da Verdade venha a nós e fique connosco. A Tua Vontade santa e justa se faça entre nós, na Terra e nos Teus Céus, entre os Teus anjos perfeitos. Dá-nos o pão de cada dia. Perdoa os nossos pecados e fraquezas, como também os perdoaremos aos que nos prejudicaram. Não permitas que venham tentações sobre nós, às quais não resistiríamos e liberta-nos de todo o mal em que a criatura poderá cair, em consequência das tentações do mundo e do seu espírito maldoso. Teu é todo o Poder, toda a Força e Glória, e todos os Céus são plenos dos mesmos, de Eternidades em Eternidades!**

5. Deste modo, todos devem pedir no coração, que tal pedido será atendido se for desejo verdadeiro do coração, e não puramente uma prece dos lábios. Deus é Espírito puríssimo, portanto deve ser adorado em Espírito e Verdade rigorosa. Se o compreendeste, age de acordo que viverás como todos que assim fizerem.”

6. Todos Me agradecem e Eu os abençoo novamente, despeço Raphael que qual poderoso raio desaparece no Espaço. Os romanos assustam-se e continuam a olhar para o Céu se porventura ainda vêem o anjo. Em seguida despeço os acompanhantes e prossigo com os apóstolos pela colina que dava início a uma cordilheira fértil, e dentro de algumas horas chegamos a uma cidade pequena e antiga, cujos habitantes consistem na maior parte de gregos e romanos. Alguns judeus, completamente degenerados, ali vicejam entre os pagãos, em um albergue que lhes servia também de sinagoga.

33. O SENHOR EM PELLA.

1. Ao pararmos no albergue, o dono aparece pedindo desculpas por não nos poder receber. O local é pequeno e além disso, ele não está em condições de nos servir alimentos. No centro da cidade acha-se uma tavalagem grega onde poderíamos ser acolhidos.

2. Respondo: “Isto sabia muito antes de teres nascido. Vim aqui não por causa dos pagãos, mas pelos judeus. Caso estes não Me queiram receber de maneira alguma, saberei o que fazer. Mostra-nos a sala.” Admirado, ele diz: “Amigo, quem és, para me falares desta forma?”

3. Retruco: “Se soubesses Quem sou, dirias: Senhor, tenho um filho aleijado, no qual muitos médicos experimentaram a sua ciência, levando-me à pobreza, enquanto ele sofre cada vez mais. Ajuda-o, pois tudo Te é possível. Como o ignoras, acabo de dizer-te.” A estas palavras, o taverneiro pensa: Como pode este forasteiro saber do meu filho e que o seu padecimento aumenta dia a dia? Virando-se para Mim, diz: “Senhor, já percebi não seres homem comum. Caso te for possível curar o meu filho, tudo farei para demonstrar a minha gratidão.”

4. Digo Eu: “Leva-Me junto dele, que melhorará.” Dentro do recinto encontra-se o rapaz enfermo, rodeado pelos familiares que pediam a Deus para libertá-lo da sua moléstia. O taverneiro então diz: “Deixai de chorar. Eis um médico estrangeiro que socorrerá o nosso filho, pois creio nele.”

5. Dizem a mãe e a irmã: “Se assim é, Deus atendeu às nossas orações.” Acrescento: “Sim, Ele as atendeu e Eu exclamo, pelo Seu próprio Poder e Força: Quero, Meu jovem, que sares e não peques mais. As tuas fraquezas secretas foram o motivo do teu sofrimento.”

6. No mesmo instante ele é curado e quer deixar o leito, pedindo alimento. Assim foi, e o taverneiro e o seu filho não sabem como agradecer e Me adorar. Por isso digo: “Não percais tempo à procura de palavras de gratidão. Considero apenas o coração e sei o que nele se passa. Agora mostra-Me o teu albergue e sinagoga.” Ele nos leva aos recintos da taboagem que finalmente serve para todos.

34. O SENHOR NA ESCOLA DE PELLA.

1. Em seguida, fomos à sinagoga na qual algumas crianças judias eram ensinadas por um velho rabi. Dirijo-Me a ele, dizendo: “Desta forma farás destes pequeninos, pagãos em vez de judeus. Se pouco entendes da Escritura, como podem eles aprender contigo? Deixa o ensino e faz outra coisa, para ceder o teu lugar a um competente.”

2. Irritado, ele responde: “Fui nomeado pela Comunidade que está satisfeita comigo, e nada tens a ver com o meu ensino. Vivemos entre pagãos, e tenho de conhecer ao lado das nossas Escrituras, os seus costumes e hábitos no mundo ao qual temos que servir ao lado de Deus, que não mais faz chover maná dos Céus.”

3. Aparteio: “Como os judeus semelhantes a ti, se esqueceram cada vez mais de Deus e começaram a servir ao mundo, quando Jehovah mandou o maná dos Céus, Ele permitiu que caíssem no servilismo, ganhando o escasso pão com o próprio suor. Eles se tornando mais infieis que os pagãos, Deus lhes tirará a pouca Luz que têm, para dá-la aos gentios. Como podes ser rabi do Agrado de Deus, se hoje ensinas crianças judias ao modo dos pais, e amanhã aceitas pagãos passando-lhes noções pagãs, deixando-te pagar por isso?”

4. Responde o rabi que começa a Me tomar por pequeno profeta, porque o repreendo por certas coisas que, a seu ver, um homem comum não podia saber: “Que Deus me dê o bastante para não precisar do pagamento dos pagãos, que eu deixarei imediatamente aquele serviço.”

5. Digo Eu: “Há dez anos atrás eras judeu bastante rico em Efrém, nada te faltando. Por que, já naquela época davas preferência aos pagãos? Por teres feito aquilo sem necessidade, Deus permitiu a tua queda e proporcionou-te o ofício de professor pagão. Além disso, há alguns anos te tornaste rabi, o que foi obra dos pagãos amigos e não dos judeus pobres, que demitiram o antigo rabi.

6. Isto não pode continuar. Torna-te judeu na íntegra, como eras, do contrário serás expulso para dar lugar a um mais indicado. Eu vim aqui para varrer esta cidade a fim de que, se em cinquenta anos a cega Jerusalém for arrasada pelos romanos, se torne para todos os Meus, um refúgio seguro. Considera o que digo, pois tenho o Poder para tanto.”

7. O rabi pretende retrucar, mas o taverneiro chama-o de lado e relata o que fiz ao seu filho. Então ele dispensa os alunos, visita o jovem que foi curado, para em seguida percorrer todas as casas conhecidas e contar o facto; em breve muitos se dirigem ao albergue a fim de se convencerem da realidade.

35. A CEIA NO ALBERGUE.

1. Quando avistam o filho do taverneiro anteriormente tão enfermo, os pagãos se enchem de pavor, ao ponto de não se atreverem a perguntar por Mim. Um militar romano chega até mesmo a ponderar: “Devem ocultar-se neste médico e nos seus ajudantes, seres sobrenaturais, pois aos homens tal coisa não é possível.” Retornando aos lares sem Me terem visto, o hospedeiro diz-Me: “Grande Senhor e Mestre, como seria bom se tivesse o necessário para vos suprir. Não tenho vinho, mas mandarei apanhar algum no albergue grego. Se vos satisfizerdes com pão e carneiro defumado, ficaria muito contente. Para amanhã tratarei do resto.”

2. Digo Eu: “Amigo, não viemos aqui para comer e beber, e nos satisfaremos com qualquer coisa. Quanto ao vinho, não te apoquentes; podes ir à adega onde encontrarás os odres cheios. Quem pôde curar o teu filho, também saberá encher os odres de vinho. Vai com os teus filhos buscar vários cântaros cheios.”

3. Assim fazem admiradíssimos, conquanto não duvidem do Meu Poder, após a cura do moço. Novamente lhes digo, considerar Eu apenas o coração das criaturas. A mulher do hospedeiro obtempera: “Este homem deve ser grande profeta, talvez Elias que deveria voltar. Por isso temos que tratá-lo com muita veneração e respeito.”

4. O marido responde: “Cuida da mesa. Não vem ao caso se é Elias, algo maior ou talvez o Próprio Messias. Cabe-nos satisfazer os hóspedes.” Não demora a ceia ser trazida à sala, onde várias lâmpadas enfeitam as mesas. Jantamos com alegria, e os apóstolos falam sobre a História dos israelitas, desde o início da sua chegada a

este país, as guerras contra os moabitas e filisteus. O taverneiro, por sua vez, conta o surgir da antiga cidade de Pella. Quando ele Me oferece um leito, agradeço, pois havíamos de ficar à mesa para descansar.

36. O SENHOR E O CAPITÃO ROMANO.

1. De manhã cedo, todo o pessoal está de pé para o preparo do desjejum. Levantamo-nos e fomos à frente da casa para apreciarmos a bela paisagem do Vale do Jordão e a cordilheira. Ao entrarmos, a hospedaria estava bloqueada por muitos pagãos, inclusive o referido capitão e o rabi. Vêm em busca de detalhes da cura do moço, sendo informados de tudo. O romano, finalmente, conjectura: “Um homem capaz de realizar tal coisa sem recursos materiais, é um deus. Já assisti a muitos milagres, mas sempre pude descobrir a maneira pela qual eram feitos. Quem seria capaz de encontrar vestígios desta cura?”

2. Alguns então opinam ter Eu muitos acompanhantes, facto semelhante nos magos, e não sabiam a razão disso. O romano não se deixa perturbar e diz: “Os Seus amigos por certo não seriam capazes de aumentar a Sua Palavra e Vontade, pois nesta cura nada se consegue por meio de combinação e entendimento secreto. Todos nós poderíamos dirigir a nossa vontade no sentido de curarmos a minha filha atacada de moléstia incurável, sem algo alcançarmos. Se ele o quisesse, ela ficaria imediatamente sã.”

3. Assim palestram diante da casa, enquanto Eu e os apóstolos estamos à mesa; pois voltáramos pelos fundos e os empregados e familiares receberam ordem de silêncio a Meu respeito. Quando terminamos, digo ao anfitrião: “Faz entrar o capitão, com os seus ajudantes, o velho rabi e o hospedeiro grego, pois quero falar-lhes.” Uma vez no recinto, o romano pergunta por Mim e o taverneiro aponta-Me dizendo: “Sempre hei-de curvar-me diante deste que ocupa a minha cadeira.”

4. Aduz o capitão: “Eu também, meu amigo.” Virando-se para Mim, prossegue: “Grande Mestre, um milagre inédito auferiste a toda esta família, dando-me a prova de seres realmente um deus. Concede-nos a Graça de dizer qual a situação da nossa crença. Estudei o politeísmo, os sábios do Egipto, da Grécia e de Roma. Mais tarde me aprofundei na doutrina judaica e os seus profetas, dificilmente compreendidos devido à sua linguagem mística. Falei

com homens da Europa, acerca de factos sobrenaturais e da sobrevivência da alma. Qual foi o resultado? Tudo, menos o que procurava, isto é, a Verdade convincente e compreensível. Existe a crença em um ou vários deuses, mas dispensa mencionar a confusão concernente à sobrevivência após a morte. O essencial é saber onde está a Verdade.

5. Observando as nossas leis de Estado, de modo geral as mais úteis para todos os povos, parece-me que o politeísmo, se bem que bastante deturpado, merece a maior consideração. A religião judaica de um só deus, dá impressão de se aproximar mais da grande Verdade, conquanto seja ainda mais anarquizada que a nossa. Basta observar as traficâncias inescrupulosas dos fariseus em Jerusalém, para se concluir serem eles muito mais ignorantes e maldosos que nossos sacerdotes. Certamente poderás esclarecer-me com algumas palavras.”

6. Digo Eu: “Meu amigo Pellagius, capitão de Pella, Abila, Golan e Aphek, vim expressamente por tua causa, sabendo que procuras a Verdade há quase trinta anos, sem encontrá-la. Foi este o motivo porque vim, como a Eterna Verdade, de sorte que a encontres e a Minha Luz te iluminará de tal forma, a te tornares um farol para muitos. Mas, a tua filha Verónica, está enferma; se tiveres fé e o quiseres, ela melhorará.”

7. Sumamente comovido, o capitão responde: “Sim, Senhor e Mestre, creio como talvez poucos em toda a Judeia e desejo a saúde de Verónica, mais que a minha vida. Todavia não mereço que entres em minha casa, pois a minha alma me diz, seres um deus ao qual tudo é possível. Acredito, portanto, na cura da minha filha, caso manifestes a Tua Vontade.” Digo Eu: “Fé idêntica ainda não vi no povo de Israel. Que se faça segundo a tua convicção da Minha Pessoa. Manda trazer a tua filha para que se fortifique com este pão e vinho!”

37. VERÓNICA AGRADECE AO SENHOR.

1. Contentíssimo, o romano manda um empregado buscar a moça que, não obstante deitada, sente-se perfeitamente sã e sem mais delongas deseja levantar-se. A sua mãe a impede, julgando ser este fenómeno a última sensação de vida, à qual certamente se daria o desenlace.

2. O empregado conta-lhe a cura instantânea do filho do hospedeiro, e que o mesmo médico sensacional teria pronunciado a Sua Vontade a pedido do capitão, efectuando-se o milagre. Deveria a genitora acreditar simplesmente e deixar a moça levantar-se porque o médico a esperava na casa do hospedeiro, onde ela teria que tomar o necessário alimento. Verónica veste-se, rapidamente, e com especial cuidado. Queria apresentar-se a Mim como se Eu fora um rei, ao qual pretende oferecer uma taça de ouro. Nem bem entra no recinto, pergunta: “Onde está o meu Salvador, Deus e Senhor?”

3. Respondo: “Sou Eu! Vem fortalecer o teu coração com este pão e vinho que mandei trazer dos Céus.” Contrita, ela ajoelha-se e diz: “Meu bom Salvador, como poderia eu, pagã pecaminosa, agradecer-Te por esta Graça imerecida?”

4. Respondo: “Senta-te junto de Mim, come e bebe, para dar forças ao teu coração e à tua alma. Em seguida falaremos com carinho celeste, da gratidão unicamente agradável a Mim.” Com expressão belíssima, Verónica posta a taça de ouro à Minha frente, dizendo: “Senhor de todos os senhores, Rei de todos os reis, Deus de todos os deuses, não rejeites esta jóia. Sinto em minha alma, não estar à altura da Tua Dignidade; considera, ser ela ofertada por um coração amoroso e curado por Ti.”

5. Digo Eu: “Aceito o que Me é ofertado por tal coração e tomarei o vinho desta taça, mas também podes usar o Meu copo para beber.” Servindo-se deste modo, ela diz: “Este vale muito mais que muitos reinos e sinto não somente ter tomado o vinho para o corpo, mas também a força da Vida eterna para a minha alma. Oh, tomai todos vós, deste copo, se ainda duvidais da Vida eterna da vossa alma, a fim de vos fortificardes para tanto.”

6. Ela enche o copo e o oferece ao pai que o esvazia, o beija e o devolve à filha, agradecendo a Mim. Sentindo o efeito maravilhoso, ele convida a esposa, os seus ajudantes e o hospedeiro pagão, a tomarem o vinho. Imediatamente, este vira-se para o colega judeu, dizendo: “Onde o compraste? Nunca tomei coisa semelhante. Para hóspedes especiais tenho bom vinho na adega, e por várias vezes te servi em caso de necessidade. Diz-me, onde descobriste esta qualidade de vinho?”

7. Responde o taverneiro judeu: “Será difícil, amigo; pois tal vinho não nasce nesta Terra. Não ouviste o que disse o grande Salvador à filha do nosso capitão? Veio do Céu, de Deus, não do vosso deus de fantasia, Bacus, mas do Verdadeiro e Único Deus,

cujo Emissário deve ser este Salvador. Se quiseres maiores esclarecimentos, dirige-te ao Mestre, pois sou ignorante e nada disso entendo.” O hospedeiro grego se cala.

38. O RABI É ADVERTIDO PELO SENHOR.

1. O velho rabi, que ainda não se atrevera a provar o vinho, pede-me licença para tal. Respondo: “És mais pagão que todos os outros, sem considerares ser impossível servir-se a dois senhores, adversários entre si, que obrigam a fazer tudo que ambos exigem. Por acaso seria possível servir-se a Deus e ao dinheiro, a um só tempo? Ainda assim, fazes isto há muito tempo. Transforma o teu coração e toma o vinho da Verdade para que a tua alma se ilumine.”

2. O rabi serve-se de uma taça cheia e desata em grande louvor sobre o seu especial aroma e o Meu Poder. Em seguida exclama: “És realmente Aquele que todos os judeus e pagãos esperam de há muito. Salve, Filho de David, e salve também a todos os homens desta Terra!”

3. Acrescento: “O teu discurso foi bom. Mas se repetires um brado aos deuses de Roma, a morte não estará longe de ti! É bom e justo ser amigo de todas as criaturas, judeus ou pagãos, pois tal é a Minha Vontade porquanto irradio o Meu Sol sobre todas as raças. Positivar quem se acha em erro e deixá-lo minguar em sua ignorância, em vez de o conduzir ao Caminho da Luz Original, é pior que a atitude do ladrão e assaltante. Lembra-te disso, velho professor, que costumavas ensinar aos judeus o Deus de Abraão, Isaac e Jacob, para em seguida O reduzires na escola dos pagãos. Sê judeu perfeito, ou torna-te pagão, caso encontres no paganismo maior conforto para a tua alma vacilante.”

4. Diz ele: “Senhor, sê Misericordioso para com este pecador e perdoa-me os muitos pecados.” Respondo: “De Minha parte te são perdoados. Trata que também as criaturas te perdoem, pois muito prejudicaste as suas almas por causa do teu egoísmo.”

5. Vira-se o capitão para Mim: “Senhor, repararei o mal para ele, que compreenderá o que fazer para o futuro. Penso, não necessitarmos de professor pagão. Não faz diferença se os nossos filhos forem ensinados por professores pagãos ou judeus, e o rabi poderá prosseguir no ensino primário. Quanto à religião, cuidarei que o antigo paganismo seja transformado em monoteísmo. Agora

peço-Te, Mestre Divino e Senhor, nos demonstres o Caminho que os pagãos devem trilhar, pois ainda nos encontramos em plena treva.”

6. Comecei a doutrinar a respeito do Reino de Deus na Terra como costumava fazer, levando sete horas para tanto, e todos acreditavam em Mim, inclusive os que estavam fora de casa, pois ouviam as palavras pelas janelas abertas. Ao terminar, também aqueles participam do almoço.

39. OS HABITANTES DE PELLA SÃO DOUTRINADOS.

1. Em seguida, encetei um passeio pela cidade, em companhia do capitão, curei muitos enfermos e grande multidão Me acompanhava. Entrementes, os apóstolos ensinavam os judeus no albergue. À noite voltei para lá, percebendo que os judeus ainda não compreendiam porque vim ao mundo com tão grande simplicidade. O grande Rei David havia dito: Levantai, ó portas, as vossas cabeças, para que entre o Rei da Glória! Quem é Este Rei da Glória? É o Senhor, Jehovah Zebaoth!

2. Eles, os judeus de Pella, nada sabiam que à Minha Chegada alguma porta tivesse sido dilatada. Os Meus Ensinos e Milagres combinavam com aquilo que Isaías e Ezequiel haviam predito do Messias. A Minha Apresentação entre os humanos não estava de acordo, por isso os apóstolos têm dificuldades na doutrinação. Quando entro, acompanhado dos que Me seguiram pela cidade, os judeus se calam para descobrir algo especial na Minha Pessoa.

3. Então lhes digo: “A Paz seja convosco! O que procurais em Mim, não se apresenta com pompa externa, pois se encontra dentro da criatura. Deveriam os judeus abrir as portas dos seus corações com a Minha Chegada e elevar as portas das suas almas. Mas de há muito desconsideram o convite de David. Por isso caíram na prisão babilónica, tornando-se escravos de pagãos, e de tal escravidão não serão libertos, caso não mudem de índole. Eis os pagãos. Dilataram os portais do coração e elevaram as portas da sua alma, acima das estrelas. Por tal motivo, a Luz será tirada dos judeus e entregue aos outros.”

4. Estas palavras aborrecem alguns judeus, enquanto os pagãos exultam com grande alegria. Diz em seguida o capitão aos judeus: “Por que permaneceis aqui analisando os Feitos do Senhor? Voltai aos vossos recintos escuros e não ocupeis a sala pequena.” A

tal mando, os judeus incrédulos vão à frente da casa, enquanto os outros desejam falar com os apóstolos.

5. Intervenho, dizendo: “Já ouvistes a plena Verdade por parte dos Meus discípulos, e não existe outra. Crede e agi conforme ensinaram, que sereis iluminados mais intensamente, em coração e alma. Procurai saber entre os pagãos quantos foram curados hoje à tarde, a fim de que fôsseis iluminados através deles, e não inversamente. Se bem que a Luz surgiu dos judeus, foram os pagãos que A perceberam antes. Assim, a Luz ficará com eles, caso A queiram. Deixai-vos, portanto, esclarecer pelos pagãos.”

6. Imediatamente vão à procura dos pagãos entusiasmados com a Doutrina, louvando o Deus de Abraão, Isaac e Jacob, e deste modo, a maioria se converte e segue para os seus lares onde comenta tudo, começando a compreender os salmos de David. Entrementes, tomamos a ceia lembrando os acontecimentos da tarde.

40. O SENHOR E O CAPITÃO OBSERVAM A AURORA.

1. Após a refeição, o capitão, a esposa e filha agradecem-Me por tudo que lhes havia proporcionado. Digo-lhes, então: “A vossa fé vos ajudou, inclusive o amor a Mim e Àquele que habita em Mim, e que ireis conhecer melhor quando o Meu Espírito da Verdade Eterna e Sabedoria plena for espargido sobre vós. Agora ide para casa e descansai até de manhã; mais tarde teremos oportunidade de abordar vários assuntos.”

2. Todos seguem aos seus lares, comentando ainda durante horas tudo que havia ocorrido. O velho rabi e o hospedeiro grego ficaram em nossa companhia até perto de meia-noite, especialmente ventilando a incredulidade dos judeus que deveriam estar mais próximos da Verdade.

3. No final, o rabi diz: “Confirma-se o dito dos profetas: Será oculto aos intelectuais e compreensivos, mas revelado às criaturas simples. Os antigos filhos da Luz sempre se achavam supridos do Pão da Luz Celeste e não precisavam passar fome. Precisamente este motivo fez com que esquecessem o seu valor sublime, interessando-se pelo alimento abjecto do mundo, como até mesmo eu fiz.

4. Os pagãos ávidos de conhecimento o perceberam e se apoderaram do farto alimento espiritual; com muito zelo leram os nossos livros, tornando-se muito mais fortes que nós por terem

aceito o Senhor. Mas Ele será também por nós reconhecido.” Ambos os taverneiros dão razão ao rabi e se entregam ao sono. Eu e os apóstolos ficamos à mesa até de manhã.

5. De madrugada levanto-Me e Me dirijo sozinho ao lado oposto da cidade. Somente um empregado do capitão Me viu passeando pelas ruas e avisou prontamente o patrão. Este veste-se ligeiro e Me descobre no cima de uma colina. Com respeito junta-se a Mim, perguntando qual teria sido o motivo da Minha Vinda sem acompanhamento.

6. Respondo: “Espera com paciência, que saberás a razão. Quando o Sol subir no horizonte, dar-te-ei explicação.” Acomodamo-nos num bloco de basalto do qual se podia observar as cenas matinais. Nuvenzinhas com friso dourado flutuam sobre o horizonte que, de nosso ponto de vista, não apresenta consideráveis elevações. Isso aumenta a beleza da aurora porque o Sol surge como de um abismo de cor sanguínea e começa a colorir a Leste os cumes da cordilheira, levando o capitão ao êxtase. A seguir pergunta como podia Eu, a Quem todas as maravilhas dos Céus estavam ao dispor, encantar-Me com as belezas terrenas.

7. Respondo: “Amigo, se o Próprio Mestre não Se alegrar com as Suas Obras, quem deveria fazê-lo? Pensas que Ele as tivesse criado caso não as tivesse visto em Espírito, proporcionando-Lhe grande alegria? Certamente compreenderás agora o motivo do Meu Agrado.” Diz ele: “Senhor e Mestre, meditando sobre a Tua Resposta, admiro-me da minha própria ignorância, pois sei positivamente com Quem tenho a imensa Graça de falar.”

8. Concluo: “Não te preocupes. Tudo neste mundo foi por Mim organizado de tal forma que o raiar do dia, o desenvolvimento da flora, fauna e finalmente, do homem, tudo enfim, tem que surgir paulatinamente. Saberás, portanto, porque nem tudo te pode ser claro, o que posteriormente se fará quando o Meu Espírito Se espargir dentro de ti. Então compreenderás tudo aquilo que hoje se apresenta enigmático. Vamos analisar a aurora.”

41. OS APÓSTOLOS À PROCURA DO SENHOR.

1. Então explico as diversas manifestações da aurora, e o capitão não se contém de satisfeito, porque ainda alimentava certo misticismo da adolescência. Entrementes, os apóstolos deram pela Minha falta, afligindo-se junto ao hospedeiro. Pedro, finalmente,

diz: “Já sabeis que Ele Se levanta cedo e costuma passar a aurora ao ar livre. Em tempo oportuno, voltará e não precisamos temer algo por Ele.”

2. Conjectura Jacob: “Tens razão. Ninguém melhor do que eu sabe – pois sempre estive ao lado Dele – que às vezes Ele se oculta para depois alegrar-Se quando os Seus amados O encontram. Vamos procurá-Lo imediatamente.” Judas Iscariotes pretende fazer oposição, mas João o interrompe com rigor: “Foste, és e serás um discípulo que nem uma fagulha de Verdade assimilou. Julgas-te inteligente, entretanto mentes a ti e aos outros. É melhor que silencies, deixando falar os que sabem expressar-se segundo o Seu Espírito.”

3. Ele cala-se e sai de casa, encontrando alguns judeus que perguntam se ali estou. Judas responde: “Ide à Sua procura, vós mesmos. Não recebi ordens para falar a respeito Dele.” E assim continua Iscariotes o seu passeio pela cidade cujas casas eram feitas de basalto negro, por não haver madeira.

4. Os apóstolos concordam com Jacob (*Tiago*) em irem à Minha procura. Nisto chega um outro empregado do capitão, a mando de Verónica, para saber se o seu pai se encontra connosco. Eis que Jacob (*Tiago*) exclama: “Agora sei o que se passa! O capitão saiu cedo e certamente encontrou o Senhor. Qualquer outro servo saberá informar-nos.”

5. Todos se dirigem à casa do romano, onde falam ao empregado que os informa da direcção tomada por Mim. Ligeiros se encaminham para a direcção indicada, mas como estivéssemos sentados em um bloco cuja parede nos oculta, não conseguimos descobrir-nos. Por isso sobem a uma colina mais elevada e radiantes deparam Comigo e o capitão. Somente Simão Judá se aproxima, dizendo: “Mas, Senhor e Mestre, como estivemos aflitos e tristes por ignorarmos o Teu paradeiro. Se ao menos tivesses dado um aviso, ter-Te-íamos acompanhado. Pedimos não o repitas nesta zona tão estranha. Se a Tua Sabedoria quiser que vás Sozinho a qualquer local, basta dizeres-nos que ficaremos sem relutância. Amamos-Te acima de tudo e nos afligimos com a Tua Ausência.”

6. Respondo: “Assim teria feito, caso ignorasse que Me haveríeis de achar. Além do mais, nenhum de vós levou prejuízo por Eu ter fortificado o vosso amor para Comigo. Tive que tratar a sós com este amigo, por isso aqui vim.

7. Esta cidade e os seus arrabaldes servirão para refúgio aos que na época da grande humilhação crerem em Mim, e é preciso fundar uma comunidade em Meu Nome por intermédio deste amigo. Eis o motivo da de Minha Permanência com o capitão. Se a Minha Ausência de alguns momentos vos afligiu tanto, que fareis quando vos deixar fisicamente, por tempo prolongado?"

8. Responde Simão Judá, por todos: "Senhor e Mestre, já sabemos o sentido das Tuas Palavras. Se for preciso, segundo os Teus Desígnios, suportaremos a Tua Ausência na esperança que se cumprirá tudo que nos relataste. Saberás descobrir em nosso coração que nenhum de nós o deseja para breve. Que a Tua Vontade Se faça."

42. O CAPITÃO CONSOLA OS APÓSTOLOS.

1. Expressa-se o romano, o qual Eu havia preparado para os acontecimentos futuros em Jerusalém: "Amigos, também sei o que entristece os vossos corações. Sendo este o único meio para quebrar a antiga teimosia dos descrentes e fazê-los sentir a Verdade, não posso deixar de louvar cada vez mais o nosso Senhor e Mestre, em Deus. Isto só pode suportar o Amor mais elevado e puro de Deus para com as Suas criaturas, o que ao nosso sentir seria inteiramente impossível.

2. Além disso, Ele voltará junto de nós após três dias, para nos confortar com o Seu Espírito Poderoso, assim ficando com os Seus até ao Fim dos Tempos desta Terra. Julgo termos apenas motivo para nos alegrarmos. Os desvairados bem podem apossar-se do Corpo do Senhor e até mesmo matá-Lo, caso o permita para a melhoria dos ignorantes. Mas quem seria capaz de matar a Divindade Eterna e Poderosa, dentro de Seu Corpo? Ela vivificará o Mesmo, e no terceiro dia, Ele estará novamente entre nós para alegria de todos.

3. Se fosse possível eu alimentar a menor dúvida a respeito, dentro de algumas semanas faria marchar contra Jerusalém mais de cem mil guerreiros destemidos, e em pouco tempo não haveria uma pedra sobre a outra. O Senhor quer operar o maior Milagre na cidade atesta, de sorte que ainda há tempo para o aniquilamento total. Se os homens não se converterem com a maior prova, preferindo continuarem em seu egoísmo feroz, os romanos virão

para fazer-lhes uma prédica do reino do demónio e de todas as suas fúrias.

4. Então não mais se dirá: A Paz seja convosco! Mas: A morte venha sobre vós, porque não quisestes aceitar a época em que Deus, o Próprio Senhor, Se aproximou de vós. Por isso, sejamos alegres, pois tudo que Ele quer, faz e permite, é infinitamente bom. Podemos voltar a casa e tomar um bom desjejum, caso o permitas, Senhor.”

5. Respondo: “Certamente, pois os servos do nosso hospedeiro tudo fizeram para tal fim; a tua esposa e a tua filha participaram no preparo da refeição. Vamos dar uma pequena volta para não despertarmos a atenção dos moradores que nos seguiriam em massa.” Durante o caminho, os discípulos se admiram da inteligência do romano, e Simão Judá diz: “Isto foi-lhe dado pelo Senhor, de modo muito mais profuso que a nós, desde que O acompanhamos. Ele saberá o porquê.”

6. Digo Eu: “Por ter ele Me ofertado mais que vós, desde o nosso convívio. Quando após a Minha Transfiguração, o Meu Espírito preencher os vossos corações, sereis levados a toda a Sabedoria.” Os apóstolos se satisfazem com esta assertiva. As palavras do capitão lhes deram boa impressão que, com o tempo, foi perdendo o seu efeito. Entrementes chegamos à estalagem onde Judas falava com alguns judeus. Quando nos avista, entra depressa porque sentira o aroma da comida. Os judeus querem acompanhá-lo. O dono da casa, porém, diz-lhes: “Conheceis o espaço reduzido do meu albergue. Ficai no pátio, caso desejardes algo. Após o desjejum haverá tempo para externardes o vosso pedido.”

43. O ALMOÇO DE VERÓNICA.

1. Fomos ao refeitório onde a filha do capitão nos recebe, agradecendo pela Graça de poder ver-Me e servir-Me. Eu a elogio e ela Me serve vários peixes em baixela de ouro, pão branco e a taça cheia de vinho. Para os outros havia um vitelo assado. O romano, a sua esposa e filha servem-se de carne cozida com molho temperado. Todos estão satisfeitos, e Verónica pergunta se os peixes são saborosos.

2. Respondo: “Vê se deixei algo no prato. Todo o alimento Me é saboroso quando feito por amor. Preparaste estes peixes de melhor qualidade, do Mar Galileu, com o fogo do teu amor, razão porque os apreciei tanto. Aliás, não é preciso Eu tomar alimento para o Meu

Corpo, junto das criaturas; mas faço-o por amor a elas. Não podem dar-Me algo que não tivessem recebido de Mim; assim aceito tudo com todo amor e alegria como se o tivessem oferecido da sua própria posse.

3. O mesmo valor tem aquilo que fizeres a um necessitado, por amor a Mim, pois aceito-o como se fosse feito a Mim e Eu te recompensarei aqui e no Além. Guarda estas Minhas Palavras e aplica-as, que poderás contar sempre com o meu pleno Amor. Mas, tu mesma já apreciaste tais peixes; por que não preparaste alguns para ti?”

4. Responde Verónica, algo embaraçada: “Tê-lo-ia feito, mas só havia quatro no depósito que devem ter aparecido por milagre. O nosso servente havia dito não haver peixes em casa; como se fosse certificar, a meu pedido, encontrou os quatro, portanto é milagre verdadeiro.”

5. Digo Eu: “Verónica, Minha filha, em parte pode ter sido como pensas, pois são Minha Dádiva se bem que não milagrosa. O depósito de peixes é muito antigo e tem várias fendas onde tais peixes se escondem por muito tempo. Chega o dia em que aparecem, como aconteceu. O facto de se terem escondido até esta data, foi da Minha Vontade. Sendo apreciadora de tal qualidade, manda dar uma busca no depósito, e o resultado dará para todos.”

44. A GRANDE IMPORTÂNCIA DA DOCTRINA COM RELAÇÃO AOS FEITOS DO SENHOR.

1. Verónica, os seus pais e o empregado vão à fonte onde se acha o depósito alugado pelo capitão, e constatarem estar ele completamente cheio. Admirados, eles voltam e dizem: “Ó Senhor e Mestre desde Eternidades! Eis um milagre perfeito e nos convencemos que ninguém Te pode dar algo que não tivesse recebido por Ti. És o Doador de todas as Dádivas, por isso Te rendemos todo louvor, amor e gratidão.”

2. Digo Eu: “Está bem, está bem; não façais alarde, por causa dos outros.” Observa o capitão: “Senhor, jamais faremos algo contra a Tua Vontade; mas permite que mande carta secreta ao grande número de amigos em Roma, pois merecem saber tais maravilhas.”

3. Digo Eu: “Roma já foi considerada, e o teu amigo Agrícola e vários companheiros Me conhecem melhor que tu. Podes cuidar desta Comunidade sujeita a ti, que a Minha Recompensa não se fará

esperar. Não fales em demasia dos Meus Milagres extraordinários, senão da Minha Doutrina pela qual todos se destinam à Vida Eterna no Meu Reino. Somente pelos Milagres ninguém se torna feliz, e sim crendo em Mim e vivendo segundo o Meu Verbo.

4. Através dos Milagres pode a criatura ser levada a uma fé coagida, de pouca utilidade para a alma. Quem Me reconhecer pelas Minhas Palavras, crer e viver pela Doutrina, de livre e espontânea vontade, acha-se no Meu Reino, muito acima do coagido pelas provas. Guardai, vós todos, este ensinamento e não façais grande alarde a respeito delas. Onde o espírito da Verdade prevalece, facilmente fará reconhecer a Verdade das Minhas Palavras sem provas externas, e a própria Verdade libertará e afastará qualquer jugo.

5.A Minha Doutrina permanecerá eternamente. Todas as provas efectuadas e aquelas que ainda serão, conservar-se-ão como qualquer facto histórico que passa de boca em boca, e em épocas futuras pouca aceitação encontrarão. Da pura Verdade da Minha Doutrina perceberão igualmente, em tempos longínquos, Quem a deu aos homens. Fazei pouca ostentação das Minhas Acções, com excepção das do Meu Amor.” O efeito das Minhas Palavras é positivo nos romanos que apreciavam factos espectaculares, mas mudam de opinião.

45. OBJECÇÕES DO AJUDANTE DE ORDENS.

1. Um ajudante de ordens, bastante culto, diz após certa meditação: “Senhor e Mestre, aceito a Verdade do Teu Conselho sábio, no entanto vejo-me obrigado a uma objecção. Se na divulgação da Tua Doutrina e Acções apenas possíveis a Deus, não devemos fazer alarde, serás considerado simples professor do povo, como sempre houve em todos os povos sem que fossem deuses.

2. Tais professores certamente foram inspirados pelo Teu Espírito, mas não eram o Próprio Deus, portanto era fácil não serem os seus ensinamentos considerados como Palavras Divinas, servindo apenas como conselhos práticos na observação da Natureza.

3. O mineiro chegava a conhecer e trabalhar os metais; o lavrador preparava o campo para a sementeira; o jardineiro inoculava enxertos em hortas e vinhas. O pastor cuidava das suas manadas; iniciaram-se construções melhores e finalmente foram edificadas grandes cidades, aperfeiçoando-se também as vestes.

4. Sem tais vantagens, assemelhar-nos-íamos aos Skythios, que habitam em árvores, não têm linguagem, nem conhecimento de Deus. Entre eles certamente nunca surgiu sábio professor, pouca diferença fazendo dos animais ferozes. Mesmo se aparecesse um que levantasse axiomas de vida espiritual, - acaso seria como Tu, Deus, capaz de curar pela vontade, encher odres do melhor vinho e tanques de bons peixes?

5. Deveriam os homens não só receber a Tua Doutrina da máxima Sabedoria, mas saber não ser ela dita pela boca de um mortal. Deus aceitou a natureza humana provando por acções somente possíveis a Ele, Quem realmente é. Para tal fim, impossível ocultar-se as Tuas Acções milagrosas, mas deve-se juntá-las à Doutrina, mormente as principais. Se as gerações posteriores as considerarem apenas como lendas históricas, pouco prejuízo trará à Verdade.”

46. A IMPORTÂNCIA DA VERDADE.

1. Digo Eu: “Não precisavas proferir tantas palavras, pois sem elas também teria percebido a tua boa vontade e o teu raciocínio claro. Mas, foi bom por causa dos outros, porque te expressaste bem. De modo algum Eu disse que o divulgador da Minha Doutrina não deveria fazer menção das Minhas Acções, apenas não conviria fazer ostentação e além disso, mencionar de preferência as que operei por puro Amor como Médico e Salvador das criaturas em aflicção.

2. As acções que - se bem que igualmente efectuadas por amor - operei para levá-las mais rapidamente à Verdade, o que é necessário somente nesta época e não em tempos futuros nos quais o Meu Verbo fará milagres, não devem ser ostentadas. Isto faria com que os homens se tornassem mais ávidos pelos milagres do que pelo efeito real da Doutrina. São mais facilmente desviados da Verdade interna do que os que procuram tudo analisar e guardam apenas o bem e o real.

3. A todos que continuarem firmes e activos dentro da Doutrina, darei o poder de efectuar várias provas do puro amor, em Meu Nome. Será o Próprio Verbo a agir milagrosamente, factor muito mais útil do que o vosso relato dos milhares de milagres operados por Mim.

4. Caso recebais o dom do milagre, através do Espírito do Meu Verbo, preciso é que não vos excedais. Em tal hipótese traríeis

prejuízo à boa Causa. Toda e qualquer coacção não desperta o espírito na alma, e se o consegue, apenas o faz em parte. Somente a Verdade, livre e aceite sem coacção, de certo modo a Luz e a Vida de Meu Espírito de Amor na alma da criatura, pode conseguir isso. Por isso, **efectuai milagres o menos possível a criaturas sedentas de Verdade**, se não quiserdes fazer delas bonecos de fé, semi-mortas.

5. Tendo efectuado qualquer milagre perante homens entendidos em ciências, não esqueçais de demonstrar-lhes o motivo do sucesso, a fim de que a sua fé em Mim se torne viva. **O motivo sou sempre Eu, e sem Mim ninguém poderá realizar algo verdadeiro.**

6. A maneira pela qual se deva explicar tal assunto a pessoas inteligentes e de vontade forte, não deve preocupar-vos. Sendo preciso, tudo vos será depositado na boca. Aos que Me amam e cumprem os Meus Mandamentos, virei Pessoalmente no Espírito de toda Verdade para Me revelar. Ouvirão por Mim Mesmo, o que ensinei e fiz nesta época.

7. Se quisésseis anotar tudo, com todas as minúcias e circunstâncias, precisos seriam mais que mil escrituras durante cem anos. E se tudo fosse anotado em inúmeros livros, quem haveria de lê-los e, além disso, agir dentro da Doutrina que não conseguiria ler apenas superficialmente em vários séculos? Por aí deduzis porque não quero que façais alarde com os Milagres por Mim operados. A Verdade agirá por si só. Se o compreendestes, vamos lá fora que vos fortificarei para os acontecimentos de hoje." Todos se levantam e Me acompanham a uma colina próxima da cidade de Pella.

47. A POSSESSÃO.

1. Após chegarmos ao referido monte, do qual se avista parte do Mar da Galileia, as cidades Abila, Golan e Aphek, aponho as Mãos em todos auferindo-lhes o poder de curarem enfermos e expulsar maus espíritos, em Meu Nome. Terminado esta acto, o capitão diz: "Senhor e Mestre, já vi por diversas vezes, criaturas que se portavam completamente desvairadas. Havia épocas em que eram calmas e respondiam com bastante juízo, sem demonstrarem qualquer insanidade. De repente eram possuídas de uma força invisível, se contraíam enfurecidas e praguejavam contra pessoas até mesmo bondosas, contra deuses ou o Deus judaico, e quando se

procurava manietá-las, desatavam em uma gargalhada horrenda e quem se aproximasse, passava mal.

2. Na antiga cidade de Gadara conheci dois homens com os quais uma legião de soldados romanos nada teria conseguido. Mantinham-se nas velhas catacumbas e eram uma verdadeira praga aos viajantes e radicados. Quando presos e acorrentados, a fúria se apossando deles, tudo arrebetavam, e os soldados eram de tal forma tratados com pedras, que tinham de fugir depressa para não serem seriamente feridos. Se lhes atirassem flechas, eles se riam, porque nem o mais perito atirador podia atingi-los. Certamente eram possessos, Senhor? Quem eram e porque foi permitido que pessoas bondosas e às vezes até mesmo crianças inocentes fossem martirizadas?”

3. Respondo: “Disso tudo, os Meus apóstolos e vários amigos teus em Roma e algures são informados e te poderás orientar em tempo. Por ora basta que também tenhas recebido o dom de expulsar tais espíritos maus, através do Poder e da Força que opera em Meu Nome. O motivo da tua pergunta saberás dos que fores curar, e muita coisa te dirão os Meus discípulos, testemunhas da cura dos possessos em Gadara.”

4. O capitão e os demais Me agradecem pela Graça recebida, com exceção de Judas que perambulava pela cidade à cata de dádivas com aqueles que Eu havia curado, ocupação comum neste discípulo, pois sempre fora agiota e ladrão. Ninguém perguntava por ele, provando não fazer falta.

48. DOIS POSSESSOS SÃO TRAZIDOS JUNTO DO SENHOR

1. Nisto aproximam-se alguns cidadãos da colina, um era o hospedeiro grego, o outro, ferreiro romano que vez por outra se ocupava na cura de animais e de homens, especialmente semi-loucos e epiléticos. Precisamente nesta manhã, haviam sido levados ao albergue do grego, dois jovens entre vinte e trinta anos, da cidade Abila e, segundo o parecer do ferreiro, eram acometidos de epilepsia tríplice. Imediatamente experimentou todos os recursos. De nada valeram, pois os jovens começaram a vociferar e praguejar também contra o taverneiro, ameaçando prejudicá-lo de toda a forma.

2. Assustado, o hospedeiro virou-se para o ferreiro: “Deve ainda estar nesta zona o grande Senhor e Mestre, certamente pleno de todo Poder e Força, do contrário não teria curado tantas criaturas incuráveis.

Vamos indagar na taverna judaica.” Assim, chegam junto de nós e Me relatam o ocorrido.

3. Digo Eu: “Não se trata de epiléticos, mas de homens tremendamente possessos. No jovem se acham cinco espíritos maus, no outro, dezassete. Manda trazê-los para serem curados.” Conjectura o taverneiro: “Isto será difícil, pois são tão fortes que nem vinte homens conseguem prendê-los.” Insisto: “Devem ser trazidos pelos que os levaram junto de vós.”

4. O taverneiro e o ferreiro passam o recado aos homens que trouxeram os possessos de Abila a Pella, que prontamente procuram executar a Minha Ordem. No mesmo instante, ouvem-se várias vozes da boca dos dois: “Que temos nós a ver com o Filho do Altíssimo? Por acaso temos que nos deixar martirizar pelo Poder da Sua Vontade e Palavra, antes do tempo?”

5. Retruca o taverneiro: “Não querendo acompanhar-nos, sereis forçados pela Sua Omnipotência, e de nada adianta reagir.” Bradam todos os espíritos a um só tempo: “Isto sabemos; todavia, imporemos reacção enquanto possível. Responde o judeu: “Maus espíritos, que vos atreveis a desafiar a Omnipotência do Senhor! Agora mesmo, o Senhor quer que nos sigais!” Amparados com a Minha Vontade, as palavras do taverneiro fazem com que os possessos se levantem e sigam para junto de Mim.

49. PELLAGIUS CURA UM POSSESSO.

1. Eis que o hospedeiro diz: “Senhor e Mestre de Eternidades! Obedeceram somente ao Poder da Tua Vontade.” Respondo: “É oportuno que **conheçais a diferença entre os ditos loucos, epiléticos, e os realmente possessos.** Estes pertencem aos verdadeiros possessos e só podem ser libertos pelos homens através de oração e jejuns. Mas aqui, dispensamos ambos os recursos.

2. O mais moço, atacado de apenas cinco espíritos, pode ser curado por qualquer um de vós, pois recebestes o dom para tanto. O mais velho, acometido de dezassete espíritos, ninguém poderia socorrer sem a Minha especial Vontade, pois a fé de todos vós ainda possui pouco poder verdadeiramente divino. Ser-vos-á dado quando fordes compenetrados do Meu Espírito. Pellagius, designo para ti, o mais moço. Apõe-lhe as mãos, em Meu Nome, e diz: “Em Nome de Jesus, o Senhor, ordeno que abandoneis visivelmente para todos, este homem, na forma peculiar da vossa maldade. Vai e faz o que mandei.”

3. O capitão obedece e no mesmo instante se libertam os cinco espíritos em forma de serpentes vaporosas e dotadas de asas de morcego, sobrevoando as nossas cabeças. Uma voz, partindo deles, se faz ouvir: “Senhor, Onnipotente, quando surgirá o dia da salvação para nós, prisioneiros?”

4. Retruco: “Quando a vossa vontade se modificar. Se conheceis a Verdade, e a Luz da Vida não vos sendo estranha, – por que ficais presos há mais de mil anos, na antiga mentira e suas obras de teimosia ferrenha? Mudai de vontade e rogai a Graça e a Misericórdia Àquele Que é Senhor de tudo desde Eternidades e sempre será, que a salvação virá.”

5. Dizem os espíritos: “Senhor, queremos-lo. Dá-nos uma vontade diferente e melhor, e faculta-nos a Tua Graça e Misericórdia. Liberta-nos do antigo mal de mentiras e das suas obras, pois também somos descendentes de Abraão, se bem que do tronco de Esaú.”

6. Digo Eu: “Que se cumpra a vossa vontade. Ide para onde vos impelem o amor e a vontade.” Opõem eles: “Senhor, não sentimos amor, nem vontade. Emprega em nós a Tua Vontade, segundo a Tua Graça. Estamos cansados da nossa vontade e inclinação.”

7. Respondo: “Elevai-vos àquela região da Terra, onde espíritos mais puros vos conduzirão.” Nem bem termino e os cinco espíritos criam forma humana, como que constituída de vapores mais claros, juntam-se e flutuam em pequena nuvem cirro, cada vez mais transparente até desaparecerem inteiramente.

8. O moço se aproxima e diz: “Ó Senhor e Mestre, agradeço-Te por me teres libertado do meu grande sofrimento. Como pagão, confesso não mais acreditar em nossos deuses, pois Tu és Deus de todos os deuses e criaturas, e os próprios demónios se curvam diante do Teu Nome. Havendo algures um Deus Superior, contra o qual tivesse pecado com a minha confissão, que me mate com fúria de um raio.”

9. Os seus companheiros, ainda pagãos, se assustam com o juramento, esperando que Zeus se ofendesse e o aniquilasse. Nada disso acontecendo, o moço vira-se para eles: “Por que esperais castigo de onde não poderá surgir, pois não existe Zeus, muito menos raio em poder de sua mão?”

10. Este, perante o Qual me prosterno, é o Verdadeiro e Poderoso Zeus. Se dissesse que neste instante milhares de raios se

projectariam da Terra, tal aconteceria para a destruição daquilo que Ele determinou.”

11. Digo Eu: “Levanta-te, Meu filho, e continua na tua fé recente, que jamais te prejudicarás. Vamos livrar o teu irmão dos seus dezassete algozes.”

50. O SENHOR CURA OUTRO POSSESSO.

1. Todos se sentem tomados de grande pavor com A Minha Ordem, pois os cinco espíritos lhes impuseram grande respeito. Levanto-Me ligeiro, aproximo-Me do possesso e digo, de Mão erguida: “Quero que deixeis visivelmente as vísceras deste homem que não tendes direito de martirizar.”

2. Eles reagem algumas vezes, a ponto de atirar a vítima ao solo, que se levanta quando os maus espíritos são expulsos em forma de crocodilos pequenos e negros. Sendo mais compactos, arrastam-se no chão e finalmente abrem a boca e de voz esganiçada, reagem: “Quem és tu? Não te conhecemos e nunca agimos contra as tuas ordens. Com que direito queres castigar-nos? Por que nos expulsaste com o teu poder desta habitação dificilmente conquistada?”

3. Retruco: “Não fostes testemunhas quando no Monte Sinai dei as Leis? Quem de vós incitou a Me desafiar, ridicularizar e fazer um bezerro de ouro, para adorá-lo em Meu lugar? Fostes os principais dirigentes da rebelião e desviastes grande número do povo. Como alegais ser Eu completamente estranho para vós, e que nunca vos dei leis pelas quais teria direito para vos ordenar?”

4. Aquilo que vos sucedeu quando Moisés desceu da montanha e em ira justa quebrou as tábuas da Lei, se repita neste momento! Afastai-vos daqui, pois longe está a época da vossa salvação.” Os répteis rastejam rápidos morro abaixo em direcção a uma vala pantanosa e coberta de erva daninha, onde se enterram sibilando horrivelmente.

5. Eis que o comandante diz: “Essa vala será prejudicial aos habitantes da zona, caso não a purifiques desses aqui-demónios. Até mesmo eu senti pavor.” Respondo: “Espera um pouco até que termine a questão com os curados, depois veremos como sanear a vala.” Nisto se ajoelha igualmente o segundo curado, agradece pelo socorro e faz o mesmo acto de fé do seu irmão. Finalmente pede

para Eu não desconsiderar o pedido do romano, pois também se apavora com a vala.

6. Repito: “Mais um pouco de paciência, pois antes disso quero ver se um dos dezassete espíritos não quer voltar sob outra forma para discutir Comigo. Elementos tais, também têm livre arbítrio.” Pergunta o comandante: “Por que se apresentarem sob a forma de animais tão repelentes? Os primeiros se transformaram finalmente, enquanto os outros se afastaram na mesma forma. Qual o motivo disso?”

51. A NATUREZA DOS CINCO ESPÍRITOS EXPULSOS.

1. Digo Eu: “Tal forma corresponde à sua tendência maldosa. A serpente voadora pode ser interpretada com certo grau de prudência, comparável à astúcia de um marechal de campo. Analisando tal prudência, pouco amor ao próximo descobrirás, mas enorme egoísmo, domínio e orgulho desmedido. Essa organização psíquica se apresenta, segundo a Minha Luz da suprema Verdade, naquela forma.

2. Basta imaginares uma serpente alada, como ainda existem na África e durante a época dos filisteus também as havia aqui, nos anos de muito calor, pois já se torna difícil enfrentar-se uma simples, devido à sua astúcia, sendo a fuga para o homem comum, o melhor meio de reacção.

3. Quanto à serpente alada, a fuga pouco adianta, mas somente uma veste dura como bronze e uma forte espada na mão de um lutador destemido. A veste énea, é, neste caso, a Minha Força de Amor dentro de vós, a espada é o Meu Verbo, e a Verdade da Minha Palavra que tudo vence, é o lutador adestrado, ou seja um verdadeiro Herói de todos os heróis.

4. Daí concluirás a razão porque os cinco espíritos tinham que aparecer diante de Mim em forma de serpentes aladas. Durante as guerras dos judeus, foram astutos marechais de campo e visavam apenas o próprio lucro, vantagens e honras. Cada qual procurava fundar um reino para si.

5. O homem por eles castigado durante anos, é descendente da sua estirpe. Nele descobriram grande talento bélico, em estado latente, infiltraram-se em suas vísceras, a fim de despertar tal pendor pelo qual pretendiam levá-lo com o tempo, até ao trono de Roma. Todavia nada disso conseguiram porquanto enfraqueciam,

através das suas influências, as capacidades latentes na alma. Foi-lhes permitida a experiência da sua vontade na índole dele, para convencê-los de ser tola a sua intenção e completamente infrutífera pela astúcia tenebrosa. Como ultimamente começaram a perturbá-lo em demasia, era chegado o momento de libertá-lo.

6. Tudo isto fora previsto, e de bom efeito para ele e também para os cinco espíritos. Ele encontrou por este caminho a Mim e a Vida Eterna da sua alma. Eles foram curados da sua antiga tolice e ganância desmedida, e já se encaminharam para as escolas da humildade dos espíritos bem intencionados. Eis, em resumo, o que se refere a esse grupo.

52. A HISTÓRIA DOS DEZASSETE ESPÍRITOS.

1. (O Senhor): “Quanto à índole dos dezassete espíritos, corresponde ela à voracidade jamais saciável dos animais que foram vistos. Quando Eu ditava no Monte Sinai, a Moisés, as Leis debaixo raios, trovões, fogo e fumo, o profeta exigiu com a Minha Ordem uma temperança justa em virtude da Minha Presença, a fim de capacitar as almas às Verdades que eram proferidas.

2. Por intermédio de Moisés, o povo pediu permissão para se afastar a um vale distante por causa do grande temor dos fenómenos naturais, prometia ainda manter-se sobriamente, enquanto Moisés e seu irmão estivessem combinando Comigo as ordens a serem cumpridas.

3. Como grande parte insistisse prolongadamente neste sentido, foi-lhe concedida tal permissão e assim se dirigiram com todos os seus trastes para um vale bastante afastado. Durante algumas semanas tudo correu de acordo com as exigências de Moisés. Como ele demorasse a aparecer, os israelitas começaram a esquecer-se da Minha Pessoa, satisfazendo novamente a sua intemperança.

4. Um dos dezassete espíritos, então, tentou o povo. Com a ajuda de outros fundiu um bezerro de ouro e disse à multidão: Eis o nosso alimento principal, pois a ele agradecemos a subsistência neste deserto no qual as manadas dificilmente encontram o seu alimento. Adoremos este símbolo tão valioso. Mandai preparar banquetes a granel; para nos entregarmos à alegria por causa deste símbolo. Em seguida, nomeai-nos para chefes militares que vos conduziremos a um país fertilíssimo, com mais facilidade que o faria

o profeta esquecido. Aprendemos no Egito com os astutos crocodilos como se deve agir para conseguir boa presa; segui-nos que não vos faltarão fartos repastos. – Deste modo, muitos se deixaram tentar, fazendo o que os amotinadores aconselharam.

5. Este homem não descende propriamente deles; mas, desde a infância se habituou à intemperança, tornando-se verdadeiro glutão, dando entrada aos dezassete espíritos em suas vísceras. Ainda assim lucrou. Como eles no início o incentivavam à gula cada vez mais acentuada, o seu estômago perdeu a capacidade digestiva, a ponto de ele quase nada mais poder comer, causando espanto aos familiares. Por este meio extinguiu-se a intemperança e a sua alma tornou-se mais espiritual e forte; corpo e alma entrando em justa ordem, chegara o tempo de libertá-lo dos seus algozes.

6. Além disso, teve esta possessão outro grande benefício, isto é, entre os abilenses quase totalmente sem fé, que na maioria se inclinavam à filosofia de Diógenes, estóicos em alto grau, e não acreditavam na sobrevivência da alma.

7. Estes duplamente perturbados despertaram portanto boa parte da fé na imortalidade da alma e este fenómeno espiritual, assistido por muitos, facilmente levará os habitantes de Abila a se libertarem do seu estoicismo enferrujado. Por isso, **nada acontece neste mundo, permitido por Mim, que não sirva para a salvação dos homens**, o que tu e os demais certamente compreendeis. Aguardamos, portanto, se um dos dezassete espíritos pretende voltar.”

53. O SENHOR ADMOESTA O CHEFE DOS ESPÍRITOS EXPULSOS.

1. Quando termino de falar, surge de repente uma neblina negra da mencionada vala, dirigindo-se para nós. Achando-se a dez passos distante do nosso grupo, digo em voz alta: “Até aqui e não mais além! Revela-te em tua forma real.” Eis que se destaca visivelmente uma forma humana, cuja cor se assemelha aos mouros, trazendo nos braços um bezerro de ouro como se quisesse demonstrar ser este símbolo, o seu deus e a sua inclinação.

2. Faço então surgir um forte raio em forma de serpente alada, que atinge o bezerro e o destrói num instante. A figura começa a mover-se, torcendo-se e finalmente consegue pronunciar as seguintes palavras: “Senhor, porque não nos deixas gozar o que o

nosso amor almeja? Nunca pedimos que fôssemos criados para sofrermos milhares de anos, segundo a Tua Vontade. Se nos criaste sem a nossa vontade e nos insuflaste uma tendência e livre arbítrio, - porque nos castigas quando agimos segundo a nossa índole?"

3. Respondo, novamente com voz alta: "Quem, no Infinito, poderia prescrever-Me as acções, que sou o Senhor de todo Poder e Força? O Meu Amor eterno dita-Me como agir, e a Minha Sabedoria Infinita é o Servo e Organizador da Omnipotência da Minha Vontade.

4. Libertei-vos, através de Moisés, do jugo pesado do Egipto, quando fostes obrigados a matar os primogénitos. Alimentei-vos no deserto e ninguém passou fome e sede, com excepção de alguns que no país das crueldades se dedicaram em demasia à intemperança tão prejudicial à alma. A esses aconselhei sobriedade, em benefício do corpo e especialmente da alma.

5. Porque existes Eu Me afastar de vós, aos quais pretendia transformar em Meus filhos? Pelo simples motivo de não vos atreverdes a voltar à glotonaria sob a Minha Luz. Preferistes afastar-vos para saciar a intemperança e adorar um bezerro de ouro, no Meu lugar.

6. Quem vos inspirou essa tendência? Eu, por certo que não, mas vós mesmos pelo livre arbítrio sem o qual sérieis semelhantes aos animais, não podendo ser educados para Meus filhos. Se Me abandonastes pela livre vontade, porque não vos elevais novamente a Mim, pelo mesmo meio?

7. Julgais Eu vos martirizar? De modo algum. **Cada demónio se martiriza de modo próprio, devido à sua teimosia e perversidade, quando reage contra a Minha Ordem sábia, pretendendo transformá-la em benefício da sua inclinação.**

8. Serei eternamente Senhor, Único e Imutável, sobre o mundo material e espiritual. Através do puro amor para Comigo e ao próximo, cada homem e espírito podem alcançar e possuir tudo por Meu Intermédio. Nunca, pela imposição e teimosia. Sou o mais Poderoso de todos os poderosos, e Omnipotente acima de todos.

9. Ao mesmo tempo sou o mais Meigo de todos, o Melhor e o mais Misericordioso de todos os bons e misericordiosos. Quem de Mim se aproxima com amor verdadeiro e arrependimento pedindo misericórdia, recebê-la-á. **Havendo-Me reconhecido e ainda assim se revoltando, jamais alcançará a salvação, porquanto se atirará em uma infelicidade cada vez maior.** Isto deve ser considerado por

todo o espírito mau e por todos os demónios. Eu sou o Senhor, e além de Mim não existe outro. Agora, afasta-te!”

10. O espírito desaparece e em seguida se vê surgirem da vala, dezassete amontoados de neblina, impelidos por um vento em direcção ao Norte. Eis que digo ao capitão: “Com isso cumpriu-se também o vosso desejo, pois trata-se dos dezassete espíritos. O primeiro transmitiu aos outros o que ouvira aqui, de sorte que resolveram procurar os desertos do Norte a fim de fixarem a sua atitude futura. Nestas regiões são eles influenciados pelas coisas materiais deste mundo, não podendo reflectir e descobrir a sua própria maldade pecaminosa. Um dia também eles melhorarão. Até lá o verão terá que afastar o inverno por muitas e muitas vezes.”

54. O PERIGO DE ALIMENTOS IMPUROS.

1. Diz o comandante: “Ó Senhor e Mestre, diz-nos onde costumam deter-se os espíritos, para podermos evitar tais sítios lúgubres. Se nos aproximarmos de tais zonas, alimentando qualquer tendência com um demónio, facilmente poderíamos sofrer prejuízo.”

2. Respondo: “Amigo, quem crer em Mim e amar-Me através das obras de Meu Amor, não precisa temer algo a respeito. **Os que alimentam superstições pagãs, hão-de temer tais espíritos em toda a parte e se acham por eles rodeados ou até mesmo possessos. As baixas tendências das criaturas são incentivadas por espíritos que outrora foram dominados pelas mesmas inclinações.**”

3. **Espíritos impuros que já viveram, mas na maioria espíritos da Natureza que nunca encarnaram, existem em toda a parte: no ar, sobre e dentro da terra, na água e no fogo, nas pedras, metais, plantas, animais, no sangue e na carne humanas, razão porque não devem as criaturas alimentar-se de animais impuros e sufocados. Carne de animais selvagens não presta para o homem, não obstante toda a precaução, porque dela não se podem expulsar inteiramente os elementos impuros.**

4. **De igual modo, não se deve beber a água de fontes impuras e convém manter-se limpos os poços, como fora prescrito por Moisés à Minha Ordem. Quem viver segundo as instruções do profeta, preservar-se-á da possessão de espíritos maus e impuros, à medida que crer em Mim e na Minha Protecção Paternal, iniciando e terminando tudo em Meu Nome.** A não ser assim, será ele

exposto a milhares de perigos, devido à sua preguiça, ignorância e tolice.

5. Se Eu não mandasse os anjos protegerem as criaturas de índole e vontade mais bondosas, poucas seriam as pessoas normais nesta Terra. Entretanto, não devem elas deixar-se levar nesta segurança, porque os Meus anjos não impõem freios à vontade do homem. Considerai-o bem.” Todos Me agradecem e louvam a Minha Sabedoria e Poder, e os abilenses pedem para Eu visitar a sua cidade, pois far-Me-iam anunciar.

6. Respondo: “Podeis fazê-lo, porém sou Eu Quem determina a época e a hora da Minha Visita. Entrementes, podeis voltar, não esquecendo de vos saciar de pão e vinho. A carne de porco deve ser evitada, caso não for preparada segundo o Meu Conselho.” Novamente Me agradecem, para em seguida se dirigirem à cidade, em companhia do hospedeiro e do ferreiro.

7. Ficamos mais algum tempo no monte, e o romano e os seus colegas formulam várias perguntas, recebendo esclarecimento em tudo. Mais tarde aproxima-se um servente para anunciar o almoço, ao qual seguimos imediatamente.

55. A VIAGEM PARA ABILA.

1. Ao chegarmos na taverna, encontramos à frente da casa uma grande multidão, desejosa de Me ver e falar mais uma vez, por terem sido testemunhas dos Meus Actos e também conhecedoras do Meu Verbo. Eu a recomendo ao comandante Pellagius do qual receberia inteira orientação da doutrina. Conformados, os homens afastam-se, pouco a pouco, e tomamos calmamente a refeição. Quando anuncio a Minha partida em breve com os apóstolos, o comandante pede-Me para que o deixe acompanhar-Me a qualquer lugarejo, sujeito ao seu comando, levando os seus subalternos e a sua filha Verónica.

2. Permitti-o de bom grado, e assim partimos após uma hora, acompanhados pelo hospedeiro, o seu filho, o taverneiro grego e o ferreiro. Ao despedi-lo fora da hospedaria, transmito ao ferreiro o poder de expulsar os maus espíritos das criaturas, pelo que muito Me agradece. Em seguida, continuamos ligeiros a nossa trajectória para Abila, que alcançamos uma hora antes do pôr-do-sol.

3. Também esta cidade é habitada na maioria por pagãos, havendo somente dez famílias judias que levavam vida submissa e

dependente. Todas essas famílias moravam em uma casa velha quase em ruínas, pois não havia albergue e sinagoga especial. Aproximando-nos dali, digo ao comandante: “Vai à nossa frente e transmite aos judeus que pernoitarei com eles. O resto far-se-á automaticamente.”

4. Assim informados, os judeus dizem ao romano: “Tudo estará bem, mas como proporcionaremos acolhida a todos vós? Há recintos velhos e arruinados de sobra. Quem teria vontade de habitá-los? Lá se encontram sapos, serpentes, salamandras e escorpiões, e não é possível oferecer-se tal local. Quanto aos nossos quartos, mal servem para dormirmos e seria difícil utilizá-los para pessoas acostumadas a bom trato. Queiras persuadir o nosso grande Mestre e Senhor, do Qual já ouvimos falar coisas grandiosas, para não querer acomodar-Se connosco, porquanto existem várias hospedarias bem aparelhadas.”

5. Responde o romano: “Farei relato da vossa miséria. Todavia sei que nada O deterá do Seu Plano. De há muito terá conhecimento da vossa situação precária e certamente quer ajudar-vos e não aumentar a mesma. Submetei-vos de bom grado à Sua Vontade que encontrareis Graça e Misericórdia da Sua parte.”

6. Exclama o mais velho das famílias: “Sim, sim, que venha segundo a Sua Vontade, porquanto poderá certificar-Se de tudo. Apenas estamos tristes por não podermos corresponder à Sua Graça.”

7. Entrementes, Eu chego à casa que se acha qual burgo em ruínas aquém das muralhas da cidade. O comandante corre ao Meu lado para Me contar o que vira. Eu lhe digo: “Amigo, poupa as tuas palavras; há muito sei de tudo. Vim, como disseste certo, justamente para socorrer essas criaturas. Vamos procurar o velho da casa.”

56. O SENHOR ENTRE OS JUDEUS.

1. Acompanhado do comandante, dirijo-Me ao velho, rodeado de outros chefes de família que Me recebe com as seguintes palavras: “Sê bem-vindo, Senhor e Mestre, na nossa humilde e pobre moradia que bem fala da nossa situação miserável.”

2. Digo Eu: “A Paz seja convosco! Sei de tudo, entretanto sois na maior parte culpados da penúria, motivada pelo ócio e a completa ausência de confiança em Deus, único Doador e Senhor de

todas as dádivas; pois não há quem não possa alcançar abastança nesta Terra com a Sua ajuda.

3. Enquanto havia meios e forças, nada fizestes para reparar os danos da casa antiga e pouco ligastes a Jehovah, preferindo as filosofias dos sábios gregos pelo que aumentou a vossa miséria. Agora sois até mesmo escravos dos pagãos e obrigados a esmolar um pouco de pão por serviços pesados, sem poderdes dizer: Ganhamos o pão pelo suor do trabalho. É difícil servir-se a quem não acredita em Deus e na sobrevivência da alma, na recompensa no Além, tampouco sente amor ao próximo, sendo até inimigo da própria vida.

4. Quando a situação se tornou por demais aflitiva, começastes a vos lembrar do antigo Jehovah e a pedir-Lhe socorro, o que Me moveu a vos ajudar em vista dos pagãos ignorantes que, em virtude de Diógenes, perderam a crença nos deuses. Assim, perceberão existir o antigo Deus que ajuda os que Nele crêem, e cumprem os Seus Mandamentos, esperando com fé verdadeira na Sua Ajuda verdadeira. Mostrai-Me a vossa casa velha e quase em ruínas, para ver se podemos nela pernoitar. Em seguida, analisaremos as despensas.”

5. Diz o ancião: “Ó grande Mestre e Senhor, esta casa certamente contava grande número de recintos grandes e pequenos. Descobrimos apenas sete, bastante danificados. O resto está cheio de bichos de toda espécie e não pode ser ocupado. Das despensas só existe uma em estado útil, inteiramente vazia, descontando algumas cascas de pão. Vamos averiguar tudo, para veres como vivem os descendentes de Gad e Rubem.” Investigamos todos os recintos da grande mansão, confirmando as palavras do velho.

6. Ao chegarmos ao último, digo: “Agora há-de conhecer o Poder de Deus no Filho do homem! Penetramos até aqui por cima de ruínas, colunas despedaçadas, espinheiros e bichos, e faremos a volta por salas regamente enfeitadas e ornamentadas, onde será um prazer de pernoitar-se. Assim o quero, e assim será!”

7. Ao terminar esta sentença, a casa está completamente transformada e não havia o menor vestígio do seu antigo estrago. Os judeus então exclamam: “Isto só é possível Àquele Que criou Céus e Terra. Todo o louvor a Ti, Senhor, que deste ao mortal tamanho poder!” Mais tarde visitamos as despensas abarrotadas de tudo que pudesse suprir as necessidades humanas. A admiração aumenta e lhes tira a verbosidade.

57. O ANCIÃO TESTEMUNHA DO SENHOR.

1. Após certo tempo, o velho diz: “Isto é inédito. Moisés e Elias realizaram coisas que ultrapassaram a compreensão do homem. Mas que representam diante desta obra milagrosa? Todos os profetas proferiam: O Senhor assim diz e quer! – Tu, Senhor, disseste: Eu quero e assim será! Portanto, és Maior que Moisés e Elias.

2. O Teu Eu é o Próprio Senhor em Plenitude, e eu, como ancião, vi a salvação e sinto vontade de dizer: Ó Senhor, deixa que o Teu velho servo entre em paz no Além. És Aquele por Ti Mesmo Prometido. O Teu Espírito Eterno falou pela boca dos profetas e anunciou a Tua Descida à Terra. Como Verdade Eterna e a Fidelidade Personificada, cumpriste a Tua Palavra vindo a nós em Carne, a fim de nos soerguer, inclusive aos pagãos. Também são filhos de Noé que formaram um povo com os ascendentes de Abraão, sob a regência do grande Rei e Sumo Sacerdote Melquisedeque de Salém. Toda a honra e louvor sejam dirigidos a Ti, Senhor, Senhor, Senhor!”

3. Digo Eu: “Está bem e certo. É compreensível que a vossa fé se erguesse através da Minha Acção, bem como Me reconhecestes sem demora. Preciso é vivificardes essa fé pelas obras de amor ao próximo, do contrário não teria valor para a vida da vossa alma. Aproximei-Me de vós em virtude do Meu Imenso Amor para com as criaturas, de sorte que também chegareis a Mim como Meus filhos, através do Amor a Mim e ao próximo, o que deve ser bem lembrado.

4. A fé em Mim é realmente uma luz viva dos Céus, mas somente através das obras de amor. **Assim como uma iluminação nocturna se apaga se não for constantemente alimentada pelo acréscimo de óleo, a fé mais firme extingue-se sem obras de amor.** Não somente soergui em vossa alma, a vossa fé completamente extinta, por este Milagre tão fácil para Mim, mas também estimulei o amor para Comigo. Da luz desta chama de vida verdadeira e eterna, facilmente percebestes Quem Se aproximou de vós. Isto se tendo dado sem grande esforço e doutrinação, fazei com que continueis, com os vossos descendentes, em Meu Nome e na fé viva pelas obras de amor.”

5. Diz o ancião: “Ó Senhor, este milagre fará grande alarde em todas as sessenta cidades, tanto entre judeus como pagãos. Que

diremos, se aqui vierem pessoas curiosas verificando ter sido esta ruína transformada em castelo real?”

6. Digo Eu: “Não vos preocupeis. Se fordes obrigados a falar de Mim e desta Minha Acção, as palavras serão colocadas por Mim na vossa boca. Os mais insistentes podem ser encaminhados para o comandante e os seus subalternos que assistiram à obra, podendo dar a devida explicação. Conhecem-Me e sabem que tudo Me é possível.”

58. A INTERPRETAÇÃO DA REFORMA DA RUÍNA.

1. (O Senhor): “A fim de que compreendais porque novamente erigi este antigo castelo no qual outrora habitavam soberanos, prestai atenção ao que direi. Principalmente corresponde a reedificação à renovação da antiga fé em Deus Único e Verdadeiro.

2. Se bem que ainda existam do velho castelo de fé alguns vestígios da Verdade, deteriorados e decompostos, não se prestam para uma habitação vital do Meu Amor e Misericórdia para as almas dos Meus filhos, como eram na época do Rei de Salém, mas apenas para criaturas cuja alma se identifica com os bichos que há muito se instalaram no castelo.

3. O castelo é portanto cópia fiel da situação da fé em Deus e do cumprimento das Suas Leis, somente em Jerusalém e arrabaldes. Castigarei essa cidade e todos os que nela se positivam, não querendo modificar-se e voltar-se para Mim, de modo mais violento do que fiz a Sodoma e Gomorra em época de Lot. Eis o segundo motivo pelo qual reedifiquei este castelo, chamando a vossa especial atenção.

4. Quando o Meu Julgamento ocorrer sobre os incrédulos em Jerusalém e seus arrabaldes, e os poucos fiéis fugirem para aqui, é preciso serem acolhidos, vivificando assim a vossa fé recentemente despertada, pelas obras de amor no Meu Nome. O referido Julgamento não será presenciado pelos velhos desta cidade, senão pelos jovens e pequeninos. Lembrai-vos então daquilo que ora vos disse.”

5. Cheio de respeito o ancião retruca: “Ó Senhor, grande e sublime é o Teu Nome! Há alguns meses vimos à noite um fenómeno estranho no firmamento, cujos quadros muito nos apavoraram. No começo surgiram enormes colunas de fogo, atingindo aparentemente as estrelas. As colunas se juntaram de

modo peculiar e se levantaram dando impressão ser apenas um reflexo de algum fogo natural. De súbito, o Céu tornou-se todo incandescente. Vimos a cidade de Salomão e grandes exércitos que sitiavam a metrópole, tudo destruindo, inclusive o Templo.

6. Mais tarde, pela manhã, viu-se novamente um fenómeno luminoso em direcção a Oeste. Ninguém soube decifrar o seu sentido. A aparição central se identificava com o que anunciaste a respeito de Jerusalém. Teria realmente relação com a Tua Predição actual?" Respondo: "Sim, Meu amigo, mas agora não discutiremos o assunto. E preferível tratardes de uma ceia. Do resto já cuidei."

7. Pede o ancião: "Senhor, seria conveniente o comandante arranjar algum entendido na arte culinária. Há anos nada se cozinhou, não dispomos de fogo, tampouco de lenha. Por este motivo é quase impossível fornecermos uma refeição completa, muito embora as despensas estejam abarrotadas de tudo, através da Tua Graça. De que adianta isso tudo, se ninguém de nós entende da matéria?"

8. Digo Eu: "A tua honestidade muito Me agrada, pois falaste a pura verdade. O comandante já emitiu ordens à sua filha e a alguns serventes, a fim de prepararem uma boa ceia de peixes que encham os depósitos, com ajuda do teu pessoal.

59. O CASTELO DE MELQUISEDEQUE.

1. (O Senhor): "Neste castelo encontra-se uma adega espaçosa e feita de pedras de basalto. Por acaso ainda não a descobriste?"

2. Responde o ancião, acompanhado dos seus primos: "Sim, deveria ter existido uma adega do melhor vinho, e também deve haver vários tesouros escondidos, mas ninguém de nós se atreveu a descer nas cavernas para fazer pesquisas entre os bichos e outros elementos maus. Como se poderia chegar lá? Certamente tudo estará em bom estado, através do Teu Poder!"

3. Digo Eu: "Se o credes, certamente. Desconhecendo a entrada, segui-Me até lá." O ancião e mais dez empregados acompanham-Me com uma lamparina que acendemos na cozinha. Daí segue uma galeria para um portal feito de um bloco de basalto. Demonstro com facilidade como se abre a porta enorme e pesada, que dá acesso a uma escada larga pela qual se desce ao vasto porão.

4. Lá encontramos grande quantidade de vasilhas de pedra de vários tamanhos e número maior de taças de granito, prata e ouro,

causando espanto entre os judeus, pois ignoram, se tais objectos foram criados por Mim ou se descendem de eras remotas.

5. Por isso os esclareço: “Todos estes objectos são da época do grande Rei e Sumo Sacerdote de Salém. Este era o Seu Castelo que, como as montanhas dotadas de grutas e cavernas geralmente extraordinárias, não foi feito por mãos humanas, mas pelo mesmo Poder que ora o reconstruiu. **Eu unicamente sou o verdadeiro Rei de Salém e Sumo Sacerdote Melquisedeque, desde Eternidades!** – Enchei os vossos cântaros com o vinho que se encontra em grande quantidade nos grandes recipientes.”

6. Satisfeitos, os judeus pegam as vasilhas, mas não sabem como tirar o vinho das grandes talhas hermeticamente fechadas com lajes pesadas e lisas. Aponto-lhes no fundo um orifício saliente e tapado por um espiche que facilmente é tirado, fazendo jorrar vinho antigo e formidável, pois o aroma especial certifica a todos a sua excepcional qualidade.

7. Quando as vasilhas se acham postas na mesa do grande refeitório, digo ao ancião: “Este vinho foi feito de uvas deste país, mas é quase tão velho quanto o castelo. Trata-se do vinho do dízimo, o qual todos os reis sujeitos ao Rei de Salém, Lhe ofereciam, e teve que ser conservado até esta época para que Eu, o Mesmo Rei, dele bebesse com todos os que crerem em Mim e Me seguem.

8. Enquanto o castelo existir em Meu Nome, o vinho não secará; ainda assim, serão o castelo e grande parte da cidade destruídos pela força dos nossos adversários, dentro de trezentos anos, a ponto de não se saber localizá-lo. Não importa, pois edifico um novo nos corações que, da maneira que foi feito, jamais poderá ser destruído. **Tais monumentos remotos devem desaparecer, para evitar que os homens pratiquem idolatria.** Mas cerca de trezentos anos após a Minha Ascensão, o castelo ainda existirá e o vinho jorrará, servindo de refúgio e conforto.”

60. OCORRÊNCIA DA ÉPOCA DO REI DE SALÉM.

1. Nisto, o ancião pergunta cheio do máximo respeito: “Senhor, pelo que consta, o Rei de Salém viveu logo após Noé ter deixado a Arca, dedicando-se à lavoura. Os seus descendentes não se podiam ter procriado de modo tal, que nos tempos daquele misterioso Rei pudesse ter havido tão grande número de pequenos regentes obrigados a Lhe trazerem o dízimo. O relato é, como

muitas outras coisas dos nossos livros, bastante místico e não pode ser compreendido pela lógica.

2. Além disso falaste da Tua Ascensão. Qual o seu sentido? Para onde ascenderás, e quando? Dá-nos explicação maior para podermos passar aos descendentes o que nos transmitiste no espírito da Verdade, do Amor e da Vida, podendo acreditar teres sido Tu Mesmo a nos revelar factos tão extraordinários.”

3. Digo Eu: “Quanto à época do Rei de Salém, existia Ele desde eternidades, antes de qualquer criatura, portanto antes de Noé. Com referência à época em si, em que ensinou Pessoalmente na figura de um anjo, o que se relaciona a Ele Mesmo e à finalidade dos homens, dirigia-Se de tempos em tempos ao próprio Noé. O Governo e Sacerdócio de Melquisedeque fundaram-se somente após alguns séculos dos quais Noé e seus três filhos foram contemporâneos. A Terra já era bastante povoada e os representantes de um tronco familiar de pequenos povos eram classificados de reis, e levavam anualmente as oferendas a Salém, onde eram orientados pelo grande Rei.

4. Mas quando os povos se haviam estendido sobre o orbe, esqueceram-se do Rei dos reis, Dele se separando. Até os que habitavam na Sua Proximidade, não se dirigiam a Salém. Eis que Ele abandonou o castelo e raras vezes visitava alguns patriarcas fiéis, como fez a Abraão, Isaac e Jacob, posteriormente a todos os profetas, e ora, Encarnado, Se encontra no vosso meio.

5. Quanto à Minha Ascensão, tem ela duplo sentido. O primeiro, não se fará esperar dentro de um ano. O segundo prende-se a cada criatura que crê em Mim, através do Espírito do Meu Amor, levando o raciocínio a toda Sabedoria dos Céus. A Minha Ascensão Pessoal se dará quando o Meu Corpo, após três dias da Minha morte pelas mãos dos inimigos de Deus, ressuscitar da tumba, passando à Minha Individualidade Divina.

6. Como ouvistes falar ter Elias subido ao Céu, visivelmente, em um carro de fogo, também Eu subirei à vista dos Meus muitos amigos, do solo terráqueo ao Céu, não mais palmilhando em Pessoa entre os mortais para ensiná-los, mas apenas estarei audível e espiritualmente visível, seguidamente, entre os que crêem em Mim, Me amem acima de tudo e ao próximo como a si mesmos. No coração de tais criaturas erigirei o Meu novo Castelo, onde habitarei para sempre.

61. A CEIA NO ANTIGO REFEITÓRIO.

1. (O Senhor): “Ouvir-Me-ão aqueles em cujos corações tomei morada. Serão por Mim Mesmo ensinados e guiados, e tais justos amantes, terão igualmente a Vida Eterna. Os que de Mim se afastarem, como fizeram em épocas remotas os reis por mero amor mundano, deixando de ofertar ao Rei de Salém o que deviam, verão os seus burgos de sentimento abandonados por Mim. Dar-se-á então o que sucedeu na época Dele quando deixou este burgo com todos os anjos, aparecendo em breve toda a sorte de contendias, inveja, malquerença e, em virtude disso as guerras. Um povo se levantava contra outro para dominá-lo.

2. Quem continuar na Minha Doutrina e Amor sentirá a Minha Presença ao ponto de fazer jorrar Água Viva, e todos que dela beberem, jamais sentirão sede. A Minha Doutrina e a Sabedoria Divina que contém, é justamente a Água verdadeira e viva. Quem a beber sentirá a sua alma inundada de toda a Sabedoria, saciando-se para sempre, sem jamais sentir fome e sede de outros conhecimentos e axiomas.

3. Acabo, Meu velho judeu, de esclarecer o que te parecia incompreensível e místico. Não creias, teres sido levado a toda Verdade e Sabedoria. Isso se dará quando Eu, em Espírito de toda Verdade e Sabedoria, tiver ressuscitado também em teu coração, ascendendo no Céu da tua vida psíquica. – Vamos sair desta adega e tomar a ceia no refeitório.”

4. O refeitório está iluminado com cem lamparinas, embora ainda há pouco representasse uma ruína que nem de longe deixava suspeitar a sua finalidade. Duas mesas de pedra enormes e colocadas em cima de colunas estão cobertas de puro linho e servidas de peixes, pão e vinho. Quantidade de cadeiras cómodas as circundam.

5. Durante a refeição muitos são os assuntos ventilados, e o capitão pergunta-Me como deveria justificar este milagre diante dos romanos e gregos. Digo Eu: “Podes dizer-lhes a verdade, recomendando sigilo e que de modo algum deveriam denunciar-Me algures. A fim de que o facto não desperte atenção, a modificação do burgo será apenas interna; portanto, não façais muito alarde do mesmo. Amanhã visitarei alguns pagãos em Golan, uma hora após o meio-dia, e poderás acompanhar-Me. Quando voltares, divulgarás o Meu Verbo entre esses pagãos, servindo-te do milagre aqui

ocorrido, para reconhecerem Quem o fez, e vivendo segundo a Sua Vontade.” O comandante promete seguir rigorosamente as Minhas Directrizes.

62. O ALVOROÇO DIANTE DA CASA JUDAICA.

1. Nisto ouve-se grande alvoroço na rua. Vários operários, voltando à casa, vêem a moradia dos pobres judeus inteiramente iluminada e insistem por saber qual o motivo. Virando-Me para o comandante, digo: “Vai enfrentá-los para se calarem.”

2. O comandante obedece, em companhia de um subalterno, e dirige-se aos turbulentos: “Que tendes a ver com os pobres judeus, se aqui estou como chefe militar? Acaso não deveria permitir a iluminação da casa?” Pedindo desculpas, os trabalhadores se afastam. Todavia contam aos amigos o que viram, dando motivo para várias suposições, sem contudo se atreverem a pesquisar o porquê.

3. Ao voltar junto de nós, o comandante observa que certamente seria importunado pelos gregos, de manhã cedo, desejando que isso fosse impedido. Digo Eu: “Não te incomodes. Haverá meio eficaz para afastar os curiosos desta casa. Vamos descansar. Ficarei à mesa, enquanto podereis procurar um leito, caso isso seja do vosso agrado.”

4. Todos à Minha mesa preferem fazer-Me companhia. Os judeus procuram os antigos recintos, naturalmente transformados. As lamparinas ficam acesas durante a noite toda, para evitar a aproximação de importunos.

63. A VERDADEIRA CONSAGRAÇÃO DO SÁBADO.

1. De manhã cedo, o ancião aproxima-se de Mim para saber se Eu e os Meus discípulos mantínhamos o sábado rigorosamente instituído por Moisés. Respondo: “É bom e justo santificar-se tal dia segundo a Lei de Moisés. **A partir de agora, todos os dias serão santificados quando se faz o bem, segundo a Minha Doutrina.** É, portanto, desnecessário modificardes a vossa atitude num sábado.

2. Toda a pessoa sente necessidades, igualmente num sábado, que devem ser satisfeitas sempre que possível. Apenas deve abster-se de trabalhos pesados para lucro material. **Podendo ser útil ao próximo ainda que por trabalhos materiais, o homem não**

desonrará o sábado, mas receberá a Minha Bênção. Não havendo tal motivo, é aconselhável descansar em tal dia para ocupar-se de assuntos do espírito. Durante trabalhos materiais, a alma não está em condições de meditar acerca de problemas espirituais e elevar-se a Deus; foi para essa finalidade que Moisés instituiu o dia de sábado.

3. Absurdo é não comer e beber após o surgir e também antes do pôr-do-sol, não fazer benefício físico a um necessitado, como fazem os fariseus em Jerusalém e igualmente ensinam nas sinagogas de outros lugares. Com isso provam jamais terem entendido o ensinamento do profeta, dando motivo para a maior controvérsia espiritual da Lei de Moisés e dos profetas. Fazei o mesmo que fizestes hoje, que jamais tereis vilipendiado o sábado.

4. Aos pagãos, não há necessidade de prestardes serviço comum por pagamento miserável, nem hoje nem em dia qualquer. Tão logo tiverem aceite a Minha Doutrina, considerando-vos como semelhantes, podeis prestar-lhes bons serviços com todo o amor e amizade fraternal, para que reine paz e união. Eis tudo que diz respeito à verdadeira santificação do sábado.

5. Existem pagãos inteligentes que afirmam ser mais aconselhável servir-se ao semelhante do que visitar um templo, para honrar um deus que dispensa préstimos humanos. Do mesmo modo, o Deus Único e Verdadeiro não necessita de serviços dos homens, mas unicamente do seu amor aplicado ao semelhante.

6. O amor é o verdadeiro elemento vital para a alma, a fim de alcançar a Vida Eterna; e Deus criou justamente os homens para poderem herdar na Vida Eterna. O verdadeiro ofício religioso consiste principalmente no recíproco servir das criaturas, dentro do Meu Amor, e por ele jamais poderia ser vilipendiado o sábado.

7. Aliás, consta o seguinte dito de um profeta, quando os judeus começaram a considerar apenas o culto externo, como fazem os fariseus: Vê, este povo honra-Me com os lábios, mas o seu coração está longe de Mim. – Servi-Me, portanto, apenas no coração e desisti das cerimónias mortas, que tereis santificado o sábado, em todos os dias. Compreendeste?”

8. O velho judeu responde: “Sim, Senhor, por isso havemos de considerá-lo segundo a Tua Vontade.” Prontamente ele se dirige à família para esclarecê-la a respeito. Em seguida, trata do preparo do jejum no que Verónica presta o seu auxílio.

64. ENSINAMENTO PARA PAGÃOS SUPERSTICIOSOS.

1. Entrementes, dirigimo-nos para um monte mais alto, de onde se descortina um belo panorama. Vê-se grande parte do Vale do Jordão, a Leste, as planícies do Eufrates, vastas cordilheiras e lugarejos distantes. Não fosse a cerração, teríamos a visão de Jerusalém. O comandante então observa: “Senhor e Mestre, esta neblina parece caracterizar o povo, cujo coração e intelecto estão ainda mais nublados que esta paisagem.”

2. Respondo: “Assim é, Meu amigo. Por isso muitos encontrarão a morte dentro da neblina densa dos seus enganos e derivantes pecados de toda a espécie. Deixemos tais observações para gozarmos a aurora estupenda.”

3. Todos se calam e se alegram com as cenas matutinas em constante mudança. Nesta zona, as manhãs são sempre mais belas em virtude da extensão a Leste, em que muitos meteoros, raros, se desenvolvem antes do surgir do Sol, originando-se no solo vulcânico. Os supersticiosos pagãos tomavam tais fenómenos por companheiros semi-divinos da deusa Aurora, sempre pronta a aplinar a estrada para Apollo.

4. Era chegado o momento de tirar-lhes tal superstição e explicar o verdadeiro motivo de tais aparições, e assim, o comandante e os seus subalternos começam a compreender a razão do nosso passeio neste monte elevado. Após ter agradecido pelo ensinamento, um oficial diz o seguinte: “Será difícil libertar o povo da superstição, pois o ensino sacerdotal vê em cada nuvem, neblina, fumo, queima de madeira e outras circunstâncias, nada mais que espíritos e duendes, esperando da sua acção, felicidade ou desgraça.

5. No final, há algo espiritual em todas as aparições, pois sem motivo interno jamais poderia surgir algo externamente. Tal motivo básico foi pelos antigos sábios interpretado como origem espiritual do fenómeno. É difícil convencer-se tais pessoas de que o que vêem não seja o que pensam, tratando-se apenas de uma aparição necessária de uma causa interna e invisível. Resta saber se não é melhor libertá-las pouco a pouco da superstição, porque nada recebem para repor a sua perda, podendo cair no pior materialismo, do qual os habitantes desta cidade não carecem. Que dizes, Senhor e Mestre?”

65. O MÉTODO DE ENSINAMENTO.

1. Digo Eu: “Só posso repetir o que disse aos Meus discípulos. Antes de tudo, ensinai o conhecimento de Deus Único e o Seu Reino do Amor e Verdade Eterna, dando o exemplo da Doutrina recebida de Mim. Assim, serão levados a toda Verdade e Sabedoria, através do Meu Espírito.

2. Em Pella já vos demonstrei haver motivo interno e espiritual em todos os fenómenos da Terra e do próprio homem. No início, não é aconselhável passar essa explicação aos alunos, mas inteirá-los da questão principal que já conheceis. Quando ela tiver deitado raízes, tudo o resto será fácil efectuar.

3. Aliás, não vos dediqueis no começo às explicações de fenómenos telúricos. Ainda não estais bastante preparados e, além disso, não depende delas a verdadeira salvação da alma. **Ensinai apenas a fé viva em Mim e a acção segundo a Minha Vontade.** De tudo o resto, Eu Mesmo cuidarei. Quem cumpre os Meus Mandamentos e Me ama verdadeiramente acima de tudo, será por Mim visitado, recebendo revelações à medida da sua capacidade assimiladora.

4. Foram os talentos dados por Mim tão diversamente para que cada um sirva ao próximo dentro das suas necessidades. Por enquanto, nada tendes que fazer para o desenvolvimento dos talentos individuais, e sim, tratar da divulgação do Ensino principal. O resto, Eu farei.” Satisfeito, o oficial agradece.

5. Entrementes, o Sol havia surgido acima do horizonte. Um empregado vem convidar-nos para o desjejum, e quando chegamos à casa, esta se acha sitiada por grande número de cidadãos. Nem bem reconhecem o comandante e os seus subalternos, imediatamente se afastam. Em seguida tomamos o desjejum e ninguém mais se alterou com a casa dos judeus. Ainda assim, o prefeito achou por bem visitar o militar que Me pede orientação no caso. Respondo-lhe: “Podes recebê-lo, pois deve tornar-se bom instrumento para Mim.”

66. O PREFEITO DE ABILA.

1. Após os cumprimentos habituais no grande refeitório, o comandante pergunta pelo motivo da visita do outro. O prefeito, inteligente e bastante experimentado, que bem conhecia a moradia

dos judeus, diz admirado: “Ouvindo da tua passagem a negócios por Abila, torna-se dever sagrado fazer-te uma visita e perguntar-te se necessitas dos meus préstimos. Muito admirado percebo que nada precisas. Conseguiste transformar a ruína dos judeus em verdadeiro palácio, sem ao menos dar-me conhecimento a respeito e sinto ser dispensável. Caso precises de algo, estou ao teu dispor, até mesmo com a minha vida.”

2. Diz o comandante: “Podes ficar, pois haverá motivo para pedir-te auxílio. Por ora toma uma taça de vinho antiquíssimo encontrado em uma adega soterrada.” Quando experimenta o vinho, o outro exclama: “Perdoa-me se faço uma pequena observação. Se este vinho for obra tua, és mais divino que humano. Do mesmo modo é a transformação desta ruína em um palácio, de um momento para outro, apenas possível aos deuses. Os mais entendidos construtores levariam mais que dez anos para tanto.”

3. Responde o comandante: “A tua observação é justa, mas não se aplica à minha pessoa. Dentro em pouco saberás a Quem me refiro e então estarás ao meu inteiro dispor. Agora toma o vinho.” Após ter brindado ao construtor formidável do burgo, o judeu propõe: “Caso for do teu agrado, teria vontade de me convencer se todos os recintos se acham na mesma situação que este refeitório, anteriormente habitado por toda a sorte de ofídios.”

4. Diz o romano: “Pois não, se for da Vontade de Alguém em nosso meio.” Digo Eu: “Certo. Os pagãos e especialmente os estóicos como é o nosso prefeito, só podem ser convertidos à Existência de Deus Verdadeiro, Senhor de Céus e Terra, através de grandes provas.”

67. O COMANDANTE CONVERTE O PREFEITO.

1. Todos se levantam da mesa e nos dirigimos aos recintos grandes e pequenos, à enorme adega, e o prefeito mal consegue falar de tamanha veneração. Quando voltamos ao refeitório, passadas algumas horas ele diz: “Agora acredito na Existência de Deus Eterno, quer dizer, no Deus dos judeus que mantêm uma fé um tanto fraca, considerando-O apenas em determinado dia da semana. Oh comandante, fala-me a respeito desse Deus!”

2. Diz aquele: “Observa o Homem que à minha direita fala com a minha filha, a qual Ele curou milagrosamente em Pella. Por ora é só o que posso dizer.”

3. O outro começa a observar-Me com muita atenção e em seguida vira-se para o romano, com voz baixa: “Externamente, parece judeu da Galileia. Deve ser homem sumamente devoto ao Grande Deus judaico por ter recebido poder tão excepcional.” Retruca o romano: “Em parte tens razão. Com o tempo tudo te será claro.”

4. Eis que Me viro para o romano, dizendo: “Já podes esclarecê-lo. Está em condições de assimilá-lo.” E o comandante começa a doutrinar o prefeito levando os próprios discípulos à admiração, enquanto o outro não alimenta a menor dúvida a respeito da Minha Pessoa.

5. Percebendo com Quem estava lidando, o prefeito levanta-se e diz com todo respeito: “Senhor, és Tu em Quem acreditarei com todos os meus. Diz-me o que fazer para que a minha fé se transmita aos corações de outros. Não me sinto feliz quando não participam da minha ventura. Todos os meios Te são conhecidos e facilmente poderias orientar-me.”

68. O AMOR E A PACIÊNCIA, SÃO AS DUAS PRINCIPAIS VIRTUDES DO HOMEM.

1. Digo Eu: “O amor e a paciência são as duas virtudes mais importantes para todas as coisas deste mundo e também no Universo. Não careces de amor, razão porque Me deixei descobrir por ti. Quanto à paciência justa em sintonia com o amor, - estás ainda fraco.

2. Faz hoje, em Meu Nome, apenas aquilo que te seja possível, que o dia seguinte te dirá o que fazer para a realização de finalidade nobre. Neste mundo imenso e destinado para os homens, nada se consegue sem força. Se assim não fosse, não teria Eu aceite carne e sangue, como homem físico, para vos ensinar Pessoalmente os assuntos do Meu Reino, com toda a paciência e dedicação.

3. Todo o homem tem livre vontade indiscutivelmente respeitada. Portanto, não é aconselhável chamar-se a atenção para os Meus Milagres, junto de pessoas que ainda não se interessaram pela doutrina estóica. Devem ser esclarecidas acerca da Minha Existência, sem Começo e sem Fim espiritual, quer dizer, sobre o Deus Único e Verdadeiro. Em seguida convém transmitir-lhes a Vontade Dele, e quem a cumprir, terá alcançado a meta final.

4. Aceitando os ensinamentos sem coacção externa – física ou moral – e vivendo segundo manda a Doutrina, podeis relatar as Minhas Provas e a Minha Presença Individual, fortificando deste modo a sua fé e acção. Os estóicos endurecidos podeis converter através dos Meus Milagres. Os desprezadores da vida e desejosos da morte e do não-ser suportam um golpe mais forte, sem sofrerem prejuízo na liberdade da sua vontade.

5. Todavia, não façais alarde deste milagre. Vivem na cidade duas criaturas curadas por Mim, em Pella, cujas minúcias são do conhecimento do comandante e dos seus subalternos, que Me darão justo testemunho. Fazei o que vos disse, com amor e paciência, que atingireis uma colheita farta de almas para o Reino da Vida.

6. Houve um proprietário de grande vinha que contratara dois operários mediante boa recompensa, e ambos dividiram o terreno para o serviço. Um deles queria demonstrar-se dedicado e activo perante o patrão, pois talvez recebesse uma gratificação especial pelo trabalho constante e sem trégua. Em pouco tempo terminou o serviço que, em virtude da pressa, não foi profícuo e deu colheita pequena.

7. O segundo reflectiu a respeito do tratamento individual de cada videira, para conseguir bom fruto. Naturalmente levou mais tempo. Ao fim da colheita, a sua vinha estava repleta de uvas maravilhosas. Quando veio o dono, elogiou o segundo operário e lhe deu uma gratificação extra, ao passo que o primeiro, nada de especial recebeu, pois havia causado antes prejuízo do que benefício. O mesmo deveis considerar durante o trabalho na vinha humana, caso quiserdes obter verdadeira utilidade na divulgação da Doutrina.

8. As criaturas são as videiras e devem ser tratadas segundo a sua natureza e carácter. Antes de tudo, ensinai a Verdade que as libertará dos erros aos quais as suas almas se achavam algemadas, e vós mesmos sentireis as alegrias da maior liberdade no vosso coração.

69. ALMOÇO E DESPEDIDA DO SENHOR.

1. Todos Me agradecem pelo ensinamento, e o prefeito se levanta da mesa quando percebe que o ancião manda servir o almoço. Convido-o para participar do mesmo e ao avistar os bons peixes, ele pergunta ao comandante se eram de Genezareth ou de

Gadara. Este responde: “Amigo, estes peixes são produzidos pelo Senhor, ao Qual tudo é possível, como já percebeste, de sorte a representarem prova do Seu Poder e Glória. Farás bem em te saciares com eles.” O prefeito não se faz rogado, constatando o especial paladar dos pratos.

2. Durante a refeição vários assuntos são ventilados, inclusive os sonhos, e Eu Mesmo explico o mundo intrínseco dos mesmos e demonstro a força psíquica ainda não desenvolvida, porém divinamente criadora que, pela acção segundo a Minha Doutrina, pode atingir a máxima perfeição. O grego e o comandante romano muito se alegram com isso e o primeiro diz: “Quão ignorantes e tolos são os homens, perto de Ti, Senhor.”

3. Aparteio: “Vim a este mundo justamente para apontar o caminho pelo qual podeis atingir tal perfeição em tudo, Imutável Posse Minha, desde Eternidades. **Sou Tudo em tudo, e tudo está em Mim e vem de Mim.** Assim, também vós, Meus filhos, deveis estar Comigo.

4. Afirmo: Não há quem visse, ouvisse ou sentisse quais sejam as bem-aventuranças reservadas para os que Me amam e cumprem os Meus Mandamentos. Sede comedidos, zelosos no Bem e na Verdade e activos com todo o amor e paciência, a fim de que o Meu Espírito desperte, cresça e demonstre na Luz claríssima o Mundo de Deus no coração da vossa alma. Nele se oculta o Infinito mais feliz, imperceptível aos olhos da criatura material. Somente Eu conheço o caminho para lá e vo-lo demonstro com clareza. Segui pelo mesmo, para atingirdes o Mundo Divino dentro de vós.”

5. Aduz o grego: “Eis uma sabedoria profunda; entretanto, não a compreendi inteiramente por ser ainda homem materialista. Tudo farei para despir o homem externo, a fim de compreender mais claramente, o interno. Ajuda-me nesta tarefa difícil, Senhor. A partir de agora estou alegre sabendo, por Teu Intermédio, não haver morte e peço-Te me conserves essa alegria, pois um homem tristonho não pode sentir vontade para trabalhar.”

6. Digo Eu: “Fazendo o que vos cabe, farei o que Me compete. Não almejeis excesso de alegria enquanto palmilhades na Terra. Por ela, a alma se perde no mundanismo e materialismo, e dificilmente encontrará o caminho da vida, na sua perfeição.

7. **Interpretai alegria e sofrimento segundo a Minha Vontade e com paciência e submissão justas, que sereis cumulados com a coroa da vida, no Meu Reino.** – Chegou o momento da Minha

partida para seguir a outro local, onde há muitos mortos que devem ser ressuscitados. Se quiseres, comandante, podes acompanhar-Me a Golan.”

8. Responde ele: “Ó Senhor e Mestre, se fosse do Teu agrado, acompanhar-Te-ia mais além, pois disponho de tempo nesta época. De qualquer forma, irei Contigo aos lugarejos sujeitos ao meu comando, em companhia de um subalterno e da minha filha.”

9. Nisto se aproximam os judeus para Me agradecerem pela caridade recebida, pedindo Eu não os abandonar com a Minha Graça. Prometo-lhes a Minha Ajuda espiritual, caso permanecessem na Minha Doutrina, e o comandante garante-lhes protecção, junto ao prefeito.

70. CHEGADA A GOLAN.

1. Partimos para Golan, fazendo uma pequena volta fora da cidade para evitar desnecessário alarde. O prefeito nos acompanha, pois também queria fugir de inúteis comentários. A caminho de Golan, o romano deixa-nos para visitar um velho amigo.

2. Chegamos à noitinha ao portão da cidade e encontramos vários judeus que somente após o pôr-do-sol se animam a dar uma saída no sábado. Quando nos avistam, um ancião se aproxima e pergunta sobre a nossa procedência e se ignorávamos o vilipêndio por um passeio desnecessário, enquanto o Sol ainda brilhava no Céu.

3. O romano o enfrenta com rigor, dizendo: “Nem todos aqui são judeus, pois o grupo contém romanos de destaque. As vossas leis não nos interessam, e caso quiséssemos, os judeus teriam que fazer neste dia o que determinássemos. Não tendes direito de deter um irmão de fé, em nossa companhia, para saber porque faz ou deixa de fazer isto ou aquilo. Sou plenipotenciário do Imperador e tenho a espada da justiça em mão. Quem se atrever a agir contra ela - seja judeu, grego ou romano - experimentará a sua agudez, em qualquer dia.”

4. Assustados, os judeus pedem desculpas por não o terem visto no grupo. Também eles eram súbditos fiéis de Roma, cujas leis respeitam. Diz o comandante: “Desta vez sereis perdoados. No futuro evitai de inquirir judeus que aqui chegam num sábado. A incidência do caso será severamente punida. Podeis prosseguir em vosso passeio.”

5. Supondo que o romano tivesse um pelotão na retaguarda, os judeus preferem voltar aos lares. Entrementes, o comandante pergunta em que albergue pretendo pernoitar.

6. Respondo: “Na outra ponta da cidade há um albergue judeu. Lá ficaremos a noite, e amanhã resolveremos o resto.” Dentro em breve chegamos ao destino, onde o taverneiro nos aborda, perguntando pelos nossos desejos.

7. Digo Eu: “Quando viajantes param diante de uma taverna é para serem acolhidos; o mesmo se dá connosco.” Diz ele: “Sois ao todo uns quarenta, que dificilmente poderiam ser acomodados em minha casa. Lá para cima existe um grande albergue grego, onde podereis ser recebidos com todo conforto. Além disso, tenho uma companheira enferma, e as minhas duas filhas também se acham indispostas, de sorte que a arte culinária está mal acondicionada. Tudo o que tenho é reduzido, ao passo que o grego vos supriria do bom e do melhor.”

8. Retruco: “Isso sei há muito tempo. Justamente por isso quero ficar contigo, para suprir-te de tudo o que necessitas. Deixamos entrar.” Assim, entramos no refeitório não muito espaçoso e arrumado com mesas, bancos e cadeiras. O taverneiro manda trazer lamparinas e admira-se muito quando descobre o conhecido comandante Pellagius. Novamente se desculpa do seu albergue, ao que o romano responde: “Se quisesse conforto, poderia ter procurado o castelo sempre à minha disposição.

9. Apreciando muito mais este grupo do que o luxo do mundo, ficarei com o meu ajudante e a minha filha. Além de tudo, aqui estou por ter o Senhor e Mestre expressado o desejo de visitar este albergue. Ainda saberás Quem É, e qual a felicidade ocorrida para todos os teus. Manda trazer pão e vinho.” Servimo-nos à vontade, no que o judeu, homem honesto e bondoso, nos acompanha.

71. A CURA DA ESPOSA E DAS FILHAS DO JUDEU.

1. Após nos termos confortado um pouco, o taverneiro se encoraja e diz-Me: “A julgar pela tua vestimenta pareces ser galileu. Como podes ser senhor e mestre, segundo a opinião do comandante?”

2. Digo Eu: “Manda trazer a tua mulher e filhas, que as curarei como fiz à filha dele. Eu não o fazendo, não haverá médico que o faça. Obedece, que verás a Força e a Glória de Deus, no homem.”

3. Retruca ele: “Sou judeu na íntegra e cumpro a lei; mas na fé propriamente dita não sou forte. Os profetas predisseram certas vantagens para o nosso povo, especialmente de um Messias que viria com grande Poder e Glória para erguer o reino destruído e corrupto, para todos os tempos. Até hoje se cumpriu apenas o lado pior, enquanto os benefícios se fazem esperar. Com tais experiências, difícil é manter-se a firmeza da fé.

4. Além disso, somos obrigados a viver entre pagãos, que nos ridicularizam tão logo começemos a falar do Deus Único. São filósofos, sem crença em deuses nem na imortalidade da alma, e sempre sabem provar a nulidade das coisas espirituais. Consideram somente as forças da Natureza que criam constantemente segundo as leis nela contidas. Por aí vêes que a nossa fé é bastante fraca; entretanto, quero acreditar que possas curar a minha mulher e filhas.”

5. Dentro em pouco, os empregados transportam a enferma no próprio leito, acompanhados das filhas, e o taverneiro diz: “Eis aqui o Senhor e Mestre que vos curará de modo milagroso. Tende fé e pedi-Lhe.” Elas assim fazem com grande emoção, ao que digo: “A vossa fé vos ajude, assim quero! Levantai-vos e caminhai!” Instantaneamente, as três são curadas e Me agradecem com fervor, e o taverneiro junta-se a elas na sua gratidão.

72. O PODER MILAGROSO DO SENHOR.

1. Após algum tempo, o judeu vira-se para as mulheres e diz: “É preciso demonstrardes o vosso reconhecimento pela acção. Ide à cozinha e fazei a melhor refeição possível.” Elas obedecem imediatamente com grande prazer. Eu, porém, digo-lhe: “Podias ter poupado esse trabalho à tua mulher e filhas, pois nos satisfazemos com pão e vinho. Mas, já que mandaste preparar uma refeição, poderão fazê-la.”

2. Nesse instante, a mulher chega ao refeitório e diz com alegria ao marido: “O que se passou durante a minha moléstia que durou meio ano, sem que o soubesse? As despensas estão abarrotadas de lentilhas, feijões, trigo, azeite, frutos, uvas, mel, peixes frescos e defumados, pão, leite, manteiga, queijo e ovos. Perguntei às filhas e empregadas de onde veio isso tudo, sem poderem responder. Como isso aconteceu?”

3. O marido, igualmente estupefacto, responde: “Se assim é, começo a crer nos antigos milagres, como sejam, a chuva de maná e de pássaros. Estou certo que o Senhor e Mestre saberá Quem encheu as nossas despensas.” Diz a judia: “Quando ele me curou, vi uma forte luz projectar-se da fronte dele e todo o seu corpo estava envolto numa irradiação luminosa. Quiçá oculta-se algo grandioso nele, talvez o profeta Elias, ou então o Próprio Messias.”

4. Acrescenta o marido: “Terás razão. Quem isto pode pela simples vontade, deve estar em união com o Espírito de Deus. Não podemos agradecer-Lhe à altura; todavia, aprontai a ceia da melhor maneira possível.”

73. O REINO DE DEUS.

1. Voltando ao refeitório, o judeu fita-Me dos pés à cabeça e diz: “A minha mulher deve ter razão. És o Messias Prometido em Pessoa, que não poderia fazer milagres maiores do que estes. O Teu Corpo, Senhor e Mestre, é igual a qualquer um; mas a Tua Alma é plena de Poder e Força divinos. Por isso sejas louvado!”

2. Digo Eu: “Felizes tu e os teus, por terdes percebido isto em Mim. Bem-aventurados somente aqueles que cumprem a vontade do Pai no Céu, Que Me enviou a este mundo. Eu e o Pai somos Um. Quem Me vê e ouve, vê e ouve também o Pai. Sem Mim, não há quem veja e ouça o Pai. Quem, portanto, crer em Mim e agir segundo a Minha Doutrina, receberá a Vida eterna.”

3. Diz o judeu: “Qual é a Tua Doutrina? O que é preciso fazer para receber de Ti a Vida eterna?” Respondo: “Quem crê em Mim e não se aborrece Comigo, cumprindo os Mandamentos dados por Moisés, já possui a Vida eterna. Não vos dou outra Lei senão a que Moisés recebeu de Mim, para transmiti-la aos homens.

4. Reconhece e ama a Deus acima de tudo e ao próximo como a ti mesmo, que cumprirás toda a Lei e, com ela, a Vontade de Quem ora fala contigo. O efeito se demonstrará na tua alma. Compreendeste?”

5. Responde o judeu: “Sim, Senhor e Mestre; sempre cumpri a Lei de Moisés, não obstante a fraqueza da minha fé, e a partir de agora a cumprirei ainda mais. Consta que o Messias fundará um verdadeiro Reino de Deus nesta Terra que jamais tem fim. Como e onde? O Teu Trono ficará em Jerusalém? E quando isso será feito?”

6. Digo Eu: “O Meu Reino não será um império mundano, mas Divino, sem qualquer pompa; nada tem de externo, mas acha-se no íntimo da criatura. A Minha Cidade, a Minha Morada sólida dentro dela, é o coração puro que Me ama acima de tudo. Eis o que diz respeito à fundação do Reino nesta Terra.

7. **Os que esperarem um novo Reino de Deus na Terra, com pompa externa, ver-se-ão traídos nas suas esperanças.** Jamais tal Reino será fundado com base nessa “verdade”. Haverá falsos profetas que isso afirmarão em Meu Nome. Nunca, porém, habitarei nem reinarei em tal reino. Esta é a Verdade Plena quanto à fundação do Meu Reino nesta Terra. Compreendeste?”

8. Responde o judeu: “Sim, Senhor e Mestre. Muitos ainda presos ao mundo não o entenderão, esperando por um reino material e deste modo continuarão no antigo julgamento e cegueira espiritual. Sê benevolente para com os ignorantes, Senhor, e não abandones os que já descobriram o Teu Reino verdadeiro e procuram seguir a Tua Vontade.”

Digo Eu: “O teu pedido é justo e será atendido. Eis que vem a ceia, vamos sentar-nos.”

74. O TAVERNEIRO E O COMANDANTE SÃO ORIENTADOS.

1. Após tomada a refeição, na companhia da família do anfitrião, a sua mulher e filhas novamente Me agradecem pela Graça recebida. Alguns discípulos se aborrecem com tal repetição e afirmam já terem feito o suficiente.

2. Percebendo a impaciência dos apóstolos, digo: “Quantas vezes operei milagres e vos saciei à Minha mesa, sem ter recebido qualquer manifestação de reconhecimento. Deixai que estes filhos expressem a sua alegria. Prefiro o balbuciar de um filho às palavras sábias de um intelectual, nas quais o raciocínio se alegra sem vantagem para o coração. Em verdade vos digo: Quem Me aceita diante do mundo, será por Mim reconhecido perante o Pai. Deixai, portanto, que os filhos se alegrem.”

3. Os discípulos contêm-se e Eu abençoo a família do judeu que se retira para a cozinha. Até perto de meia-noite dou orientação ao hospedeiro em vários assuntos; estes conselhos são ouvidos também pelos demais. Finalmente o comandante, expressa-se com estas palavras: “Senhor, guardei na memória o que falaste em Pella e

Abila. Confesso que acabas de ventilar certas coisas jamais sonhadas e Te agradeço muito. Facultaste-me uma noção muito mais profunda acerca dos segredos da Criação.”

4. Digo Eu: “Meu amigo, muita coisa teria para vos dizer e revelar, - mas ainda não estais em condições de suportá-las. Tão logo Eu vos enviar o Espírito Eterno da Verdade e Ele penetrando as vossas almas, sereis levados à Sabedoria total.

5. O facto de Eu ter podido abordar certos temas com o judeu, prende-se ao conhecimento dele das Escrituras, conquanto não as tenha assimilado. Quando tiveres lido a Escritura toda com a justa atenção, descobrirás muita coisa estranha que o intelecto não saberá interpretar no sentido espiritual. Isto se dará com a ajuda do Espírito enviado por Mim.

6. Se desejas maior elucidação sobre fenómenos da Natureza, poderás visitar o teu colega em Genezareth, bastante informado a respeito. **Eu ensino as criaturas segundo a sua capacidade assimiladora e em assuntos que já despertaram a sua reflexão, sem terem conseguido atingir a Verdade.** Assim acontece Eu vos apresentar em toda a parte algo novo e estranho; todavia não se trata de novidade, pois já existia sem que fosse descoberto e compreendido.”

7. Todos compreendem a Minha Explicação, inclusive os discípulos, percebendo o motivo mais profundo pelo qual em diversos locais dissertava acerca de assuntos novos ao lado da Doutrina em si.

75. PRENÚNCIO DE UM TEMPORAL.

1. Quando termino de falar, o anfitrião vira-se para Mim: “Senhor, peço que me informes quando alguém estiver com vontade de deitar-se, pois já passou metade da noite.”

2. Digo Eu: “Amigo, deixa estar. Ficaremos como sempre sentados à mesa. Depende de ti, procurares o teu leito. Aliás, não aconselho que esta noite vos entregueis ao sono. A zona é exposta a tempestades e terremotos, e dentro em breve virá um temporal e convém verificar a sua direcção.”

3. Protesta o judeu: “Mas, Senhor e Mestre, és Soberano sobre o poder do mal, geralmente provindo de elementos infernais, e basta o pronunciamento da Tua Palavra para evitar que se aproxime o temporal.”

4. Digo Eu: “Falaste certo segundo os teus conhecimentos dos fenómenos naturais. É bem verdade que tais tempestades às vezes são assistidas pelos demónios; todavia não podem o Amor e a Sabedoria divinos impedir o desencadear dos elementos. Na Terra repousam inúmeros espíritos da Natureza que com o tempo terão de alcançar a sua salvação. Como esta zona é especialmente rica em elementos brutos de toda a espécie, enquadra-se na ordem que os espíritos sazoados possam irromper para uma existência mais livre. Convém permitir-lhes a expansão em diversas ocasiões, do que retê-los por muito tempo. Muitos grupos explodem e provocam grandes devastações, que se apresentam como desertos, onde por longo tempo nada germinará. Compreendes porque tenho que deixar o temporal expandir-se. Ninguém precisa temê-lo, entretanto convém ficar acordado.”

5. Nisto aproxima-se Simão Judá e diz: “Senhor e Mestre, quando certa feita nos encontrávamos durante um temporal no Mar Galileu, dentro de uma embarcação bastante frágil, estavas adormecido e fomos obrigados a despertar-Te para não sucumbirmos. Imediatamente ameaçaste o temporal, que serenou a ponto de todos afirmarem: “Quem será este homem, ao qual obedecem ventos e mares? - Compreendo ser melhor estar-se acordado durante um temporal; mas porque dormias justamente naquela ocasião?”

6. Respondo: “Justamente para experimentar a vossa fé e fortificá-la. Além disso, não disse ao judeu ser aconselhável também para Mim ficar acordado. O Meu Conselho não serve como norma de vida para Mim, mas para vós, a fim de atingirdes a perfeição. Se quisesse, poderia entregar-Me ao descanso, haja em vista não ter dado a advertência à Minha Pessoa. Velarei em virtude da vossa falta de fé.”

7. Atentos, todos aguardam o temporal. O hospedeiro, que não obstante a Minha Presença, sente crescer o temor, diz: “Não convém despertar os que já dormem?” Respondo: “Basta nós estarmos vigilantes. O próprio temporal despertará os moradores da cidade, que procurarão o ar livre. Nessa ocasião teremos bastante trabalho.”

76. A NOITE TEMPESTUOSA.

1. Neste momento, um vento forte manifesta-se, acompanhado de ligeiro tremor de terra. Em seguida levanta-se forte rugir, a meia

hora distante, que de minuto em minuto aumenta. Dentro de poucos instantes, a fúria alcança a cidade despertando muitos moradores que, apavorados, procuram fugir para o campo, pois temiam ser soterrados nos escombros das casas.

2. Muitos, ao passarem pelo nosso albergue, admiram-se da nossa coragem e calma, e alguns vizinhos entram no refeitório para aconselhar o dono da casa a dirigir-se para o ar livre. Deveriam estar soltos todos os demónios judeus e as fúrias pagãs, do contrário não se compreendia o surgir de noite tão tempestuosa, após dia tão sereno.

3. Responde o taverneiro: “Amigos, a minha casa é velha e já passou por muitas provas semelhantes, e certamente suportará esta noite sem prejuízo. Entrego tudo a Deus, o Senhor, cheio de Amor e Poder, que não permitirá seja a minha família atingida pelos demónios judeus ou pagãos.”

4. Dizem os dois vizinhos: “Deixa-nos em paz com os deuses, sejam quais forem. Que vantagem teriam por nos martirizarem? Nós, romanos, clamamos por todos eles, e alguns sacerdotes fazem gritaria, inclusive os judeus da cidade. A tempestade e o tremor de terra não cessam e convém salvar-se ao menos a pele.”

5. Retruca o judeu: “Naturalmente tendes de vos socorrer pessoalmente, sendo a vossa fé e confiança em Deus, tão fracas. A mim, Deus verdadeiro demonstrou que esta tempestade viria por esta zona por motivos mui sábios e não precisaria temer algo.

6. Os romanos vangloriam-se com a seguinte afirmação: Ainda que o planeta soçobrasse, as ruínas haveriam de carregar o impávido! Onde está a aplicação da mesma? Eu, judeu crente no Deus Verdadeiro e Único, vivo no justo temor que me dá mais coragem que a vossa empáfia. Se pensásseis como eu, poderíeis ficar dentro de casa sem que algo vos acontecesse.”

7. Respondem os romanos: “No fundo tens razão. Mas não temos culpa de não participarmos da tua crença e oportunamente falaremos a respeito.” Percebendo haver na sala outros hóspedes, os romanos fazem tentativa de perguntarem a respeito deles. Todavia eram chamados pelos familiares que os procuravam na rua, e assim, afastam-se.

8. Entrementes, o taverneiro pergunta-Me quanto tempo haveria de durar o temporal, e Eu respondo: “Mais uma hora, no entanto ninguém sofrerá dano algum. Falaste bem aos teus vizinhos,

que amanhã aqui voltarão. Agora podemos descansar para de manhã trabalharmos bastante.”

77. A BONANÇA.

1. Quando despertamos pela manhã, um tanto nebulosa, os discípulos indagam se quero ir ao ar livre. Respondo: “Por várias vezes assistimos a manhãs como esta e sempre passei ao ar livre, portanto, também o farei hoje. Quero dar aos pagãos uma prova, para se converterem mais facilmente ao Deus, Único e Verdadeiro. Quem quiser ficar em casa, que fique.

2. Todos respondem: “Não Te deixaremos, Senhor, pois queremos estar sempre Contigo.” Digo Eu: “Então vamos.” Ao chegarmos à rua, encontramos grande multidão acampada na calçada, porquanto temera passar a noite em casa. Conquanto a tempestade terminasse, todos receavam a sua volta. Num grupo estavam também os dois vizinhos do taverneiro, que felicitam o mesmo, principalmente o comandante e os seus subalternos, por terem passado incólumes.

3. Inquiridos pelo romano se haviam ficado a noite ao ar livre, eles respondem: “Até irromper a fúria estávamos em casa. Mas quando a terra principiou a tremer, todos nós fugimos para a rua. Fossem as nossas casas construídas de madeira, não teríamos sido enxotados. As pedras dos edifícios são mui quebradiças, por isso é aconselhável abandoná-los em tais ocasiões.”

4. Diz o comandante: “E a protecção dos deuses, da qual todos os pagãos se vangloriam? De minha parte, entreguei-me à Protecção do Deus Único, e fiquei dentro do albergue sem o menor receio. Somente Ele enche a criatura de coragem para enfrentar o que quer que seja. Quem não tiver fé e confiança em Deus, é exposto a toda sorte de sofrimentos e vicissitudes, principalmente na hora derradeira da sua vida.”

78. A PROCURA DE DEUS.

1. Diz um dos vizinhos: “Vemos que tens razão e feliz é todo aquele capaz de uma fé firme e confiança viva, que o farão suportar todos os embates da vida. Mas, onde buscá-las? Lá em cima, na parte mais larga da rua principal, se acham os nossos sacerdotes, e

não longe deles, alguns rabis judeus. Ambas as castas demonstram quão pouco esperam do auxílio verdadeiro.

2. Quando terminar todo perigo do temporal, os nossos começarão a pregar a respeito da ira dos deuses em virtude da nossa fraca fé e as oferendas pequenas; e caso continuássemos nessa atitude, os deuses haveriam de exterminar o próprio país. Teriam, portanto, feito grande alarde no Templo, caso não temêssemos a repetição do temporal.

3. O mesmo sucede com os sacerdotes judeus. Estariam dentro da sinagoga para estimular os fiéis a oferendas maiores, se a nebulosidade não os retivesse. Eis as traficâncias dos sacerdotes pagãos e judeus, que demonstram claramente serem eles os primeiros a fugirem, provando a sua fé e confiança fracas. Deste modo, é difícil chegar-se à convicção de uma crença qualquer, e compreende-se o nosso lema, que cada um deva socorrer-se a si próprio. Todavia, falaste palavras boas e sentidas, e talvez exista um deus como o descreveste. Mas onde está? Como chegar-se junto Dele?"

4. Diz o comandante: "Isso não é tão fácil para um materialista que diria: Se realmente existir um ou vários deuses, devem deixar-se encontrar pelos homens, caso devam ser considerados; assim não sendo, certamente nem existem.

5. Afirmando, tal não suceder. Primeiro, só houve Um Deus, desde Eternidades, que deseja ser procurado, reconhecido e amado através do cumprimento das Suas Leis. Segundo, deve o homem procurá-Lo não apenas de hoje para amanhã, mas dedicar-se-Lhe com crescente fervor e saudade, que Deus Se manifestará, como já aconteceu a vários. Então expressará a tais criaturas a Sua Vontade, segundo a qual continuarão no Seu Amor e Graça, podendo a sua alma ser despertada para a Vida eterna.

6. Em tal situação, não haverá temores nem fraquezas durante as lutas dentro da vida, mas somente a manifestação da paciência e completa entrega à Vontade Divina, que tudo conduz a bem da criatura. Sendo este o maior tesouro humano, vale a pena procurá-lo.

7. Como se cansam os homens à procura de tesouros e bens materiais. Um perfura montanhas para descobrir ouro, prata e pedras preciosas. Outro, mergulha nas profundezas do mar para encontrar algumas pérolas. Um terceiro, navega pelos mares revoltos em embarcações mui frágeis, a fim de vender a sua

mercadoria em países estrangeiros, pelo lucro de algumas dracmas. Assim, cada um procura melhorar a sua posição na vida. Porque ninguém se dá ao trabalho da procura do tesouro mais sublime, sabendo que em todas as épocas houve homens que realmente o encontraram?”

79. OS BONS PROPÓSITOS DO VIZINHO PAGÃO.

1. Responde um dos vizinhos: “Tens realmente razão com o teu discurso, pois este serve-nos de guia para a descoberta de tal tesouro. Até hoje isso não foi possível. De um lado, os sacerdotes nos dominavam. Do outro, tínhamos oportunidade de observar o judaísmo onde deparamos a maior confusão e superstição que no politeísmo. Preferimos caminhar entre ambos, observamos a Natureza e vivemos segundo as suas leis, muito embora cumpríssemos externamente as do Governo. Agora acabamos de receber de ti, um meio seguro e com ele nos dedicaremos à procura do maior tesouro da vida, do qual depende a imortalidade da alma.”

2. Eis que Me manifesto: **“Uma vontade rigorosa para um trabalho que promete destino sublime, é em si, tanto quanto a obra.** Esta segue, em sua extensão, a vontade tão mais rapidamente quanto o rigor do empreendimento. O comandante demonstrou o justo caminho e vos entregou os meios apropriados.”

3. Responde o vizinho: “Amigo, pareces ter encontrado o tal tesouro sublime, porquanto falas como o comandante. A julgar pela vestimenta, és galileu, bem como os teus companheiros. Não importa serem os galileus desconsiderados como crentes; pois pode haver entre eles alguns que tenham encontrado aquilo que pretendemos possuir.”

4. Digo Eu: “Julgaste bem; mas neste local não podemos prosseguir no assunto porque o povo se aglomera ao nosso redor. A presença do comandante despertou a curiosidade e convém seguirmos para uma praça fora da cidade, onde haverá oportunidade de falarmos.”

80. OS EFEITOS DA TEMPESTADE E DO TERREMOTO.

1. Quando chegamos a uma colina onde se vê uma velha ruína que anteriormente servia de fortaleza aos filisteus, observamos em

direcção ao Oeste elevarem-se labaredas e muito fumo em diversos pontos. Após certo tempo de observação, o comandante volta-se para Mim: “Senhor e Mestre, os mencionados elementos da Natureza não sossegaram e, segundo as minhas experiências, tais labaredas e fumo após um temporal, perduram às vezes, durante semanas e até mesmo se percebem algumas oscilações na terra. Por quê isso?”

2. Respondo: “Amigo, em Pella, onde resides propriamente, possuis um lago que te custou muito dinheiro. Caso pretendas criar bons peixes, terás que limpá-lo de tempos em tempos. Para tal fim é preciso esvaziá-lo. Quando aberto o cano principal do lago, a água se precipita com fragor pela abertura; pouco a pouco diminui e, no fim, sai apenas em gotas e podes começar com a limpeza. Porque não acondicionaste um cano que facilitasse a saída da água, num momento?”

3. Tudo no mundo se dá dentro de certa ordem; e caso algo suceda fora da mesma, a consequência é a equivalente destruição. Se vós, criaturas ignorantes, considerais certa ordem dentro das acções e trabalhos, a fim de alcançardes determinada finalidade, afirmando que um serviço rápido de nada vale, – deveria Deus, o Eterno Criador das Suas Obras Imensas, agir de modo menos prudente? Deixa portanto tudo correr como corre, que está certo.”

4. Satisfeito, o comandante agradece pelo ensino. Os dois vizinhos do taverneiro também haviam escutado as Minhas Palavras, de sorte que lhe dizem: “Segundo nos parece, é este galileu algo mais inteligente que o romano. Não entendemos bem do que se tratava; entretanto, dava impressão que lhe parecia muito demorada esta cena da Natureza. O judeu, então demonstrou a Ordem respeitada por Deus, e qual o motivo. Quem seria ele, pois o comandante o tratou por senhor e mestre? Como pode expressar-se dessa forma a um judeu?”

5. Responde o taverneiro: “Por ora não o entendes; mas tempo virá em que compreenderéis tudo.” Tais palavras despertam ainda mais a curiosidade dos vizinhos, sem se atreverem a fazer perguntas. Nisto começa a soprar um forte vento de Leste e não demora, sentimos um odor desagradável de enxofre e piche. Alguns dos presentes, incluindo certos apóstolos, pedem-Me para ordenar ao vento que leve os vapores para outra direcção, ou então dever-nos-íamos proteger dentro de casa.

6. Digo Eu: “Vede como se encaminha uma quantidade de curiosos para cá, a fim de bisbilhotarem as nossas acções. Na vanguarda marcham os sacerdotes pagãos, dois rabis e alguns judeus que nos abordaram à nossa chegada. Todos eles são para Mim mais desagradáveis que o odor pestilento. Justamente por este motivo fiz com que se levantasse a forte ventania. Já fazem menção de voltar, temendo que sejam prejudicados pelos venenos.”

7. Ao redor da colina havia alguns cidadãos que nos seguiram, e o comandante faz menção de mandá-los embora por um subalterno. Todavia digo-lhe: “São homens de boa índole e devem ficar para testemunhas.”

8. Entrementes, os vizinhos quedam mais perplexos e, finalmente, dizem ao taverneiro: “Que homem estranho! Parece ter dado ordens ao vento para enxotar os hóspedes indesejáveis. E agora acaba de dar ordens ao próprio militar que prontamente obedece. Além disso, conhece de longe o carácter das criaturas, conservando junto dele as boas. Estamos realmente curiosos para ver o que mais sucederá.” Diz o judeu: “Reflecti sobre aquilo que vos disse há pouco, que dentro em breve descobrireis a situação verdadeira.”

81. PONDERAÇÕES ACERCA DO PODER DO GALILEU.

1. Entrementes, os curiosos haviam voltado à cidade. Como a zona estivesse livre de qualquer perturbação, ordeno em voz alta, de sorte que todos Me ouçam, que o vento levasse os vapores de enxofre e piche para os desertos do Eufrates. Imediatamente ele muda de direcção e nos encontramos livres dos mesmos.

2. Percebendo-o, os vizinhos do taverneiro dizem: “É evidente estar o galileu em estreita união com Deus Verdadeiro, servindo-se do Seu Poder. Como poderia um homem chegar a tal ponto? Finalmente têm razão os judeus por acreditarem em Um Só Deus, que pelo Poder da Sua Vontade teria criado tudo que existe. Mas, qual seria o motivo que os próprios judeus pouco se interessam pelo conhecimento deste Deus, para amoldarem as suas acções segundo a Sua Vontade, como fez o galileu?”

3. Se conheceis os caminhos para a conquista do maior tesouro, no entanto não tratais de alcançá-los em virtude da cobiça pelos dons da matéria, sois evidentemente mais tolos que os pagãos. Não te enquadrámos na fileira desses judeus conhecidos na cidade,

no entanto sabemos que não estavas isento de dúvidas acerca da vossa Divindade. Especialmente os sacerdotes que pregam de forma tal a darem impressão depender a Atitude Divina da determinação deles, sem darem provas de qualquer força, - eis um enigma, pois vimos pelo galileu estar ele em contacto directo com Deus.”

4. Diz o taverneiro: “Amigos, tendes razão. Mas se falarmos a respeito, os mais entendidos no assunto se calam. Vamos silenciar para ouvi-los.” Nisto, o comandante se vira para Mim: “Senhor e Mestre, os homens no sopé da colina não sabem qual medida a tomar e o que pensar de Ti. Não seria prudente eu mandar um oficial para esclarecê-los um pouco?”

5. Respondo: “Ainda não. Darei uma prova e em seguida voltaremos ao albergue. Eles seguirão para a cidade a fim de relatar com entusiasmo o que assistiram, dando motivo para muitas conjecturas. Então será chegado o momento de lhes demonstrar Quem foi Aquele Que ordenou aos elementos. Agora transformarei a manhã encoberta e acalmarei os espíritos da Natureza. Já se libertaram em número justo.”

6. Imponho a Minha Vontade às neblinas sobre a Terra e às nuvens grossas no ar, permitindo que o sol resplandeça. E assim foi. A manhã se apresenta radiosa, facilitando a visão perfeita. Das fendas surgidas durante o terremoto nocturno, vez por outra vêm-se chispas de fogo a certa distância, de pouco agrado dos pagãos admirados, não obstante o panorama maravilhoso. Passada meia hora, emito também a Minha Ordem aos espíritos do fogo que se apagam de imediato. O vento igualmente se acalma, e o solo parece varrido de todos os detritos.

82. A VOLTA PARA O ALBERGUE.

1. A estupefacção é geral, e os pagãos começam a conjecturar Quem seja Eu, e qual a Minha Procedência, bem como a ligação entre Mim e o comandante, porquanto não Me trajo como ele. Alguns mais entendidos com a religião judaica, tomam-Me por profeta. Outros, um grande mago vestido como galileu. Outros, ainda, contestam essas hipóteses porque não descobriam sinais de magia, nem vara. Assim, as opiniões são as mais variadas, sem que alguém se atreva a subir a colina e perguntar directamente.

2. Entrementes, levantamo-nos para voltar ao albergue. Percebendo a nossa intenção, os pagãos são tomados de grande

pavor e voltam rápidos aos lares, onde são aguardados pelas famílias. Ao passarmos pela cidade, vimos os sacerdotes pagãos em plena actividade, divulgando que os homens deviam a eles, ter sido poupada a metrópole do cataclismo. A manhã nublada se transformara em dia radioso por intermédio das suas orações e promessas aos deuses, ao que os moradores dessa, assim como de outras cidades, se prontificam a fazer ricas oferendas ao templo.

3. Não menos intensiva é a acção dos sacerdotes judeus no tratamento dos fiéis na sinagoga. Todavia não há grande entusiasmo por ambos representantes de crença no sentido do cumprimento das obrigações. Paramos por algum tempo diante do albergue, observando o tumulto quando os vizinhos do taverneiro conjecturam: “Acaso estávamos errados ao predizermos a atitude dos sacerdotes? A manhã se transformou pela Vontade poderosa do galileu, e aqui encontramos a mistificação mais gritante.

4. Se os representantes dos deuses ou de um só deus – que no caso não faz diferença – são os primeiros a fugirem à vista de um perigo, como poderia um homem mais inteligente crer? Vemos serem precisamente os sacerdotes a prejudicarem a fé popular. Quem seria indicado a soerguê-la? Somente através de sinais convincentes poderia novamente surgir a fé na ajuda de uma divindade.

5. Compreendemos qual a razão de não fugirdes durante a noite; pois quem abriga em sua casa um homem ao qual obedecem todos os elementos, facilmente pode crer e confiar. Deveria ele demonstrar aos sacerdotes orgulhosos o seu Poder Divino, que despertaria a nossa fé viva. Até mesmo os dois rabis mudariam de opinião e talvez retornassem à religião dos patriarcas.”

6. Digo Eu: “Ide com as famílias ao nosso albergue, e deixai os sacerdotes prosseguirem com as suas lamúrias. Dos ricos nada receberão, e os pobres que estiveram em nossa companhia, saberão relatar a Quem obedecem os elementos da Natureza. Assim haverá oportunidade de impedir-lhes as traficâncias.” Deste modo, todos nós tomamos o desjejum bem preparado.

83. A ATITUDE PERANTE OS SACERDOTES.

1. Quando o vinho solta os recalques, os vizinhos pagãos relatam coisas que causam admiração aos próprios apóstolos. Entrementes, um dos rabis entra no refeitório, para chamar a

atenção ao hospedeiro, para este fazer oferendas ao Deus de Abraão, Isaac e Jacob, porquanto havia poupado os pertences dele, por intermédio das orações feitas pelos sacerdotes do Templo.

2. Tal atrevimento irrita um dos vizinhos, que se levanta e diz ao rabi: “Amigo, não teria um dos vossos patriarcas e profetas profetizado em que ocasião não mais seria preciso aturar-se os sacerdotes mentirosos e preguiçosos? Não te envergonhas, realmente, em nos atirar tamanha mentira em rosto? Quando terias tu orado a Deus pela conservação dos pertences deste meu amigo?”

3. Vimos-te bem como ao teu colega, tremendo de medo na grande praça, na qual escolheste o ponto mais seguro. Porque não ficastes na sinagoga, onde Deus haveria de atender as vossas orações? Acaso teríeis feito orações na praça, em benefício do povo? Conhecemos-vos muito bem. Por isso, fora daqui, de contrário poderia surgir Alguém que vos obriga para tanto!” Notando a presença do comandante, o rabi abandona o albergue.

4. Diz então o vizinho: “Graças ao Deus judaico, libertamo-nos de um dos mais ínfimos ateístas.” Aduz o comandante: “Fugiu qual ladrão, e o seu colega dificilmente nos procurará, enquanto os sacerdotes pagãos aqui virão, tão logo souberem eu estar presente. Como agirei sendo militar romano? Devo ser protector dos sacerdotes, em nome do Imperador. Como posso, se conheço o Deus Único e Verdadeiro, amando-O acima de tudo, e odiando o politeísmo?”

5. Digo Eu: “Não faças isso. Os sacerdotes dos vossos deuses, que aliás nunca existiram senão na fantasia dos homens dominadores, são menos culpados no paganismo que os pregadores, que em eras remotas começaram a converter os crentes do Deus Único, para o politeísmo.

6. Se assim é, convirás serem os vossos sacerdotes alvo de piedade e não de ódio. Trata de levá-los ao caminho da Verdade e quando nele começarem a palmilhar, procura dar-lhes trabalho. Ao Imperador não faz diferença tratar-se de judeu ou pagão, basta a ele, que lhe dêem o que lhe interessa. Nada precisas temer por parte de Augusto, pela conversão ao Deus judaico de alguns sacerdotes de Zeus e Apollo.

7. Além do mais, os potentados deste país, há alguns anos aderiram ao judaísmo verdadeiro por Meu intermédio, como sejam: o Prefeito Cirénio, o seu irmão mais moço Cornélio, o político Agrícola em Roma e muitos outros. Eles todos não tendo tido

aborrecimentos por parte do Imperador, nada tens a temer, visto que Eu te garanto a Minha Protecção especial, caso continues fiel. Dei-te também a capacidade de curar os enfermos, em Meu Nome, e libertar os possessos dos maus espíritos. Por ora nada mais precisas.”

8. Sumamente satisfeito, o comandante diz: “Senhor da minha vida! Todo o louvor, honra e gratidão Te sejam tributados por esta Graça imerecida. A Tua Vontade se cumpra por nós, como é executada pelos anjos celestes, e o Teu Nome seja louvado, hoje e sempre.”

84. A IMPORTÂNCIA DO AMOR.

1. As palavras do militar provocam forte admiração por parte dos vizinhos do hospedeiro judeu, de sorte que dizem ao primeiro: “Agradecemos-te pela confirmação daquilo que sentíamos e não nos atrevíamos a dizer. Este homem, ao qual tomamos por galileu, é o Deus Único e Verdadeiro, não só dos judeus, mas de todas as criaturas. É o Espírito Original e Eterno que Se apresenta qual Homem aos humanos, para demonstrar-lhes ser somente Ele Senhor desde Eternidades. Quão felizes somos por esta Revelação. Que venham os nossos sacerdotes para eu lhes apontar o verdadeiro Deus.”

2. Os dois romanos fazem menção de se ajoelhar diante de Mim, querendo adorar-Me. Mando que se levantem e ouçam a Minha Doutrina. Assim transmito-lhes a Minha Vontade e esclareço-os acerca de vários assuntos. Deste modo, tornam-se Meus servos.

3. Ambos Me agradecem com efusão e um deles, bom orador, diz: “Esta explicação, Senhor e Mestre, dispensa grandes provas da Tua Personalidade Divina. Isto convenceu-nos muito mais que os milagres que, não obstante inéditos, têm semelhança com os feitos por magos e sacerdotes comuns. Ainda assim agradecemos-Te igualmente pelas provas e pelo dia maravilhoso, surgido através da Tua Omnipotência. Somos testemunhas da Tua Força e Poder e temos coragem de enfrentar as forças do mal, no que certamente nos ajudarás.”

4. Digo Eu: “Disto podeis estar certos, Meus caros amigos, e vos transmito o poder de curar enfermos pela imposição das vossas mãos, em Meu Nome, e também expulsar os maus espíritos dos

possessos. Assim dotados, podeis entrar em luta contra o poder da mentira e do engano nefasto, para conquistardes a vitória final.

5. Tudo que fizerdes, deverá ser feito por amor, para despertar os corações daqueles que pretendeis conquistar para o Meu Reino. O amor deles tornando-se forte e cheio de vida, e querendo retribuir-vos algum favor, aceitai-o com gratidão; pois somente o amor recíproco produz e vivifica uma vida inteiramente nova.

6. No começo tereis de agir com o amor recebido de Mim, em toda plenitude. Se um homem que pretenda casar-se procurar os pais da eleita e apenas se informa dos seus dotes sem ao menos dar demonstração de amor, – acaso poderia despertar algum sentimento na moça e nos genitores? Dificilmente realizará o seu desejo. Quem não tiver amor, não o encontrará. Quem procurar o amor com amor, forçosamente o encontrará. Isto se dando, não deve negá-lo quando por ele for recebido activamente.

7. Tomai como Exemplo a Minha Atitude. Vim sem ser chamado, por puro amor, e tudo fiz sem exigir qualquer recompensa. Tendo-Me descoberto e recebido, com todo amor, Eu o aceito de Coração alegre e não Me nego a sentar-Me à vossa mesa com os Meus discípulos. Se assim não fizesse, acaso o vosso coração se sentiria feliz? Por certo que não. **Por isso, aplicai amor sem recompensa.** Se as criaturas vos receberem com todo amor, aceitai na justa medida, o que vos ofertarem.

8. Agindo como Eu, dentro em breve tereis propagado o Meu Reino nesta Terra, e nada mais sofrereis. Assim como orgulho, inveja, avareza, cobiça e demais vícios despertam o mesmo no semelhante, o amor puro e desinteressado incentiva tal sentimento no próximo. Fazei tudo por amor, que semeareis o amor nos corações das criaturas que, dentro em breve, dará colheita farta já em vida, e muito mais na Vida Eterna da alma, através do Meu Espírito de Amor dentro dela.” Todos compreendem o sentido do Meu Ensino e prometem aplicá-lo na plena verdade.

85. OS SACERDOTES PAGÃOS DEFENDEM A SUA ATITUDE.

1. Enquanto se compenetraram a respeito das Minhas Palavras, chegam alguns sacerdotes pagãos para cumprimentar o comandante, cuja presença lhes fora transmitida por diversos pobres que pela manhã haviam rodeado a colina. O motivo principal da sua

visita prende-se com o homem vestido de galileu, ao qual se alegava obediência dos próprios elementos da natureza.

2. Entrando no refeitório, fazem reverência respeitosa diante do militar, dizendo: “Perdoa-nos, nobre plenipotenciário do Imperador, escolhido pelos deuses e seus servos mais distintos. Se tiveres qualquer lei nova vinda da cidade de Roma, tem a bondade de transmiti-la para que possamos obedecer-lhe.”

3. Responde o comandante: “As nossas leis são invulneráveis e não há acréscimo de espécie alguma. Ainda assim, soube de um facto que não me agradou. Por que enganais e mentis ao povo, dele querendo extorquir sacrifícios a bem do vosso conforto? Alegais dever ele a vossa interferência junto aos deuses irados, de não terem transformado toda a zona em deserto e que a manhã radiosa cabe ao poder das vossas orações! Assim pregais perante a multidão, que viu a vossa fuga desabalada durante a tempestade e o terremoto. Pretendeis deste modo soerguer a fé popular? Como é possível que sacerdotes venham a mentir tão grosseiramente?”

4. Diz um dos sacerdotes: “Perdão, nobre senhor. O teu critério nessa esfera não é de todo justo. É bem verdade que um sacerdote deva demonstrar a maior coragem e confiança integral no socorro dos deuses, a fim de despertar a fé no povo. Mas, em ocasiões especiais deve ele não ter receio de demonstrar o temor dos deuses, caso revelem a sua ira através do desencadear dos elementos.

5. O sacerdote é intermediário entre os deuses e os homens. Jamais, um senhor imortal como os deuses. Enquanto eles demonstram a sua presença e poder através de raios, trovões, ventanias, chuvas e outros elementos, pode o sacerdote confortar o povo e manter a sua fé. O poder dos deuses se manifestando em abalos sísmicos, a fé do sacerdote tem o direito de estremecer.

6. Cabe-lhe o direito de aplacar a ira dos deuses por meio de orações, mas também é viável a sua demonstração de fraco mortal, temeroso como qualquer um. Assim sendo, não estávamos de todo errados por termos demonstrado o nosso receio dos deuses. Como se deixaram aplacar por nós, em virtude das promessas, convém o povo saber o que compete fazer junto a nós, para evitar que em outra ocasião, os deuses não nos atendam. Somente sete vezes têm eles complacência com os mortais. Penso, ter justificado a nossa atitude, senhor.”

86. A INUTILIDADE DAS CERIMÓNIAS PAGÃS.

1. Diz, em seguida, o comandante: “Falaste bem e dentro da lógica. Todavia, não tem valor para mim, porque o sentido e a verdade estão em campos opostos. Não alimentas a menor fé e confiança nos deuses, o que poderia provar segundo as minhas experiências. A minha afirmação não é uma ameaça contra ti e os teus colegas. Apenas te esclareço que a vossa atitude aparentemente inteligente terá efeito prejudicial perante o povo, que em parte conhece a vossa atitude mistificadora. Mormente nesta época em que começa a estender-se entre os judeus, a Existência de um Deus Único e a maneira pela qual deve Ele ser venerado.

2. Certamente tivestes conhecimento a respeito, e vos pergunto porque não procurastes obter certificação, preferindo insistir na vossa teimosia maldosa? Se vos convencestes da nulidade dos deuses, não mais podendo alimentar qualquer fé, tratai de descobrir a Verdade. Tão logo a tenhais encontrado, não a sonagueis perante o povo sedento, tornando-vos mais úteis. Transformai os templos pagãos em abrigos para pobres e enfermos, e não desprezeis o estrangeiro. Assim, encontrareis a Graça real junto ao Deus Único e Verdadeiro, mais útil que todos os tesouros da Terra que procurastes extorquir do povo.”

3. Responde o sacerdote: “Nobre senhor, falaste a plena verdade. Mas para onde nos dirigiremos a fim de encontrar aquilo que nos seria mais útil que todos os tesouros do mundo? E o que responderemos aos sumo-sacerdotes ao nos chamarem a atenção pela conversão do povo?”

4. Diz o comandante: “Demonstrarei o caminho mais curto para alcançardes a Verdade viva e pura, a fim de conhecerdes o Deus Único e a Sua Verdade. Eis à minha direita o Homem, capaz de demonstrá-La em toda a plenitude. É Ele o Mesmo a Quem obedecem todos os elementos e forças da Natureza. Quando tiverdes compreendido e assimilado o que acabo de revelar-vos, sabereis o que dizer aos vossos chefes.

5. Aliás, são os romanos bastante condescendentes com relação às diversas religiões e não tolhem a quem quer que seja. Foi essa a política romana nas conquistas dos povos da Ásia, África e Europa, erigindo um templo aos deuses estrangeiros. Acabo de vos demonstrar o caminho à Verdade pura e viva, e podeis fazer o que vos agrada.”

87. PONDERAÇÕES DOS COLEGAS TEMPLÁRIOS.

1. Quando o comandante termina de falar, os dois sacerdotes começam a fitar-Me dos Pés à Cabeça, e um deles diz: “Quem és, pois o chefe militar nos deu testemunho da tua pessoa, somente viável a um deus? Acaso és aquele de quem falaram os pobres, e que mandava aos ventos, nuvens e ao fogo no Monte Talba?”

2. Respondo: “Sim, sou Eu Mesmo! O testemunho do comandante é verdadeiro e convém mantê-lo de vossa parte. Tudo o resto que vós e o povo necessitais, ser-vos-á transmitido pelo taverneiro e os seus vizinhos. Se agirdes dentro da fé, despertareis a Vida Eterna dentro da vossa alma, conservando-a para sempre. Eu Mesmo – embora Filho do homem – sou o Caminho, a Verdade e a Vida Eterna. Quem crer em Mim e aplicar a Minha Doutrina, gozará a Vida Eterna da alma, ainda que morresse mil vezes.

3. O teor da Minha Doutrina – fácil e compreensível – aprendereis por estes amigos. Agora podeis voltar junto aos colegas e relatar-lhes o que ouvistes. Não deveis continuar na extorsão de sacrifícios para o apaziguamento dos deuses. No caso de insistirdes nesse absurdo, darei novamente expansão às forças da Terra, e eles poderão ver o que acontece.”

4. Os dois sacerdotes nada retrucam, curvam-se com respeito e se juntam aos colegas, ainda entretidos na divulgação de fábulas dos deuses, pelo que recebiam algumas moedas. Quando avistam os outros, perguntam o que houve com o comandante e qual a sua opinião a Meu respeito. Respondem eles: “O caso é muito importante e só pode ser abordado entre quatro paredes. O homem do qual nos falaram os pobres, parece ser mais que simples humano. Segundo o seu conselho, devemos parar com a colecta de oferendas, do contrário sofreríamos coisa pior do que aconteceu esta noite. Voltemos ao nosso castelo.”

5. Quando lá chegam, acompanhados de alguns moradores importantes, um dos primeiros sacerdotes diz: “Farei um resumo do que vi e ouvi no albergue judeu, mormente por parte daquele peculiar homem, que a meu ver devemos seguir a toda a risca. Nenhum de nós assistiu que um dos nossos deuses houvesse efectuado um milagre. Tudo que foi feito como milagroso sob citação de um deus qualquer, era simples obra de mago sacerdotal. Sem tal recurso, nem o Pontifex Maximus conseguiu realizar qualquer coisa excepcional.

6. Se o mencionado homem ordena aos elementos pelo simples pronunciamento da Sua Vontade, deve ser Ele Deus. Eis o intróito para o relato prometido. Antes de iniciá-lo, disse-me qual a vossa opinião acerca daquele personagem." Respondem todos: "Prossegue naquilo que assististe. Ouviremos com a máxima atenção, aceitando como verdade o que por ti foi aceite como tal."

88. A DECISÃO DOS SACERDOTES.

1. O orador faz um relato minucioso, despertando grande admiração por parte de todos, que no fim, exclamam: "Se assim é, nada mais nos resta senão acreditarmos ser Ele Deus Vivo, e não podemos venerar outro qualquer. Tão logo nos tivermos integrado da Sua Doutrina e Vontade, serão elas a nossa norma de vida.

2. As nossas fábulas e estátuas pagãs serão abolidas, e as crianças receberão ensino novo. Aos sacerdotes cabe a divulgação desta nova Doutrina, que deverá ser cumprida rigorosamente. Agora está em tempo de prestarmos o nosso respeito ao Homem-deus, inclusive a gratidão por Se ter mostrado aos homens." Todos concordam e se encaminham para o albergue, onde o comandante, informado de tudo por Meu intermédio, pergunta se deve recebê-los fora de casa.

3. Digo-lhe: "Deixai vir a Mim, todos que estiverem cansados e sobrecarregados pelas trevas, que os saciarei. Deve-se abrir a porta para os que Me procuram, pois encontrarão Aquele há muito tempo desejado, todavia não podiam descobrir-Me dentro da sua sapiência mundana. Onde Eu estou, sempre há lugar para todos os que Me amam e procuram."

4. A esta Minha Explicação, o comandante vai pessoalmente abrir a porta, onde os dois sacerdotes perguntam se é permitido entrarem no albergue, a fim de Me darem honra e agradecerem por tudo, inclusive a Minha Visita a esta cidade, fazendo-Me reconhecer como Deus.

5. O militar responde: "O Senhor Se compraz com as vossas pessoas, pois sabe da decisão tomada, portanto podeis entrar sem receio." Todos entram no refeitório e se curvam com o máximo respeito, e os dois oradores expressam a sua gratidão em nome de todos.

6. Eu levanto-Me e os abençoo dizendo: "Feliz aquele que vem a Mim e Me reconhece como vós. Quem Me reconhece, recebe tanta

Luz de Mim a poder acreditar vivamente em Mim. Esta Luz é por ora uma pequena fagulha na vossa alma. Quando tiverdes recebido a Minha Doutrina e seguindo-a estritamente, a vossa luz se transformará em Sol capacitando-vos a penetrar na Verdade total, de toda a vida e existência, despertando a Vida Eterna dentro de vós.

7. O hospedeiro vos orientará a respeito, e os seus vizinhos e empregados serão testemunhas justas e relatarão muitas coisas desconhecidas de vós. Deste modo informados, assimilareis claramente Quem Sou. – Agora saciai-vos àquela mesa, para em seguida resolvermos outro assunto.” Os sacerdotes pagãos e vários cidadãos de Abila se sentam a uma mesa à parte e se servem de pão e vinho.

89. A GRATIDÃO DOS SACERDOTES.

1. Após o vinho lhes ter soltado as línguas, começam a conjecturar acerca dos sábios da antiguidade, até chegarem aos profetas judeus. O primeiro sacerdote tinha conhecimento de Moisés e Isaías, dos quais não apreciava a linguagem oculta, generalizando-a como falha dos profetas, em virtude da qual muitos enganos se infiltraram entre o povo.

2. Enquanto assim confabulam, dou um aceno a Jacob (*Tiago*) para que lhes dê justo esclarecimento, pois ele era entendido nas interpretações espirituais. Os pagãos aceitam a explicação, louvam o apóstolo e Me agradecem por ter dado tanta compreensão aos homens.

3. Em seguida, o comandante também se aproxima e transmite as suas experiências Comigo, despertando grande satisfação. Ao mesmo tempo ele explica a verdadeira formação do planeta, o seu movimento e tamanho, e os demais planetas; finalmente, um deles se expressa: “Quantos erros não existem entre milhares de criaturas, e quando se fará a luz entre elas?”

4. Responde o romano: “Amigos, entreguemos esse assunto ao Senhor. Ele sabe perfeitamente em que época deverá ser dado conhecimento maior a um povo. A partir de agora a Verdade será levada rapidamente a todos os homens de boa vontade, e nós mesmos não descansaremos neste empreendimento.”

5. Exclamam todos: “Isto mesmo, pois sabemos o que nos cabe fazer. Toda a gratidão ao Senhor e Deus Único por Se ter

prontificado a tomar carne, para nos salvar das algemas da ignorância e da morte. Um homem que se encontra no erro de tudo que o rodeia, é finalmente, tanto quanto um irracional.

6. Somente após despertado em espírito, ele ressuscita e enxerga através do seu conhecimento e o amor de Deus acima de todas as criaturas. O nosso estado letárgico terminou pela Graça de Deus e vivemos na pura realidade. Que felicidade será quando sentirmos a Vida real que jamais poderá ser extraviada, caso permaneçamos com Ele, no justo amor, fonte da Vida Original, sem começo nem fim. Que todos os homens possam ser despertados do sono mortal para a Vida verdadeira." O orador se comove com as próprias palavras a ponto que mal pode falar.

90. A ATITUDE DOS VERDADEIROS DISCÍPULOS DO SENHOR.

1. Nisto levanto-Me e dirijo as seguintes palavras aos recém vindos: "Se fordes disseminar em Meu Nome, a Minha Luz e o Meu Reino pelo justo amor, desinteressado, aos irmãos ainda enterrados na densa treva, receberéis maior conhecimento e perfeição, e então vos serão reveladas coisas que nem de longe sonhais. Continuai fiéis no vosso propósito, e não o deixeis apagar pelos prazeres do mundo, que ficareis em Mim e Eu em vós.

2. Tratai de vencer, primeiro, o mundo dentro de vós, e fácil será de vencê-lo no vosso próximo. Ninguém poderá dar o que não possui. **Quem quiser despertar o amor no próximo, deverá cercá-lo de amor, e quem pretender incentivar a humildade, terá de aplicá-la.** Assim, a mansidão desperta a mansidão, a paciência desperta a paciência; a bondade desperta a bondade, e a misericórdia desperta a misericórdia.

3. Tomai-Me a Mim como Exemplo. Sou o Senhor acima de tudo, no Céu e na Terra. Em Mim está todo o Poder, Omnipotência e Força, entretanto sou de todo o coração cheio de Amor, Humildade, Meiguice, Paciência, Bondade e Misericórdia. Fazei o mesmo, e facilmente se perceberá que sois realmente Meus discípulos.

4. **Amai-vos como irmãos e fazei o bem, reciprocamente. Que nenhum se eleve acima do semelhante querendo ser o primeiro. Eu, somente, sou o Senhor, - vós, simples irmãos. No Meu Reino será apenas primeiro quem, como mais simples, estiver pronto a servir constantemente o seu próximo.**

5. No inferno terreno e espiritual, quer dizer, no reino dos demónios e de todos os maus espíritos, o espírito mais orgulhoso, altivo, egoísta e dominador, é o primeiro, para o sofrimento dos outros, a fim de que permaneçam numa espécie de humildade, obediência e submissão.

6. Observai os potentados em seus tronos que regem os povos. Quem poderia aproximar-se, senão pela mais profunda submissão? Se alguém se atrevesse a enfrentar um soberano com atitude de mando, – qual seria o seu destino? Eis a ordem no inferno.

7. Os soberanos se deixam importunar até que atendam um pedinte como especial favor. Vós não deveis esperar até que vos peçam um favor. Somente a Deus, Senhor e Pai de Eternidades, podeis pedir por todas as coisas, que as recebereis. **Os irmãos entre si, não devem esperar que expressem as suas necessidades.**

8. Um pobre e humilde abordando um rico com algum pedido, não deve deixar de ser atendido; pois uma atitude de dureza desperta outra, e o Meu Reino não está com ela. De que adianta ao homem caso confessar no íntimo: Senhor, Deus de Céus e Terra, creio indubitavelmente seres Tu Criador Único de todos os mundos materiais e espirituais, e que todos os seres vivem, pensam e querem através do Teu Poder.

9. Isso não é de utilidade à salvação da sua alma, mas somente o que for feito com toda a alegria e cheio de fé. **Um praticante da Minha Vontade faz com o pouco, dez vezes mais que aquele que se deixa implorar e finalmente se vangloria com a sua obra de caridade.**

10. Agi conforme vos expliquei, que haveis de sentir que as Minhas Palavras são realmente Palavras de Deus. Assim despertareis o Meu Espírito dentro de vós, que vos levará a toda a Sabedoria Celeste, purificando-vos e transformando-vos para verdadeiros filhos de Deus. Sabeis o suficiente para a conquista da Vida Eterna da vossa alma. O restante ser-vos-á transmitido pelo nosso hospedeiro e os seus vizinhos. A perfeição, surgirá através do Meu Espírito de Amor. Entendestes?”

91. A PARTIDA PARA APHEK.

1. Responde o orador: “Senhor e Mestre de Eternidades, entendemos bem o que disseste em linguagem clara e pura. Todavia, compreendemos igualmente estarmos muito distantes da

justa meta da vida e que teremos de enfrentar muitas lutas internas e externas.”

2. Digo Eu: “Falaste certo, pois em Meu Nome tereis de suportar perseguições e difamações dentro do mundo. Não percais a paciência e coragem. Lutai com amor e mansidão contra os inimigos da Verdade e da Luz Celeste, que conquistareis a coroa da vitória.

3. Jamais deveis desistir do justo amor no coração. Ele suporta tudo e finalmente vence sobre tudo. Se agirdes e caminhardes no amor, Comigo, podereis passar por cima de serpentes, salamandras e escorpiões sem que vos possam prejudicar; e caso tomardes veneno por obrigação de outrem, nada sofrereis fisicamente. Eu, o Senhor, digo Amém, e assim é e será com todos que persistirem no Meu Amor.

4. Mas, quem ao lado do Meu Amor, de tempos em tempos namorar com o mundo, não estará seguro diante dos venenos prejudiciais. **Quem Me amar verdadeiramente e cumprir os Meus fáceis Mandamentos, será por Mim visitado, caso o desejar de coração.** Revelar-Me-ei e darei muita força e poder para lutar contra os maus espíritos do mundo e do inferno, sem que o possam prejudicar. Agora sabeis da vossa situação ao Meu lado. Quem não Me deixar, não será abandonado por Mim. E quem lutar Comigo contra o mundo e o inferno, poderá estar certo da vitória.”

5. Os sacerdotes agradecem pelo Ensino e pela Promessa, e levantam-se com intenção de disseminar a Minha Doutrina entre os pagãos. Eu, porém, lhes digo: “Amigos, amanhã ainda haverá tempo para a vossa tarefa. Por ora ficai e participai do nosso almoço. Mais tarde partirei com os Meus discípulos, e então podereis preparar-vos com o hospedeiro e os seus vizinhos a fim de iniciardes amanhã a vossa divulgação nesta cidade e seus arrabaldes.”

6. O hospedeiro manda chamar a sua família e domésticos, a fim de receberem a Minha Bênção, que naturalmente se estende a todos os presentes. Em seguida digo ao comandante: “Partiremos para Aphek por um atalho, a fim de não despertarmos a atenção dos moradores na estrada principal.” E assim foi, e pela noitinha atingimos a cidade de Aphek.

92. O HOSPEDEIRO ROMANO DE APHEK.

1. Ao nos aproximarmos da cidade, o comandante diz: “Senhor e Mestre, aqui não há judeus radicados e nem albergues. Tenho boa moradia e se for da Tua Vontade poderias pernoitar no meu castelo.”

2. Respondo: “Possuis confortável castelo, mas as tuas despensas estão vazias. Todos nós estamos algo cansados e necessitamos de alimento. Sei o que pensas no teu íntimo e digo teres razão, que tudo Me é possível. Todavia não vimos aqui para nos fortificarmos milagrosamente, mas divulgar o Meu Reino da Vida entre os pagãos. Por essa razão, tomaremos o caminho para um albergue romano, onde haverá oportunidade para a nossa intenção.”

3. Quando alcançamos o portal da cidade, somos abordados por uma guarda romana. O comandante se adianta e manda chamar o oficial da guarda que o reconhece e dá livre passagem a todos. Ao escurecer, atingimos a taverna e o nosso militar manda chamar o dono que prontamente é interpelado se pode acomodar-nos.

4. Responde ele: “Darei o que tenho. O serviço para tantas pessoas será difícil porque mais de dois terços dos empregados está enfermo. O grande susto que passaram durante o temporal e o terremoto da noite passada, e além disso o pavor de uma repetição, acamaram especialmente as mulheres.

5. Os sacerdotes tudo fizeram para socorrê-las, sem êxito algum e creio que o tempo ainda será o melhor médico do meu pessoal. Entramos somente há uma hora atrás, pois tínhamos o desabamento da casa. Informo-te, senhor, estarem mais de três quartas partes dos habitantes ao ar livre. Eis a nossa situação, e compreenderás não estarmos preparados para recebermos hóspedes.

6. A maior parte dos habitantes é pobre e não está em condições de satisfazer as exigências dos templários, no sentido de aplacarmos a ira dos deuses, de sorte que temem uma repetição da calamidade, razão porque não quer voltar à cidade. Eis a situação doméstica e geral. Se quiserdes entrar, veremos o que há para comer.”

93. PONDERAÇÃO DO TAVERNEIRO A RESPEITO DO SENHOR.

1. Assim entramos no albergue e somos conduzidos a um confortável salão que imediatamente é ornado com várias lamparinas. O hospedeiro então percebe sermos todos judeus, com exceção do comandante, e lhe pergunta como é possível isto, se os judeus eram um horror para os pagãos.

2. Ele responde: “Não te preocupes, senão com pão, sal e vinho, que tudo será esclarecido, oportunamente.” O hospedeiro manda trazer o necessário e nota que a filha do comandante enche a taça de ouro que Me ofertara em Pella e Eu dela sorvo o vinho, enquanto os outros o fazem de cântaros de louça.

3. Após nos termos confortado, digo-lhe: “Amigo, especial Graça ocorreu à tua casa. A maior parte de gregos e romanos não está informada das Escrituras dos judeus, nas quais consta dever surgir um Messias do Deus Único e Verdadeiro, Criador de Céus e Terra. Essa Promessa foi feita desde o início da Humanidade através dos profetas.

4. Justamente Eu Sou o Prometido e vim também junto dos pagãos, para fundar entre eles o Reino de Deus. Vim dos Céus, enviado pelo Pai, o Amor Eterno, e o Meu Coração é o Trono do Amor. Eu estou Nele e Ele está em Mim. Por conseguinte, habitam em Mim, todo o Poder, Força e Onnipotência no Céu e na Terra. Eu Sou a Vida, a Luz, o Caminho e a própria Verdade Eterna.

5. Quem crer em Mim, e Me amar mais do que tudo no mundo, viver segundo a Minha Doutrina e amar o próximo como a si mesmo, receberá de Mim a Vida Eterna, e Eu o despertarei no dia final. Há pouco Me analisaste dos pés à cabeça e pensaste: Neste homem deve ocultar-se algo grandioso, do contrário, o comandante não o veneraria tanto. Julgaste certo. A fim de que vejas a veracidade das Minhas Palavras, manda trazer os enfermos que os curarei. Acreditas?”

6. Responde ele: “Senhor, as Tuas Palavras penetraram profundamente na minha alma e despertaram uma sensação jamais sentida. Deve ser verdade tudo o que disseste, por isso, creio poderes salvar os doentes.” – Assim são transportados para o salão, muitos enfermos, entre os quais havia epiléticos, entrevados pela gota, cegos e mudos que haviam perdido a fala devido ao susto diante do terremoto, e outros, acometidos de febre maligna.

94. O SENHOR CURA OS ENFERMOS DO ALBERGUE.

1. O anfitrião, então, vira-se para Mim dizendo: “Eis os enfermos, ao todo trinta pessoas, e se quiseres curá-los, acreditaremos em Ti e Te amaremos e louvaremos.” Digo Eu: “Que assim seja!” Instantaneamente, todos se curam e se sentem tão bem dispostos como se nunca tivessem padecido. Sumamente gratos ajoelham-se perante Mim, pedindo dizer-lhes se Eu era Júpiter ou outro deus qualquer, a fim de honrá-lo.

2. Respondo: “Não sou Júpiter, nem outro deus pagão que nunca existiu. Tratai de vestir-vos e tomai algum alimento. O resto, quer dizer, o que se refere a Mim, ser-vos-á revelado amanhã.” Após se terem reconfortado, alguns se dirigem aos sacerdotes acomodados em outro recinto, e lhes relatam como foram socorridos por um judeu, de poder divino, pois os curara através da sua vontade.

3. Não sabendo opinar acerca do milagre, os sacerdotes resolvem mandar um colega, romano entendido em artes e ciências, para averiguar o que havia na realidade. Neste sentido, ele dirige-se ao comandante perguntando pela Minha Pessoa. Este responde com rispidez: “Eis ao meu lado Aquele cujo Nome não sois dignos de pronunciar.” Um pouco mais humilde, o outro diz-Me: “Perdoa se tomo a liberdade de perguntar com modéstia, como te fora possível curar os enfermos sem qualquer remédio. Tenho algum conhecimento e sei o que pode um homem dotado de poderes ocultos. Todavia, não houve mago capaz de qualquer feito sem recursos especiais. No teu caso, pareces agir pela simples vontade, dispensando qualquer meio.

4. Como pode um homem atingir tal força de vontade? Certo é, haver diferenciações no campo mental; unindo a força de vontade ao poder da Natureza pela prática justa, deve ele atingir coisas excepcionais. Mas como se pode adquirir tamanho poder?”

95. O SENHOR ANALISA O CURSO EDUCACIONAL DO SACERDOTE.

1. Digo Eu: “Já estudaste em Roma, as Escrituras dos judeus, e posteriormente em Tebas, quando foste ordenado para sacerdote de Zeus, Marte, Minerva e Mercúrio, por parte do Imperador Augusto, onde te fizeste iniciar nos mistérios antigos. Dedicaste a maior

atenção a Moisés e aos quatro grandes profetas; como continuassem incompreensíveis, procuraste secretamente um escriba, cinco anos mais tarde, quando foste transferido para aqui. Ele não podendo esclarecer-te, puseste de lado as Escrituras como fizeste à vossa mitologia.

2. Pela recordação da leitura das Escrituras, devem as acções de Moisés, Aarão, Josué, Elias e os demais profetas, ter demonstrado que eles realizaram tais coisas somente com Ajuda do Deus Verdadeiro, pois não havia outro povo que agisse com tamanho poder. Se Me viste agir desta forma, certamente o faço com Deus e por Deus. Não afirmam os romanos, não haver sábio sem bafejo divino? Neste caso, Eu certamente fui bafejado por Ele.”

3. Diz o sacerdote: “Sim, deves ter razão. És mais profundamente orientado nos mistérios das vossas Escrituras que aquele escriba que se dizia sábio. Como podes estar orientado da minha vida, se nunca te vi? Sempre ocultei aquilo que empreendia para o meu conhecimento.”

4. Respondo: “Com a Ajuda de Deus, Único e Verdadeiro, Onnipotente desde Eternidade, sem começo e sem fim.”

5. Opina o sacerdote: “Não o contesto, mas acho estranho que o teu Deus, Único, tão raramente Se deixe descobrir pelos judeus. Confesso não crer em divindade nenhuma. Quanto mais se for à sua procura, mais ela se distancia, tornando-se de maior utilidade ao homem não querer levantar o véu de Ísis. Preferível é continuar-se cego e tolo como um símio, do que pesquisar por uma divindade apenas existente na fantasia humana.

6. Tu, certamente, encontraste o teu Deus. Como e onde, isso preservarás para ti mesmo como fizeram os antigos, ocultando o seu saber em treva. Porque não me foi permitido aproximar-me de Deus, que já conto setenta anos, sendo este privilégio somente teu, entre tantos judeus?”

96. A QUEDA DA HUMANIDADE.

1. Digo Eu: “Em teu discurso observaste que determinadas divindades surgiram da fantasia dos homens, inclinados ao domínio e para usufruírem os benefícios do trabalho do semelhante.

2. No início das criaturas desta Terra, a situação era outra. Todas conheciam o Deus Único e Verdadeiro e eram por Ele orientadas, guiadas e protegidas. Recebiam demonstração básica

que não se deveriam deixar prender pelas tentações, de modo próprio, porque atrairiam a alma ao julgamento da matéria e à sua morte, fazendo com que se tornasse muda, cega e insensível para as coisas divinas e puramente espirituais.

3. Como Deus desse a todos plena liberdade da vontade em seguir o Seu Conselho ou a tentação do mundo, muitos se deixaram ofuscar pelo mundo e perderam Deus de vista, porquanto o amor nocivo do mundo havia cegado a visão interna. Então começaram a inventar vários deuses que deveriam ajudá-los nas tribulações vindas por Deus para o seu possível afastamento do mundo. Os sacerdotes exigiam ricas oferendas e dentro em breve se tornaram orgulhosos déspotas.

4. O socorro, porém, não se apresentava. Deus, Único e Verdadeiro, não os podia ajudar, para não deixar que continuassem na sua cegueira e ateísmo. Se Deus lhes tivesse dado a ajuda esperada após os seus pedidos dirigidos aos deuses falsos e inexistentes, os sacerdotes teriam tido verdadeiro triunfo, levando o socorrido a esgotar-se em oferendas, para evitar a inimizade dos sacerdotes e deuses.

5. Em virtude de os judeus, como o povo escolhido – por terem os seus antepassados travado a maior luta contra o mundo, por amor a Jehovah – com o tempo se terem afastado do Verdadeiro Deus, dirigindo-se ao mundo como os pagãos, tornaram-se surdos e cegos e piores que aqueles. No entanto, estes começaram a procurar a Verdade e muitos já a encontraram.

6. A maior parte dos judeus não teve a ideia de procurar a Verdade eterna e se sente à vontade na sua noite trevosa. Conquanto sintam a sua tendência ateísta, nada deixam transparecer por causa das oferendas e tornam-se os inimigos mais ferozes dos que derem justo conhecimento ao povo, e lhe demonstrem o justo caminho para Deus, a fim de encontrá-Lo. A esses judeus, será tirada a pouca luz que possuem, atrofiada, e dada aos gentios para que vejam vivamente.”

97. A JUSTA PROCURA DE DEUS

1. (O Senhor): “Afirmaste não mais te interessares por qualquer divindade porque nunca se manifestou, não obstante a tua procura incessante. Deves considerar, ter sido a tua pesquisa um tanto egoísta, pois querias estar certo, como grande amigo da vida,

existir um verdadeiro Deus e que a alma continuasse viva após a morte. O povo deveria continuar no sofrimento da antiga cegueira e tolice, e ofertar aos sacerdotes.

2. Para o Deus Verdadeiro, um sacerdote não goza o menor privilégio, pois Ele desconsidera as classes sociais. Para Ele, imperador e mendigo estão no mesmo nível. Tem privilégio somente aquele que O reconhece em Verdade, O ama acima de tudo e ao seu próximo como a si mesmo, cumprindo os Mandamentos de Deus. Além disso, deve ser humilde e jamais exigir algo injusto perante a Ordem e a Vontade Divina, seja pela força ou pela astúcia. Tudo isso é um horror para Deus.

3. Vós, sacerdotes, sempre mentistes ao povo e o enganastes, de sorte que compreenderás porque Deus, Único e Verdadeiro, não Se manifestou não obstante toda a pesquisa. Pevia que teríeis deixado o povo na mesma cegueira por causa das ponderações mundanas, como acontecia com muitos sacerdotes egípcios.

4. Eles bem sabiam qual a sua situação perante Deus, enquanto o povo deveria acreditar o que eles lhe incutiam. Agindo assim, Deus os castigou com a cegueira que ainda vos prende até que desistais do mundo e procureis Deus, o Seu Reino dos Espíritos e a Sua Justiça, dentro da justa Verdade.

5. Quem não O procurar com todo amor, candura, humildade, paciência e inteira renúncia de si mesmo, não O encontrará como máximo Tesouro da Vida. E quem não O procurar e achar deste modo, não deve esperar especial ajuda por parte Dele.

6. Deus zela por todos, devido ao Seu Amor Infinito, como também o faz por todos os seres no Universo, segundo a Sua Ordem eterna e imutável. De modo especial Ele o faz somente com os que O reconhecem verdadeiramente, fazem a Sua Vontade revelada, amando-O acima de tudo pela acção.

7. Realmente, procuraste o Deus Verdadeiro por muito tempo e com grande zelo; pergunta-te se o fizeste conforme acabo de explicar. Afirmando-te, não encontrará Deus quem disser: Senhor, Senhor, onde estás? Se Te procuro como criatura Tua e Te chamo das profundezas da minha noite de trevas, porque não Te deixas descobrir e porque não respondes, dizendo: Aqui estou?

8. Leste todos os profetas e descobriste a Vontade de Deus dentro dos Dez Mandamentos; tanto te agradaram que afirmaste: Não há leis mais úteis e ponderadas para a verdadeira felicidade das

criaturas, e pode admitir-se que as mesmas foram dadas por um Ser Divino.

9. Se assim falavas, - porque não te passou pela ideia de praticá-las pessoalmente? Se o tivesses feito, terias encontrado Deus. Motivos mundanos te levavam a admirá-las sem pô-las em prática. Deixa que agora se transformem em acção e indemniza o mal praticado ao semelhante, de vontade firme, que encontrarás facilmente Aquele que procuraste em vão.”

98. O SENHOR EXEMPLIFICA A JUSTA PROCURA DE DEUS.

1. A este Meu Discurso, o sacerdote diz: “Mestre mui sábio e entusiasta de Deus! Possuo grande fortuna e desejava saber se ajo bem em aplicar três quartas partes em benefício dos que por mim foram prejudicados como seguidores das Leis de Moisés, e o restante em outras obras de caridade?”

2. Respondo: “Amigo, é mais do que suficiente; pois Deus é em Si, o Amor puríssimo. Dar-te-ei um exemplo para maior compreensão. O homem que percebesse necessitar de uma companheira e a procurasse não com amor, mas pelo intelecto frio, achas ele chegar a encontrar uma mulher cheia de amor para com ele? Uma tola sim, que se case com o dinheiro dele para o gastar com outros. Quem quiser encontrar uma criatura cheia de amor, tem de procurá-la com amor.

3. Assim também, quem quiser achar Deus, Puro Amor, terá de fazê-lo com amor puro no próprio coração, no qual não se agarrou o menor vislumbre de amor mundano. Deste modo, encontrará-Lo-á.

4. Quando jovem, tiveste a sorte de entusiasmar a filha de um patrício mui rico e também sentiste grande afeição por ela e com prazer terias casado, caso o teu sentimento tivesse sido inteiramente puro. Ela, naquela época era chamada a pérola de Roma, e te amava muito sem que disso te apercebesse além do necessário; ela tratou de se informar a teu respeito e descobriu que mantinhas outras ligações amorosas. A partir daí, afastou-se de ti, e nunca mais deu sinal de qualquer simpatia. Entristecido, procuraste uma nova aproximação e facilmente terias tido êxito. Não te podendo libertar inteiramente das paixões, perdeste a pérola, definitivamente.

5. Facto semelhante se dá com Deus, puro Amor. Encontrá-Lo-ás somente com Amor puro e desinteressado, para poderes vê-Lo, honrá-Lo e Dele receber a Vida Eterna. É mui difícil purificar-se o coração cheio de coisas fúteis. Uma vontade firme é bom operário e facilita amanhã o que hoje ainda te pareça impossível. Uma vez iniciado o propósito, a realização se torna mais leve. Terias compreendido intimamente o que expliquei?”

99. A JUSTIFICATIVA DO SACERDOTE, PARA A SUA VIDA MUNDANA.

1. Diz o sacerdote: “Tudo entendi e me certifiquei ainda mais, que tens a teu favor a ajuda de um deus vivo e poderoso, por saberes tão nitidamente do meu passado. Considera, porém, as circunstâncias humanas a prenderem a casta sacerdotal ao Governo.

2. Toda a criatura vinda à Terra sem vontade e conhecimento, e obrigada a se manter desde que nasce, é realmente um ser miserável. Uma vez crescida a ponto de diferenciar o dia da noite, começa um processo para determinar a sua educação. Após esta adquirida, preciso é procurar-se profissão que faculte subsistência vital. Ninguém quer viver mal, portanto escolhe o homem um posto que lhe dê liberdade não obstante a lei do Estado. Por isso me tornei sacerdote, muito embora o meu posto se firmasse na mentira e na mistificação.

3. Naturalmente se apresentaram na vida necessidades várias, que prontamente eram satisfeitas, dentro das normas legislativas, sem que uma divindade tivesse protestado. Nestas circunstâncias, coração e alma só podiam estar plenos de amor material e impuro, pois não havia estímulo de algo espiritual. Em idade avançada, as indagações referentes à verdade se manifestavam mais potentes.

4. Comecei a procurar e pesquisar, e nada encontrei até hoje. Como poderia procurar uma entidade elevada com puro amor, se ela nunca se revelou? Não se pode amar o que não existe, seja um deus ou outro objectivo qualquer. Não me cabe culpa se amei o que se tornara acessível dentro da minha vida. Dedicar-se aos quadros da própria fantasia, é idêntico à atitude de um tolo. Seja como for. No momento ainda estou cheio das coisas do mundo e agora se apresenta um Deus Verdadeiro e exige eu abandonar o meu mundo anterior. Isso não será tão fácil na minha idade e aguardo a tua orientação.”

100. AS PRIMITIVAS REVELAÇÕES DE DEUS.

1. Digo Eu: “Tens razão apenas em parte, porque acusas a Divindade de desleixo e completa indiferença com relação aos homens, e isso, meu amigo, não é verdade conquanto te pareça.

2. Deus sempre Se revelou aos homens, portanto também a ti, em Roma, e mais nitidamente em Tebas. E quando certo dia te encontravas à margem do Nilo, ouviste uma mensagem, ouvida em voz alta: “Lê Moisés e vive dentro dos seus Mandamentos, que encontrarás o que procuras.”

3. Novamente fizeste a leitura dos profetas. Mas deixaste de viver segundo as suas leis por motivos vários. Um ano mais tarde passaste pelo mesmo local do rio e ouviste a mesma voz, e muito meditaste a respeito. A tua atitude, porém, não se modificou. Eras sacerdote romano e não pretendias contrariar as Leis de Roma porquanto poderias acarretar com prejuízo material, conquanto sabias não ser proibido adoptar os Mandamentos de Moisés, e aquela voz, no final, consideravas uma ilusão e caso fosse realmente algo espiritual, ela haveria de repetir-se.

4. Deste modo procuraste e **pesquisaste sem agir, assemelhando-te a um construtor constantemente ocupado em planos**; tão logo deva iniciar a obra, amedronta-se com o esforço e as despesas. Pensar, meditar, julgar, pesquisar e procurar, não é atitude real, mas puramente o propósito para tanto. A vida não sendo propósito para a acção, mas a própria existência activa, preciso é que o propósito se transforme em acção, a fim de se atingir a meta prevista.

5. O pouco que empreendeste, vez por outra, não foi o suficiente para dar outra orientação à tua alma, de sorte que continuavas no mesmo ponto. Agora tomaste, pela primeira vez, a firme vontade de te transformares segundo a Vontade do Deus Único e Verdadeiro, expressa por Mim, e hás-de encontrar o que sempre procuraste. De certo modo já o encontraste. Mas és comparável a um homem dentro de uma floresta, não se apercebendo onde está, devido às árvores.”

6. Retruca o sacerdote: “Como devo entendê-lo, sábio Mestre?” Respondo: “Eis uma taça vazia. Quero que se encha e deves tomar o vinho. Agora prova, se isto pode realizar um mago.”

7. Após ter provado o vinho de especial aroma, o sacerdote diz: “Isto nunca foi feito por criatura humana. Deves estar em união

poderosa com o Deus judaico, pois parece estar a tua vontade completamente una com a do teu Deus. Quem chegar a este ponto, certamente será capaz de se imortalizar.

8. Tivesse eu nascido judeu, teria alcançado grau elevado na união com Deus, pois não me faltam vontade e dedicação. Como pagão, não podia encontrar o justo caminho. Mas agora isto mudará. Permite que eu me dirija aos meus colegas, para lhes transmitir o que recebi, pois também sentem o que lhes falta." Digo Eu: "Podes ir para falar a Verdade."

101. CONJECTURAS ACERCA DAS BELEZAS NATURAIS.

1. Após informados de tudo, facilmente os colegas do sacerdote aceitam a Doutrina e no dia seguinte prestam a sua profissão de fé. De manhã cedo, já Me encontrava com os discípulos ao ar livre e apreciamos o belo panorama, de uma colina. Finalmente, o comandante se expressa: "Senhor e Mestre, não se pode criticar o homem por se ter tornado materialista; tudo que vê, prende-o com algemas poderosas e não há ensinamentos espirituais que o libertem de hoje para amanhã. A fim de se afastar de todas as tentações do mundo, preciso é o mais alto grau de renúncia.

2. Penso que habitantes de zonas menos aprazíveis estejam mais acessíveis aos conceitos espirituais e transcendentais. Observo o Egito com bastante tristeza. Enquanto não era cultivado, lá existiam homens mui inteligentes. Nem bem se começou a embelezar a natureza estéril daquele país, perdeu-se o sentido elevado da raça, auferindo direitos a Natureza; através desta, começaram a surgir toda sorte de quadros e deuses. A inclinação espiritual desvaneceu-se inteiramente, e o próprio Moisés teve que manter o povo israelita durante quarenta anos no deserto mais estéril, a fim de despertar-lhe a tendência espiritual. Assim opino, ser a maior parte do orbe mui tentadora para a educação espiritual dos homens. Agrada-me esta manhã. Mas, sinto o efeito encantador sobre uma alma nova sadia."

3. Digo Eu: "Em parte tens razão. Não tivesse Eu posto as criaturas nesta Terra em situação tal a se poderem desenvolver segundo o seu livre arbítrio e a razão, para procurarem o Meu Espírito dentro de si, poderia tê-las deixado quais pólipos no fundo do mar.

4. Toda a imensa Natureza é sumamente necessária para a evolução do homem; sem ela, pensamentos e sentimentos humanos seriam mui precários e mal se elevariam acima do reino animal. Sendo a Terra tão fartamente organizada com seres variados, é o homem obrigado a observá-la com grande prazer, passando de tais observações e comparações através dos reinos telúricos, e a constante mutação das estações e do mundo estelar, a meditações mais profundas que o levam a procurar a Origem de tudo. Neste estado de auto-educação, Eu dele Me aproximo para Me revelar de modo constante e profundo.

5. Justifica-se portanto ser esta Terra, na qual os homens são destinados a se tornarem filhos de Deus, tão bela e maravilhosamente organizada. Naturalmente, não deve o homem apegar-se a ela em demasia e prender os seus sentidos à sua Natureza. Deste modo, a sua alma tornar-se-ia materialista e se afastaria da sua meta espiritual pela cegueira e maldade na sua vida de provação.

6. A experiência de todos os tempos nos ensina o quanto é difícil levar-se tais criaturas ao justo caminho da Vida, e tu mesmo já colheste e ainda colherás muitas experiências. – Eis que se aproximam alguns sacerdotes, em companhia do orador de ontem. Querem sondar pessoalmente o que há Comigo, pois o colega despertou-lhes alguma noção espiritual. Deixemos que se aproximem para encontrar a Verdade da Vida.”

102. PEDIDO E PROMESSA DO SACERDOTE.

1. O grupo nos cumprimenta amavelmente e o primeiro sacerdote diz aos colegas: “Eis o grande homem milagroso, de cuja vontade tudo depende, contendo a Sua Palavra a Verdade mais profunda. Sejam-Lhe tributados a maior honra e louvor.”

2. Digo Eu: “Amigos, **não vim a este mundo para Me deixar honrar e louvar pelos homens, mas unicamente para encontrarem por Mim e em Mim, Aquele que perderam por culpa própria. Quem quiser honrar-Me e louvar-Me, aceite a Minha Doutrina e viva de acordo.** Enquanto honrardes os ídolos de pedra e madeira, não chegareis à Verdadeira Luz da Vida, de Deus, tampouco O reconheceréis em Mim, não participando do Meu Reino que Comigo veio junto dos homens desta Terra.”

3. Opina um sacerdote politeísta: “Facilmente poderíamos renunciar aos deuses. Mas, que diria o povo, se fomos nós a propagarmos o politeísmo, obrigando a multidão à sua veneração?”

4. Respondo: “Tudo depende da vossa vontade. A Verdade é compreendida mais facilmente por uma criança, do que uma mentira. Quanto mais um adulto, a aceitará com amor. Depende somente da vossa vontade, pois a Minha Vontade vos ajudará a realizar boa obra, em Meu Nome.

5. Não espereis uma coacção da Minha parte. Todo o homem tem livre arbítrio e pode fazer o que quiser. Mas, ai de quem conheceu a Verdade, entretanto a baniu em virtude das vantagens terrenas, não viveu segundo os seus princípios e finalmente a perseguirá com fogo e espada. Seria melhor que tal criatura fosse amarrada a uma pedra e atirada ao mar mais profundo.

6. Claro é, nada haver de real em vossos deuses com as suas estampas, principalmente conforme os considerais. Aquilo que ainda mantinha um sentido espiritual e vivo dentro da antiga interpretação, de há muito foi transformado no pior absurdo e a mais grosseira mentira.

7. Se Eu vos trago a Verdade plena sobre a Existência de Deus, Único e Verdadeiro, e também transmito a Sua Vontade, desisti dos vossos deuses e estampas, para aceitardes a Verdade do Evangelho. Quando a tiverdes aceitado, passai-a aos que há muito por ela almejam, e assim serão vossos amigos. Se não vos perseguiram quando os prejudicastes, muito menos o farão ao lhes fazerdes um bem para esta vida, e muito mais ainda para a vida além túmulo, em Meu Nome. Quem sou e como Me chamo, sabereis dentro em breve.”

8. Obtempera um sacerdote: “Mestre excepcional, em vontade e acção. Estamos inclinados a acreditar que em ti assiste o poder de um ser sobrenatural, pois ouvimos comentários a respeito da cura dos enfermos que se encontravam neste albergue. Desejávamos uma prova do teu poder e imediatamente destruiremos todos os nossos deuses, para darmos oferendas no Templo judaico.”

9. Digo Eu: “O Deus Único de todos os povos, não só do judeu, não necessita de tais sacrifícios. Em todos aqueles sacrifícios, Eu era representado em sentido espiritual, inclusive o Reino de Deus que ora estou fundando não para o corpo físico, mas para as almas e o espírito das criaturas desta Terra.

10. Se ora caminho diante de todos, em Pessoa, cumpriu-se a Escritura, e nada mais é preciso para Me representar em sentido espiritual. O sacrifício novo e que é do Meu Agrado, consista para todos os tempos, que os homens creiam em Mim, amem a Deus acima de tudo e ao próximo como a si mesmos, pelo cumprimento das Minhas Leis.

11. Não quero que construais templos de madeira, pedra, ouro e prata, a fim de Me honrardes por cerimónias tolas nas quais nunca Me deleitei. O verdadeiro templo de adoração seja o vosso coração amoroso. Quem se sacrificar por obras de amor para Comigo, em benefício do semelhante, receberá o justo prémio da Vida Eterna e feliz nos Meus Céus.

12. Tampouco deveis considerar dias comemorativos e feriados em Minha honra. Todos os dias são Meus, nos quais deveis lembrar-vos de Mim e fazer o bem ao próximo. Desejando pedir-Me algo, procurai o vosso recôndito e pedi secretamente, que atenderei o vosso pedido. Longe de vós, templos, ídolos, dias comemorativos e cerimónias vãs. Edificai templos agradáveis nos vossos corações e ofertai-Me sacrifícios de amor desinteressado. Reparai o mal feito aos pobres, ignorantes e por vós mistificados, que podereis estar certos da Graça de Deus.”

103. O MILAGRE INTERPRETATIVO PARA OS SACERDOTES.

1. (O Senhor): “Pedistes a realização de um milagre e Eu vos satisfarei. Não vos tornareis felizes por causa dele, mas para o fortalecimento da vossa fé. Nesta colina, inteiramente escarpada e árida, está uma figueira velha e seca, há trinta anos. Naquele tempo desabou aqui violento temporal. Torrentes de chuva desceram ao solo e arrancaram a terra escassa e cheia de pedras, e dentro em breve tudo secou.

2. A situação desta colina, dos arrabaldes extensos e também da figueira, é idêntica à vossa compreensão sobre o Deus Único e Verdadeiro. Se para o homem isento do verdadeiro conhecimento a respeito do Deus Vivo, tudo é morto, deserto e abandonado em virtude de não receber alimento para alma e espírito, e a tempestade das tendências mundanas dele varreram o solo alimentício e vivificador como sendo a Palavra Viva de Deus, – também esta árvore e a erva ao seu redor não podem vicejar. Não há solo

alimentador, e sim, somente pelo Poder de Deus será possível criar novo solo dotado do necessário à flora. E assim quero que toda esta zona, inclusive esta colina se cubra com duas varas de terra fértil! Que assim seja!”

3. Toda a extensão se cobre de solo fértil, causando pavor entre os sacerdotes pagãos, levando o primeiro orador à seguinte exclamação: “Encontramos finalmente Aquele, a Quem procurávamos há tanto tempo! És realmente Deus Único e Verdadeiro, e Te rendemos todo o amor, louvor e gratidão. Perdoamos os pecados, praticados em virtude da nossa ignorância contra Ti e os semelhantes. Tudo faremos para reparar os possíveis prejuízos. Mas contamos igualmente com a Tua Graça e Misericórdia, meu Deus e Senhor!”

4. Digo Eu: “Falaste certo, seguindo aquilo que te foi revelado pelo Espírito do Meu Verbo, aceite em tua alma. Também tu te tornaste espiritualmente coberto de solo fértil e o que até então era deserto e vazio, não podendo produzir fruto algum para a vida, começará a verdejar e frutificar em todos os sentidos, como alimento e saturação da alma para a sua Vida Eterna.

5. Continua firme em teu propósito, que surgirás para a vida de muitos, assim como a colina e a zona toda florirão em benefício de outros. Como homem, até então espiritualmente morto, serás vivificado através da Minha Palavra Viva, aceite pela tua boa vontade. O mesmo acontecerá à figueira, morta há trinta anos, cujo tronco ainda apresenta alguns galhos e raízes. Quero que tudo se torne vicejante para frutificar abundantemente, e que esta figueira velha e seca, se torne viva, produzindo frutos saborosos para homens e pássaros. Que assim seja!” No mesmo instante se evidencia o milagre diante dos olhos de todos.

104. DISCURSO DE ANDREAS, ACERCA DAS OBRAS DO SENHOR.

1. Percebendo Quem Se encontra diante deles, os sacerdotes ficam silenciosos. O próprio hospedeiro, não obstante ter visto o milagre curador, somente agora se convence não ser Eu simples profeta munido do Poder Divino, pois agia independentemente e neste sentido se expressa para o comandante.

2. Este então responde: “Amigo, isto eu já sabia desde Pella, onde também doutrinou e deu provas maravilhosas do Seu Poder.

Mas um facto como este nunca assisti. Se bem que Ele afirme: Fui enviado pelo Pai a este mundo, é Ele o Mesmo que Se enviou por amor às criaturas para Se tornar Deus e Pai Visível e Compreensível, Senhor e Deus, Único. Nele habita o Ser Primário de todo Ser, a Força básica de toda força, o Poder de todos os poderes, a mais pura Consciência de todas as consciências criadas no Infinito, pleno das Suas Obras. Isto tudo não só creio como resultado de muitas pesquisas, mas estou convicto, ao ponto de dar a minha vida por tal convicção.”

3. Diz o anfitrião: “Não posso penetrar tão profundamente neste segredo sublime. Creio e espero que toda a minha família se integre nesta Verdade. Por isso, todo louvor e gratidão ao nosso Deus Único e Visível.”

4. Nisto, um sacerdote se aproxima de Andreias e pergunta se Eu já havia efectuado milagres idênticos. O discípulo responde: “Vai a todas as zonas da Galileia, Judeia, Samaria e outros lugares de Norte, Sul, Oeste e Leste e pergunta a respeito, que os homens te demonstrarão o que o Senhor já realizou.

5. Muitos foram os milagres semelhantes a este, e todas as terras estão plenas da Sua Honra, pois não há Outro semelhante a Ele. Todavia não é da Sua Vontade que falemos das provas que deu, para positivar a Verdade da Sua Doutrina. As provas passarão com o tempo, como tudo que é perecível nesta Terra, e caso formos relatá-las daqui a muitos anos, ninguém as aceitará. As Suas Palavras não desaparecerão, mas ficarão como Verdade de todas as verdades, em todos os Céus, na Terra e no grande mundo dos espíritos.

6. Deseja Ele somente que o Verbo Vivo, vindo dos Céus, seja pregado a todos os homens para receberem a fé viva e agirem segundo a Doutrina. Se assim fizerem, serão por Ele despertados e fortificados, ao ponto de poderem também efectuar milagres, como nós já fizemos pela imposição das nossas mãos sobre os enfermos, que imediatamente eram curados. Para vós mesmos, este milagre se tornará útil se agirdes pela Sua Doutrina.

7. Naturalmente é tal prova considerada milagre excepcional, enquanto os assistentes não se acham devidamente informados do autor. Tão logo O tiverem reconhecido, deixa de ser milagre, pois percebem que para Deus, o Onnipotente, nada é impossível.

8. Que é a Terra, senão a Palavra e a Vontade do Senhor, vindas do Seu Amor e Sabedoria? Que vêm a ser Sol, Lua e todas as

estrelas com tudo que comportam, a maioria muito maior que nosso planeta?

9. Se Deus, desde eternidades, pôde criar obras gigantescas através da Sua Vontade, momentânea ou sucessivamente, segundo o Seu Amor e Sabedoria, facilmente pode cobrir uma pequena zona da Terra com solo fértil e frutificá-la de acordo com a necessidade do país e dentro da Sua Ordem Imutável.

10. Se isto compreendeis como romanos inteligentes e dotados de muitas experiências, perceberéis que os milagres do Senhor não são o principal para as criaturas, mas a Sua Palavra e a Sua Doutrina que nos demonstram o caminho para a Vida Eterna. A Palavra vinda da Boca de Deus é tudo em tudo, e por ela viveremos eternamente onde Ele está e agiremos pelo Verbo e a Sua Vontade em nós.”

11. Responde o sacerdote: “Amigo, penetraste profundamente na justa Sabedoria do Senhor e não me admira que os discípulos se portassem tão indiferentemente diante do milagre. Guardarei o que acabas de me expor, como se o Próprio Senhor o tivesse dito, e agradeço-te pela amizade e paciência.”

105. A MILAGROSA REFEIÇÃO.

1. Entrementes, aproxima-se um empregado curado por Mim, para nos avisar que a refeição está preparada. Todos Me seguem, inclusive os sacerdotes que sentem forte atracção e amor para Comigo. Quando Me vêm tomar a refeição, o principal diz: “Ó Senhor, Onnipotente e Sábio! Eis outro milagre, Tu tomares alimento material, porquanto tudo que existe é igualmente Obra da Tua Palavra e Vontade. Poderias dizer: Que seja a mesa coberta de alimento celeste, e imediatamente se realizaria o que quiseste. A nossa refeição pagã é impura para um judeu, entretanto a saboreias com os Teus discípulos.”

2. Digo Eu: “Para o puro, tudo é puro, portanto também o é para Mim. Criaturas de boa vontade e na maior parte de coração puro, oferecem alimento igualmente puro, pois Eu Mesmo o purifico, a fim de que ninguém seja maculado. Crentes de Eu poder mandar servir uma mesa com alimento dos Céus, através da Minha Palavra e Vontade, sentai-vos na mesa mais próxima, que tudo sucederá como acreditastes. Saciai-vos sem susto e receio, pois tal alimento e bebida vos fortificarão e darão coragem na luta contra o

príncipe das trevas, da mentira e mistificação, diante de pagãos e judeus.”

3. Os sacerdotes se sentam na mesa indicada, coberta por toalha de fino linho e serviço. As baixelas e taças ainda se acham vazias diante dos hóspedes admirados. Então lhes digo: “Eis a mesa posta com alimentos e bebidas puríssimos, dos Céus, muito embora não os vejais. Quero que o elemento espiritual se envolva de matéria e podeis começar o desjejum.” Os sacerdotes não se contêm em expressar louvor e honra ao Meu Nome.

4. Entregam-se assim à refeição milagrosa, e o hospedeiro manifesta o desejo de prová-la. Todavia digo-lhe: “Amigo, o que comeres à nossa mesa tem a mesma origem, sabor e efeito, pois também estes alimentos são a Minha Palavra e Vontade.”

106. A LIBERTAÇÃO DO PAGANISMO.

1. Quando todos nós nos saciamos, os sacerdotes agradecem e concluem: “Senhor e Deus Único, cremos indubitavelmente em Ti e tomamos a firme resolução de converter outros pagãos. Não será fácil esse empreendimento, mormente porque o povo se acha preso ao paganismo. Nesta cidade não haverá uma casa sequer que não esteja repleta de imagens de protectores dos lares, deuses e semi-deuses. Acabar de um golpe com tais fantasias através da doutrinação e dos Teus ensinamentos, será tarefa árdua. Para a Tua Pessoa, seria fácil, pois basta querer e nada mais existirá do politeísmo.”

2. Respondo: “Sem dúvida poderia fazê-lo. Com isso não facilitaria o vosso trabalho para Mim e para o Meu Reino nesta Terra, mas o tornaria muito mais penoso. Uma alma obtusa e supersticiosa, e a livre vontade do homem não se podem alterar por provas e milagres. Se os milagres operados em Jerusalém tivessem tido esse efeito, todos os fariseus e escribas seriam Meus discípulos. Assim não sendo, continuam maus e obtusos, odeiam-Me e Me perseguem qual reles rebelde popular.

3. Poderia destruir, de momento, o Templo e os seus templários. De nada adiantaria na sua teimosia, mas os faria ainda mais cegos e maldosos. Assim sendo, deixo o Templo, o orgulho e o domínio dos seus asseclas e seguidores, continuarem até à sua reacção contra Roma, o que finalizará tudo.

4. Deixai a situação como está entre os moradores bondosos desta cidade, até que sejam iluminados pelo vosso conhecimento, ao ponto de perceberem a futilidade das suas imagens e os mais compreensivos vos ajudarão na sua extinção. Por ora é o bastante que o paganismo seja destruído nas almas; isso feito, o resto se fará por si só.

5. Querer iniciar a destruição dos monumentos de fé antiga e só então esclarecer almas e corações abalados, seria idêntico à acção de um homem que mandasse demolir a sua casa antes de fazer o plano para uma nova residência. Onde ficará morando até a construção acabar? Esta concluída, poderá demolir a velha.

6. Se Eu, pelo Poder da Minha Palavra e Vontade, destruísse, de momento, todos os vossos ídolos, surgiria uma revolução dificilmente abafada, ainda que fôsseis divulgar a ira dos deuses ofendidos. O povo, finalmente, perguntaria indignado como pôde pecar contra os deuses, se sempre se prestou ao sacrifício. Chegaria a vos apontar de gananciosos e culpados de uma possível desgraça. Seria melhor repor as estátuas, do contrário seríeis vítimas da sua ira. Em tais circunstâncias, seria difícil divulgar a Minha Doutrina e Crença em Mim, entre pagãos.

7. Tratai primeiro da construção nova para eles, que vos ajudarão a destruir a antiga. Quanto aos ídolos em suas moradias, feitos na maior parte de ouro e prata, convém fundi-los, vender o metal e distribuir o dinheiro entre pobres.

8. O Meu Reino, ora fundado por Mim nesta Terra, é um Reino de Paz, e não de contenda, perseguição e guerra. Convém propagá-lo em paz e não usardes da espada. Quando a Minha Doutrina for divulgada por meio da espada, haverá em breve grande miséria sobre a Terra. Correrão torrentes de sangue, e todos os mares tomarão a sua cor. Por isso sede trabalhadores pacíficos, em Meu Nome, e evitai discussão e contenda. Agi apenas pelo amor em vosso coração. No amor reside a maior força e poder.

9. Conquanto seja o paganismo uma árvore velha, oca e sem vida, contém muitas partes ainda rijas e raízes quase petrificadas, e não se deixa abater de um só golpe. Com o tempo, paciência, prudência e persistência, ela há-de ceder às múltiplas machadadas. O forte machado dado por Mim, é a Verdade, perante a qual toda resistência ignorante e dura terá que ceder. Eis a Minha Vontade. Segui-a que lucrareis muitos frutos para o Meu Reino, pelo Meu Amor em vós."

107. O AMOR AO PRÓXIMO.

1. Os sacerdotes agradecem pela Minha Orientação e reúnem-se no seu recinto à parte, a fim de resolver a sua situação. O primeiro orador ficou no nosso grupo e se dirige ao comandante a respeito da fundição dos ídolos, pois desconhecia ourives interessado na compra de metais. Este responde: “Farei tudo que for da Vontade do Senhor e Mestre, por isso ouçamos primeiro qual o Seu parecer.”

2. Digo Eu: “Agi segundo o vosso critério. O principal é que a renda seja levada aos necessitados de modo útil, o que sereis capazes de julgar através do Meu Espírito dentro de vós. Procurai reparar tudo que porventura fizestes de mal ao semelhante, que sereis cumulados com a Minha Graça. Por acaso não havendo meio de reparar uma injustiça praticada, tende ao menos a boa vontade para tanto, dirigi-vos a Mim que não deixarei de atender o vosso pedido. **Guardai bem, ninguém pode entrar no Meu Reino se não tiver indenizado o menor prejuízo feito a alguém.** O que não desejais se vos faça, não deve ser praticado por vós.

3. Se sofreis um prejuízo por parte de alguém, perdoai e fazei uma advertência com toda a meiguice. Ele melhorando, tereis o vosso benefício. Não o fazendo, não deve ser condenado. Dirigi-vos a Mim, no coração, que atenderei o vosso justo pedido. Fazei tudo por amor, em Meu Nome, que vos tornareis filhos de Deus e herdeiros do Reino Celeste, não havendo fim para a vossa bem-aventurança.

4. Se o compreendestes bem, fazei deste modo e ensinai o próximo a agir da mesma forma. Por este meio divulgareis o Meu Reino mais eficientemente, pelo que recebereis grande prêmio no Além, pois aquilo que prometo, é e será Verdade Eterna.”

5. Diz o comandante: “Senhor e Mestre, assimilo a Verdade imensa de todas as Tuas Palavras e Ensinos, e sinto que deveria ser conforme explicaste. Existem entre judeus e pagãos, homens perversos, ladrões, salteadores, assassinos, adúlteros e violadores de ambos os sexos, e temos rigorosas leis para punir tais exemplos horrorosos. Para tais criminosos haveria talvez oportunidade de regeneração, caso não fossem atingidos pela pena capital. Poderiam ser instruídos sobre o que seja bom, verdadeiro e justo, estendendo tal medida a infractores menos pesados.

6. Mas, enquanto regem leis severas, tal desejo continua problemático. Se eu mesmo tiver acarretado com alguma culpa, ficaria satisfeito se me aplicassem as medidas acima, ao invés de me condenarem sem clemência. Sou juiz neste sector, bem conhecido de Ti, Senhor e Mestre, e fui obrigado a mandar vários criminosos ao cárcere. Deveria aplicar-lhes amor ao invés de severidade?”

7. Digo Eu: “Agirás bem, quando isso for possível. Quem liberta os prisioneiros, física e espiritualmente, das algemas do demónio, deve ser igualmente liberto dos laços da morte eterna. Quem for juiz e aplicar julgamento suave e justo sobre criaturas cegas, poderá aguardar a mesma medida por Mim. Quem for misericordioso, encontrará Misericórdia Comigo. Um juiz severo deparará em Mim, Juiz inclemente, pois justamente o rigor ao próximo será o seu juiz. **Cada um traz o seu próprio juiz dentro de si.** Eis uma orientação para o teu governo, Meu amigo Pellagius.”

108. PROMESSA E ADVERTÊNCIA DO SENHOR.

1. Desta vez, dirigimo-nos ao lado oposto de Aphek, onde também existe uma colina, aliás mais alta que a outra, igualmente coberta de solo fértil e ervas aromáticas. Todos se admiram, e o taverneiro diz: “Como se estende a Força e o Poder de Deus! Pela manhã vimos que a parte Leste se achava vicejante através da Tua Palavra poderosa, Senhor. Pelo facto de teres igualmente considerado este lado, mais pedregoso, Te rendemos todo louvor e gratidão.

2. Raras vezes era procurado pelos habitantes da cidade, precisamente nunca durante o verão, pois as rochas negras aqueciam tanto a impossibilitar a travessia. Tudo isto se transformou em verdadeiro Elísio, entretanto vamos fazer mais um pedido. Toda esta zona é mui pobre em água. Não seria possível providenciar algumas fontes?”

3. Respondo: “Oportunamente. Por ora farei surgir uma fonte poderosa nesta colina, posse tua, hospedeiro. Ela suprirá a cidade com água abundante. Quanto aos próprios arrabaldes, o inverno não distante se incumbirá. Tratai de não secardes no coração a fé em Mim e o amor para Comigo e o próximo. Se isto acontecer convosco ou com os vossos descendentes, estas fontes secarão igualmente e esta zona ficará mais deserta do que era.

4. No passado, esta zona era tão fértil como agora, quando foi entregue aos israelitas, em épocas de Josué e dos Juízes, e continuou assim até aos primeiros Reis. Quando posteriormente se manifestaram inveja, malquerença, perseguição e guerras entre as tribos de Israel, e todo o povo começou a esquecer-Me, fiz com que grandes tempestades e trovoadas devastassem as terras, e não adiantou o maior zelo humano para fertilizá-las de novo.

5. Acabo de transformá-las novamente e lá no topo vedes surgir uma fonte pujante, cujas águas devem por vós ser levadas aos locais necessitados. Continuai em Meu Amor, e não abandoneis a fé em Mim, que ficarei convosco com as Minhas Bênçãos. **O que pedirdes ao Pai, em Meu Nome, ser-vos-á dado, caso for proveitoso à salvação das almas, e onde dois ou três estiverem reunidos em Meu Nome, cheios de fé, estarei em seu meio no Espírito de Meu Amor, Poder e Força.**

6. Pedindo por coisas fúteis, nada recebereis, assim como não entregais uma faca a uma criança, só porque deseja brincar com ela. Por enquanto sois inexperientes em assuntos espirituais, e somente Eu sei o que necessitais para a conquista da Vida Eterna. **Por isso, procurai antes de tudo o Meu Reino e a Minha Justiça, que tudo resto ser-vos-á dado.** Alimentando algum desejo, pedi-Me somente algo justo, bom e verdadeiro.”

109. A OMNIPOTÊNCIA DO SENHOR E A SUA RESTRIÇÃO.

1. Diz o hospedeiro: “Ó Senhor, o pedido por uma irrigação desta zona, não teria sido injusto e prejudicial?” Respondo: “De modo algum. Mas se futuramente Me pedirdes apenas coisas materiais, tal não seria justo, bom e real, por serem vantagens terrenas prejudiciais à alma.

2. Não vim ao mundo em benefício do corpo, senão da alma. Por isso, pedi-Me antes de tudo que dê vantagens eternas à vossa alma. Que adiantaria ao homem caso conquistasse todos os tesouros do mundo, sofrendo o maior dano em sua alma? Como poderia salvá-la da morte e do julgamento da matéria telúrica?

3. Afirmas: Senhor, todas as coisas Te são possíveis, inclusive a matéria telúrica é a Tua Obra. – Tens razão. Todavia atesto, nem tudo Me ser possível com relação ao homem. Se assim fosse, não necessitaria vir Pessoalmente a este mundo, para vos doutrinar pela

Minha Própria Boca. Dei ao homem o livre arbítrio e demonstrei ao seu intelecto, a Verdade e o Bem, ao lado da mentira e do mal, a fim de que analise, julgue e se eduque no sentido de se tornar realmente humano e não um irracional sujeito à lei imperativa, que o obriga a viver dentro da Minha Onnipotência, não tendo liberdade, determinação própria, nem independência.

4. Além do físico, não tem o homem outra lei imperativa dada por Mim, mas uma vontade livre e raciocínio ilimitado pelo qual pode pesquisar, analisar, compreender, conservar e adotar como norma de vida tudo que descobriu de verdadeiro e bom. Por isso analisai também vós tudo que vos é demonstrado, e conservai e empregai o que de verdadeiro e bom descobristes, que vos tornareis filhos mui queridos e livres, independentes como Eu.

5. Se deste modo vos tiverdes apossado da Minha Vontade e vos tornardes também fortes pela fé viva para Comigo, todos os seres vos serão submissos. Jamais vos insurgireis contra a Minha Ordem Eterna como base de todo o ser e existência. Nisto consistirá a Vida Eterna e Bem-Aventurada da vossa alma, e onde Eu estiver, estareis vós, como filhos Meus, agindo como Eu.

6. A fim de que o homem alcance tão sublime bem-aventurança, deve orientar-se segundo a Minha Vontade, através do seu livre arbítrio, intelecto e raciocínio ilimitados; e Eu não posso intervir pela Onnipotência e obrigá-lo a uma outra atitude qual irracional. Deste modo, nem tudo Me é possível em relação aos homens, caso devam continuar eternamente humanos dentro da Minha Ordem Imutável e Eterna.

7. Compreendereis, portanto, quais serão os pedidos justos diante de Mim, que vos serão satisfeitos à medida do vosso benefício. Pedi apenas o que seja útil à vossa alma, e raras vezes uma vantagem para o corpo.

8. Não sois por isso proibidos de pedir socorro em aflições de ordem material. Digo mais: Caso prestardes benefícios físicos ao próximo por amor a Mim e em Meu Nome, sereis recompensados por bens espirituais em prol da vossa alma, e se continuardes nas obras do amor e na fé viva em Mim, recebereis a força de curar enfermos pela imposição das vossas mãos, e libertar pessoas endemoninhadas dos seus maus espíritos, tão comuns nesta época. Disto sereis capazes somente pela fé plena e viva em Mim. Em suma, Comigo tudo podereis realizar, – sem Mim, nada podereis

fazer. Continuai sempre Comigo pelo amor e pela fé, que ficarei convosco com o Meu Amor, Verdade, Força e Poder.”

110. A QUESTÃO DO INFERNO.

1. Todos Me agradecem por esta extensa explicação e prometem praticá-la como norma de vida, ainda que venha a custar uma luta desenfreada. “Pois”, dizem eles: “qualquer coisa boa para a vida do homem só pode ser alcançada pela luta. Aqui, trata-se da conquista do tesouro mais sublime, portanto não devemos recuar qualquer dissabor. Os romanos são corajosos e sempre venceram contra os seus adversários. Assim também esperamos em breve alcançar o domínio sobre as nossas fraquezas, e Te pedimos não permitires sermos tentados acima das nossas forças.”

2. Respondo: “Céu e Terra e tudo que comportam, desaparecerão. As Minhas Palavras e Promessas, jamais. Nunca deixarei de atender os vossos pedidos justificados. Mas nesta época, o Reino de Deus necessita de violência e possui-lo-ão somente os que o conquistarem dessa forma. Por isso se prende à plena conquista uma luta interna e externa. Não temais os adversários capazes de matar o corpo, sem prejuízo para a alma. Temei a Deus que pode expulsar a alma maldosa para o inferno.”

3. Adianta-se o comandante e diz: “Senhor e Mestre, já que fizeste menção ao inferno, no qual os judeus alegam que as almas são eternamente martirizadas pelos piores demónios, e os pagãos consideram para tanto um local chamado Orkus, – queiras explicar-nos onde está e quem lá entra após a morte. Se nos informaste a respeito das bem-aventuranças que aguardam os que viverem segundo a Tua Doutrina, é igualmente necessário travarmos conhecimento do destino dos maldosos, principalmente os que na Terra foram os Teus piores adversários, a fim de convencê-los do bem.”

4. Digo Eu: “Meu amigo, é difícil responder-te racionalmente porque o teu espírito ainda não penetrou inteiramente na tua alma. Todavia, darei a todos pequena orientação. **Assim como o Céu está em toda a parte onde se encontram criaturas boas e agradáveis a Mim, o inferno existe também em toda parte onde se acham ateístas, inimigos do bem e da verdade, mentirosos, traidores, ladrões, salteadores, assassinos, avarentos, dominadores, adúlteros e impudicos.**

5. Querendo ver o aspecto de tal inferno, basta observardes a alma, a tendência maldosa e a má vontade de tal criatura na qual age o inferno, e concluireis qual o aspecto do inferno, obra do próprio indivíduo. Lá, cada um quer ser o primeiro, soberano maior e absoluto. Possuidor do maior poder e força, sendo atendido por todos que devem trabalhar para ele pela pior recompensa.

6. Impossível esperar-se uma verdade luminosa, de uma tolice tão maldosa e cegueira egoísta, quando um tirano dominador jamais se convence da sua injustiça, aplicada de modo cruel e tampouco estaria disposto a abandonar o seu trono dourado, para praticar justa penitência e procurar reparar o mal praticado. Experimenta convencer tal desvairado, e te certificarás de que maneira te enfrentará.

111. A UTILIDADE DA DESTRUÇÃO DA FORMA EXTERNA.

1. O Senhor: “Onde nada se alcança com a Luz mais clara da Verdade, – como convencer tais homens sem lhes tolher o livre arbítrio, senão tirando-lhes o amor-próprio? Exterminar tal sentimento pervertido seria idêntico a matar a própria criatura, o que não pode suceder em virtude da Ordem eterna e imutável. Tudo, desde o mais ínfimo até ao mais elevado – seja bom ou mau dentro do conceito humano – é indestrutível como Deus, a Força, Poder, Amor e Sabedoria eternos, de onde tudo surgiu.

2. Transmutações do imperfeito ao perfeito são possíveis pelo facto de Deus querer proporcionar independência aos Seus Pensamentos e Ideias, – falando humanamente. Tais transmutações não são extermínios, senão destruições visíveis no campo da natureza. Somente formas materiais, nas quais se oculta um ser de potência vital e espiritual, isolado por certo tempo da Onnipotência Total, são destrutíveis, sem afectar a sua integridade interna.

3. As formas externas têm que ser destrutíveis, pois sem a destruição não haveria aperfeiçoamento espiritual, em relação à emancipação individual. O que vem a ser para vós, criaturas presas numa forma material e final, o mundo físico senão Pensamentos e Ideias concentrados pela Minha Vontade, que posso modificar como e quando quiser, dentro do Meu Amor e Sabedoria.

4. Não o faço por simples capricho, a fim de satisfazer certo prazer dominador à moda humana, mas em virtude de uma

necessidade eterna como respeito à Minha Ordem de Amor, para dar aos Meus Pensamentos e Ideias uma independência plena, livre e individual. Fosse isso possível por outro caminho – que não existe nem pode existir – tê-lo-ia preferido ao que considerais monótono e cansativo. Assim, é o caminho por vós conhecido, o único possível, portanto unicamente verdadeiro e melhor, porque as Minhas Intenções podem ser inteiramente realizadas.

5. Se as criaturas desta Terra não se querem submeter à Minha Ordem, querendo criar outra organização, melhor e racional segundo o seu intelecto e livre vontade – o que sucede constantemente aqui e no além – são elas as próprias culpadas quando ingressam em situação cada vez pior e finalmente enveredam por atalhos e se cansam, a ponto de não haver outro recurso de chegar-se delas senão pelas aflições auto-criadas. Tais estados perduram até que a alma caia em si, compreendendo jamais poder melhorar pela reacção contra a Minha Ordem. Meu amigo Pellagius, **a constante reacção contra a Minha Ordem é o próprio inferno com todo o seu mal, treva, maldade e sofrimento atroz.**

112. A FINALIDADE DAS MOLÉSTIAS.

1. O Senhor: “Observa um homem de saúde férrea. Comete os piores abusos através de gozos desmedidos e exercícios desnecessários. Um amigo experimentado o aconselha a não praticar tais abusos, pois facilmente poderiam finalizar a sua existência. Ele nada aceita, mas continua na mesma maneira de viver.

2. Passados alguns anos, é atingido por moléstia bastante séria e se revolta qual louco, chamando pelos médicos. Conseguem curá-lo, se bem que não inteiramente. Mas não deixam de adverti-lo de não prosseguir dentro da antiga norma de vida; do contrário teria uma recaída da qual dificilmente se salvaria. Ele segue tal conselho por certo tempo. Não tarda, porém, a ser tentado e começa a viver desregradamente. Conquanto sentisse os sintomas da moléstia, não lhes dá atenção e continua pecando contra a sua natureza debilitada.

3. De súbito, cai de cama com dores atrozes. Vêm os médicos e procuram curá-lo, sem o conseguir tão facilmente, por isso aconselham-no a ter paciência. Não tendo respeitado o conselho, era ele próprio responsável de ter caído em enfermidade pior e mais prolongada.

4. Ele sofre mais que um ano e fica completamente desanimado. Todavia, consegue melhorar um pouco e jura por tudo que lhe é sagrado aceitar o conselho dos facultativos, inclusive de outros amigos. Essa segunda experiência amarga o fez mais prudente e cuidadoso, e assim começa a fortificar-se. Nem bem se sente curado, pensa: Ah, um único prazer não me há-de prejudicar! - Como nada de mal sucedesse, ele repete o desatino por várias vezes.

5. Desta vez, a moléstia o atira por vários anos no leito, sem que um médico pudesse socorrê-lo. Após este longo período de padecimentos amargos, sente-se melhor pelo hábito da enfermidade e reconhece ter sido uma Graça de Deus, pela qual se curou da sua volubilidade, tornando-se psicologicamente mais puro. O sofrimento físico faz com que a alma se torne humilde, paciente, séria e adquira forças para dominar os sentidos da carne.”

113. A DIFICULDADE NA CONVERSÃO DE ALMAS QUE JÁ FALECERAM.

1. O Senhor: “Assim como a alma de tal homem se tornou mais comedida, paciente, modesta, pura, forte, rigorosa e profunda através do padecimento provocado pela vida devassa, as almas no Além são igualmente purificadas por vários sofrimentos, aborrecimentos e dores, autocriados, pela repugnância do seu proceder desordenado que aumenta à medida da sua transformação no pensar, amar, querer, penetrando no próprio espírito, até atingirem uma existência mais feliz. **No Além, esta purificação torna-se difícil e complicada, e para muitas almas demasiadamente pervertidas, decorrerão longos períodos até que encontrem o caminho da Minha Ordem Eterna e Imutável.**

2. Nesta Terra, todo homem tem base sólida e vários caminhos, bons e maus, conselheiros, guias e professores. Facilmente se pode decidir pelo bem, após algum discernimento, transformando o seu amor e vontade pela aceitação da Minha Ordem que se manifesta cada vez mais clara dentro dele. Na vida além-túmulo, a alma possui apenas a si mesma e é criadora do seu próprio mundo, semelhante a um sonho. Em tal esfera não pode haver outros caminhos senão os que uma alma traçou pelo seu amor, vontade e fantasia.

3. O seu amor e vontade se justificando dentro da Minha Ordem, ao menos na maior parte, dentro em breve se decidirá pelo caminho ordenado, em virtude de algumas experiências amargas. Prosseguirá nesta trilha nova e passará da sua vida fantasiosa a uma existência verdadeira e real, onde tudo lhe será mais claro e compreensível, o que jamais lhe passou pela ideia.

4. Dentro em breve progride pela purificação das suas tendências. Ao passo que uma outra, em cujo mundo de sonho e fantasia, às vezes nem existe meio caminho ordenado, posto o seu amor e vontade desequilibrados, difícil se torna decidir-se a encetar primeiro, uma trilha ordenada, para após longo tempo se dirigir ao caminho certo que a leva à verdadeira Luz da Vida.

5. Qual será a sorte de uma alma no Além, que nem uma quarta parte do caminho da Minha Ordem tem a registrar, portanto não o encontrará? Eis o próprio inferno. Tal psique caminhará por todas as veredas maldosas no seu mundo trevoso de sonho e fantasia, querendo-se sobrepor acima de Mim.

6. Nada conseguindo por este meio, senão perdendo cada vez mais, torna-se ela sempre mais irada e vingativa, maldosa e impotente. Imagina inúmeros atalhos desordenados no mundo inerte de tal psique. Quando tiver passado por todos eles, e começar a pressentir que toda a sua acção, zelo e esforço foram simples tolice; desperta nesta alma certa ânsia de preferir obedecer do que dominar acima de tudo?

114. A EDUCAÇÃO INÚTIL DE UM TIRANO.

1. O Senhor: “Admitamos que queiras invadir as terras de um tirano cujas intenções e propósitos se concentram na conquista do mundo inteiro, em dominar todos os outros soberanos e fazer-se adorar qual deus. Após teres vencido a sua resistência e conseguido prendê-lo, dirás: Tolo orgulhoso e vaidoso, que pretendias fazer escravos os reis vizinhos, – agora estás em meu poder! Serei clemente e justo, caso te humilhes ao ponto de querer o bem ao próximo e reparar o prejuízo praticado. Ficarás sob a minha observação. Se te modificares, poderei reconduzir-te ao teu reino, em benefício dos povos.

2. O prisioneiro tudo aceitará, em virtude da tua promessa. Julgas ter-se modificado inteiramente? Aparentemente, pois basta entronizá-lo que tudo fará para se vingar. Provocar-se a humilhação

de um rei orgulhoso e altivo, ao ponto de descer abaixo do cajado da mendicância, seria o mesmo que fazer-se dele um demónio perfeito, ao qual jamais se poderia ajudar no reino das sombras.

3. Tal homem, seja rei ou escravo, tomado de ira máxima e vingança imperdoável, não é susceptível à conversão. O melhor é suportá-lo com toda a paciência e adverti-lo oportunamente, como fiz Eu Mesmo através da boca dos profetas.

4. Não se modificando – como geralmente acontece – será levado a fortes castigos, pelos quais venha a sentir a sua própria culpa; persistindo na sua maldade, deve ser varrido da Terra, o que cabe somente a Mim, pois vejo nitidamente quando a medida de tal homem está completa.

5. Se reflectires acerca da natureza do inferno, saberás onde se encontra e como se apresenta. Assim como o homem virtuoso e religioso dentro da Vontade de Deus, traz dentro de si o Céu e o Reino de Deus, o seu oponente carrega o inferno no seu íntimo, pois é o seu amor e vontade inabalável, portanto a sua vida. Compreendeste?”

115. PROMESSA DO SENHOR SOBRE O FIM DOS TEMPOS.

1. Diz Pellagius: “Senhor e Mestre, todos nós Te agradecemos por este conhecimento, aliás não de molde a alegrar um coração bondoso. Todavia é justo que o mau se condene e se afaste do bom. Se pudéssemos enviar anjos poderosos para junto de tais homens para demonstrar-lhes a sua injustiça, não se converteriam?”

2. Respondo: “Meu amigo, tal pensamento honra o teu coração. O desejo expressado já foi por muitas vezes efectuado por Mim, tanto neste quanto no outro mundo, e sempre foi de efeito bom e persistente para os ainda dispostos à salvação.

3. Lê a História de Sodoma e Gomorra. Anjos verdadeiros desceram dos Céus junto de Lot, – e qual foi o resultado? Lê o que aconteceu em épocas de Noé. Quem se importou com aquilo, com excepção de Noé e a sua família? O que fez Moisés diante do faraó tirano, que se tornou cada vez mais irado e maldoso, não desistindo de perseguir o profeta e os israelitas, até que o mar o tragasse, bem como ao seu exército? Vê a história de Jericó. Grandes foram os sinais sob a regência de Josué, e excluindo uma prostituta, ninguém se alterou. Estuda a história de todos os profetas, grandes e

pequenos, e verás o resultado fraco que produziram entre os pecadores contra a Ordem de Deus.

4. Deixemos de lado o que nesta Terra foi tragado pelo tempo, e observemos a época actual, estupenda e inédita. Vê os Meus discípulos. Quem são? Na maioria pobres pescadores. Há alguns de Jerusalém que Me acompanham há certo tempo. Mas onde estão os chefes dessa cidade que também ouviram a Minha Palavra, e onde Eu Pessoalmente operei os maiores milagres, acompanhado de um dos maiores anjos? De que adiantou? Querem perseguir-Me e matar-Me a todo o custo!

5. No final, permitirei que o façam ao Meu Corpo, para ressuscitar no terceiro dia. Então visitarei todos os Meus amigos para seu consolo e conforto. Os renitentes não se alterarão por isso, mas perseguirão os Meus amigos até terem completado a medida das suas crueldades, e Eu os varrer da superfície da Terra.

6. **Até ao fim do mundo, enviarei os Meus mensageiros celestes, para evitar que o Meu Verbo seja deturpado e destruído pelos filhos maus.** Mas também aqueles serão perseguidos em Meu Nome, até à época em que voltarei qual raio que de um pólo a outro, iluminará tudo que houver na Terra, bom ou mau. Farei, então, uma grande selecção sobre todo o orbe, conservando apenas os bons e puros.

7. Daí concluirás que sempre fiz o que acabas de desejar, e assim farei até ao Fim dos Tempos. A vontade livre dos homens sempre será respeitada, e todos terão que encarnar para prova da sua liberdade e a fim de renunciarem a todos os desejos carnis, tornando-se humildes e pacientes, mantendo e aperfeiçoando o Meu Reino dentro de si. Quem quiser vir a Mim, terá que fazê-lo tão perfeito como Eu. Para que isso lhe seja possível, vim Pessoalmente a este mundo para demonstrar o caminho para todos.

8. Não vos deixeis seduzir e ofuscar pelo mundo, a sua matéria e pelos desejos da carne, para não despertardes o julgamento do mundo e o próprio inferno, a segunda morte da alma.”

116. O AMBIENTE ESPIRITUAL DO SENHOR.

1. As Minhas Palavras produzem forte impressão nas almas dos romanos, que conjecturam intimamente: Ele tem razão em tudo, e nós humanos somos representantes do Seu Rigor, e não simples distração da Sua Onnipotência. – Em seguida o comandante vira-

se para Mim e diz: “Senhor e Mestre, abordaste em Teu discurso que durante muito tempo, um anjo perfeito Te acompanhou e atestou fielmente teres vindo à Terra. Tal facto havia sido prometido através dos profetas, de sorte que os pagãos também estavam informados. Não seria possível chamares um anjo para podermos vê-lo?”

2. Respondo: “Como não? Muito embora a aparição de um anjo, não sirva para positivar ainda mais a vossa fé em Mim. Não necessito chamar tal anjo para apresentar-se conforme pensais. Onde estou, se apresenta o máximo Céu com todas as falanges angelicais que sempre Me rodeiam. Abrirei a vossa visão por alguns momentos, para verdes o Meu Ambiente. Que assim seja.”

3. Imediatamente, todos vêem, como se formassem enormes círculos, inúmeros anjos de pé, sentados e ajoelhados, voltando o seu olhar para Mim e louvando-Me. A visão estonteia os romanos, que pedem Eu fechar-lhes os olhos ainda impuros para tal maravilha. Faço cessar a visão interna, com excepção da presença de Raphael, visto como se fosse de carne e osso. O comandante pergunta, admirado da sua formosura, quem é e de onde viera tão inesperadamente.

4. Digo Eu: “É justamente o anjo que sempre Me rodeava como ora, caso fosse necessário para despertar a fé, ensinando e operando grandes milagres. Se quiseres, poderás falar-lhe directamente.” O romano vira-se para Raphael e indaga se sempre estava junto de Mim para servir-Me. O arcanjo responde: “O Senhor não necessita dos nossos serviços; todavia O servimos com todo o amor, pela ajuda prestada aos homens segundo a Sua Vontade, para proteger-vos de perseguições maldosas do inferno. Quanto maiores as tarefas nesta Terra e nos outros corpos celestes do Espaço Infinito, tanto mais felizes somos. Fazei o mesmo, que fareis o eu que faço.”

5. Obsta o romano: “Sei quem és, mas ignoro o que podes fazer.” Retruca Raphael: “Tudo o que o Senhor Mesmo pode, eu posso. De mim mesmo, posso tão pouco quanto tu. Pela Vontade do Senhor, que preenche todo o meu ser, posso realizar tudo. Aceita a Vontade Dele, que poderás realizar o que faço.” Com isto, Raphael desaparece, e o comandante grava as suas palavras no fundo do coração. – Eis que surge um empregado para anunciar o almoço, e voltamos ao albergue.

117. OS CIDADÃOS DE APHEK.

1. Após termos tomado a nossa refeição, na qual participaram os sacerdotes pagãos, chegam alguns moradores da cidade que Me desconhecem e dizem admirados ao anfitrião: “Já sabes que os arrabaldes da cidade estão inteiramente floridos? Seria efeito do terremoto, ou teriam os deuses se apiedado em virtude das nossas orações e oferendas?”

2. Responde o taverneiro: “Não há novidade nisso e também estamos sumamente felizes. Sabemos ainda outro factor surpreendente. Subi a colina da murada da cidade que vereis uma fonte extraordinária, podendo suprir todos os moradores com boa água. Tão logo for possível, começaremos a fazer a canalização e igualmente satisfaremos as manadas de animais, que assim não necessitam procurar alimento em grutas e vales.”

3. Quando os cidadãos descobrem a fonte, ficam estonteados, e um, ainda bastante crente nos deuses, diz: “Devemos procurar os sacerdotes para a construção rápida de um templo em benefício de Neptuno, agradecendo-lhe por tamanha graça. Além disso, deve haver um sacerdote aqui instalado, para honrar o nosso protector.”

4. Assim, eles voltam à cidade, onde fazem o relato do grande milagre. A multidão corre até lá e analisa o fenómeno, deixando-nos em paz, podendo fazer os preparativos para a viagem. Antes de partir, avisei o comandante e os sacerdotes dos comentários feitos na fonte pelos cidadãos, e que agora deveriam estar prontos a evitar que o paganismo deitasse raízes ainda mais fortes.

5. Responde o romano: “Senhor e Mestre, saberemos impedi-lo com a Tua Ajuda. Em relação terrena, sou chefe da zona e sujeito somente ao Coronel Cornélio actualmente residente em Cafarnaum, e ao Prefeito Cirénio, geralmente em Tiro e Sidon. Ambos sendo Teus amigos e adeptos da Tua Causa, pouco temos que temer na tarefa em benefício da humanidade.”

6. Respondo: “Sem reacção dos homens, o trabalho para o Meu Reino, dificilmente será feito. Se vez por outra enfrentardes pequenos ou grandes dissabores, não percais a coragem, confiança e fé em Mim, que não tereis trabalhado em vão. Como já disse, nesta época em que o poder do inferno se tornou demasiado forte, o Meu Reino necessita de violência e grande zelo, e só os que empregarem violência, conquistá-lo-ão.

7. Virão certas provações e tentações sobre vós; mas lembrai que vos avisei a respeito. Sede corajosos, lutai com prudência e com todo o amor contra as investidas do mundo dentro e fora de vós, e assim colhereis com a Minha Ajuda, frutos dourados pelo trabalho do Céu e a alegria será grande e imorredoura.

8. Todo o competente trabalhador merece recompensa, e quanto mais pesado o trabalho, tanto maior e especial será o prémio. Quem não quiser trabalhar por julgar demasiado sacrifício, não precisa esperar recompensa, mas passará fome. A fome física já sendo dolorosa, muito pior será a fome espiritual para quem já se saciou do Pão Celeste, sem se esforçar por um acúmulo para o sustento eterno da sua alma. O verdadeiro Pão e o Néctar Real dos Céus, sou Eu na Verdade Eterna de tudo que vos ensinei. Recebestes grandes reservas. Tratai que não diminuam. Para evitá-lo, preciso é que sejais sempre activos no Meu Nome. O Meu Amor vos fortifique e a Minha Sabedoria vos guie!" Todos Me agradecem comovidos pelo ensinamento e os grandes benefícios materiais.

118. A PARTIDA DE APHEK.

1. Passadas as manifestações de reconhecimento, o comandante pergunta se lhe permito acompanhar-Me ao próximo distrito. Respondo-lhe: "Amigo Pellagius, tu e os teus fizestes muito; continua na tua comarca e profissão, e em tudo que organizei para o teu futuro. Ao voltares a Pella encontrarás muito trabalho. Fica mais alguns dias e ajuda os sacerdotes na empresa algo difícil no início. Caso vierem alguns forasteiros e judeus, não faças grande alarde da Minha Pessoa e dos Meus Actos."

2. Dou um aceno aos discípulos para deixarem o albergue e Me esperarem fora da cidade, com excepção de João que Me acompanha. Fico mais algum tempo para consolar Verónica, cheia de tristeza com a Minha Partida. Depois sigo para a colina, onde o comandante se despede, e marchamos em direcção ao Oeste para outra cidade, cujo nome não tem importância.

3. Haverá quem pergunte qual o efeito posterior entre os pagãos de Aphek, e quanto tempo levou para aderirem à fé em Mim. Respondo que, no decorrer de um ano não mais havia um pagão na cidade e arrabaldes. No início houve correntes contrárias. O povo sendo instruído pelos sacerdotes e pelo comandante, em breve reconheceu os seus enganos e aceitou feliz o conhecimento da

pura Verdade, e Eu não deixei de cumular os fiéis seguidores, em Palavra e Acção, com a Minha Força. Após a Minha Ascensão visitei especialmente aqueles lugarejos e transmiti aos convertidos, o consolo pleno e a justa força para agirem em Meu Nome.

4. **Por ocasião das grandes tribulações em Jerusalém e na Judeia, a cidade de Aphek serviu de refúgio aos judeus convertidos à Minha Doutrina.** O comandante fundou uma comunidade, sem pompa, que manteve o seu nome após Eu o chamar para junto de Mim. Viveu mais trinta anos após a Minha Ascensão, sendo nomeado chefe das dez grandes cidades, entre as quais havia quantidade de pequenas vilas. Eis a súpula relativa à situação daquelas zonas, no que diz respeito à Minha Doutrina.

119. O SENHOR A CAMINHO PARA BETSAIDA.

1. Seguimos a nossa trajectória após a partida de Aphek, quando a duas horas de distância da cidade encontramos uma grande caravana que vinha de Damasco, para vender as suas mercadorias nas cidades costeiras. Deparando com a zona transformada, o chefe presume ter perdido o caminho. Por isso, dirige-se a Mim, dizendo: “Bom amigo, somos comerciantes de Damasco e viajamos duas vezes no ano para as cidades costeiras pela facilidade de venda. Sempre o trajecto nos levou por Aphek, Golan, Abila, Pella e Genezareth e conhecemos todo o atalho. Devemos estar próximos de Aphek, situada num deserto que tinha rochas de basalto negro. Agora, nada disso se vê. Tudo está verde e na estrada florescem árvores frutíferas de várias espécies. Certamente houve um engano da nossa parte e pedimos uma orientação precisa.”

2. Digo Eu: “Se este caminho foi feito por várias vezes, deve levar a Aphek.”

3. Retruca o chefe da caravana: “Deves ter razão, pois a zona toda parece ser a mesma. Acontece haver às vezes duas semelhantes, entretanto são diversas, como se dá à beira do Eufrates. Acredito na tua informação de nos encontrarmos na rota certa para Aphek. Mas, que fizeram os habitantes, para transformarem o deserto em oásis, em tão curto espaço de tempo? Onde teriam buscado o solo fértil para cobrir o basalto?”

4. Fossem eles judeus devotos, poder-se-ia alegar que surgisse um profeta como Moisés ou Elias, capaz de fazer milagres. Trata-se,

porém, de pagãos fanáticos e inimigos dos judeus, jamais merecedores de uma Graça por parte de Jehovah. Perdoa se vos retemos neste local e queiras informar-nos se conhecestes esta zona quando ainda era deserta. Segundo me parece, não estais admirados com a transformação.”

120. O SENHOR DIRIGE-SE À CARAVANA.

1. Digo Eu: “Em Aphek sabereis pormenores a respeito da transformação deste antigo deserto. Sabemos da maneira pela qual se deu e conhecemos o motivo importante. Como o dia esteja findando, não há tempo para esclarecer-vos. Afirmo-vos, se o faraó se tivesse convertido com as advertências de Moisés, como fizeram os habitantes de Aphek que aderiram ao puro judaísmo, não teria sofrido as pragas, e os desertos do Egipto teriam começado a verdejar.

2. No grande albergue podereis convencer-vos que os aphequenses tornaram a verdejar como galho velho e seco do tronco de Abraão. O Deus de Abraão, Isaac e Jacob ainda é o Mesmo e todas as coisas Lhe são possíveis. Quem pode criar o orbe e todos os seres através da Sua Vontade, certamente será capaz de prover um pequeno deserto, com solo fértil, plantas e árvores frutíferas. Sendo judeus, naturalmente compreenderéis o sentido de Minhas Palavras.

3. Não resta dúvida ter-se o vosso judaísmo tornado na maior parte, mundanismo, e os factos remotos dos quais tendes alguma noção extraída das Escrituras, foram banidos para o reino das fábulas religiosas. Todavia, a situação é bem diversa daquela que o vosso raciocínio vos induz. Com relação a factos materiais nos quais o espírito não participa, o intelecto pode julgar e resolver. No tocante às ocorrências espirituais, decide somente a fé viva em Deus e o amor para com Ele e o próximo.”

4. Diz o chefe da caravana: “Amigo, representas o judeu na íntegra, como os há entre nós, em número reduzido; não obstante a sua fé firme, a nossa grande cidade não parece merecer especial atenção por parte de Jehovah.”

5. Retruco: “Ele preocupa-Se com os damascenos à medida que eles se interessam por Ele.” Protesta o chefe: “Enviamos, anualmente as nossas oferendas prescritas para Jerusalém, e o Templo está satisfeito.” Digo Eu: “Prestais honra a Deus com palavras e manadas de gado, mas o vosso coração está longe Dele.

Não viceja no vosso íntimo, o amor para com Ele, de sorte que dentro de vós e no Templo tudo se tornou deserto, como acontece na vossa metrópole. Nem o maior esforço fará de Damasco, paisagem frutífera. Tal facto também não é preciso porque mantendes comércio com o mundo inteiro, podendo suprir a cidade com pão e outras riquezas materiais, assim vos afastando cada vez mais de Deus. Tornando-vos tão inteligentes, prudentes e poderosos quanto ao suprimento material, Deus, o Senhor, não necessita preocupar-Se especialmente convosco.

6. Segui para Aphek, lá, talvez a vossa alma possa começar a vicejar, e este deserto transformado não vos dará impressão de terdes errado o caminho. Quem não se achar no Caminho justo, tampouco encontrará o caminho certo neste mundo.”

7. A tais palavras, o chefe responde: “Perdoa-me, ter-vos retido na caminhada. Todos nós lucrámos muito com isso. És genuíno escriba, e caso fores a Damasco, tudo haveria de florescer. A situação dos nossos escribas é bem precária, por isso, a fé é fraca. Onde não há professores bons, não pode haver discípulos correspondentes. Agradeço-te em nome da caravana pela paciência e atenção despendidas. Vem visitar-nos em Damasco, que serás bem recebido.”

8. Retruco: “Pessoalmente, será difícil chegar a Damasco. Entretanto mandarei um discípulo especial, dentro em breve.” Agradecendo novamente, o chefe afasta-se com a caravana.

121. O SENHOR NUM ALBERGUE EM BETSAIDA.

1. Seguimos a nossa trajectória, e antes do pôr-do-sol atingimos um lugarejo perto de Betsaida, onde Eu já doutrinara e operara milagres. Os seus moradores eram na maioria pastores e pescadores, pois todos os lugarejos percorridos partindo de Genezareth, se estendiam nas proximidades do Mar da Galileia e na foz do Jordão. Pouca importância há no nome destas cidades e sim, naquilo que Eu falei e fiz. As Minhas Acções, até hoje, caíram no esquecimento quase total, enquanto os relatos verbais eram tão deturpados ao ponto de não conterem uma vírgula verdadeira, sequer.

2. No referido albergue encontramos boa acolhida, conquanto houvesse apenas peixes secos, certas raízes, figos, abóboras, avelãs e queijo de cabra. O dono, grego de nascença, homem bom e paciente,

tinha uma família numerosa. Três filhos com mais de vinte anos, empreendiam semanalmente a viagem ao Mar Galileu, a fim de prover-se do sustento necessário. Assim tinham feito há dois dias, sem contudo voltarem como de costume. É natural estarem os pais aflitos, e ele desculpa-se por não ter outro alimento para oferecer.

122. O MOTIVO DA AUSÊNCIA DOS FILHOS DO HOSPEDEIRO.

1. Eu acalmo o anfitrião, dizendo: “Não te aflijas. Dentro de uma hora, os teus filhos aqui chegarão com carregamento farto. A pesca foi tão abundante, que mal conseguiram transportá-la com os animais de carga. Em Betsaida solicitaram mais dois, podendo prosseguir mais rapidamente.”

2. Diz o hospedeiro, fiel ao judaísmo: “Queira o Deus de Abraão que tenhas falado a verdade.” Retruco: “Amigo, não o teria dito, caso não o soubesse. Prezo a verdade acima de tudo, e sou inimigo de toda mentira.”

3. Observa o judeu: “Porventura és vidente, porquanto pareces saber coisas impossíveis por via natural? Vens de Aphek, acima da foz do Jordão, enquanto Betsaida está localizada aos pés das montanhas, cujas faldas formam a margem marítima, de sorte que não podes saber do paradeiro de meus filhos. Para tirar-me da dúvida, diz-me quantos carneiros e cabras possuo.”

4. Digo Eu: “Se Me conhecesses, diria não ser aconselhável tu Me experimentares; por isso responderei. Tens trinta carneiros, dois machos e vinte e oito fêmeas, das quais somente quatorze dão leite. O motivo de as restantes não darem leite, certamente saberás. Estás mais convicto de Eu poder saber como se encontram os teus três filhos?”

5. Responde ele: “Sim, agora creio em tudo que porventura venhas a dizer. És vidente e sábio judeu. Eu e os meus poucos vizinhos aqui viemos há trinta anos e nos estabelecemos com permissão do Governo romano, por ter sido a zona inteiramente despovoada.

6. Somos gregos e nascidos em Tyro, onde fizemos pequena fortuna por meio da pescaria. Em Betsaida travamos conhecimento com um judeu, velho e sábio, que nos contou ter sido este território, dos mais férteis. Quando os judeus começaram a se esquecer do Deus Verdadeiro, Ele retirou as Suas Bênçãos e fez vir enormes

tempestades que em breve lavaram o solo fértil, e as partes poupadas foram devastadas por guerras repetidas. Assim, tudo se tornou deserto e continuará dessa forma, enquanto os homens não se converterem a Deus. Os pagãos nada de bom deviam esperar, pois os seus deuses de fantasia não os podiam socorrer e o Deus Verdadeiro não conhecem, portanto não podem confiar Nele como os filhos cheios de fé.

123. A FÉ E A CONFIANÇA DO HOSPEDEIRO.

1. (O hospedeiro): “A tal revelação do velho judeu, obstei: Nós os gregos, taxados de pagãos, fomos iniciados na doutrina judaica e seguimos a Lei de Moisés, com exceção da circuncisão na qual não vemos salvação para os homens.

2. O velho concordou que na circuncisão só havia benefício, caso os judeus cumprissem as Leis de Deus. Quanto aos pagãos bastava desistirem do paganismo, crerem em Deus Verdadeiro, cumprirem os Seus Mandamentos e O amarem acima de tudo e o próximo como a si mesmos. Dos pagãos, Deus exigia somente os sacrifícios do verdadeiro amor no coração.

3. Com esta informação, eu e mais alguns vizinhos resolvemos a conversão interna, continuando externamente gregos, a fim de não nos tornarmos súbditos dos sacerdotes gananciosos. Certamente saberás ter eu falado a verdade, pois somos igualmente judeus.”

4. Digo Eu: “Foi este o motivo que Me trouxe aqui e, além disso, quero trazer-vos justo consolo e firmar a vossa fé. Como há certo tempo alimentais a fé justa em Deus, louvando-O e honrando-O, Ele certamente vos abençoou nas vossas necessidades como prêmio da vossa confiança.”

5. Responde o grego: “Nunca pudemos verificar qualquer prova neste ponto, todavia a nossa fé não fraquejou. Conquanto o suprimento fosse escasso, jamais passamos fome e carência de roupas. As pequenas manadas continuavam sadias e forneciam leite em abundância. As hortas bem cultivadas, sempre nos supriram abundantemente com as Bênçãos de Deus.

6. É claro não termos saído ilesos de tempestades ocasionais, aceitando-as como pequena prova de amor para com Deus, que nos havia de recompensar o dano sofrido, o que sempre acontecia. Aliás é esta zona mui raramente visitada por intempéries, e caso

desabassem grandes temporais nas cordilheiras, pouca influência teriam neste vale.

7. Assim, estamos satisfeitos com as Bênçãos de Deus, o que não deixa de ser Bênção especial. Que adiantaria possuímos tudo, se Deus nos castigasse com insatisfação roedora, que em breve se tornaria uma fonte para toda a sorte de vícios? Por acaso aumentariam a nossa felicidade? A nossa aparente pobreza, que poderia traduzir falta de Bênção de Deus, não se justifica. As Bênçãos internas e invisíveis valem muito mais do que qualquer paraíso. A quem Deus proporciona satisfação e paciência, terá dado mais em virtude da sua fé, fidelidade e virtude, do que um reino inteiro com enormes tesouros. Tenho razão?"

124. A QUESTÃO DO MESSIAS.

1. Digo Eu, estendendo a Mão para o grego: "Amigo, em toda o Israel não encontrei fé e sentimentos tão puros; por isso, a Luz será tirada aos judeus e entregue aos pagãos. Tu e os teus vizinhos encontrá-vos no justo caminho, e Eu vim para aumentar as Bênçãos Divinas e demonstrar terem sido a vossa fé e fidelidade perante Deus, boas, verdadeiras e justas. Sobre isso ainda haverá tempo para falarmos. Nada ouviste comentar a respeito do Messias esperado pelos judeus, e quando é esperado?"

2. Responde o grego: "O velho de Betsaida muita coisa leu para mim, dos profetas, dando-me explicação. A meu ver, o Messias, ou seja, Deus Mesmo, não poderia vir junto dos judeus, actualmente presos aos bens materiais. Se Ele Se apresentar, não será reconhecido. A Sua Atitude será de plena humildade, amor e paciência, portanto contrária ao gosto dos judeus orgulhosos. Nós possuímos o verdadeiro Messias no coração, e a não ser assim, inutilmente esperarão por Ele em veste debruada a ouro."

3. Digo Eu: "Julgaste certo, pois a situação é precisamente essa. Mas eis que vêm os teus filhos, carregados de peixes. Manda alguém ajudá-los." Alguns vizinhos que ouviram as Minhas Palavras, vão ao encontro dos pescadores e dentro em pouco estão entre nós, e todos se admiram da enorme pescaria.

4. Em toda a redondeza, apenas o hospedeiro possuía uma fonte e um pequeno lago artificial que servia de bebedouro para os animais. Quando os pescadores traziam peixes vivos, eram atirados no lago. Assim não sendo, mormente no verão, os peixes eram

limpos, salgados e defumados em fogo moderado. A maior vantagem da zona era um bosque de ciprestes e mirtos que fornecia a lenha indispensável, facilitando o preparo dos peixes. Desta vez, não havia um peixe morto, não obstante o transporte em sacos. Foi isso mais um motivo de estupefacção. Após tudo bem acondicionado, voltamos ao recinto maior.

125. O SENHOR DÁ TESTEMUNHO DE SI.

1. Uma vez sentados à mesa feita de pedras, em companhia do hospedeiro e alguns amigos, ele diz: “És galileu e sábio a teu modo. Segundo os nossos escassos conhecimentos da doutrina judaica, lembro não surgir profeta da Galileia, entretanto és profeta. Como devo entendê-lo?”

2. Digo Eu: “Vivi a maior parte na Galileia, mas nasci em Belém, e no oitavo dia fui circuncidado em Jerusalém, conforme manda a Lei. Por esse motivo poderia ser profeta. Entretanto, não sou profeta, mas justamente Aquele do Qual os profetas falaram que viria para libertar a todos que cressem Nele, das algemas da antiga mistificação, da noite do pecado, do julgamento, do inferno e da morte eterna.

3. Sou, portanto, o Senhor e Próprio Mestre, e não servo. Mas neste mundo, vim para servir a todos de boa vontade, com o Meu Amor, Sabedoria e Poder e dar-lhes a Vida Eterna. **Em verdade vos digo, todos que crêm em Mim e vivem inteiramente segundo a Minha Doutrina, não verão, nem sentirão e provarão a morte, sendo transfigurados imediatamente após a morte, estando Comigo no Paraíso, não havendo fim para a sua felicidade.** Agora sabes, Meu amigo, da Minha Própria Boca, a Quem acolhes no teu lar. Estes são Meus discípulos, com exceção de um que ainda dirige o olhar para o mundo, conquanto saiba e creia Quem Sou, o que doutrinei e fiz. Que Me dizes?”

4. Responde o grego: “Senhor e Mestre, que poderia dizer um pobre pecador? És o Senhor de todas as coisas e das nossas vidas, por isso sê Misericordioso connosco. Havendo-nos favorecido com a Tua Graça, esperamos que continues connosco para nos abençoar como Teus filhos.”

5. Concordo: “Se continuardes na fé em Mim e no Amor para Comigo, ficarei convosco com a Minha Graça. – Mudemos de assunto. Não tendes trigal, nem vinha, e alimentais-vos de queijo e

peixes secos. Por isso, transformarei esta zona, e no futuro colhereis cevada e trigo para o preparo de pão. Por ora devem as vossas despensas estar providas de cereais e pão saboroso.

6. Em locais apropriados convém plantardes também a videira que produzirá uvas para terdes também vinho. Ide encher os odres com água limpa, que se transformará em vinho, para perceberdes que estou convosco em virtude da vossa fé e justo amor para Comigo, e a Minha Graça, Amor e Bênção ficarão no vosso meio. Como já disse, não encontrei fé semelhante entre os judeus, enquanto desconhecíeis Quem Sou. Fazei o que vos disse.”

126. O FELIZ ÁGAPE.

1. De imediato, todos põem mãos à obra e dentro em pouco todos os recipientes e odres estão cheios de água, e quando provam a mesma, constataam admirados, tratar-se do melhor vinho. Assim, todos louvam o Poder de Deus em Mim e toda a redondeza é suprida de pão, trigo, farinha e vinho. Não só isto, após terem provado o vinho, descobrem nas suas despensas grande quantidade de géneros alimentícios, e o taverneiro encontra inclusive várias qualidades de vagens e legumes, de que é grande apreciador. Após certo tempo, todos querem encetar louvores de gratidão.

2. Protesto amavelmente: “Deixai essas expressões labiais, pois a gratidão interna é mais do Meu Gosto que o Cântico de Salomão, entoado por todo o Israel, de coração mudo. Preferível é trazerdes pão e vinho em justa quantidade para nos fortificarmos.”

3. Todos Me acompanham à mesa, e a mulher e as filhas do taverneiro apresentam-se, perguntando se podem servir alguns peixes preparados à grega. A essa sugestão, respondo: “Não deves temer os judeus. Por várias vezes saboreamos pratos gregos e romanos, sem nos contaminarmos. O que é introduzido no estômago, em justa medida e higienicamente preparado, não deturpa a criatura, mas unicamente o que é proferido pela boca, como sejam maldição, difamação, mentira, palestras obscenas, insultos e descomposturas, prejudicam o homem. Podes mandar servir os teus peixes.”

4. Quando Me sirvo em um prato de barro, no que sou imitado pelos apóstolos, os adeptos de João e os gregos se retraem, causando admiração ao dono da casa que pergunta se desconhecem Quem Sou. Respondo: “Bem sabem Quem Sou e também não são

moiseístas ferrenhos. Alimentam certos hábitos enferrujados preferindo não saborear os peixes preparados à moda grega. Mas quando estiverem com bastante fome, não se negarão a tanto.

5. Sou agora um verdadeiro Noivo, e estes são Minhas noivas e convivas. Enquanto estiver com eles, não sofrerão fome e sede. Tão logo o seu Noivo lhes for tirado, terão que suportar fome e sede, vez por outra, e se então vos procurarem, hão-de achar os vossos peixes mui saborosos.”

127. A OMNIPRESENÇA E GRAÇA DO SENHOR.

1. Ao ouvirem as Minhas Palavras, os adeptos de João e os de Jerusalém servem-se, achando óptimo o paladar dos peixes. Em seguida agradecem por tudo confirmando que, não obstante a imensa Luz recebida de Mim, ainda se achavam enterrados no lodo farisaico sem se poderem livrar do mesmo.

2. Digo Eu: “Isso se dará quando Eu não mais estiver Pessoalmente entre vós. Estais muito habituados à Minha Pessoa, deixando de ser a Minha Presença facto extraordinário. Quando não mais estiver no vosso meio, a tristeza vos invadirá fazendo com que sintais mais perfeitamente Quem fui, Sou e Serei, eternamente. Continuarei espiritualmente convosco, não visível com os olhos da carne, mas pelo justo amor sentido nos vossos corações.”

3. Todos meditam sobre as Minhas Palavras, sem se atreverem a dizer qualquer coisa. O hospedeiro, entusiasmado pelo bom vinho, vira-se para Mim e diz: “Ó Senhor e Mestre, bem sei não ficares connosco com a Tua Personalidade Santa, até ao fim da nossa vida, como também não foi Ela a nos supriu de tudo que preenche as nossas despensas, pois foi obra da Tua Omnipotência. Os nossos pecados não permitem que fiques no nosso convívio; mas não nos deixes sem a Tua Graça, o Teu Amor e as Tuas Bênçãos.

4. Conquanto fôssemos pagãos, procuramos o Deus Verdadeiro e Único dentro das Escrituras dos judeus, encontrando a plena satisfação do nosso anelo. Assim cumprimos os Seus Mandamentos e dentro em breve percebemos que Ele Se fazia sentir em nosso meio, dando-nos a intuição de abandonarmos a pescaria e nos estabelecermos neste deserto.

5. Não foram riquezas e mundanismo que aqui encontramos, como acontece nas grandes cidades onde se praticam o comércio, o roubo e assaltos. Conseguimos simplesmente o necessário para a

sobrevivência e, antes de tudo, a paz da alma e oportunidades para mantermos as Leis Divinas e transmiti-las aos filhos.

6. O resultado magnífico foi a Tua Presença Pessoal, trazendo-nos a certeza de não ter sido baldado o esforço empregado. Assim esperamos, Senhor e Mestre, não mais nos abandonares com o Teu Amor, Graça e Bênçãos, porquanto seguiremos mais rigorosamente a Tua Vontade. Certamente estamos entristecidos com a Tua ausência Pessoal. Quanto maior não seria ela, se nos deixasses sem a Tua Graça especial. Não permitas que sejamos tocados por provações penosas, pelas quais poderíamos enfraquecer na fé e no amor em Ti. A Tua Vontade Santificada esteja connosco, agindo até ao fim dos nossos dias e no próprio além.” Digo Eu: “Quem orar como tu, no coração, será atendido plenamente. – Agora mudemos de assunto.”

128. A DIVULGAÇÃO DA DOCTRINA.

1. (O Senhor): “Todos vós, inclusive os moradores deste lugar, estais firmes na Minha Doutrina, ao ponto de sentirdes que todas as Leis e os profetas se concretizam no amor para com Deus e o próximo. Quem assim agir, cumprirá a Minha Vontade sempre revelada aos homens, e o Meu Espírito despertará a sua alma, levando-a a toda a Sabedoria, o que ainda haveis de sentir.

2. Todavia trata-se de mais um ponto. Todas as criaturas devem ser ensinadas neste Conhecimento, a fim de poderem pensar, querer, agir e viver segundo o seu espírito. O homem desconhecendo um ensinamento, não poderá fazer dele a sua norma de vida. Realmente, não é coisa fácil conquistar-se criaturas fundamentadas em falsos conceitos e tendências lucrativas, para a Doutrina da Verdade dos Céus, porquanto todas têm livre arbítrio, segundo o qual agem pelas vantagens materiais.

3. Imaginai quantas ainda vivem na Terra, em completa treva espiritual. Não seria de desejar, fossem quanto antes, levadas à Luz que ora Se espargiu sobre vós? Vejo alimentardes o Meu próprio Desejo. Mas como realizá-lo? Porventura conviria encetardes a vossa tarefa começando a divulgar a Minha Doutrina, por toda parte?

4. Tal seria viável, caso justamente nesta época, em que o inferno total com todo o seu poder e influências perniciosas se estabeleceu sobre o orbe inteiro, não se opusessem fortes empecilhos. A Terra é enorme, e um homem que pretendesse

divulgar a Minha Doutrina na Ásia, Europa e África, necessitaria de mil anos para conquistar os seus habitantes individualmente.

5. Julgais ser isso inteiramente impossível, ainda que o tamanho do orbe fosse o único empecilho. Havendo muitas pessoas iluminadas dentro do Verbo, poderiam ser enviadas em todas as direcções, não sendo necessários mil anos para a divulgação do mesmo.

6. Calculastes certo, considerando apenas as dificuldades naturais. Como enfrentar os empecilhos do inferno, os inúmeros sacerdotes que são o elemento mais temido e, devido às mistificações e falsas doutrinas, conseguiram riquezas fabulosas? Tal seria inteiramente impossível até Mesmo para Mim, por caminhos naturais, para a salvação dos homens, bem como a vós mesmos, conquanto de boa vontade.

7. Agir com a Minha Omnipotência, seria idêntico a exterminar os homens e deles fazer irracionais que não necessitam de ensino para a sua vida natural e agem segundo o instinto que a Minha Sabedoria e Poder neles despertaram e mantêm, portanto são incapacitados à perfeição individual. Somente alguns animais caseiros podem ser educados através da inteligência e a firme vontade do homem, a ponto de lhe prestarem serviços rudes e subordinados. Se desta forma, Eu fosse tratar todos os homens enraizados em milhares de erros, que diferença haveria entre eles e os irracionais? Que fazer, para divulgarmos a Doutrina, Pessoalmente por Mim trazida dos Meus Céus?

8. Preciso é não desconsiderarmos jamais, tempo e paciência, munidos da firme vontade de confessar aos homens em todas as ocasiões propícias, sejam as crenças quais forem, o Meu Nome e a Minha Vontade. Quem Me confessar sem medo e receio, a fim de iluminar as criaturas para a sua salvação, será por Mim recomendado no Céu perante o Trono de Deus, ou seja o Amor Eterno e puríssimo em Mim.

9. Nesta estrada que liga Oriente a Ocidente, passam anualmente muitas pessoas. Raras vezes vêm buscar outra coisa, senão água, seguindo para Aphek. Se dentro em breve as vossas terras começarem a produzir vários frutos e as manadas também aumentarem em virtude da Minha Bênção, podereis acolher tais viandantes. Sendo inquiridos a respeito da transformação do deserto, aproveitai a oportunidade para demonstrardes ao ignorante, a Luz da Verdade Celeste, falando em Meu Nome.

10. Aceitando a Luz e a Crença, abençoai-o em Meu Nome, pois tal Bênção se fará sentir, podendo converter na sua pátria, amigos e parentes, tornando-se predecessor da Minha Doutrina dos que oportunamente enviarei a tal localidade. Agi deste modo com as pessoas de Betsaida e arrabaldes, que também hão-de sentir o efeito da Bênção no Meu Nome.

11. A Bênção consiste em apordes as mãos, aos crentes, dizendo com fé e confiança em Mim: Deus, o Senhor, que veio junto de nós, em Jesus, provando pelo Poder da Sua Vontade e Palavra ser o Messias Prometido, esteja convosco e por Ele, a paz dos homens nesta Terra que Nele crêem, cumprem Seus Mandamentos e são de boa vontade. Assim falando, perceberão o efeito da Bênção, tornando-se vossos amigos. Aos vacilantes, aplicai a Bênção somente quando se tiverem firmado na fé, pois uma fé duvidosa não se presta para receber a Minha Bênção.

129. O SENHOR EXPLICA O COSMOS.

1. (O Senhor): “Vamos abordar outro assunto, referente à cosmologia, pois o menor erro nesta ciência acarreta quantidade de outros enganos. Se não pretendeis recair nos antigos erros e superstições dos astrólogos que dizem ler o destino dos homens através dos astros, preciso é conhecerdes a Terra, o seu tamanho e outros assuntos relacionados

2. De igual modo deveis saber o que sejam a Lua, o Sol e os outros inúmeros astros. A vossa compreensão acerca deste assunto, mormente da movimentação dos planetas, das estrelas fixas, dos eclipses e demais fenómenos no céu, no ar e na água, é completamente errónea.

3. Por isso quero orientar-vos seguramente. Não sendo possível sem recursos visuais, farei demonstração derivante do Meu Poder e peço a vossa maior atenção.” Assim faço, como em outras oportunidades, surgir um globo terrestre em tamanho pequeno, porém suficiente para poder explicar a sua constituição, de modo fácil e rápido. O mesmo repito com todos os outros corpos cósmicos, demonstro a natureza das estrelas fixas, dos sóis centrais, dos enxames globulares, os cometas e os fenómenos relativos a eles. A explicação se estende por algumas horas além da meia-noite, e como tivesse facilitado a penetração do espírito na alma, todos assimilam

o assunto e se admiram sobremaneira da Imensidade da Minha Sabedoria e Poder.

4. Finalmente, o hospedeiro manifesta-se: “Senhor e Mestre, isto só pode saber e transmitir o Eterno Criador de Obra tão maravilhosa. Se comparo as minhas antigas noções com o que ouvimos, admiro-me como foi possível aos homens criarem conceitos tão absurdos. Moisés e os demais sábios da antiguidade deveriam possuir compreensão certa a respeito, entretanto viceja a maior ignorância precisamente entre judeus, do que entre gregos e romanos que buscaram os seus conhecimentos dos antigos egípcios, conquanto estes consideravam o Sol, um planeta a girar em redor da Terra.”

130. A ASTROLOGIA.

1. Digo Eu: “Amigo, tanto os egípcios quanto Moisés e outros sábios disso tiveram conhecimento, e ele até mesmo escreveu um grande livro a respeito, que se conservou até à época dos Reis. Ao sacerdócio, ávido pelo lucro material, tal conhecimento trazia prejuízos. Por isso, se apossou da astrologia egípcia, predizendo aos ignorantes coisas boas e más, fazendo-se pagar sempre que possível.

2. Através de manobras secretas, conseguia a realização das suas predições. Os que recebiam prenúncios favoráveis pagavam, com prazer, além do estipulado. Os outros, infelizes, viam-se obrigados a pedir socorro aos sacerdotes para intercederem em seu favor. Em compensação, tais homens tinham que trazer as oferendas exigidas, de sorte que os sacerdotes nunca saíam logrados pelo prenúncio de coisas boas ou más. Ainda assim, o mal se apresentava muito mais frequentemente que o bem, por lhes dar maior lucro.

3. Daí podereis deduzir qual o motivo de precisamente os sacerdotes transformarem as ciências naturais em erros e mentiras. Conjecturavam haver pouca importância quanto à noção dos homens sobre a cosmologia, pois não era possível convencerem-se pessoalmente da veracidade. Era suficiente acreditar em Deus e cumprir os Seus Mandamentos; quanto ao resto, era preferível não ter conhecimento fundamental. Desconsideravam que um pequeno erro em breve levaria o homem, a maiores, de onde só podia surgir completa ignorância.

4. O conhecimento que tendes a respeito do estado ignorante do indivíduo, prova ser geral em todos os povos. Tão logo

receberem revelação real de todas as coisas terráqueas, os sacerdotes gananciosos não mais poderão apresentar as suas antigas tolices como verdades, finalizando-se assim a sua ignorância maldosa.”

5. Diz o hospedeiro: “Está certo, todavia percebo a enorme dificuldade em se querer ensinar um homem fundamentado em noções errôneas. Não disporemos de recursos apropriados como orateiros ao Teu Dispor, e além disso, o leigo perguntará da origem do nosso conhecimento. Naturalmente nos reportaremos à Tua Pessoa. Mas, antes de poder aceitar Quem és em Verdade, muito terá de ser feito. Somente com muita paciência e tempo, e em Teu Nome, poder-se-á realizar coisa profícua. Não poderias, ao menos, proporcionar-nos os meios necessários pelos quais seria mais fácil convencer as criaturas a respeito do Cosmos?”

6. Respondo: “Nada mais fácil, porém não desta qualidade, mas de argila e em proporção menor. O resto terá que ser feito pela inteligência e o raciocínio.”

131. A INDISPENSÁVEL PRUDÊNCIA NO ENSINO.

1. (O Senhor): “Tende cuidado de não serdes abordados por inimigos da Verdade, genuínos lobos em pele de cordeiro, querendo que empresteis o globo de argila, a fim de evitarem seja divulgada a Verdade entre os homens, reduzindo o lucro dos sacerdotes.

2. Se ensinardes ser Eu o Verdadeiro Messias, pouca influência produzirá entre os judeus que dirão: Deixemos que os pagãos creiam o que quiserem. Aqui, em Jerusalém, continuamos o que somos e nada aceitamos dos pagãos. – Os vossos sacerdotes alegarão: Trata-se de homens bastante prestáveis, ainda crentes em deuses. Temos um verdadeiro exército de filósofos, e convém aceitarmos criaturas crentes e mais submissas a oferendas.

3. Se, no entanto, começardes a explicar a formação da Terra com todos os fenômenos, a Lua, o Sol, os planetas e demais estrelas, e os sacerdotes na maior parte vivendo da adivinhação, entrareis em choque com eles. Sede precavidos e ensinai apenas os que têm fé firme e amor para Comigo, e repeti o que vos disse. Se seguirem o vosso exemplo, terão caminho fácil. Digo-vos, antes que as noções naturais desta Terra se transmitam à Humanidade, passarão mais de mil anos. De tal conhecimento não depende a Vida Eterna do homem que lhe será dada pela fé no Deus Único e no fiel cumprimento da Sua Vontade. Todavia é de grande utilidade para

alma e espírito quando ele for purificado da antiga superstição podendo cada vez mais compreender a Divindade e amá-La mais intensamente.”

4. A estas Minhas Palavras, todos retrucam: “Ainda que imaginemos algo dentro do nosso raciocínio mais claro, somente Tu, Senhor e Mestre, tens razão em tudo. Percebemos perfeitamente ser problemática a divulgação das ciências naturais e teremos a devida precaução a respeito; no entanto, pedimos nos proporcionares os recursos necessários para glorificarmos o Teu Nome.”

5. Virando-Me para o hospedeiro, digo: “Não havendo em tua casa acomodação apropriada onde poderias guardar tais objectos, só Me resta fornecer-te tal recinto. Já foi realizado e podemos atravessar o pequeno quarto contíguo para passar por uma grande porta ao dito compartimento.”

6. Todos se levantam, com excepção de alguns apóstolos mais adormecidos, e Me acompanham à sala de astronomia e geologia, quatro vezes maior que o refeitório. Novamente faço demonstração ao hospedeiro, satisfeito com a utilidade dos instrumentos. Mais tarde voltamos ao nosso recinto onde esperamos, sentados, o despontar do dia.

132. A ZONA ABENÇOADA.

1. De madrugada, o dono da casa ouve alguns vizinhos conversarem à sua porta. Levanta-se com cuidado para não despertar atenção e vai ver qual o motivo. Estonteado, ele exclama: “Mas, - o que é isto? A casa é minha, mas a zona é inteiramente estranha. Não se vê uma pedra ou rochedo, - tudo está florido! Na rocha em que nem uma sarça podia vegetar, surgiu um bosque de árvores frutíferas, até mesmo carregadas de frutos maduros. Teria vontade de subir para me certificar de tudo. Mas trata-se de um milagre do Senhor, do qual somente faremos uso quando nos der permissão.”

2. Os vizinhos concordam e todos dão uma volta ao redor da casa, de onde percebem um verdadeiro Éden em todas as direcções, e não se cansam em elogiar-Me. Finalmente apareço, antes do pôr-do-sol, e todos caem de joelhos agradecendo pela Bênção.

3. Eu os acalmo e os aconselho acompanhar-Me à antiga rocha para apreciarmos a aurora e nos certificarmos dentro da natureza da veracidade da Minha Explicação nocturna. É bastante agradável o

panorama, pois em direcção a leste viam-se os muros de Betsaida, inclusive a zona de Aphek.

4. Após se ter saciado com a vistoria do pomar, o hospedeiro dirige a sua atenção à aurora e diz: “Agora percebo que o Sol é fixo, enquanto a Terra se movimenta do poente ao ocidente.” Todos se alegram com o ensino prático de astronomia. Passada uma hora, surgem na estrada para Damasco, alguns viandantes, pequenos comerciantes carregando utensílios caseiros nas costas. Aproximando-se do nosso local, pelo qual passavam duas a três vezes por ano e vendiam as suas mercadorias nas sessenta cidades, pararam incertos pelo caminho.

5. Um judeu fanático, diz finalmente: “Se a zona é a mesma que conhecemos, deu-se evidentemente um milagre. Um profeta afirma que este país começaria a verdejar na Vinda do Messias e consta ter surgido um homem da estirpe de David, operando coisas milagrosas.

6. Actualmente não se pode dar importância a tais factos por sermos deveras assediados por prestidigitadores. Enquanto os judeus possuíam tais terras, além de Damasco, os magos não tinham acesso. De posse dos romanos, eles podem penetrar e executar as suas feitiçarias, não raro bastante impressionantes. Talvez tivessem passado por aqui para beneficiar esta pobre gente. O mesmo ocorreu em Damasco, há alguns anos, proporcionando a um rico, um prado florido em zona rochosa.” Com esta observação seguem caminho.

7. Relato o caso ao hospedeiro e acrescento: “Quando chegarem perto de Aphek, vão orientar-se muito menos que aqui, pois lá repetiu-se este milagre, em proporção muito maior. Quando voltarem, a vossa tarefa será fácil. Em Aphek receberão esclarecimentos a respeito do “homem da Galileia”, de sorte a não se equivocarem.” Em seguida saboreamos alguns frutos e voltamos ao albergue.

133. A SEGUNDA MISSÃO DOS APÓSTOLOS.

1. Ao entrarmos, todos os apóstolos se acham a postos e pedem desculpas por terem dormido além da hora. Digo-lhes: “Não vos preocupeis, pois assim foi da Minha Vontade.” Tomada a refeição, viro-me novamente para eles, dizendo: “No início da Minha Missão doutrinária, vos enviei a vários lugares para divulgardes a Minha Presença e o Meu Reino, e também vos facultei

o poder de curardes os enfermos pela imposição das vossas mãos e expulsar demónios e maus espíritos. Deveis estar lembrados onde e quando vos fiz voltar junto de Mim. Aquela missão foi de bom efeito posterior.

2. Encontramo-nos no grande povoado de Hauram, que forma a margem montanhosa partindo quase na foz do Jordão até à sua desembocadura no Mar Morto. Nesta zona, anteriormente excessivamente abençoada, se acham as dez grandes cidades, algumas das quais visitamos com bom resultado, ou sejam Pella, Abila e Golan, restando ainda sete metrópoles e uma grande quantidade de pequenas, e o Meu Tempo está-se findando.

3. Durante dois anos e meio trabalhei quase Sozinho, sem descanso, e quero, neste local predilecto, repousar durante sete dias. João, Jacob (*Tiago*) e Mateus, o nosso escrivão, devem permanecer Comigo. Os outros dividem-se em dois grupos. Um deve seguir para Hipos, não longe de Aphek. Outro para Edrei, cidade pequena alcançável dentro de algumas horas.

4. Nestas cidades encontrareis na maior parte, gregos e romanos. Existem várias hospedarias cuja hospitalidade podereis aceitar e comer o que vos oferecerem. Se agirdes em Meu Nome, sereis bem recebidos em toda parte. Ao entrardes em um albergue, dizei: A paz seja convosco! Aqui vimos para revelar a grande Luz da Vida provinda dos Céus, do Deus Único e Verdadeiro, a fim de que O conheçais. Quem Nele crer, haverá de sentir o Seu Poder Divino em nós, enviados por Ele. – Se após tais palavras fordes aceitos, transmitti o Meu Nome e a Minha Doutrina.

5. Haveis de encontrar grande número de enfermos, em ambas as cidades e outros lugarejos. Devem ser curados em Meu Nome, sem aceitardes dinheiro. Enquanto Eu estiver nesta Terra, não necessitareis deste meio de subsistência. Alguém vos oferecendo algo por puro amor, ainda que dinheiro, podeis aceitá-lo. Em toda a parte existem pobres que dele necessitam. Passados sete dias, voltaí para podermos prosseguir viagem. Ide, pois.”

134. A ORGANIZAÇÃO DOS APÓSTOLOS.

1. Diz em seguida Pedro: “Senhor e Mestre, não conviria escolher um dirigente para cada grupo?”

2. Respondo: “Quando teriam o puríssimo Amor e a Verdade mais lúcida dos Céus, necessitado de dirigentes? O Amor, como

também a Verdade na sua pureza e perfeição, sendo o mais sublime em si, impossível cogitar-se algo mais elevado. Se tal Amor e Verdade, provindos de Mim, se acham dentro de vós, que envio em Meu Nome, - quem havia de querer dirigir o seu irmão? Como poderias outorgar-te uma chefia, se crês e afirmas ser Eu, unicamente o Senhor, e todos os outros te acompanham nesta afirmação? Quem de vós poderia ser o primeiro?

3. Se um matemático prova que três objectos acrescentados a três idênticos, fazem seis, concordando com o cálculo de outros matemáticos, quem seria o mais importante? E quem de entre eles deveria ser nomeado para dirigente?

4. Eu, somente, sou o Senhor! Vós, sois todos irmãos e não pode haver diferenciação. Toda e qualquer distinção, por menor que seja, despertaria na alma de um dirigente, a tendência satânica do domínio, que em breve deturpa o puro amor e a verdade cheia de vida, como aconteceu no início dos reinos e actualmente se dá no Templo de Jerusalém.

5. Quem de vós fizer questão de ser o maior entre os Meus apóstolos, que seja o último e mais simples de todos, quer dizer, servo dos irmãos. Eis a Ordem em Meus Céus entre os Meus anjos. Em verdade vos digo, todos os que na Terra se deixam nomear em sentido diverso ao acima explicado, enfrentarão situação difícil no Além. A tarefa mais penosa para um orgulhoso - o que finalmente se dá com todos os chefes - é a humilhação da sua alma. Por isso continuai todos iguais, e que nenhum queira ter a menor vantagem sobre o próximo. Daí todos concluirão serdes verdadeiramente Meus apóstolos, irmãos entre si. Se o compreendestes dentro da Verdade, segui caminho e agi segundo a Minha Vontade."

6. Os apóstolos Me agradecem pela orientação e cumprem a sua missão durante sete dias, convertendo muitos pagãos e sacerdotes. Apenas com Judas, o grupo teve a sua dificuldade em Edrei, por causa da sua ganância incorrigível. Conseguir Tomé impedir-lhe tal fraqueza, de sorte que o êxito teve boa repercussão. Que fiz Eu durante esse tempo, em companhia dos três apóstolos? Como já disse, repousei fisicamente, pois o Meu Corpo é igualmente de carne e sangue. Todavia não se passou esse tempo em inactividade completa.

135. O TANQUE DE PEIXES DO HOSPEDEIRO.

1. No dia da partida dos discípulos fui, em companhia dos outros e dos moradores do local, inspeccionar as terras consideradas possessão deles por parte de Roma e pelas quais não pagavam tributo a Herodes, igualmente arrendatário dos judeus. Durante o passeio, o hospedeiro diz: “Senhor, o território que se estende além dos limites das nossas terras, não traz benefício a quem quer que seja por ser inteiramente árido. Seria errado, caso fôssemos cultivá-lo em nosso benefício?”

2. Respondo: “De modo algum. O que for por vós cultivado pode ser aproveitado, não havendo quem vos chame à responsabilidade. O trabalho será pesadíssimo e a colheita, fraca. Neste sentido dar-vos-ei mais uma ajuda. Mas, por enquanto, estai satisfeitos com o que abençoei em vosso benefício. Em futuro breve, virão muitos viajantes que vos proporcionarão maiores lucros e assim podereis preparar também esse território, garantindo a subsistência dos vossos descendentes. Por ora não vos preocupeis com o problema.”

3. Todos se conformam, e nos dirigimos ao conhecido tanque de peixes, abarrotado de várias qualidades para satisfação dos moradores, conquanto fosse ele posse do hospedeiro. Não obstante formarem uma comunidade e levassem vida amistosa, os seus terrenos eram demarcados por Roma, individualmente.

4. O tanque e o poço eram posse do hospedeiro. A água destinava-se ao uso da localidade, enquanto o tanque e os peixes eram propriedade exclusiva dele. Por isso digo: “A grande quantidade de peixes especiais tendo sido pescada no Mar da Galileia, através do Meu Poder e Vontade, e os peixes aqui sendo trazidos fresquinhos, podendo procriar-se para uso da comunidade, cada casa deve ter direito de tirar o suficiente. Vamos aumentar o tanque para dar espaço à criação futura.”

5. Quando termino de falar, o tanque apresenta-se em vastas proporções, e todos os moradores Me louvam e agradecem. Em seguida voltamos ao albergue, tomamos uma refeição e novamente subimos ao conhecido monte. Quando o sol está prestes a desaparecer, o anfitrião percebe algumas pessoas vindas de Betsaida em direcção ao local, mas que constantemente paravam sem saber se deveriam prosseguir. Não demora chegarem à hospedaria e o dono pergunta-Me como deveria agir.

6. Respondo: “Tratando-se de judeus amigos, podes dizer-lhes o que sucedeu. Entrementes voltarei com os Meus apóstolos e falarei Pessoalmente com os recém-vindos.”

136. O ESCLARECIMENTO REFERENTE À TRANSFORMAÇÃO DA ZONA.

1. Imediatamente, o hospedeiro encaminha-se com os vizinhos para os três personagens que o assediam com perguntas referentes ao formidável estado da vegetação. Ele esclarece: “Se vos dissesse ter sido isto apenas milagre divino, não me acreditaríeis. Todavia estão aí as testemunhas. Certamente nunca houve coisa semelhante nesta Terra, enquadrando-se porém na época actual em que o Messias Prometido veio junto de nós, em carne e osso. A grande promessa foi dada não só aos judeus, mas a todos os habitantes do planeta, incluindo portanto os pagãos.

2. Assim, o Messias, Deus em Pessoa, dignou-Se visitar-nos e Se compadeceu da nossa pobreza material e espiritual, transformando o nosso deserto, em terra fértil. Além disso, proveu-nos de tudo para a subsistência física.

3. Esclareceu-nos a respeito da natureza do orbe, da atmosfera telúrica e do Cosmos, libertando-nos da antiga superstição pagã. Quanto a isso, não podemos entrar em minúcias, por estardes enterrados em noções mui erradas e só oportunamente poderemos falar sobre o assunto. Acabo de vos esclarecer dentro da Verdade, a respeito da transformação da zona e se quiserdes, as testemunhas poderão responder pessoalmente.”

4. Obsta um escriba de Betsaida, conhecido do hospedeiro: “Somos obrigados a crer porque de modo natural, este facto seria impossível devido à esterilidade do solo. De onde seria possível trazerdes terra fértil para cobrir a zona arenosa que, com referência à vossa parte perfaz mais de mil acres, e onde poderíeis buscar quantidade tão grande de árvores frutíferas plantando-as de tal modo a darem impressão de terem uns trinta anos de existência? Não resta dúvida, ter havido milagre perfeito, e quem o fez deve ser o Messias Prometido ou, no mínimo um grande profeta. Quando esteve aqui e quanto tempo se demorou?”

5. Responde o hospedeiro: “Chegou ontem à noite com os Seus apóstolos, aos quais enviou para disseminação da Sua Doutrina. Apenas três aqui ficaram na Companhia Dele e pretendem

permanecer durante sete dias. Dentro em pouco Ele estará aqui e podeis falar-Lhe Pessoalmente.”

137. O CONHECIMENTO DOS HÓSPEDES.

1. Perante a informação do taverneiro, os três judeus encabulam, não sabendo que medida tomar. Após certo tempo, o ancião dirige-se ao anfitrião ocupado em servir-lhes pão e vinho: “Qual é o aspecto dele, para podermos cumprimentá-lo?”

2. Responde ele: “Servi-vos primeiro, e caso Ele entrar, não será difícil reconhecê-Lo. Se nós, pagãos, facilmente O descobrimos, quanto mais vós, judeus genuínos.” Eles não se fazem rogados, e confirmam o especial sabor dos alimentos, e perguntam sobre a sua origem, sabendo que o taverneiro nunca tivera pão e vinho semelhante para oferecer.

3. Retruca ele: “Já vos contei, ter precisamente o Messias nos provido de tudo. Quem é capaz de fazer florir uma estepe, através da Sua Vontade, certamente terá meios para nos dar pão e vinho. Estais saboreando o verdadeiro pão celeste, assim como também o vinho não é desta Terra.”

4. Diz o ancião: “Moisés recebeu de Deus, o maná para os israelitas, e da rocha tocada pelo seu cajado, brotou água pura e doce. Todavia não se podem compará-los a este pão e vinho. Deve ter agido alguém mais importante que Moisés, Aarão, Josué, Elias e todos os profetas.”

5. Neste instante entro no albergue com os apóstolos e digo: “A paz seja convosco! Não vos perturbeis com a nossa presença e fortificai-vos com este pão e vinho que não existem em Betsaida e Gadara.” Os três se levantam e se curvam respeitosamente, dizendo: “Senhor, és Tu o Grande Messias, ao Qual tudo é possível, o novo Rei dos judeus que fundará um reino, impossível de ser exterminado pelo inimigo, até ao fim dos tempos! Salve, grande Filho de David!”

6. Respondo: “Realmente estou fundando um Reino Infinito, um Reino verdadeiramente divino para alma e o espírito do homem, que subsistirá eternamente. Nele, todos terão a Vida Eterna quando crerem em Mim e viverem segundo a Minha Doutrina. Entendeis apenas a Escritura através da letra, sem assimilardes o sentido espiritual da Verdade, pois julgais que vim à Terra como Messias, o Eterno Filho de Deus Eterno, a fim de fundar um reino precívél,

para os judeus. Toda esta Terra e o Céu visível desaparecerão. Como, portanto, seria possível fundar-se um reino eterno para os judeus? Fortificai-vos para poderdes assimilar melhor o sentido espiritual da Escritura.”

7. Os três ficam perplexos. Em seguida o ancião objecta: “Eis uma linguagem diversa do Templo. Lá se encontram fariseus, escribas e sumo-sacerdotes a lerem e explicarem a Escritura pela letra. Mas nunca fizeram florir um deserto ou cobrir solo pedregoso com terra fértil. Este mestre ensina de modo diverso e demonstra não havermos, jamais, entendido a Escritura positivando o Seu Pronunciamento contrário ao Templo, mas a Sua Palavra é potente e milagrosa. Sabemos encontrar-se a Verdade plena unicamente com Ele. Viraremos as costas ao sinédrio para seguirmos o Mestre. Um brinde para todos os presentes!” Os três judeus erguem as taças e sorvem o vinho até à última gota.

138. A CONFISSÃO DO ANCIÃO.

1. Inteiramente feliz, o ancião dirige-se a Mim: “Senhor e Mestre, certamente já estiveste em Jerusalém. Será que os templários Te reconheceram como nós? O que dizem à Tua Aparição neste mundo?”

2. Respondo: “A cegueira enorme e egoísta dos judeus em Jerusalém não aceitará a Luz Divina, por isso lhes será tirada e entregue aos pagãos. Por várias vezes doutrinei e operei milagres no Templo, mas de todos os que se acham importantes deixando-se venerar pelos outros, nenhum Me deu crédito. Por isso se dará a prova daquilo que consta a seu respeito, isto é, a Minha Luz lhes será tirada e dada em grande profusão, aos gentios.

3. Vede estes pagãos e dirigi-vos a outros, de cidades e lugares distantes, e perguntai-lhes a sua opinião a Meu respeito. Em verdade, receberéis grandes esclarecimentos. Em compensação podeis ficar estonteados acerca da má fama sobre a Minha Pessoa, em Jerusalém e outras cidades judaicas. Entretanto, ensinei em toda a parte a mesma Verdade da Vida e operei grandes milagres. Que farei com esta geração?” Responde o ancião: “Senhor e Mestre, aplica-lhes o mesmo feito aos sodomitas.” Digo Eu: “Ainda não. Entre eles existem alguns justos. Mas não levará tempo, porque os poucos justos em Meu Nome serão de tal forma perseguidos por parte dos materialistas ignorantes e atrevidos, ao ponto de nenhum

justificado em Minha Luz, se poder manter em tal cidade. Então a medida deles estará completa e passarão muito pior que os sodomitas e gomorritas. Deixemos este assunto e tratemos de outro.

4. Dizei-Me se nunca ouvistes falar de Mim e das Minhas Ações. Há alguns anos estive em Gadara e libertei dois endemoninhados dos maus espíritos que se lançaram sobre uma vara de suínos, precipitando-a no mar. Ninguém vos relatou o facto de Eu ter alimentado nas proximidades de Betsaida, milhares de pessoas, com alguns pães e peixes, de forma que ainda sobrou o bastante para encherem vários cestos?"

5. Responde o ancião: "Realmente, muitos foram os comentários e tomamos o autor, filho do carpinteiro José, que conheci pessoalmente, e que se chama Jesus, por mago e aluno dos essénios. Foi essa a opinião do povo e não podíamos discordar, pois a atitude do filho do carpinteiro, certamente visava a conquista popular para fins egoísticos. Se tivéssemos sido testemunhas das Tuas Ações, outra teria sido a nossa opinião, ainda que fosses dez vezes o filho de José. Agora somos testemunhas oculares da Tua Acção, apenas possível a Deus. E se fores – certamente o serás – filho de José, nada nos impede de crermos em Ti, que és e serás o Messias Prometido. Aceita a nossa confissão e não nos prives da Tua Bênção."

139. QUEM É O PRÓXIMO.

1. Digo Eu: "Para tanto vos protegerá a vossa fé viva em Mim, e caso aplicardes a vossa fé em Mim através das obras do verdadeiro amor ao próximo, sentireis ser Eu o Messias Prometido, achando provas disso dentro das Escrituras."

2. Retruca o ancião: "Senhor e Mestre seria mui fácil, caso se soubesse quem realmente é o nosso próximo." Esclareço: "O vosso próximo é todo aquele que necessita do vosso auxílio, seja amigo ou inimigo. Subentende-se não ser possível dar-se ajuda a quem age contrário às Leis de Deus. Neste sentido se compreende o verdadeiro amor ao semelhante, que garante grande prémio no Céu.

3. Se fordes abordados por pobres a se queixarem da sua miséria, socorrei-os à medida das vossas forças e posses. O que fizerdes a eles, considerarei feito a Mim, recompensando-vos em vida e muito mais no Meu Reino Eterno. Acaso um adepto e profeta vos visitar em Meu Nome, deve ser recebido com carinho,

prestando-lhe atenção. Deste modo tereis aceitado a Mim, podendo aguardar recompensa dada a um profeta.

4. Dentro em breve surgirão em Meu Nome, muitos profetas falsos, doutrinando o povo para o seu próprio sustento e confundindo-o através de falsos milagres aprendidos dos magos. Não os aceiteis, ainda que clamassem: Vede aqui ou acolá está o Messias, o Ungido de Deus! Demonstrei-lhes com carinho e rigor estarem agindo contra Mim. Desistindo da sua falsidade, podeis considerá-los amigos. Assim não sendo, enxotai-os da comunidade. Fácil será descobrires o doutrinador e profeta falsos através das suas obras egoístas, pois de cardos não se colhem figos e de espinhos não surgem uvas.

5. Sede cheios de amor, meiguice, humildade, misericórdia, justiça e verdade para com todos, que Eu serei o mesmo com relação a vós. Não sejais duros e surdos contra a voz da pobreza, tanto espiritual quanto material, que a Minha Atitude será idêntica para convosco, se porventura a vossa voz se dirigir a Mim em qualquer aflição. A vossa medida aplicada vos será retribuída.

6. Se dispuserdes de grande fortuna e a emprestais a bons juros somente aos que a possam devolver dentro de prazo fixo, não deixastes de praticar certo amor ao próximo, entretanto não é por Mim considerado aquilo que vos deu bons juros. Emprestando, sem juros, a necessitados sabendo não ser garantida a devolução, Eu serei o Pagador dos juros e do capital, sem que alguém venha a ser prejudicado.

7. Vede os moradores deste lugarejo, antigamente pobres. Mal tinham para o seu próprio sustento. Quando eram procurados por outros necessitados, prontamente os recebiam e supriam dos seus parques provimentos, sem lhes cobrar nada. Sabendo disto, vim como o melhor Recompensador, e não haverá um que diga ter vindo Eu fora de tempo. Fazei o mesmo, que serei o vosso Recompensador em tempo justo.

140. A PARÁBOLA DO FAZENDEIRO.

1. (O Senhor): “Os fariseus, agiotas, que entendem emprestar o seu ouro e prata por juros elevados a outros colegas, esbanjando os juros com prostitutas, e caso forem abordados por pobres e aflitos, respondem: Dirigi-vos a Deus que vos ajudará, pois também nós somos pobres e obrigados a mendigar, – ver-se-ão mal perante Mim.

2. Tais falsos servos de Deus a pregarem ao povo o amor a Deus e ao próximo sem jamais o terem praticado, são perante Mim os piores pecadores e criminosos, recebendo no além a sua paga com o príncipe do inferno. Adúlteros, agiotas e outros, verdadeiros difamadores de Deus, não entrarão no Meu Reino. Não sigais, portanto, o seu exemplo.

3. Quem poderia aconselhar o próximo: Dirige-te a Deus em tua aflição, pois és obrigado a amá-Lo acima de tudo e Ele certamente te socorrerá, se tal pessoa não acredita em Deus e muito menos O ama? Não amando o pobre a quem vê, como amarás a Deus acima de tudo, não podendo vê-Lo? **O amor a Deus por parte dos homens se condiciona ao amor ao próximo.** Engana-se muito quem afirma ser feliz no amor a Deus, trancando coração e a porta diante do pobre. Amai o próximo, pois é como vós filho de Deus, e deste modo tereis amado o Pai.

4. Houve certa vez um rico fazendeiro, dono de grandes terras, que proporcionava vida confortável a todos os serviçais. A sua prole, a quem muito amava, frequentava escolas mundanas, a fim de se tornar dona de experiências várias. Deu-lhe, porém, somente o necessário para o estágio nas diversas escolas, a fim de evitar o seu excesso, preguiça e incapacidade para a posterior administração da fazenda.

5. Em virtude disso, os filhos não passavam folgados, pelo contrário, às vezes eram obrigados a recorrer à caridade pública. Um dos que era abordado nesse sentido, respondeu: Ora, tendes pai tão rico, pedi-lhe que vos ajudará na certa, - e nada lhes deu. Outros, mais bondosos, pensaram: Sabemos ser o fazendeiro bastante rico e facilmente poderia ajudar os filhos em estudos, caso não tivesse as suas razões. Todavia nos condói a sua miséria que procuraremos amenizar. - E assim foi.

6. Após certo tempo, o fazendeiro foi à metrópole e procurou saber quem havia prestado auxílio aos seus filhos. Eles então o levaram a todos os lares onde haviam recebido provas de amor, e o pai centuplicou a importância despendida e levou os benfeitores à própria fazenda, igualando-os aos seus filhos.

7. Eis perante vós o Fazendeiro. Os pobres neste mundo, são os Meus filhos. Os ricos são geralmente os filhos do mundo. A fim de impedir que os Meus filhos se excedam nesta escola dura da vida, porém mui salutar, deixo-os passarem necessidades, que devem externar perante os abastados. O que estes fizerem aos Meus

filhos, será feito por Mim, compensando-os muitas vezes na Terra, e infinitamente mais no Meu Reino. Quem gozar do amor dos filhos através deste sentimento, terá conquistado o Amor do Pai e o Prémio eterno. Tereis compreendido o que seja “amar a Deus acima de tudo”?”

141. A PREDIÇÃO SOBRE A PAIXÃO DO SENHOR.

1. Responde o ancião: “Ó Senhor e Mestre, verdadeiro Pai dos homens, agora entendo pela primeira vez o que seja amar-se Deus acima de todas as coisas. Quem ama os filhos Dele e reconhece a Sua Sabedoria, ama a Deus sobre tudo. Assim, é o amor ao próximo a maior virtude neste mundo, e nos esforçaremos por praticá-lo segundo as nossas forças.”

2. Nisto chega a mulher do hospedeiro para anunciar a ceia, e ele pergunta se deve mandar servir em mesa não arrumada, ao que respondo: “Quando no deserto supri alguns milhares com poucos pães e peixes, não havia mesa posta. Por que não seria possível repetir-se o mesmo? Podes mandar servir.”

3. Expresso-Me desta maneira por causa dos três judeus ciosos de mesa bem posta, pois segundo as suas leis, não podiam tomar uma refeição quente, caso a mesa não fosse guarnecida de toalha limpa, podendo ser o judeu maculado. Por isso, os três me fitam como se estivessem fazendo a seguinte indagação: Não consideras todas as prescrições de Moisés?

4. Dirigindo-Me a eles, digo: “Qual é vosso parecer? Possuíam os israelitas mesas postas, no deserto quando comiam o maná?” Responde o ancião: “Certamente que não, Senhor e Mestre.” Prossigo: “Então também podemos saborear peixes fritos em mesa não posta. O que é puro para Mim, deve sê-lo também para vós. Consta igualmente não ser permitido comer-se o pão de mãos não lavadas, entretanto assim fizestes sem vos tornardes impuros perante Mim. Se assim é, quem vos poderia apontar um vilipêndio? Porventura um ignorante fariseu no Templo de Jerusalém? Hospedeiro, manda trazer a refeição.”

5. Deste modo, todos se satisfazem com o bom ágape. Os três judeus passaram três dias em Minha Companhia, recebendo pelos apóstolos vários conhecimentos da Escritura, quanto à Criação, e os profetas Isaías e Ezequiel. No quarto dia, seguiram a Meu Conselho, para Aphek a fim de se certificarem do que Eu lá fizera em benefício

dos crentes pagãos. Antes de se despedirem, o ancião indaga se deveriam também se dirigir para Jerusalém, podendo abrir os olhos dos fariseus quanto à Minha Pessoa.

6. Respondo: “Deixai isso. Se Me ouviram Pessoalmente e não acreditaram não obstante as múltiplas provas, muito menos vos darão atenção, mas emitirão ordem de prisão onde sériéis fustigados. Convém pregardes o Meu Evangelho na vossa comarca, dando a Luz aos pagãos, sem contudo acrescentardes ou omitirdes algo. Eu vos dei o Evangelho gratuitamente, e assim deverá ser passado a todos os que têm fome e sede. Somente aos puros materialistas não quero que passeis estas pérolas.

7. **Pela Páscoa irei mais uma vez para Jerusalém e então Me sucederá o que vos expliquei minuciosamente nos livros proféticos; não vos aborreçais ao receberdes tal notícia, lembrando-vos da Minha Predição com a qual se cumprirá a última vírgula da Escritura.**

8. **Quando no terceiro dia ressuscitar da morte física, voltarei junto de vós assim como ora Me vedes, e sereis fortalecidos com o Meu Espírito.** Por pouco tempo nos perderemos de vista, para em seguida nos reencontrarmos para vosso consolo.” Em seguida abençoo os três judeus que seguem a Aphek. Subentende-se que quanto mais se aproximavam da cidade, tanto maior se tornava a sua estupefacção diante do grande milagre e quando atingem o mesmo albergue, onde são amavelmente recebidos, as exclamações de gratidão e louvor são profusas.

9. Entrementes chegavam viajantes à nossa estalagem, procurando informações a respeito da súbita fertilidade da zona. Alguns são esclarecidos. Tratando-se geralmente de negociantes desinteressados das coisas espirituais, nenhum de nós se esforçou por esclarecê-los nas verdades da vida, e os moradores compreenderam não ser possível atirar-se as pérolas do Evangelho aos incrédulos. No sétimo dia retornam os apóstolos enviados em missão, relatando terem feito boa colheita em Meu Nome. Digo, pois: “Deveis saber Eu conhecer o vosso trabalho merecendo o prêmio de discípulos. Agora descansai e tomai algum alimento.”

142. O PROSSEGUIMENTO DA VIAGEM.

1. De manhã continuamos a nossa viagem, após ter Eu abençoado toda a redondeza. O hospedeiro e alguns moradores nos

acompanham durante uma boa parte do percurso, para depois voltarem enquanto atingíamos, ao anoitecer, outra cidade achando boa acolhida num velho albergue. Lá ficamos alguns dias e ensinei os pagãos a respeito do Reino de Deus nesta Terra, confirmando a Minha Doutrina com provas úteis.

2. A maior parte dos sacerdotes pagãos é convertida ao judaísmo. Somente alguns judeus, adeptos dos saduceus levantam dificuldades. Passados alguns dias, continuamos viagem alcançando outra cidade ao anoitecer. A meio do caminho, alguns discípulos começam a sentir fome e sede, pois nessa estrada antiga havia apenas uma velha cisterna e poucos albergues, habitados por pastores pobres que só tinham queijo e um pouco de leite para oferecer.

3. Por esse motivo, os discípulos pedem para Eu fazer um milagre, suprimindo as suas necessidades alimentares. Respondo: “Poderia fazê-lo, caso fosse estritamente necessário. Se Eu posso jejuar, – acaso não se dá o mesmo convosco? Dentro de algumas horas estaremos em outra localidade onde haverá muito trabalho e convém lá chegarmos com sobriedade. Mais tarde tereis um conforto físico.”

143. O POBRE ALBERGUE DA CIDADE DE BASALTO.

1. Dentro de uma hora atingimos a referida cidade, onde um velho judeu nos acolhe e oferece-nos pão e algum vinho de uvas silvestres, apropriado para mitigar a sede. Percebendo que alguns discípulos não o apreciam, ele se desculpa, dizendo: “Infelizmente não possuo vinho melhor e não disponho de meios para suprir-me de bebida mais pura. Agradeçamos a Deus por nos ter dado ao menos este, mais indicado a matar a sede que os vinhos finos das cidades. Somos mais parcimoniosos, saudáveis e contentes que os ricos, ávidos para passar o tempo, sem se lembrarem de Deus.”

2. A esta boa observação, os discípulos elogiam a fidelidade do judeu e servem-se com prazer. Em seguida, ele pergunta se éramos negociantes e quantos dias pretendíamos ficar. Respondo: “Amigo, somos uma espécie de mercadores a negócios com produto invisível, de sorte que poderias supor Eu querer brincar contigo. Todavia, é como te disse. A Minha Mercadoria é invisível e de valor mais elevado para quem a aceitar de coração puro e boa vontade. A

fim de que vejas em que consiste, manda trazer o teu filho cego e aleijado que Eu o curarei.”

3. Responde o judeu: “A tua mercadoria é a arte de curar? Se assim é, farás aqui os melhores negócios, pois não faltam moléstias incuráveis. Vou buscar o meu filho.” Quando o rapaz se acha diante de Mim, pois fora transportado no seu leito, Eu pergunto-lhe se deseja ser curado. Ele responde: “Mestre, se isso te for possível - no que não duvido - peço me dê essa Graça.” Retruco: “Quero que vejas e possas caminhar!” De imediato dá-se a cura.

4. Cruzando as mãos sobre o peito, o pai exclama: “Esta é uma cura excepcional. Deves ter agido pelo Espírito de Jehovah, portanto és grande profeta.” Observa o filho, entendido na Escritura, mormente nos profetas: “Pai, pelo que me consta, os profetas nunca diziam: Eu quero que isto ou aquilo aconteça, senão: O Senhor assim falou, e é da Sua Vontade que tal suceda, caso o povo de Israel não desista dos seus pecados.

5. Se este salvador me curou pelo poder da sua palavra e vontade, é evidentemente maior que profeta, e me lembro das palavras importantes de um que dissera, inspirado pelo Espírito de Jehovah: Quando vier o grande Herói, o Leão de Judá, Rei dos reis, o Senhor de todos os anjos, a este mundo, - os cegos verão, os surdos ouvirão, os aleijados ficarão erectos e saltarão quais veados, e tudo isto Ele fará de Seu Próprio Poder e fundará um Reino sem fim.

6. Isto se coaduna com a maneira de falar e agir deste Salvador milagroso, e certamente não cometo erro em afirmar ocultar-Se Nele o Messias Prometido aos judeus. O Seu primeiro tratamento quando ainda me achava cego e aleijado no leito, despertou-me de modo tal a não poder duvidar do Seu Poder, portanto também O aceito como o Prometido. O futuro demonstrará se me enganei.”

7. Diz o pai do rapaz: “Podes ter razão, pois também eu tive esta mesma ideia. Todavia não vamos precipitar-nos, o bom Salvador não deixará de nos esclarecer quanto à Sua Pessoa.” Digo Eu: “Assim farei para a vossa imensa alegria. Agora convém verificares se tens alguns peixes na despensa, podendo ser preparados à vossa moda, e tu e teu filho participareis da refeição.”

8. Sumamente triste, o hospedeiro retruca: “Milagroso Salvador, há muito tempo carecemos de peixes, pois moramos muito longe do Mar Galileu, do rio Jordão e do próprio Eufrates. Os pequenos riachos que nos suprem de água para os animais caseiros, não se prestam para a criação de peixes. Há tempos havia nas

proximidades desta cidade, grandes lagos de água doce e ricos em peixes. Devido aos terremotos que se dão quase anualmente, secaram, e os peixes desapareceram.”

9. Obsto: “No pátio da tua casa tens um poço ao lado de um grande lago trabalhado na pedra, podendo conservar água. Porque não crias peixes no mesmo?” Responde ele: “Onde poderia buscar peixes vivos para a procriação? Justifica-se portanto a minha carência dentro da despensa.” Insisto: “Se tens fé, podes verificar se não existem lá peixes suficientes para a ceia. Quanto ao futuro o teu lago os terá em quantidade.”

144. O MILAGRE.

1. Quando ele entra na despensa, acompanhado da sua família, encontra um cesto de peixes bons e limpos, e manda prepará-los. A sua mulher não se conforma com o facto, ao que ele responde: “Não penses a respeito; se ao Homem de Deus fora possível curar o nosso filho, apenas pela Sua Vontade, certamente será capaz de encher a nossa despensa. Urge tratar da refeição.”

2. Ao voltar junto de nós, cheio de gratidão, Eu lhe pergunto: “Então que há com os peixes?” Responde ele: “Mestre milagroso, está tudo em ordem. Mas os peixes não são de água comum, porém criados por Ti. Vejo ter tido razão o meu filho, por ter-Te tomado pelo Messias. Não és servo de um Ser Supremo, mas o Próprio Altíssimo em Pessoa. E se caminhas em carne e osso entre os mortais, ages apenas segundo a Tua Vontade.

3. Se bem que consta não ser possível ver-se Deus e continuar vivo, deve ter outro sentido. Abraão, Jacob e outros viram e falaram a Deus, e Moisés viu as Costas de Jehovah sem perder a vida, assim como nós Te vemos e continuando vivos. A meu ver, não pode o mortal ver Jehovah, em Sua Origem eterna, continuando vivo, pois o finito não pode compreender o Infinito, nem medir a eternidade. Tenho razão?”

4. Respondo: “Julgaste acertadamente, não obstante é garantida a Vida eterna a todos os cumpridores dos Mandamentos de Deus. Enquanto o homem viver nesta Terra dentro de espaço e tempo, não poderá abarcar e compreender o eterno e infinito do Espírito. Mas, quando o Espírito de Deus, como puro Amor, penetra a alma purificada, iluminando-a e a vivificando com a Vida eterna, torna-se o homem uno com Deus podendo penetrar nas Suas

Profundezas eternas e infinitas, e a sua compreensão é justamente aquilo que consta: poder o homem perfeito ver em espírito, Deus, de face a face. Deixemos este assunto, pois aí vêm os peixes preparados.” Após se terem saciado todos os presentes, o anfitrião pergunta se deve guardar os que sobraram. Respondo: “Quem os preparou pode saboreá-los. Manda chamar os teus familiares para se saciarem com as sobras.”

145. A TAVERNEIRA E OS EMPREGADOS.

1. Quando a família se apronta para tomar a refeição, entram os empregados para receberem o que lhes cabe da ceia. Muito se admiram ao depararem com os peixes, perguntando pela sua procedência. Responde a dona da casa: “Aqui chegaram alguns forasteiros trazendo peixes. É só o que sei. Havendo grande sobra, cada um terá a sua parte.” Assim, os vinte, rapazes e moças, ceiam com prazer não podendo acabar com o resto. Por isso alegam: “Deve haver especial Bênção de Jehovah. Juntaste ao pão, pequenos pedaços de peixe e não conseguimos comer tudo, conquanto esteja mui saboroso.”

2. Diz a patroa: “Continuai fiéis à nossa casa, que a Bênção de Jehovah permanecerá connosco.” Em seguida ela vem à sala e nos relata o milagroso aumento dos peixes, na cozinha. O marido então aparteia: “Ao Omnipotente tudo é possível, e aos homens cabe apenas louvá-Lo e cumprir os Seus Mandamentos. Como sempre acreditamos em Deus e conservamos a fidelidade entre os pagãos, ele Se lembrou de nós. Continuemos assim, que Ele ficará connosco com a Sua Graça.”

3. Digo Eu: “És judeu na íntegra e esclarecido como todos deveriam ser. Tens, todavia, pequeno defeito que consiste na reserva contra estrangeiros, não judeus, e intimamente és inimigo dos pagãos que tinhas vontade de exterminar, caso te fosse possível. Conheço a tua índole que no justo zelo serias capaz de enfrentar os inimigos do povo de Deus, com a arma em riste. Isso não pode continuar, pois todos os pagãos devem receber o Meu Evangelho, no que consiste a Fundação do Reino de Deus nesta Terra. Tempos virão e já chegaram, em que muitos pagãos estarão mais próximos de Deus que muitos judeus, que louvam Jehovah com os lábios enquanto o coração se acha longe Dele.

4. Actualmente muitos pagãos procuram a Verdade que os filhos de Deus, a contar desde Adão, possuíam até hoje; e caso a encontrem, e a reconheçam aceitando-a num coração bondoso e através de uma fé viva, torna-se sua posse. É da Vontade do Senhor que os pagãos, há tanto tempo se definhando, sem culpa, na pior treva e superstição sob a tirania dos sacerdotes egoístas e dominadores, se tornem felizes pela fé no Deus Único e Verdadeiro.

146. O AMOR PARA COM CRENTES DE OUTRAS RELIGIÕES.

1. (O Senhor): “Quando há cerca de trinta e três anos, nasci em Belém em um estábulo, de uma virgem pura e devota chamada Maria, filha única de Joaquim e Ana, que sempre trabalhou no Templo durante a existência do velho Simeão, foram justamente os pagãos que de longe reconheceram haver vindo ao mundo algo excepcional em Minha Pessoa. Ofertaram-Me ouro, incenso e mirra, e todos os potentados de Roma na Judeia, Ásia e África Me devotaram todo o amor, protegendo-Me contra Herodes que mandara matar todos os meninos até os dois anos, sabendo ter chegado por Mim um Rei aos judeus. Assim, a Minha Mãe carnal e o Meu pai de criação com os cinco filhos do primeiro matrimónio, tiveram de fugir Comigo para o Egipto, e nessa fuga muito Me ajudaram o comandante Cornelius e o seu irmão Cirénius, cuidando de boa acolhida em país estrangeiro.

2. Isto foi feito por parte dos pagãos tão odiados pelos judeus, enquanto estes, isto é, os poderosos, queriam matar-Me de medo de perderem o seu trono arrendado de Roma, quando Eu atingisse a maioridade. Se assim é, justifica-se plenamente Eu demonstrar o mesmo amor aos pagãos por eles patenteado desde a Minha Infância. Durante os dois anos e meio da Minha Doutrinação encontrei mais fé e amor entre eles do que com os judeus que Me classificam de falso profeta, traidor, revolucionário e feiticeiro, que trabalha em conivência com Satanás, e procuram matar quem Me der crédito.

3. **Por isso afirmo que a Luz da Verdade Eterna será tirada dos judeus e entregue aos pagãos; os outros serão dispersos por todo o mundo sem jamais possuírem país próprio, mas terão que suportar todo o vexame e perseguição por parte dos regentes pagãos, como testemunho da sua incredulidade e completo**

desamor. Sempre não-de esperar pelo Messias Prometido, mas em vão. Eu o Sou, e ninguém mais por toda Eternidade.

4. Eis o motivo pelo qual deves também modificar a tua antiga opinião a respeito dos pagãos, que deste modo se tornarão teus amigos, facilmente ingressando na tua fé real. A maioria não mais acredita nos deuses, mas cultua os ensinamentos filosóficos; tornam-se astutos pensadores e oradores, de sorte que por parte deles receberás ensinamentos que nunca esperaste entre eles.

5. Homens prudentes e perspicazes em coisas terrenas, em breve o serão em assuntos do espírito, sua profundidade da sabedoria e da vida. Depende de como são tratados. Quem pretende tratá-los com espada e porretes do antigo ódio, certamente fará maus negócios. Sendo abordados com meiguice e amor, será carregado com carinho, recebendo toda a sorte de favores.

6. Eis o erro que deves abolir, caso pretendas tornar-te judeu perfeito e homem de valor como Eu. Certamente já viste que Deus deixa iluminar o Sol tanto para pagãos quanto para judeus. Se Ele, Senhor de todas as coisas no mundo e nos Céus, não faz diferença, – um judeu na íntegra deve imitá-Lo, o Pai Eterno. Com isso não precisa ajudá-los na construção de templos aos ídolos, pois tal não seria amor ao próximo e não teria valor perante Mim. Libertar os pagãos dos seus antigos erros e dar-lhes a antiga Luz da Verdade, com carinho, é por Mim considerado de grande valia.

7. Se um pobre pagão bater à tua porta pedindo um auxílio e tu não o atenderes por não ser judeu, nada terás feito para a Vida eterna. Dando-lhe o que necessita, fizeste obra de caridade que te recompensarei cem vezes em vida, e no Além, infinitamente mais. O verdadeiro amor ao próximo no coração – seja judeu ou pagão – é o elemento de vida, verdadeiro e espiritual, pelo qual todo mundo visível e todos os Céus são conservados. **Quem pratica o verdadeiro amor ao próximo, vive na justa Ordem de Deus e cria dentro de si a Vida eterna da sua alma.**

8. Alimenta o justo amor para com pagãos e judeus, que serás despertado pelo Meu Espírito para a Vida eterna, podendo penetrar nas Minhas Profundezas divinas. Assim amarás em Mim, Deus acima de tudo, sendo o que posso exigir dos homens na conquista da Vida eterna. Quem praticar este amor, não tem pecados perante Mim, dispensando as orações judaicas, longas e fúteis, e nem precisa praticar jejuns e penitências. Compreendeste?”

147. O PORQUÊ DAS MISÉRIAS E DA DECADÊNCIA HUMANA.

1. Diz o hospedeiro: “Inteiramente, Senhor e Mestre, e estou a par com Quem estou lidando. O meu filho, curado através da Tua Graça e Poder, reconheceu-Te desde o começo. Quanto ao meu defeito antigo, será abolido e modificarei a minha atitude com referência aos pagãos. É realmente difícil compreender-se a razão porque o bem e a verdade devam ser sempre abafados, surgindo apenas quando o mal e o erro começam a se digladiar. Quantas criaturas padecem na pior miséria, ignorância e aflição, sem se poderem socorrer a si próprias. Nós outros, ainda seguros na Verdade Original, só podemos ter pena, sem termos os meios de ajuda. Conseguimos saciar um faminto e sedento, vestir um desnudo e em caso de necessidade consolar um enlutado. Só Tu, Senhor, a Quem a miséria humana nesta Terra é conhecida a fundo, poderias pôr um termo às necessidades físicas e espirituais, tão rapidamente quanto curaste o meu filho. Todavia não o fazes, ou mui raramente. Por quê? Seriam quase todos destinados à queda e poucos à ressurreição?”

2. Digo Eu: “De modo algum. Se todo homem se torna verdadeiramente homem pelo uso do livre arbítrio, a fim de exercitar, analisar e determinar a sua atitude, acontece que se deixa seduzir pelos prazeres materiais, onde se oculta o reino de Satanás. Não obstante todas as Minhas Advertências, esquecem-se de Mim e dos Meus Mandamentos, passando do amor ao próximo ao egoísmo, tornam-se preguiçosos cuidando apenas dos meios para obrigar os outros a trabalharem para eles.

3. Para tal fim inventam toda a sorte de malabarismos que praticam em público, oferecendo-se como profetas entusiastas de Deus. Os outros começam a dar-lhes crédito, tomando-os por criaturas excepcionais e se sentem felizes em ofertar-lhes algo e, finalmente, pedem a protecção dos fraudulentos.

4. Com isso, conseguiram a sua finalidade. Tornam-se mais importantes e dominadores, aproveitam as Minhas Revelações em seu próprio benefício, manifestam-se como senhores dos ignorantes aos quais dão leis que obriguem a trabalhos, e caso necessário, empenham as suas posses e vidas pelos tiranos. Neste transe, o povo é constantemente advertido através de profetas inspirados por Mim,

como acontecera em épocas de Samuel, quando o judeu exigia um rei idêntico ao dos pagãos.”

148. O MOTIVO DA MOLÉSTIA DO FILHO DO HOSPEDEIRO.

1. (O Senhor): “Estuda a história de Samuel e dos Juízes, e verás o quanto Eu adverti o povo judaico de um regime contrário à Minha Vontade. De que adiantaram as Minhas Advertências? Nada. Ele insistia e o recebeu como justo castigo pela sua teimosia. Poderias repreender-Me como se Eu não quisesse socorrer os judeus deixando que percessem? Verás que tal nunca foi o caso. Não pode queixar-se quem age pelo livre arbítrio, e não Me cabe culpa se devido à desconsideração das Minhas Advertências e apenas desfrutando as delícias carnis, se atire ao abismo e também os seus imitadores.

2. Acaso não vim Pessoalmente a este mundo, ensinando os ignorantes e operando milagres impossíveis a quem quer que seja? Vai a Jerusalém e a outras cidades da Judeia e Galileia, e pergunta aos judeus o que pensam de Mim. Querem aprisionar-Me e matar-Me porque os repreendo dos seus pecados mais tenebrosos. De maneira alguma querem desistir do mundanismo, filosofia e conforto.

3. Porventura Sou responsável da sua incorrigibilidade? Opinas poder Eu exterminá-los de momento. Pois não. Acontece, serem igualmente Meus filhos, e Meu Amor tem Paciência para esperar se um ou outro não se volta para Mim. Compreenderás que Eu, o máximo Amor e Paciência, não posso tomar outras medidas para que não venham a desculpar-se de falta de consideração quando vier o grande julgamento. Digo mais: Se Jerusalém continuar na sua maldade e talvez ainda aumente na mesma, não se passarão cinquenta anos e o país sofrerá muito pior que outrora Sodoma e Gomorra.”

4. Diz o hospedeiro: “Ó Senhor e Mestre, sinto que somente Tu és Sábio e tens razão em tudo. São os homens os únicos culpados dos seus sofrimentos físicos e psíquicos. Quem seria responsável que o meu filho, de boa índole e mui devoto, se tornasse cego e aleijado?”

5. Respondo: “Havia três motivos principais. O primeiro foi a tua especial predilecção por ele. Bastava a menor dor de cabeça para

que chamasses os melhores médicos que, devido aos remédios fortíssimos, levaram o catarro cerebral para os olhos, provocando a cegueira.

6. Segundo: Uma vez cego, os médicos aplicaram remédios internos e externos, inteiramente errados, que causaram a paralisia do corpo. Terceiro: Sabendo que tal sucederia, Eu o permiti pelo seguinte motivo: Começaste a dedicar maior atenção e amor aos outros filhos, modificando a sua educação. Além disso, percebeste que um judeu verdadeiro sempre deve ter maior confiança em Deus do que nos médicos ignorantes, pois onde não podem ajudar existe ainda o recurso divino. Assim previ a Minha Visita à tua casa, para dar-te uma prova de ser Eu o Senhor ao Qual tudo é possível.

7. Eis a explicação da cegueira e paralisia temporária do teu filho. Há, entretanto, um motivo oculto, interno, espiritual e inteiramente incompreensível para o teu entendimento, que conceberás somente no Além. Da Minha Própria Boca afirmo, não serem tu e ele, psiquicamente falando, desta Terra, mas do Alto, quer dizer, de um outro corpo cósmico. **Tudo que vês na abóbada celeste são corpos cósmicos e não há um que não tenha seres racionais semelhantes a vós. Os Meus filhos só encarnam nesta Terra.** Nada Me perguntes a respeito. Quando estiveres perfeito em espírito, a tua visão interna se elevará a um conhecimento maior.”

149. OS DOIS FORASTEIROS DE NÍNIVE.

1. Nisto, dois forasteiros batem à porta do albergue, e o dono pergunta-Me o que deve fazer. Respondo: “Consulta o teu coração dentro do princípio do verdadeiro amor ao próximo, que ele te dirá o que fazer.” Lembrando-se do Meu Ensino referente ao seu grande defeito, ele se levanta da mesa e manda entrar os homens. Inquiridos da sua procedência, um deles, que mal conhece o hebraico, responde: “Viemos de longe, pois habitamos dois dias de viagem além do local onde outrora existia a grande e potente cidade de Nínive.

2. Existia um débito de nossa parte junto ao rei tirano, de algumas moedas de prata, por extorsões indevidas, o qual não pudemos liquidar no prazo de sete dias. Pedimos prorrogação da dívida, em vão. A resposta foi a seguinte: Se houver condescendência para um, o povo em peso se apresentaria diante do trono do rei, no dia do pagamento.

3. A fim de se garantirem, os arrecadadores se apossaram dos nossos bens, não pouparam mulheres e filhos, levando-os à prisão. Perante a nossa insistência, foi-nos concedida uma prorrogação de três meses e neste percurso nos cabia ganhar a importância para os cofres reais; de contrário, mulheres e filhos seriam vendidos a traficantes da Índia, e nós, expatriados.

4. Eis a nossa situação debaixo do regime de um tirano que a ninguém considera humano, com exceção de si e dos seus palacianos. Encetamos a nossa grande peregrinação para pedir a soma junto de vós, certamente mais bondosos, a fim de voltarmos e resgatarmos as nossas famílias.”

5. Diz o hospedeiro: “Sendo essa a vossa dificuldade, facilmente sereis socorridos. Desejo ainda saber se não estais com fome e sede.” Responde um deles: “Bastante, pois viemos da zona do Eufrates sem termos tomado coisa alguma. As bilhas que enchemos de manhã com água do rio, se esvaziaram em poucas horas.”

6. Penalizado, o hospedeiro traz o suficiente para o conforto dos homens e em seguida pergunta-Me a que seita pertencem. Digo-lhe: “Ainda é cedo para Eu entrar em contacto com eles. Prossegue tu, que mais tarde Me manifestarei.”

150. AS CONDIÇÕES RELIGIOSAS NA PÁTRIA DOS FORASTEIROS.

1. Em seguida, o hospedeiro dirige-se aos recém-vindos perguntando quais as divindades veneradas no seu país. Um deles responde: “Amigo, lá não há divindade determinada, pois os sacerdotes estão em constante desacordo e cada qual defende o seu deus particular propagando o seu poder e glória.

2. Nós dois pertencemos ao tronco judaico que desde a prisão sob a regência do rei Nabucodonosor se estabeleceu no nosso país, portanto somos moiseístas se bem que carecemos da Escritura, da Arca da União e do Templo. O Céu e as suas estrelas representam tudo para nós. Cremos no antigo Deus que Moisés demonstrou aos nossos pais e conservamos o sábado e demais Leis; no entanto, Jehovah não parece lembrar-Se especialmente de nós.”

3. Retruca o dono da casa: “Também sou judeu e vos asseguro ter Ele Se lembrado de vós por vos ter conduzido até este lugar. Amanhã tudo será esclarecido devidamente.”

(Nota: até Março de 1863 o manuscrito apresenta a caligrafia do profeta Jakob Lorber. Segue-se um intervalo de um ano. Somente a 11 de Abril de 1864 o ditado prosseguiu. Como Lorber estivesse acamado por três meses devido à gota, foi obrigado a ditar o que ouvia da parte do Senhor a um amanuense).

4. Em seguida ele volta à nossa mesa e expressa a sua admiração a respeito do que ouvira dos forasteiros. Esclareço-o: “Deixa estar. Entre gregos, romanos e judeus a situação em nada é melhor. As suas divindades só se prestam para ofuscar e preparar o povo para oferendas, através de magias especiais. Não possuem *jus gladii* (jurisdição suprema), nem *jus potiores et fortioris* (o facto por si, não constitui direito), entretanto os dirigentes concordam com a atitude mistificadora dos sacerdotes, pois facilitam o domínio da plebe dispensando grande exército.

5. De um modo geral, os regentes pouco ou nada se preocupam com a Natureza divina. Acompanham as cerimónias para enganar as multidões. Eles próprios continuam epicuristas quanto à maneira de viver, e com referência à crença são cínicos ou saduceus que não acreditam na sobrevivência da alma. As ideias dos chefes correspondem às dos sacerdotes.

6. Se um soberano pretende iniciar uma guerra com um vizinho, os sacerdotes já sabem como preparar os povos, por intermédio dos acólitos, no sentido de ser inevitável cumprir-se a vontade dos deuses que desejam tal conflito. Deste modo se tornam acessíveis a pagarem os impostos necessários e se consideram honrados em poder pegar das armas em defesa do rei. Tal é a situação não somente no país dos nossos amigos, mas no mundo inteiro, e levará muito tempo até que os povos cheguem à compreensão de terem sido animais de carga dos potentados desde a época de Moisés, – e ainda o serão por muito tempo.

151. OS JULGAMENTOS DE DEUS E OS SEUS EFEITOS.

1. (O Senhor): “Julgas – como fizeram outros – Eu ter o Poder de terminar com tais abusos, e não deixas de ter razão. Neste caso teria que ser retirado ao homem o seu livre arbítrio que, sem diferença de nascimento ou posição, é destinado à Filiação de Deus, e em vez de razão e intelecto teria que ser suprido de instinto animal, seguindo essa tendência. Além disso, teria Eu que mudar a

Terra toda fazendo que produzisse forragem para tais criaturas animais. Ver-Me-ia obrigado a fazer perecer muitas espécies da flora e fauna, pois existem para, através da sua evolução gradativa, surgir a alma humana, inteiramente livre.

2. Por aí vê, não poder ser diferente a situação desta Terra. E se fosse melhor, Eu não teria sido obrigado a vir como Homem ao vosso planeta, a fim de vivificar a velha fé nos de índole mais acessível devido à influência da época dos patriarcas, e igualmente levar os outros a crer não serem as profecias, invenções semelhantes ao politeísmo. **Toda a Humanidade necessitará mais que alguns milénios, para passar a um conhecimento mais puro.**

3. Sabes que após o Dilúvio, os poucos remanescentes caminharam uma trilha mais luminosa. O mundo e a sua matéria, na qual se acha o próprio Satanás, dentro em pouco os atraiu, de sorte que em tempos de Abraão, o ateísmo havia progredido bastante. Conta os julgamentos pelos quais Eu visitei tais povos, de modo sensível e doloroso. Quanto tempo durou o efeito do julgamento tamanho? De modo geral, no máximo três a quatro existências, e tudo voltava ao estado anterior, se não pior. Sodoma e Gomorra, Babilónia e Nínive seriam hoje um verdadeiro paraíso em comparação a Jerusalém, a outras cidades da antiga Terra abençoada e muitas metrópoles dos pagãos.

4. Sobre todas elas virá em breve um julgamento após outro. Mas o efeito será idêntico aos anteriores. Por certo tempo, muitos se regenerarão e penitenciarão. Tão logo começarem a melhorar, o antigo ócio se manifestará, e os astutos obrigarão os outros a trabalhos vários, por indemnização aparente.

5. Nesta situação, iniciar-se-á a treva psíquica. O Sol da Vida submergirá e a noite completa surgirá do lado oposto e durará muito tempo até aparecer um novo dia. Satisfaz-te com o relato da situação actual da Humanidade. Em época oportuna poderás falar a respeito aos amigos fiéis, advertindo-os à paciência e persistência no Meu Nome, assegurando-os do Meu Amor e Misericórdia, que dentro em breve a situação melhorará tanto entre os judeus quanto entre os pagãos.”

152. A CONSEQUÊNCIA DA DIVULGAÇÃO DO EVANGELHO. A VOLTA DO SENHOR.

1. O hospedeiro dá-se por satisfeito com a Minha Explicação, enquanto alguns adeptos de João dizem: “Senhor, se esta for a expectativa da evolução do género humano, a Terra é antes uma escola para o inferno ao invés de ser para o Céu. De que adianta a pregação do Evangelho para a conversão dos povos, se Satanás continuará a sua política nefasta? Ao lado dos poucos apóstolos se levantarão muitos falsos professores e profetas, fazendo de Ti o que quiserem, e as criaturas se deixarão ofuscar por milagres e feitiçarias, a ponto dos Teus fiéis não se verem seguros.

2. Qual será o benefício da Tua Vinda actual? Alguns adoptarão a Tua Doutrina com grande temor, mas ai deles, se o mundo os descobrir! A perseguição durará até que os Teus poucos seguidores forem varridos da Terra. Se os israelitas fundiram um bezerro de ouro, na Tua Presença, quanto mais não farão os atuais pecadores? Temos razão, Senhor?”

3. Respondo: “Em parte, pois a partir de agora protegerei os Meus verdadeiros confessores até ao Fim dos Tempos, a ponto do poder de Satanás em nada os poderá afligir e subjugar. Preciso é que cuideis em não cairdes em desavenças entre vós, porquanto também o vosso livre arbítrio e livre conhecimento serão respeitados. **Havendo desunião, sereis vós mesmos a depositar a primeira pedra fundamental para a falsa profecia, produzindo várias divergências na Minha Doutrina.**”

4. Opinam os adeptos: “Senhor, de nossa parte, isso jamais acontecerá, pois somos testemunhas da Tua Doutrina e das Tuas Ações.”

5. Respondo: “Realmente assim é. Todavia não se passará um ano, e prontamente vos aborrecereis por Minha Causa, negando-Me e traindo-Me! Digo mais: Se dentro em breve for abatido o vosso Pastor, vós as Minhas ovelhas, vos dispersareis. Se bem que vos reunirei após a Minha Ascensão e vos enviarei para todo o mundo, munidos de tudo para divulgardes o Meu Evangelho da Chegada do Reino de Deus nesta Terra, fazendo muitos adeptos, - deles surgirão seguidores a pregarem em Meu Nome, como vós.

6. Os chamados não darão prejuízo, tanto mais porém os outros, provocando discussão e inimizades, e cada um alegará estar doutrinando a Verdade pura e plena. A Minha Doutrina então se

assemelhará a um cadáver, percebido pelos condores que o consumirão até aos ossos. Restará o esqueleto. **Mas serão poucos a perceberem através do Meu Espírito, qual era o aspecto da carne que cobria os ossos.** A maior parte continuará a roer o esqueleto até morrer de fome.

7. Então haverá na Terra muita contenda e ranger de dentes, e os homens há tanto tempo enterrados na treva, começarão a correr atrás de imundos fogos fátuos, julgando receber o justo conhecimento. A repetida extinção de tais luzes, pouco a pouco, os levará à convicção de serem ludibriados. Eis que voltarei qual raio luminoso que tudo iluminará do Poente ao Levante, e tempo virá, no qual os falsos professores e profetas nada conseguirão com os homens esclarecidos por aquele raio.”

153. O DESPERTAR DOS FIÉIS NO DIA DO JUÍZO FINAL.

1. Manifesta-se Pedro: “Senhor, por várias vezes afirmaste que todo aquele que crer em Ti e viver segundo a Tua Doutrina, receberá a Vida eterna e Tu o despertarás no Dia Final. Não obstante as diversas explicações, não estou bem esclarecido.

2. Qual será o fim daqueles que nada saberão a Teu respeito? Por acaso estão na Terra, a fim de adubarem o solo para uma geração mais perfeita? Não poderão passar pela ressurreição efectuada por Ti, porquanto não crêem, nem vivem conforme mandas. Além disso, é o Dia Final, um assunto misterioso da Tua Doutrina, conquanto houvesse várias explanações. Ora tem aspecto de um dia comum, ora especial, para todo indivíduo que passa para o Além.

3. Seja como for, não compreendo a necessidade de outra ressurreição para os vivos em Teu Nome, mas unicamente necessária para os mortos. Talvez deveriam receber o Evangelho após a ressurreição? Dá-nos completo esclarecimento para não opinarmos que tenhas destinado entre milhares, apenas um para a Vida eterna.”

4. Digo Eu: “Meu Simão Judá, creio que neste ponto não chegarás à compreensão perfeita conquanto de posse do Meu Espírito, devido às tuas constantes dúvidas. Já disse por várias vezes que haveria muita coisa para vos dizer, incompreensível pelo

intelecto. Por isso enviarei o Meu Espírito Santo que, espargido sobre vós, levar-vos-á a toda Sabedoria e Verdade.

5. Seria o bastante Eu Me estender acerca da Minha Doutrina, e prontamente haveríeis de dizer: Abriste a Tua Boca em parábolas e símbolos, quem poderia entendê-los? Assim, acharíeis o Meu Ensino duro. Por acaso ignorais que, em relação ao Evangelho sois idênticos às crianças, nutridas com leite, porquanto ainda são incapazes de digerirem alimento mais substancial?

6. Quando fordes divulgar o Meu Evangelho, fareis o mesmo que Eu, em relação aos ouvintes. Qual seria a vossa opinião, se no curso primário, um escriba começasse a discorrer acerca dos segredos dos profetas, que nenhum aluno entenderia? Não seria ele obrigado a ouvir a seguinte objecção: Sábio amigo, preciso é nos ensinares primeiro a ler, escrever e contar. Depois poderás experimentar a nossa assimilação do teu profundo saber. A mesma repreensão Eu teria de suportar, caso dissertasse sobre o Meu Evangelho, na pura Luz celeste. Não entendendo as coisas deste mundo, quase palpáveis, qual seria a vossa compreensão se falasse sobre assuntos puramente celestiais?"

154. O SENHOR POSITIVA A SUA GRAÇA.

1. (O Senhor): "O que acabas de perguntar-Me, Simão Judá, origina-se no próprio Além, e não poderás compreendê-lo inteiramente, acusando-Me secretamente de certa injustiça e crueldade tirânica. Isso não te fica bem, tanto mais quanto sabes Quem sou e ter vindo junto de vós, simplesmente por amor, e não por ira e vingança, para Me poder revelar Pessoalmente em toda a Minha Profundez e Magnitude, sem usar da boca de um profeta, a fim de explanar a Minha Vontade.

2. Não concordas Eu conhecer muito melhor o número dos que vivem na Terra, sem terem tido noção a Meu respeito e assim passarão por longo tempo? Como poderia julgá-los e condená-los, se inculpáveis não podem crer em Mim, se entre os judeus que Me ouviram e viram operar milagres, jamais condenei alguém, - com excepção de alguns poucos que nos tentavam prender e matar?

3. Em toda a Terra não existe povo, descendente de Adão, que não possuísse certos detalhes da Era Primitiva da Doutrina divulgada pelos patriarcas. É facto sabido que os sacerdotes e

soberanos ocultaram o conhecimento do Deus Uno e Verdadeiro, em virtude do seu egoísmo, suplantando-o por vários ídolos.

4. Se o povo vive conscienciosamente dentro de tais doutrinas, o seu pecado é quase nulo perante Mim. Se bem que vive na treva de vários enganos, quando as suas almas chegarem ao Além encontrando tudo iluminado por Mim, sentirão o mesmo que alguém que caminhasse à noite e esbarrasse em vários coisas tomando-os por criaturas, animais ou outros objectos, menos pelo que são realmente.

5. O viajante fazendo a caminhada nocturna, em pleno dia, certamente verá as aparições peculiares como são, rindo-se finalmente da sua própria tolice, pois tomava um tronco de árvore por assaltante, e uma pedra por hiena. Daí deduzirás facilmente que tais almas se equilibram no Além com muito maior facilidade, na Luz da Vida, que as informadas de Mim, tendo assimilado ser Eu a Luz, a Vida e a Verdade, mas o seu egoísmo e má vontade não o permitiam. Deixemos que cheguem ao Além, pois fugirão e detestarão a desprezível Luz da Vida e da Verdade, muito mais que aqui.

6. Por acaso sou injusto, dizendo: Despertarei também a estes mortos de espírito quando partirem desta vida, e os julgarei dando-lhes o prémio para suas acções? Pessoalmente não serão julgados por Mim. Mas a Verdade eterna existente também dentro deles, que odiaram sobremaneira, julgá-los-á enxotando-os para longe de Mim. Porventura cabe-Me a responsabilidade por isso?

7. Não dizem os romanos: *Volenti non fit injuria?* (não se faz injúria àquele que consente?) Acaso deveria Eu desfazer-Me da Minha Luz e Verdade eternas, por uma espécie de amor para com os Meus inimigos, e vestir a veste da mentira e da mistificação? Certamente não há quem o deseje entre vós. Todavia, tenho para tais almas pervertidas dois consolos: Apontei a parábola do filho perdido e além disso existem na Casa de Meu Pai, muitas moradas, quer dizer, institutos de correcção e ensino, onde os demónios humanos podem ser educados e regenerados. Daí concluirás, Simão Judá, como interpretar o que por várias vezes expliquei.”

155. A NOÇÃO DA ETERNIDADE.

1. (O Senhor): “Certamente estais lembrados que **Eu nunca falei de um dia geral de ressurreição e julgamento, mas, de um**

especial dia para cada um, no momento em que a sua alma deixar o invólucro de provação terrena. Tal despertar não ajudará a todos para a imediata Vida eterna, mas igualmente para a morte sem fim, no que se deve considerar, que a palavra “eterna” não representa um tempo infinito. Do mesmo modo, o Infinito do Meu Espaço Criador não se prende exclusivamente a esse Espaço que realmente não tem começo nem fim, assim como Deus Mesmo, do Qual emana este Espaço, pleno de Obras do Seu Amor, Sabedoria e Poder de Vontade.

2. A Eternidade corresponde ao tempo nos mundos materiais; no Além, é ela o que aqui é o tempo. Isto não quer dizer não haver nela modificações, apenas indica que a Verdade e a Vida são eternamente e imutavelmente idênticas. **O erro e a mentira perduram igualmente eternamente, em confronto à Luz da Verdade e à Vida, sem que um indivíduo seja obrigado a permanecer eternamente neste contraste.** Sabeis ser Deus, o Eterno Amor, Sabedoria, Poder e Força, constantemente activo criando de Si para todo o sempre, e deste modo corporifica os Seus Pensamentos levando-os à futura emancipação, através do Seu Amor e Sabedoria, para o que existem tempo e espaço, na Eternidade e no Espaço Infinito.

3. Enquanto existir qualquer Criação, haverá para o Espírito Divino e Puríssimo, um objecto material e criado, de certo modo, objecto da vida experimental das trevas em oposição a Deus. Isto não quer dizer que tal objecto negativo deva permanecer obscuro e mau para toda a eternidade, tão pouco quanto esta Terra e o Céu visível com as suas estrelas perdurarão como são vistos. **Com o decorrer dos tempos desaparecerão e se dissolverão completamente, dando lugar a uma nova Criação.** Por isso digo desde já: **Eu faço tudo de novo, e vós sereis os Meus novos ajudantes criadores.**

4. Sois limitados em tempo e espaço, no entanto, encerrais dentro de vós coisas eternas e infinitas, assim como um grão de areia o faz, o que um dia haveis de compreender. Experimentai dividir um grão de areia e depois dizei-Me quando estiverdes prontos com a divisão. Julgo que ao mais exímio matemático tal tarefa se tornaria cansativa, porquanto jamais teria fim. Tanto nas pequeninas coisas quanto na Eternidade se oculta o Infinito. Se vos falo de Eternidade e Infinito, deveis compreendê-los no sentido justo, e não segundo o vosso intelecto materialista e míope. Acabo

de vos dar um alimento masculino e mais forte, vendo que alguns estejam mais ou menos aptos para o digerir.

5. Quando fordes divulgar o Meu Evangelho entre os povos, tereis que oferecê-lo como uma papa para crianças. Se fôsseis iniciar com os Ensinos que Eu vos transmito agora, os homens vos tomariam por loucos, e nem sequer vos dariam atenção. Aliás não vos compete preocupar-vos em tal sentido, pois na hora sabereis o que dizer. Tudo o resto será feito pelo Meu Espírito em todos que o receberem por vós, sendo renascidos em espírito. Nisto estará a prova evidente que as Minhas Palavras não são humanas, mas pronunciadas pela Boca de Deus. Estarás agora mais elucidado, Simão Judá?”

156. O JULGAMENTO FINAL.

1. Responde Simon Judá: “Senhor e Mestre, agora compreendi melhor. Mas confesso que a Tua Infinita Sabedoria quase me sufocou. Para a Tua Pessoa é tão fácil falar a respeito, quanto um dono de casa falaria dos seus instrumentos de lavoura. Todavia o nosso intelecto sente o peso da Tua Omnisciência e da nossa completa ignorância. Agradeço-Te pela Graça imensa que nos auferiste. Vejo, porém, não sermos capazes de transmitir todos os imensos segredos do mundo natural e espiritual.”

2. Digo Eu: “Nem é preciso, por ora. O Meu Espírito o fará entre muitos chamados para tal fim. Para os filhos de hoje é bastante que creiam em Mim e que vim do Pai, em carne, para que todos chegassem ao verdadeiro amor para com Ele e ao próximo, portanto à Vida Eterna. Fareis o papel da trombeta ouvida por todos, inclusive pelos que estão nos túmulos, os que o mar mantém aprisionados devido às suas infinitas tolices e pecados, – e todos surgirão e se libertarão, recebendo a veste da Vida.

3. **Quem for despertado pela trombeta (*revelação*), sê-lo-á para a Vida e não para a morte. Quem não quiser dar ouvidos ao som da mesma, não será despertado, mas ficará na noite da sua tumba e na prisão do mar, até à época em que toda a Terra será dissolvida pelo fogo. Semelhantes à época de Noé, se casarão e não se perturbarão com a voz dos Meus despertados. Estes serão imediatamente levados desta Terra, e os outros, entregues ao fogo destruidor, com os seus afins, para cujo surgimento os materialistas impenitentes concorrerão na maior parte.**

4. Eis o último julgamento nesta Terra, do qual se manifestarão pequenos indícios logo após a vossa existência. Além do mais não deveis pensar que tal fogo irromperá em diversos pontos da Terra, a um só tempo, mas sucessivamente, para dar tempo e espaço à regeneração humana. No íntimo indagais o destino das almas indomáveis. Lembrai-vos o que expliquei referente à Casa de Meu Pai, onde existem muitas moradas e institutos de correcção, portanto é fácil concluirdes o futuro delas.

5. Guardai para vós o que acabo de falar. As criaturas de hoje não poderiam compreendê-lo. Foi o motivo por que os judeus, quando se tornaram mais teimosos e ignorantes, não puderam compreender os dois livros de Moisés, guardando-os como apócrifos.

6. Os essênios souberam apossar-se deles em tempo, tirando as suas vantagens materiais, o que tampouco era da Minha Vontade, quanto poderia concordar que os homens se enterrassem nos pecados esquecendo-se de Mim, devido às capacidades auferidas por Mim. Ainda assim, enriqueceram-se com experiências boas e más, voltando-se para Mim em diversas épocas, preparando-se caminhos para a regeneração e a Vida. Deste modo, os essênios trarão bons conhecimentos para muitos.”

157. ORIENTAÇÕES DO SENHOR PARA JOÃO E MATEUS.

1. Nisto aparteia o Meu João: “Devo anotar algo em meus pergaminhos sobre o que tão magnanimamente nos ensinaste? Poderia ser útil à posteridade.”

2. Respondo: “Deixa estar. Na época precisa revelarei tais coisas pela boca de servos inspirados, videntes e profetas, aos homens de boa vontade. Nessa época, os por Mim ressuscitados e renascidos pelo Meu Espírito, serão levados a todas as Verdades e Sabedoria.

3. Além do mais importante da Minha Missão doutrinária nesta Terra, anotada em teu Evangelho permanente acerca das Minhas explicações e milagres, **mencionarás ter Eu ensinado e feito muita coisa não anotada neste Livro. Ainda que tudo fosse escrito em livros, o mundo, quer dizer, os homens não o assimilariam** (*Evangelho de João 20:30; 21:25*). Estas palavras, são quanto basta.

4. Seja suficiente para todos os que crêm em Mim, Me amam, cumprindo os Meus Mandamentos por amor, Eu revelar-Me-ei Pessoalmente a cada um, após o Baptismo em Meu Nome, fortificando-os pelo Meu Espírito dos Céus.” Enquanto as Minhas Palavras são de plena satisfação para João, Mateus opina: “Senhor, também eu fiz uma compilação dos Teus Ensinos e Feitos, entretanto não afirmaste que perdurariam.”

5. Respondo: “Também as tuas anotações subsistirão. As feitas do próprio punho existirão como escrita, em lugar qualquer, sem utilidade para os homens. Terás um substituto que escreverá em teu nome e cuja escrita persistirá. Portanto podes estar satisfeito. Agora vamos descansar, pois já é tarde. Amanhã haverá outras tarefas.”

6. Os dois peregrinos são levados, a Meu Conselho, a um recinto à parte, enquanto dormimos até à aurora, dirigindo-nos depois ao ar livre. A uns cem passos existe uma pequena colina que permite a visão das planícies do Eufrates, o Vale do Jordão até ao Mar Morto, uma parte de Jerusalém, Belém e uma quantidade de lugares até ao Líbano. O hospedeiro faz de explicador e palestra com os apóstolos.

158. FACTOS HISTÓRICOS DA CIDADE DE BASALTO.

1. Quando, no final, o hospedeiro pretende afirmar que a colina que ocupamos seja o Monte Nebo no qual Moisés fora transfigurado, contesto: “Meu caro amigo, te excedeste no conhecimento topográfico. A zona do Monte Nebo, do qual se avista a aromática Jericó, dista mais para Sul. Porventura também conheces o edificador da cidade de basalto em que habitas?”

2. Responde ele: “Senhor e Mestre, tenho poucas noções da Crónica. Segundo me parece, foram os Gaditas os construtores. A zona Norte teria sido posse do tronco Gade, e o Sul, com uma parte da feliz Arábia até ao Rio Eufrates, posse do tronco de Rubem. As demarcações de ambos os países teriam sido alteradas na época dos Reis.”

3. Digo Eu: “O teu cálculo está errado em cerca de mil anos. O construtor desta e de várias outras cidades foi Edom, que viveu antes de Abraão e era possuidor destas terras, parte importante da Arábia até ao Eufrates, ultrapassando Damasco e grande parte da actual Síria; portanto é esta cidade e muitas outras, obra de Edom e dos seus descendentes, portanto mais nova que Babilónia.

4. Neste momento, encontramos-nos na colina na qual Abraão e Edom ofereceram um sacrifício a Deus, segundo a sua fé no coração, demarcando os limites das suas terras. A zona para Oeste pertencia a Abraão, e as terras para Leste, a Edom e aos seus descendentes, que posteriormente se uniram aos de Abraão. Agora sabes quem foi o edificador destas cidades negras, tão sólidas que em mil anos não apresentarão vestígios do tempo.

5. A sua povoação sofrerá diminuição e pobreza. Embora actualmente ainda seja fértil, tornar-se-á deserto dando parca nutrição às manadas dos povos pastorícios, durante o inverno húmido, e não será aconselhável habitar-se por certo tempo, qualquer destas cidades. **Ainda assim, deve esta zona bastante deserta, florir novamente até ao Eufrates, dando abrigo abençoado aos homens de boa vontade.**

6. Diz o hospedeiro: “Já li predição semelhante no profeta Isaías. **Quando será? Poderias determinar a época, Senhor?**” (*Conferir no livro de Isaías 35:1-10*).

7. Retruco: “Isso depende da atitude dos homens, quer dizer, quando se desligarem dos seus regentes mundanos e aceitarem a Minha Soberania, como fora em tempos de Moisés e dos Juízes. **Todavia dou-te a afirmação, que não se passarão além de dois mil anos.**

8. No continente por ora ainda mui estéril a que chamais de Europa, e cujos povos vos regem actualmente, tal estado feliz ocorrerá ainda antes. Aqui, no velho continente, existe grande quantidade de pedras mui duras, não tão facilmente transformadas em terreno produtivo. As pedras duras correspondem aos corações endurecidos dos homens, que igualmente não se transformam em campos frutíferos na aceitação do Meu Verbo, de hoje para amanhã.

9. Digo mais: Antes que a décima parte dos habitantes do velho continente se encontre de plena posse do Meu Evangelho, a pior parte da Europa será mais abençoada do que a menor e melhor daqui. Será preciso muito fogo até que os inúmeros habitantes da Ásia se encontrem activos sob os raios de Meu Sol de Vida, a fim de se aquecerem para a Vida eterna.”

10. Aparteia o hospedeiro: “Ó Senhor, que tristeza! Certamente foi esse o motivo por que o profeta não determinou a época de tal estado feliz.”

11. Digo Eu: “Meu amigo, no Oeste tão longínquo, o Sol nasce muito antes que a Leste. Em compensação, lá se fará noite mais cedo

até que ele surja novamente. Neste quadro natural oculta-se sentido espiritual. **Através da Minha Pessoa, o Sol espiritual surgiu para vós, mais cedo. Em virtude disso, desaparecerá mais cedo. Quando ele aparecer novamente, não chegará a vós de Leste, mas de um país mui distante, quer dizer, do Oeste. Tudo se dá dentro de determinada ordem, seja material ou espiritualmente.** Tempo virá em que o compreenderás melhor.”

159. A NATUREZA DO SOL.

1. Opina o hospedeiro: “Senhor e Mestre, nem o mais sábio serafim atingirá a compreensão daquilo que pronuncia a Tua Boca. Há um ponto que desejo abordar pelo motivo de o Sol estar surgindo tão luminoso, o que dificilmente ocorre devido às neblinas provocadas nos vales. Acaso é o Sol um fogo, cujas labaredas são tão fortes que não existe comparação? Mas se no inverno o seu brilho é igual ao verão, acredito não ser propriamente fogo. Formamos uma comunidade de romanos, gregos, árabes e egípcios, de sorte que as opiniões são diversas.”

2. Digo Eu: “Todos vós estais rodeados pelas trevas mais densas da superstição. Quem quiser entendê-lo, saiba que o surgir e desaparecer do Sol são apenas aparentes. Dia e noite sucedem-se devido à rotação da Terra, que não é um disco como julgais; é uma esfera bastante grande, dando-se dia e noite como consequência de uma rotação, para a qual a esfera terráquea necessita aproximadamente vinte e quatro horas.

3. O Sol também é uma esfera, um milhão de vezes maior que a Terra. O seu tamanho pequeno é o efeito da sua grande distância. Se Eu te desse o número de horas que o Sol dista da Terra, não poderias fazer uma ideia exacta porque te faltam conhecimentos numéricos da Arábia. Imagina uma distância de quarenta e quatro milhões de horas – número que os árabes aqui presentes poderão explicar – e terás uma leve noção da distância do Sol. Ele não circunda o planeta para efectuar dia e noite, ou segundo a superstição de romanos e gregos, tomar um banho no grande mar, a fim de voltar com o mesmo brilho. A Terra faz o seu percurso em redor do Sol em trezentos e sessenta e cinco dias, e este segundo movimento do planeta produz um ano com as seguintes estações: primavera, verão, outono e inverno.

4. **O Sol em si não é fogo, pois a sua forte luz provém da irradiação da superfície atmosférica, produzida pela rotação em redor do seu próprio eixo, e mais ainda pela velocidade extraordinária com que gira em torno de um Sol Central mui distante.** Através desses movimentos do Sol no Espaço se produz forte electricidade, e o seu brilho é idêntico ao de um raio, com a diferença que no Sol tal irradiação é constante, enquanto o raio se desenvolve devido ao atrito de certas partes do ar, em grau diminuto e de pouca duração.

5. Existem na Terra certas zonas que desenvolvem electricidade em força maior, iluminando tais locais durante horas. Quem quiser convencer-se disto, pode viajar para a África onde se elevam cordilheiras enormes, e avistará esses fenómenos em quantidade. A observação dos mesmos será mais desagradável do que as tempestades destas zonas, quando as criaturas se ocultam no subsolo, em vez de se maravilharem com o fulgor de inúmeros raios e o seu estrondo.

6. Nem todos os fenómenos da Terra pequenina se prestam a despertar tamanha confiança no homem, que o tornasse firme observador, sem susto e medo. Se isto se dá aqui, quanto mais no Sol, corpo cósmico tão colossal. Em espírito haveis de observar tudo isso com a maior satisfação. Enquanto viverdes nesta Terra, não será possível.

7. Com isto termino de explicar qual o motivo do brilho do Sol. **O que ainda não assimilas na perfeição, os Meus filhos na Europa serão capazes de calcular pelos dedos, daqui a mil e tantos anos, diminuindo e finalmente exterminando a superstição antiga.** Para vós, é o suficiente crerdes em Mim e agirdes segundo a Minha Doutrina. Tudo o resto ser-vos-á dado oportunamente.”

8. O hospedeiro Me agradece pelo Ensinamento, dizendo que combinava com uma visão proporcionada pelo espírito do profeta Elias de cujos parentes ele mesmo descendia. “Nesse sonho”, prossegue ele, “via-me acima da Terra percebendo-a como enorme esfera. Perguntei ao espírito o que era aquilo, e ele respondeu: “Isto saberás Daquele Que foi antes de mim e sempre o será. – Em seguida acordei.” Ao terminar este relato, um empregado nos chama para o desjejum.

160. O SENHOR PREDIZ A RECEPÇÃO DOS FORASTEIROS JUNTO AO REI.

1. Quando tomamos lugar no refeitório, aproximam-se os dois peregrinos e se sentam, tímidos, na sua mesa pequena. Então chamo-os para tomarem a refeição em nossa companhia, inspirando-lhes coragem e consolo, levando-os a relatos extensos acerca do seu rei e dos sacerdotes.

2. Aparteio: “Para os vossos sacerdotes, dentro em breve soará a última hora. O actual regente modificar-se-á, quando dentro de alguns anos tiver conhecimento da Minha Pessoa. Se lhe fordes pagar o imposto, decuplicado, caso ele o aceite, amavelmente inquirirá de onde adquiristes tanto ouro e prata. Então relatai com modéstia, onde estivestes e o que assististes além do Eufrates.

3. Com prazer ouvirá o vosso relato e falareis com ele a respeito de Abraão, Moisés e os demais profetas, mormente da Minha Pessoa, porquanto sou Aquele – se bem que Encarnado – de Quem profetizaram todos os profetas. Dentro de algum tempo enviarei os Meus mensageiros, que demonstrarão tudo o que ouviram e viram. Chegando à vossa cidade, hão-de procurar-vos primeiro, para serem conduzidos ao rei.”

4. Após tomada a refeição, digo-lhes: “Podeis partir sossegadamente, pois à frente da casa encontrareis o indispensável para a viagem.” Ambos se levantam e de passagem lançam um olhar furtivo pela porta para verem o que os esperava na rua. Qual não é a sua surpresa ao depararem com seis camelos. Quatro estavam carregados com ouro e prata, e dois atrelados deviam levá-los à pátria. Muito embora a viagem fosse longa e perigosa devido aos bandos de beduínos, os peregrinos chegaram à sua terra, incólumes. Imediatamente procuraram o rei, que os nomeou para procuradores do Estado e lhes devolveu as famílias ricamente trajadas.

161. A DIVULGAÇÃO DA DOCTRINA EM BABILÓNIA.

1. **Alguns anos mais tarde, o apóstolo Mateus e um seu acompanhante foram bem recebidos por aquele rei, durante a viagem para a Índia, e permaneceram na corte durante meio ano. Na sua partida, o soberano deu-lhes escolta segura até aos limites do seu reino. Deste modo, foi Mateus uma das primeiras testemunhas**

da Minha Pessoa naquela corte, querendo fazer conversões entre os pagãos na cidade chamada Babilónia, conquanto a antiga formava apenas grande montão de entulho, a boa distância dali.

2. O rei o desaconselhou dizendo: “Basta que eu e a corte saibamos qual a nossa crença; do resto, eu e o meu filho trataremos, pois não vos quero expor à fúria incontida dos meus sacerdotes. Quando com o tempo se extinguirem, tratarei de impedir sucessores para poder agir mais facilmente com o povo.” Satisfeitos com a informação, os apóstolos desistiram de propagar a Doutrina entre os povos daquele soberano.

3. **Sete anos mais tarde, Pedro e o seu filho Marcos lá chegaram igualmente**, e foram bem recebidos, porém insistiram em divulgar o Evangelho ao menos na cidade. O rei, amigo de ambos, novamente desaconselhou tal empreendimento sabendo qual a índole dos sacerdotes de Baal, e disse a Pedro: “Vivemos em um país que principalmente a Leste até ao Rio Ganges, está fervilhando de feras e bestas selvagens, inclusive de ervas venenosas. Onde Deus, o Senhor, permite tal acúmulo de animais e plantas nocivas, tanto o solo quanto o ar estão repletos de maus espíritos e demónios, ávidos quais leões, panteras e hienas a tragarem almas humanas.

4. Tais feras selvagens são perigosas; muito mais, porém, são os sacerdotes de Baal. Cada um abriga dentro de si, no mínimo mil diabos, e somente eu me oponho com severidade e soldados, que na maior parte são judeus, gregos e romanos. Eu mesmo sou vassalo de Roma, cujo império chega até ao Ganges, onde começa o Reino da Índia cujos limites ninguém conhece.”

5. Se bem que o conselho agradasse a Pedro, sentiu o forte desejo de falar com alguns cidadãos a respeito da Minha Doutrina e do Meu Reino, facto que naturalmente chegou aos ouvidos dos sacerdotes que enviaram os seus fâmulos, pedindo ao apóstolo falar-lhes da sua religião benfazeja. Por muito tempo, Pedro não se deixou tentar, mormente pelas advertências do seu filho Marcos que sempre lhe dizia: “Deixemos a orientação entregue ao rei que, deste modo, certamente não agiremos contra a Vontade do Senhor.”

6. **Passados alguns anos, Pedro, certa vez, dera um passeio fora da cidade onde encontrou vários mendigos e enfermos. Os primeiros beneficiou, e aos doentes ele curou pela Força do Meu Espírito dentro dele. Assistiram ao milagre vários sacerdotes de Baal, que prontamente reconheceram o apóstolo e lhe pediram insistentemente acompanhá-los a um arrabalde.**

7. **Pedro cedeu aos seus rogos** porque lhe disseram que havia algures grande número de enfermos incuráveis, e caso ele os curasse, todos os sacerdotes haviam de aceitar a sua religião e destruiriam os seus templos pelas próprias mãos. Após algum tempo de caminhada, chegaram realmente a certo local, onde viviam muitos enfermos e possessos; todos curados e libertos por Pedro, inclusive ele ressuscitou um morto. Os curados naturalmente começaram a elogiá-lo, dizendo: “Deves ser enviado por um deus verdadeiro, de contrário não poderias efectuar estes milagres, pela simples palavra, o que os nossos deuses nunca foram capazes.”

8. Os sacerdotes encheram-se de ódio, mas aparentemente foram muito amáveis, pedindo a Pedro para visitar ainda outro lugar, ao qual se chegava atravessando um pequeno bosque de mirtos e roseiras. Neste bosque, **os sacerdotes de Baal lançaram-se sobre o apóstolo, despindo-o e matando-o de imediato; depois penduraram-no pelos pés a uma árvore de mirtos. No tronco ataram uma viga transversal, amarrando as suas mãos e assim o deixaram, voltando à cidade, por outro caminho.**

9. O rei, sentindo falta de Pedro, mandou que o procurassem por toda parte, inclusive fora da cidade, e somente no segundo dia foi ele encontrado no bosque de mirtos, terrivelmente massacrado. Entrementes, recebia notícias pelos curados, que Pedro fora trazido pelos sacerdotes à vila, onde operou grande milagre e até mesmo ressuscitou um morto; também foi informado pelos curados, que os sacerdotes haviam convidado a Pedro para se deslocar a outra zona.

10. Sumamente entristecido, **o rei mandou enterrar os despojos de Pedro na cripta real, com todas as honras, mandando transportar para ali a árvore de mirtos.** Dos dois mil sacerdotes, o rei não poupou um sequer, e mandou levá-los a um deserto, em quatrocentas carroças, onde ficaram expostos à voracidade das feras. Com a ajuda do soberano, **Marcos e os dois procuradores do Governo conseguiram converter quase toda a cidade e, passado um ano, o país inteiro aderiu à Minha Doutrina.**

11. Acabo de dar-vos conhecimento, onde e como pereceu o primeiro apóstolo deste mundo; portanto, **não foi em Roma, muito menos em Jerusalém, mas na nova cidade de Babilónia, que posteriormente passou a chamar-se Bagdade.** Esta ocorrência não foi relatada aos discípulos em casa do hospedeiro, mas somente para vós, na época actual, de sorte que podemos voltar à situação anterior, quer dizer sentados à mesa.

162. O SENHOR ABENÇO A ZONA DESERTA.

1. Nisto, o anfitrião pergunta se Eu não poderia demorar alguns dias em sua casa. Respondo: “Caso creias em Mim, Me ames e sigas a Minha Doutrina, sempre ficarei contigo em Espírito. Fisicamente não Me demorarei nesta Terra. O Meu Tempo se está findando, e muito tenho que fazer algures, de sorte que partirei para o Sul, com os Meus adeptos.”

2. Tomamos mais algum pão e vinho e nos preparamos para partir. Após ter abençoado o hospedeiro e todos os moradores, eles Me agradecem e ele próprio nos acompanha por duas horas, em que lhe revelo vários segredos da vida, dando-lhe grande incentivo.

3. Seguimos sobre solo mui estéril e abandonado, onde encontramos apenas alguns pastores que prontamente nos pediam esmolas e, às vezes, as exigiam com atrevimento. Os apóstolos e adeptos, bastante numerosos, começaram a ameaçá-los para que se afastassem, do contrário enfrentariam calamidade maior. Os pastores se juntaram em número de trinta e faziam menção de nos atacar, dizendo impropérios em árabe, idioma conhecido pelos Meus. João e Pedro então dizem-Me: “Senhor, não dispões de raios e trovões? Faz o mesmo que foi feito aos sodomitas, para enxotar esta gentilha!”

4. Digo Eu: “Ó filhos do trovão e da ira! Porventura deveria castigar estes infelizes, mais do que já são? É melhor fazerdes o bem, que prontamente se manifestarão de modo diferente.” Chamando os pastores para perto de Mim, digo: “O nosso grupo não dispõe de ouro e prata, muito menos Eu, o Senhor. E ainda que vos ofertássemos dinheiro, de nada vos serviria neste deserto. Poderei ser útil de maneira diversa. Tenho Poder de abençoar o vosso terreno, para suprir as vossas manadas de forragem e água, caso seja do vosso agrado.”

5. Respondem os homens: “Se disto fores capaz, ficaríamos muito satisfeitos, pois ouro e prata de nada nos adiantariam.” Às palavras dos pastores, levanto as Mãos, agradeço e abençoo a zona que imediatamente se cobre de pastos, fontes abundantes aparecem em vários pontos, e os habitantes são supridos de pão e sal. Eles se ajoelham, louvam-Me sobremaneira dizendo não ser Eu humano, mas um deus. Em seguida nos oferecem pão e leite, e mesmo quando já longe dali, ouvíamos os agradecimentos efusivos dos pastores.

6. A caminho, digo então aos adeptos: “Agora julgai pessoalmente, o que seja melhor: Fazer-se o bem aos que nos querem mal, ou pagar o mal com o mal. Amai os vossos inimigos, abençoai-os e fazei o bem a quem vos prejudicar, que juntareis brasas em suas cabeças, fazendo muitos amigos.

7. Segui o Meu Exemplo, que poucas serão as pedras de escândalo no vosso caminho. Mas ai de vós, se enfrentardes os que vos ameaçam com pedras nas mãos, com a mesma reacção. Nesse caso haveis de sofrer grandes tribulações na Terra. **O amor gera o amor, – a ira e o castigo terão a mesma reacção.**”

8. Os discípulos guardam o ensinamento no coração e prometem considerá-lo até ao fim da vida. Então digo-lhes: “A maioria o fará, entretanto, vejo alguns de entre vós que, não obstante o Meu Conselho, se servirão de ameaças e castigos, em ocasiões reaccionárias. Com isto jamais terão bom fruto na divulgação da Doutrina.”

163. O SENHOR NA CIDADE SITUADA NO MONTE NEBO.

1. Durante esta Minha Explicação, chegamos a outra cidade antiga, habitada por romanos, gregos e judeus, e a sorte quer que deparemos com alguns judeus e fariseus. Reconhecem-Me imediatamente e comentam: “Lá vem o nazareno que durante a última festa no Templo operou vários milagres, certamente copiados dos essénios, doutrinou no átrio e se dizia mais idoso que Abraão e outros patriarcas.

2. Por pouco foi apedrejado, pois irritou-nos por demais, quando pretendeu classificar-nos como idiotas, perante o povo. Além disso, alegou ser filho de Deus, no que acreditaram os seus adeptos e a multidão. Todavia, ele não liga para o sábado, é comilão e beberrão, priva com publicanos e pecadores. Nós, sempre fiéis às Leis de Moisés, somos ultrajados por parte dele que nos garante a eterna condenação.

3. Compreende-se não sermos amigos de tal homem e, além de tudo, sabemos a sua procedência. De maneira alguma é tolo, pois entende muito bem como conquistar romanos e gregos através dos seus discursos e magias, pretendendo o nosso extermínio. Isso ele não conseguirá! Que não repita as suas visitas ao Templo, do contrário poderá certificar-se da pretensa filiação de Deus de

maneira tal, que jamais se esquecerá. Faz a sua catequese nestas cidades pagãs, com a intenção de instigar os seus habitantes contra nós. Nada conseguirá com isto. Jerusalém será sempre Jerusalém, ainda que milhares de filhos de Deus se oponham.”

4. Como já tivéssemos chegado mais perto, ouvimos as últimas palavras, e os discípulos reclamam por Eu permitir tal abuso. Então respondo-lhes: “Se isto vos aborrece, procurai amarrar a boca de cada um. Será melhor passarmos silenciosos. Deixemos os cães latirem; enquanto assim fazem, não mordem. Caso pretendam atacar-nos, demonstraremos que a nossa boca tem dentes, e as mãos, unhas.”

5. Consigo acalmar apenas um pouco os ânimos dos adeptos, que sentem forte vontade de retrucar os insultos dos fariseus; contudo, controlam-se e seguem o Meu Exemplo: passamos sem dar importância ao grupo. A sua curiosidade, porém, leva-os a se adiantarem, e quando atingimos a porta da cidade, dois fariseus nos barram a passagem. O primeiro se dirige a Mim, com rispidez, perguntando o que tinha em mente, e se pretendia apenas passar pela cidade. Respondo: “Acaso és delegado, ao qual compete fiscalizar os forasteiros e fazê-los apresentar os passaportes?”

6. Diz ele: “Não sou delegado, mas reitor da comunidade judaica com direito de fiscalizar os viajantes, mormente a ti e aos teus companheiros, porquanto te conheço de Jerusalém e sei não seres nosso amigo. Não respeitas os nossos princípios e, além disso, não podemos de nossa parte aceitar o que alegas diante do povo. És inteligente, bom orador e operas milagres que estonteiam a todos; todavia és nosso inimigo e tentas exterminar-nos a nós que procuramos respeitar a Lei. Vê lá, se no final consegues realizar a tua intenção, pois os milagres aprendidos com os essênios serão descobertos e então saberemos quem realmente és. Aos pagãos podes facilmente enganar; os amigos descendentes de Abraão, não! Se na realidade tens poder divino, dá-nos uma prova para acreditarmos na tua superioridade, levando-nos à crença seres mais do que todos os essênios e feiticeiros do mundo.”

7. Respondo: “Já dei as maiores provas, em quantidade, e que jamais um humano poderia efectuar; entretanto alegais ter Belzebug, chefe dos demónios, dado o seu auxílio. Se com crença idêntica os vossos antepassados apedrejaram quase todos os profetas, – como poderia existir dentro de vós um vislumbre, para poderdes perceber a Verdade da Minha Doutrina e Acções?”

8. É Belzebug vosso pai, que vos faz agir segundo a sua inspiração diabólica, o que facilmente percebo. Foi o motivo pelo qual tantas vezes Me acerquei de vós, querendo libertar-vos das suas algemas; no entanto, preferis continuar como seus servos, em vez de vos tornardes servos do Deus unicamente Verdadeiro, que nunca conhecestes. Continuai portanto ao seu serviço. Eu continuarei na Minha Missão e em breve farei ver à Humanidade quem sois, e Quem Eu Sou. Não nos detenhais e passai bem, em nome daquele a quem servis.”

9. As Minhas Palavras ofendem os fariseus de tal forma, que querem levar-Me com os discípulos, perante a autoridade. Eu protesto, dizendo: “Sou Eu o Senhor e farei o que quero. Tratai antes de vós, para não serdes levados à autoridade, antes de nós! Aqui vim, calmamente, sem querer molestar quem quer que seja, por palavras ou gestos, muito embora tivesse ouvido a vossa opinião a Meu respeito. Teria direito de vos chamar à responsabilidade sobre as observações, que de modo algum poderiam agradar aos Meus discípulos. Por isso repito, ser Eu o Senhor e tenho Poder de entrar na cidade, sem Me deixar deter por vós. Se isto não vos basta e querendo insistir na vossa intenção, saberei enfrentá-la.”

10. Às Minhas Palavras, Dismas começa a reflectir e vira-se para os companheiros: “Deixemo-los seguir em Nome de Deus. É preferível voltarmos ao nosso grupo, pois da minha parte não quero entrar em choque com pessoas dotadas de poderes ocultos. Caso ajam contra a Vontade de Deus, Ele saberá castigá-los; se não for assim, nada arranjam contra eles.” O colega de Dismas não aceita a sugestão e quer chamar os outros, que chegavam lentamente na retaguarda, pois quer que sejamos levados perante a autoridade.

11. Com rigor, protesto: “Até aqui, e não mais além, agirá a vossa ira demoníaca contra Mim e os Meus discípulos! Chamarei vigias até amanhã, que impedirão a vossa entrada por qualquer porta. E nesses vigias constituirá a prova que exigistes de Mim, e espero reconheçais ser Eu, em Plena Verdade, o Senhor sobre toda criatura nesta Terra, e muito mais do que podeis imaginar. Assim quero, e assim seja!”

12. No mesmo instante, quatorze leões se postam diante dos dois fariseus, e um deles agarra o companheiro de Dismas levando-o junto dos outros. Dismas lança-se aos Meus Pés, pedindo poupá-lo, porquanto a sua opinião sobre a Minha Pessoa o levava por diversas vezes a defender-Me perante o sinédrio. O resultado era o

mesmo que atirar azeite ao fogo e finalmente foi obrigado a ladrar com os cães. Podiam os colegas distrair-se com os leões, que pouca importância lhes daria. Digo-lhe: “Leva-nos à cidade, a um bom albergue; em seguida procura o delegado Titus e informa-o estar Eu naquele albergue.”

164. O MILAGRE NO ALBERGUE ROMANO.

1. Ao entrarmos, mais tarde, no albergue próximo, o dono, romano na íntegra, nos cumprimenta com amabilidade e pergunta dos nossos desejos. Digo Eu: “Conquanto o Sol esteja em declínio e tivéssemos tomado apenas algum pão pela manhã, ainda é cedo para o jantar. Manda trazer pão e vinho, por enquanto.”

2. Responde ele: “Caros amigos, tenho pão, carne de porco e carneiro defumado. Aves, peixes e vinhos são raros nesta cidade. O Vale do Jordão é mui longe e o caminho bastante difícil, de sorte que somos obrigados a comprar o necessário de outras zonas. O nosso solo é estéril devido à falta de água, pois dispomos apenas de cisternas. Trarei algum pão e leite.”

3. Virando-me para ele, digo: “Em vez de leite, dá-nos água da tua cisterna.” Solícito, ele traz um grande cântaro de pedra, cheio de água fresca, e alguns pães de centeio, explicando: “É a única espécie de cereal que nasce aqui, pois o trigo não progride, e somos obrigados a importá-lo de Damasco ou de Babilónia, ainda mais distantes. Dai-vos por satisfeitos com o que tenho.”

4. Digo Eu: “Tudo é bom, quando abençoado por Deus.” Obsta o hospedeiro: “Logo vi serdes judeus, porque não ligastes à carne de porco. A meu ver, caso existisse um deus, ele deveria ter abençoado igualmente a carne de porco. Sou romano e cumpro as leis de Roma, muito boas conquanto não tivessem deuses como autores. De que servem determinadas leis divinas, escritas em linguagem incompreensível e aproveitadas pelos sacerdotes segundo o seu egoísmo? Para nós, os deuses são os anos ricos em colheitas e as forças elementares que as produziram. Desejo-vos bom apetite.”

5. Retruco: “Manda trazer um cálice para cada um de nós, e vem beber connosco.” Ele obedece e bebe primeiro, pensando ser preciso animar-nos a tomar a água. Após o primeiro gole, ele pára e diz admirado: “Mas, o que vem a ser isto? Trouxe água, e agora bebo vinho, semelhante ao que tomei certa vez na Ilha de Chipre.”

6. Digo Eu, após ter enchido a Minha taça: “Toma sem susto, pois certamente dispões de reserva maior.” Diz ele: “Sim, a minha cisterna está pela metade, e se contiver vinho em vez de água, estaremos supridos além de um ano. Aqui deu-se um milagre, e pela primeira vez acredito em coisas fantásticas, não obstante nunca tivesse crido, mas alimentava aversão aos feitos de certos sacerdotes e feiticeiros. O meu pai explicava como se realizavam as suas maravilhas despertando a minha indignação. Quanto a este, é diferente, e com o tempo hei-de descobrir como foi feito.”

165. AS CONJETURAS ACERCA DO MILAGRE.

1. Nisto, chegam Dismas e o delegado, levando-me a dizer ao anfitrião: “Traz mais duas cadeiras e duas taças. Vim a esta cidade para fornecer justamente a estes dois, uma prova integral da Minha Glória.”

2. Ambos tomam lugar à mesa; quando começam a beber, exclamam: “Onde compraste este vinho de Chipre? Desconhecíamos que tinhas esta reserva de vinho.” Responde ele, encabulado: “Meus senhores, este vinho foi tirado da cisterna de água, ainda que não acrediteis. Estes hóspedes pediram água da cisterna, que se transformou em vinho. Sabeis não ser eu de fácil crença, mas aqui deu-se um milagre.”

3. Diz o delegado: “Quero ir à cisterna e provar a água lá mesmo, e veremos se é realmente milagrosa.” Em companhia do hospedeiro, ele prova a água e verifica ser vinho. Sumamente alegre, ele volta com o cântaro cheio, à nossa mesa e diz: “Nunca vi milagre idêntico. E só pode ser feito por Deus.”

4. Dismas, que já havia tomado o segundo cálice e se sentia um tanto eufórico, diz: “Qual é o lucro dos judeus fanáticos terem enfrentado o Verdadeiro Senhor da Glória com a sua estupidez? Certamente estarão suando de pavor, diante dos quatorze leões, enquanto aqui nos fartamos com vinho semelhante ao de Chipre. Por isso afirmo, não é simples homem Quem chamou de momento aquelas feras e de modo semelhante transformou a água em vinho, – mas alguém pleno do Espírito de Deus. Os lá fora dificilmente o compreenderão, mas talvez os leões vigias, expulsem os seus demónios, fazendo-os mais acessíveis à Verdade divina. Tu és o Senhor, e poderás fazer o que Te aprouver.”

166. A CONVERSÃO DOS FARISEUS.

1. Este discurso desperta a curiosidade do delegado, que Me pede acompanhá-lo à frente da cidade, pois tem pavor dos leões. Eu o acalmo: “Vai com Dismas, que nenhum animal te prejudicará.” Quando lá chegam, os fariseus pedem libertação daquela praga, ao que o delegado retruca: “Dirigi-vos ao Senhor, ao Qual ultrajastes tremendamente. Somente Ele poderá determinar tal ordem.” Bradam os outros: “Pedi-lhe vós, que Ele Se apiade da nossa aflição, pois queremos crer Nele.”

2. Ao Me transmitirem tal pedido, respondo: “Urge não se pagar o mal com o mal, portanto devem eles ser libertos.” No mesmo instante, os leões afastam-se e os fariseus se aproximam cheios de fé e são fortificados com água da cisterna. Aquele que em companhia de Dismas tentou barrar-Me a passagem, diz: “Senhor e Mestre, agora acredito seres realmente Aquele a Quem esperam todos os judeus e pagãos.

3. Se tivesses vindo conforme Te anunciaram quase todos os profetas, não teríamos feito oposição. A Tua Aparição é tão surpreendente que de modo algum podíamos supor o Messias na Tua Pessoa. Quase todo o mundo conhecia a Tua Procedência, em Jerusalém, pois muitas vezes o Teu pai vinha fazer serviços de carpintaria, no qual Tu e os Teus irmãos o ajudavam. De súbito, surgiste como doutrinador, em meio de vários discípulos e começaste a atestar contra nós. Isso explica o crescimento do ódio contra Ti, que afirmavas diante do povo, não sermos servos de Deus, que desconhecíamos, mas lobos vorazes em pele de cordeiro, atirando os incautos às trevas.

4. Além disso, desviaste o povo através de milagres extraordinários, reduzindo a nossa renda por duas mil libras de ouro, no decorrer de dois anos e meio. Divulgaste seres o Filho de Deus Vivo, com que deste um forte golpe à antiga Lei de Moisés, onde consta: Eu, somente, sou o vosso Deus e Senhor, no Qual deveis crer e confiar. Fora de Mim não há Deus, por isso não deveis venerar outros deuses ao Meu lado.

5. David deu igualmente outra versão da Chegada do Messias, pois disse: Abri as portas para que possa entrar o Rei da Glória. Quem é este Rei? Jehovah Zebaoth! – Dotado de raciocínio humano, compreenderás a dificuldade de seres reconhecido como Rei da

Glória, devido à Tua posição de carpinteiro, nem ao menos como profeta, pois consta não poder surgir um da Galileia.

6. Senhor, perdoa-me se me expresso tão francamente, expondo os motivos pelos quais os fariseus, sumo-sacerdotes, levitas e outros judeus sujeitos ao Templo, Te dedicam tamanho ódio, sendo que os milagres os irritavam sobremaneira. Eu e outros julgávamos teres aprendido tais coisas junto dos essênios querendo auferir-lhes maior terreno, em virtude da política de Roma que os favorece e ao mesmo tempo se aproveita daquela seita.

7. Conhecemos muito bem os milagres essênios e deles aprendemos alguma coisa, secretamente, o que explica a nossa antipatia contra Ti, pois nunca nos demos ao trabalho de analisarmos os Teus Feitos. Confesso, por isso, que somente agora, nesta antiga cidade pagã, recebi o justo conhecimento.

8. As duas provas aqui operadas, esclarecem as outras, abafam os milagres fúteis dos essênios, e Te representam como o Anunciado por David. Nesta zona não há leões, comuns na África e raramente se perdendo na Arábia. Ao Teu simples aceno, apareceram quatorze, realmente criados por Ti. Se isto fizeste, facilmente pudeste transformar a água da cisterna em vinho imperial do Chipre, do qual somente uma vez provei pequeno cálice, à mesa de Herodes. É-me indiferente se conheces o meu nome. Mas Te asseguro que eu e os meus colegas jamais havemos de discordar de Ti, junto ao sínédrio. No íntimo acreditamos em Ti, venha o que vier.”

167. A PREDIÇÃO FEITA A BARNABÁS.

1. Após esta justificativa por parte do fariseu, chamado Barnabás, digo: “Aceito a tua confissão e te perdoo os pecados. **A quem Eu perdoar, será perdoado no Céu, como na Terra.** Um dia serás um bom operário na Minha Vinha e muito terás que suportar por causa do Meu Nome. Lembra-te das Minhas Palavras quando tal acontecer, mas nada temas, pois não te deixarei sozinho. Nestes dias, o Reino do Céu passa pela violência e quem não o conquistar por esse meio, não entrará nele.

2. O tempo que passarei entre os homens, é curto. Serei transfigurado de modo mui desagradável e triste, podendo somente então fundar um Reino Eterno da Vida para os que crerem em Mim. Lá viverei com todos os Meus. Acredita-Me, quem crer em Mim, vivendo segundo a Minha Doutrina, amar-Me acima de tudo e ao

próximo como a si mesmo, receberá na Terra a Vida eterna e jamais morrerá, ainda que fosse possível morrer cem vezes. A sua alma viverá com o Meu Espírito dentro dela, para todo o sempre, mui feliz regendo Comigo na Eternidade.”

3. Todos estão contentes com a Minha Promessa, na qual acreditam fielmente. Nisto, o hospedeiro pergunta se deve preparar a ceia. Respondo: “A ceia preferida por Mim, é que Eu tenha reencontrado e conquistado todos os que pertencem ao Meu Tronco. Pergunta aos outros se desejam cear.”

4. Barnabás levanta-se e diz: “Senhor e Mestre, também para nós, consiste a Tua Vinda e a nossa fé em Ti, a melhor ceia. Aliás temos pão e vinho de sobra. Que mais precisamos?”

5. Viro-Me para o anfitrião e digo: “Vê o que tens na despensa, aproveitável para os judeus.” Dentro de poucos instantes, ele volta cheio de alegria, dizendo: “Eis outro milagre! Todos sabem quão difícil é achar-se peixes nesta zona, entretanto a despensa está de tal forma abarrotada que nos suprirá por três dias. Já dei ordens para o seu preparo.”

6. Confirmam Dismas e Barnabás: “Para Deus, tudo é possível, e nada nos admira em Sua Presença. Se povoou mares, lagos e rios com toda a sorte de peixes, facilmente podia fazer surgir-los aqui. Assim confessamos que neste Jesus de Nazaré habita a plenitude da Divindade.”

7. Aduzo: “Continuai nesta fé e não vos deixeis seduzir por quem quer que seja. Por essa fé em Mim sereis justificados perante a Minha Pessoa, e vos darei a Vida eterna despertando-vos no Dia final.”

168. O TESTEMUNHO DE FÉ DO DELEGADO.

1. Eis que se levanta o delegado, sentado à nossa mesa: “Senhor, sabes ser eu romano bem equipado em todas as ciências, do contrário não seria delegado de uma das maiores comunidades situada no Monte Auram. Em virtude dos meus conhecimentos, compreende-se eu desprezar desde pequeno o politeísmo, dando preferência a qualquer homem instruído, em detrimento dos “nossos” deuses egípcios, gregos e romanos. Já em tempos do Imperador Augusto, muito foi feito no sentido de exterminar-se o politeísmo, pois ele sabia rodear-se de homens intelectuais de todos os países; por isto baniu o poeta Ovídio que havia escrito uma

espécie de doutrina de deuses sob o nome “Metamorfozes”, no que o incentivaram os sacerdotes por remuneração considerável.

2. O sucessor de Augusto seguiu-lhe o exemplo. Fui por ele educado e devido à minha índole anti-politeísta atingi posto tão elevado, pois não conto ainda trinta anos. Mas com a negação do politeísmo, neguei igualmente a fé da imortalidade da alma, o que achava justo. Tornei-me epicurista pela crença, não extraída de livros intelectuais, mas como fruto de várias experiências. Com muita atenção estudei as obras de Sócrates, Platão e Orígenes. As suas provas sobre a sobrevivência da alma, silenciaram com a morte da criatura, porquanto não encontravam ressonância dentro da natureza. Não fosse assim, tais autores deveriam ter dado provas das suas ideias, o que seria de suma importância para nós. Sou de opinião que uma alma deveria preocupar-se com o efeito das suas obras intelectuais.

3. Todavia, tais homens nunca deram o menor sinal daquilo que afirmavam, enquanto as provas da não-existência da alma se apresentam a todo momento. Tudo que vemos, existe somente por certo tempo, não vem ao caso a sua duração. De tal modo me sintonizei com esta verdade que não tenho o menor temor da morte, mas a desejo cada vez mais. A minha consciência actual diz-me que anteriormente à minha existência, se passaram eternidades sem que me tivessem despertado sofrimento e tristeza, por não ter sido testemunha das mesmas.

4. O destino e as forças da natureza me fizeram surgir para uma existência consciente, factor do qual nunca descobri causa e efeito. Certamente quiseram despertar certa admiração com a sua criação. Mas que tenho eu a ver com isto? Os mundos e os seus milagres não existem para quem nunca viveu. Por este motivo não desprezo o que encontrei no mundo. É apenas fútil e sem valor. O maior valor para mim é o não-ser; pois não existindo, não penso, nada quero e faço, não tenho consciência, boa ou má, e não me torno devedor de quem quer que seja, não sou obrigado a respeitar leis e não temo o castigos dos homens, muito menos por parte de deuses.

5. Tal foi a minha e a confissão dos meus genitores, da qual a natureza nos fornece motivos e provas irrefutáveis. Quando via os judeus orarem e fazerem penitências, lastimei-os pela ignorância, positivando uma superstição, cujos autores deveriam ser os sacerdotes que se deixam servir e alimentar pelos homens.

6. Não me satisfiz com isto e estudei os livros dos judeus. Confesso serem mui místicos e incompreensíveis. Achei apenas favorável a divulgação de um só deus, bom e justo; entretanto não faltam ameaças de castigos eternos, idênticos nos ensinamentos dos egípcios, gregos e romanos. Deixei-os de lado como obra de homens fracos, semelhantes aos livros dos deuses que em Alexandria são numerosos. Grande Senhor e Mestre, tal foi a minha crença até ao momento. A Tua Presença fez-me sentir o meu engano, e Te peço elucidação mormente a respeito daquilo que afirmaste com o Teu despertar à Vida eterna, em certo dia final.”

169. A CRÍTICA MATERIALISTA.

1. Digo Eu: “Muitos crentes iguais a ti, foram por Mim convertidos, pois os prefiro aos supersticiosos. Assim poderá haver entendimento entre nós. Após a ceia voltaremos ao assunto.”

2. Durante a refeição, o delegado se expressa: “A vida tem as suas fases boas, haja em vista a felicidade de se encontrar, às vezes, um grupo de amigos que nos fazem companhia em ceia igual a esta. Em tais circunstâncias poder-se-ia viver eternamente, do que deixar-se estrangular pela morte, facto com o qual nunca concordei.”

3. Sendo necessário o homem morrer, poderia ser de modo mais agradável. Mas não, tem que ser martirizado no fim de uma existência cruciante até, por parte de um destino poderoso, deixar de existir para sempre. Esta organização é mui repelente, até mesmo para quem crer na sobrevivência da alma, segundo a sua superstição.”

4. Digo Eu: “Então és um forte crítico da Criação, discordando das condições de vida nesta Terra? Que mais não te agrada?”

5. Responde ele: “Mas, Senhor, se fosse criticar tudo aquilo que dentro da justiça não me parece aceitável, teria assunto para um ano. Como amigo da justiça, mencionarei apenas alguns pontos. Tudo o resto é apenas consequência. Veja-se o nascimento miserável do homem, certamente coroação das qualidades criadoras da natureza. Por que não é semelhante ao nascer dos animais, especialmente das aves, que em poucos dias atingem o uso perfeito das suas forças e delas se alegram até o fim?”

6. Mas não, o homem nasce mais miserável que qualquer animal, nu, sem forças, desajeitado como uma pedra largada no caminho. Se os progenitores não fossem obrigados, pelo amor

instintivo, a tratá-lo até se tornar semi-humano, não viveria nem dois dias após o nascimento.

7. Dois ou três anos de cuidados ainda seriam admissíveis. Doze, às vezes até vinte anos necessita o filho dos cuidados até conseguir a sua própria manutenção. Isto de modo algum prova a dignidade das forças da natureza, mas pelo contrário. Se não lhe foi possível dar outra existência ao homem, poderia ter desistido da mesma. De modo algum tenciono criticar tamanha tolice da natureza. Se foi sua intenção o surgimento de uma criatura para que reconhecesse, amasse e honrasse o Seu Criador, deveria ter determinado uma situação que lhe facultasse tais considerações. Em tal caso, surgiria em uma solidez indestrutível como a Terra, a Lua, o Sol e as estrelas que perduram imutáveis.

8. O homem atinge tal situação após trinta ou quarenta anos; no entanto começa a enfraquecer nas suas forças, e caso alcance a casa dos setenta ou oitenta, ninguém o deve invejar. Tal idade já não é vida, senão moléstia complicada, que pouco a pouco o leva à morte e ao não-ser.

9. Para que finalidade? Como pode parecer bom, justo e útil à força criadora, o que para a razão humana deve ser condenável como sendo mau e injusto? Eis o meu motivo principal, na base do qual declaro tudo que segue dentro da natureza, e no final sou obrigado a elogiar os que se deixam ludibriar pela superstição; pois nela encontram motivo de vingança pelos sofrimentos nesta Terra. Mas a felicidade esperada após a morte é de tal modo condicionada, que põe em dúvida o seu alcance. Acabo de falar, Senhor e Mestre, e podes ter a bondade de oferecer-me algo melhor.”

170. O TESTE DO SENHOR.

1. Digo Eu: “Falaste como delegado, e o assunto só pode apresentar-se aos teus olhos conforme externaste. Todavia estás errado quanto à tua opinião a respeito da vida do homem e de todos os seres. Terias razão julgando pela aparência, sempre enganadora; pois tudo o que vês com vida, é na sua esfera mil vezes mais indestrutível que tudo que possas imaginar.

2. A tua máxima, baseia-se na não-existência da alma após a morte. Neste ponto poderia levar-te à crença contrária, com apenas uma aparição do Além. Para tanto ainda há tempo, e por ora quero levar-te a outra convicção. Formularei pequenas perguntas,

facilmente respondidas, que mudarão o teu parecer a respeito da Sabedoria do Criador, dando motivo de rires de tua actual compreensão.

3. Porventura já viste um ignorante, mal sabendo expressar-se e muito menos escrever, contar e desenhar, capaz de fazer um esquema para um castelo deslumbrante? – Respondeste no íntimo: Não, o construtor tem de estar munido de todos os conhecimentos para tal tarefa. Daí deduzirás, que tal homem de modo algum poderia ser tão ignorante como mencionei acima.

4. Um castelo não deixa de ser obra meritosa do seu construtor. Assim sendo, concordarás que a construção de um mundo igual ao nosso, exige sabedoria e força muito maiores. Seja o nome dessa força qual for, capaz de fazer surgir a Terra com tudo que nela existe, deve ela existir de plena consciência do seu poder e conhecimento penetrante, pois sem a continuidade da sua obra, igual à de um homem, em breve se transformaria em ruína.

5. Se a força criadora de plena posse da sua sabedoria produziu obra tão espectacular, certamente não foi menos sábia na produção de obras aparentemente pequenas em tal corpo cósmico. Acaso já terias visto algo completamente morto e inexistente, projectar uma vida? Respondeste: Não, tal coisa é inimaginável e até mesmo ilógico. Muito bem. Acaso opinas ser preciso poder menor, para fazer surgir um verme mais ínfimo, do que a Terra, a Lua ou o Sol? Afirmo-te: Se fores capaz de criar a menor larva, serás igualmente capaz de projectar um planeta perfeito, como o Sol a Lua e os demais astros.

6. A função física da larva mais insignificante é tão artística que não podes fazer a menor ideia; e se assim não fosse, como seria possível nela depositar-se uma alminha substancial aproveitando-se dela para o seu desenvolvimento futuro? Se o Criador do verme não fosse o Senhor Perfeito de todas as forças e da Vida, como vivificaria tal maquinismo? E se não fosse apenas Senhor das forças e da Vida, senão incondicionalmente da Vida Eterna, poderia vivificar o próprio verme?

171. O EFEITO DAS FORÇAS.

1. (O Senhor): “Acaso já viste uma força em acção? Respondeste: Não. Sentem-se as forças, sem jamais terem sido vistas. Sentimos o efeito colossal das tempestades e furacões, mas desconhecemos em

que consistem as suas forças. Existe certa força de atracção que prende as criaturas ao solo, do contrário poder-nos-íamos levantar em pleno voo. Esta força age constantemente, sem que alguém a visse e qual a sua acção.

2. Muito bem. Agora pergunto se já percebeste um portador, que trouxesse a luz do Sol até a Terra. Ou talvez já viste o laço pelo qual se acham unidos os corpos cósmicos de forma tal que se vêem obrigados a girarem nas mesmas distâncias em redor de outros, maiores? Porventura já observaste as forças activas em flora e fauna para a produção da sua espécie?

3. Tais perguntas poderias ter feito ao lado da tua filosofia e quiçá terias obtido resposta muito mais inteligente do que as lucubrações da crítica. Vê, não existe maquinismo de vida por mais artístico, criado para duração eterna, pois implicaria para o Criador, uma divisão infinita de Si Próprio, tornando-O cada vez mais fraco e incapacitado do prosseguimento da Criação.

4. Se Ele cria um maquinismo de vida apenas para que uma fagulha da Sua Vida Original se consolide e se fortifique em uma liberdade e emancipação de semelhança divina, e em seguida se desfaz do maquinismo unificando-se pelo amor e a sabedoria, – nada se perde da Vida Original, e sim, o Criador e a criatura lucram coisas infinitas, por ora incompreendidas por ti.

5. Quando fores renascido em tua alma, pelo verdadeiro Espírito de Deus, sentirás como o Amor de Deus, pelo amor dos Seus filhos para com Ele, se torna sempre mais poderoso, e igualmente o Amor Divino nos filhos.

6. Deus foi desde Eternidades um Espírito puríssimo e perfeito, não podendo desejar outra coisa senão que as Suas criaturas se tornem o que Ele Mesmo é, pelos caminhos prescritos, com a diferença que antes do seu aparecimento material, foram apenas Ideias e Pensamentos do Criador que por Ele foram projectados no decorrer dos tempos, através da Sua Omnipotência. Deu-lhes um invólucro no qual podiam analisar e reconhecer-se, obrigados a fazerem germinar a força penetrante para a emancipação e liberdade próprias.

7. Amigo, se tal germe – do qual nada sabes como homem material – não existisse dentro de ti, não terias feito críticas ao Criador. Foi o sentimento vital, indestrutível, dentro de ti que te incitou para tanto, e Eu vim especialmente por tua causa a esta zona, a fim de demonstrar-te o quanto te achas afastado da coluna da vida

e luz. Acabamos de satisfazer a nossa tendência oratória e passaremos agora para alguns factos concretos.

172. O SENHOR MOSTRA A REALIDADE DA VIDA NO ALÉM. A VISÃO INTERNA.

1. (O Senhor): “Afirmaste não ser possível haver ligação entre os vivos e aqueles que já deixaram esta vida. Enganas-te muito. Para criaturas iguais a ti, realmente não é fácil; são desde o princípio educadas dentro da razão, aguçando a sua força intelectual e visão material, descuidando da visão interna. Dá-se com elas o mesmo que com um homem estando fora de casa querendo olhar para dentro da mesma através das vidraças, pois ouvira um forte barulho. Conquanto muito se esforce, nada descobre porque o reflexo nos vidros o impede. Insistindo em descobrir o motivo do ruído, será obrigado a abrir a porta principal e as internas, ou então terá que partir uma vidraça ou talvez várias, para conseguir o seu intento.

2. Se ele no momento do ruído estivesse dentro de casa, facilmente descobriria o motivo do mesmo. Assim consegue-o apenas mais tarde e de modo imperfeito, porque o motivo e o efeito se haviam perdido. Viu-se obrigado a procurar em todos os recantos para finalmente descobrir uma louça quebrada, na suposição de que por qualquer movimento tenha caído ao solo. Ainda assim não tinha plena certeza, porquanto a louça bem podia ter sido quebrada anteriormente. Baseou-se portanto em uma hipótese, pelo simples facto de não se encontrar dentro de casa, no momento do barulho.

3. Por este quadro quero chamar a tua atenção, que um homem apenas educado dentro do raciocínio, nada ou pouco, e talvez apenas indelevelmente, percebe e compreende o que se passa espiritualmente dentro de si.

4. O corpo é a casa da alma. O espírito dentro dela foi-lhe dado por Deus, a fim de educar e despertar o seu interesse em tudo que seja espiritual e pondo-a em contacto com o espírito. Como poderia o espírito agir neste sentido, se a alma de posse do seu livre arbítrio se encontra geralmente fora de casa, confortando-se na luz do mundo? É ela de tal modo cegada e perturbada, ao ponto de nada ver e perceber do que se passa em sua casa.

5. Se com o tempo, algo a adverte, faz uma busca dentro de casa, e se aflige bastante. Encontra a casa danificada e tenta repará-

la, unificando-se com a matéria da sua morada principal, que é a externa, tornando-se assim, ambas as moradas do mesmo material. Procura então o espírito que de longe em longe a chamava, através de certos ruídos. Muitas vezes ela nem se apercebia dos mesmos, devido à sua distração mundana que se sobrepunha a tudo. Lançava um olhar furtivo para o interior, encontrando algo que a chamava, mas considerada duvidoso, preferindo voltar para o lugar de onde veio; pois a sua visão encontra-se ofuscada pela luz externa e a audição interna é abafada pelo ruído mundano.

6. Existem almas infantis, que se amedrontam com a luz e o ruído do mundo, dando preferência à distração com o que encontram dentro de casa. Percebendo algum rumor, podem olhar de dentro para fora pelas vidraças não embaçadas pela luz externa, facilmente descobrindo a causa da alteração, o que lhes faculta perceber igualmente o que ocorre dentro da casa. Assim, encontra-se a capacidade visual e auditiva do espírito, dentro da criatura e nunca nos sentidos materiais. Se quiseres falar com alguma alma e até mesmo vê-la, consegui-lo-ás somente dentro de ti.

7. Se tivesses permanecido dentro de casa, de há muito terias feito as mesmas experiências que muitos outros, cujo relato declaravas de ilusão; por isso, vivias de preferência fora de casa, nela lançando um olhar passageiro, mui raramente, provocando-te crescente aborrecimento, em virtude da ofuscação da tua alma pela luz intelectual, que te impedia vislumbrares o que se encontrava em tua casa vital. Com isso te prejudicaste de modo próprio porque consideravas, e ainda consideras, a morte e o eterno não ser, o maior benefício para uma criatura consciente.

8. Como verdadeiro Senhor da Vida, tenho o Poder de te reconduzir ao teu íntimo e fortificar por momentos a tua visão interna, e assim poderás convencer-te, imediatamente, qual a situação da alma após a morte. Diz-Me a quem desejas ver e falar, que perceberás ser tal qual o conhecias antigamente.”

173. O APARECIMENTO DE UMA ALMA.

1. Diz o delegado: “Deixa-me ver o meu pai, morto há doze anos e pelo qual muito chorei por ter sido um ótimo pai.” Digo Eu: “Que assim seja!” No mesmo instante, a alma do seu pai aparece na sala, visível para todos. O delegado reconhece-a e pergunta-lhe: “Então continuas vivendo após a morte?”

2. Responde o espírito: “Acreditas, porque surgi pelo Poder de Quem aqui está e por Ele te ter aberto a visão interna. Porque motivo não acreditaste na tua mãe e nos teus irmãos, que logo após a minha passagem me viram e falaram, explicando-lhes eu, ser bem diferente a vida da alma do que imaginam as criaturas?”

3. A pior situação durante essa curta vida passam e os que não acreditam na sobrevivência da alma, conservam essa compreensão no Além, e aguardam a eterna destruição, que jamais se lhes apresenta. Em virtude disso, são preguiçosos e sem interesse para empreenderem algo para o seu crescimento espiritual, vivendo às vezes vários milénios nessa crença, da qual não se deixam afastar pelos espíritos mais luminosos. Trata de não partires do mundo dentro de tal engano, meu filho.”

4. Responde o delegado: “Repetiste as mesmas palavras proferidas à minha mãe e aos meus irmãos, que anotei e ainda guardo como relíquia, conquanto até hoje não lhes desse crédito. Queria apenas ver-te e falar-te, mas nunca me foi concedida essa felicidade.”

5. Obsta o pai: “Como podia? Sempre que te visitava, não estavas em casa, andando ocupado no mundo exterior e cego pela sua luz, na qual não podemos aparecer e convencer alguém. Não somos aparição exercida por outra força, senão a própria força activa em todos os elementos perceptíveis ao homem materialista. A força em si, como vida verdadeira é tão pouco visível quanto a força da matéria, a não ser que o materialista voltasse ao seu ser real e abrisse a visão interna, podendo entrar em contacto com forças activas.”

174. AVENTURAS NO ALÉM.

1. Diz, em seguida, o delegado: “Onde costumavas permanecer?” Responde o genitor: “Em nosso reino não há localidade da qual se pudesse afirmar estar aqui ou acolá, e ter este ou aquele aspecto. Cada alma corresponde ao local, segundo as suas tendências.

2. Pelo cálculo terreno encontro-me no Além o tempo suficiente para ver e saber algo importante. Todavia nada vi semelhante ao que se dizia a respeito, nesse mundo. Procurei o rio Estige com o barqueiro Aqueronte, – nada vi. Por certo tempo me enchi de pavor de ver qualquer fúria, ou os juízes Minos, Aekus e Rhadamantus. Não havia motivo para tanto. Quis ir à procura do

Elísio, caminhando por todas as direcções de um grande deserto, e não descobri o dito Elísio. Em suma, nada encontrei e vi, senão a mim mesmo e ao solo fofo em que me achava.

3. Após longo tempo, descobri, a certa distância, um personagem que parecia estar na mesma situação que eu. Rapidamente dele me acerquei, perguntando: Pareces encontrar-te no mesmo estado que eu. Sob os pés nada mais que uma planície quase infinita, acima da cabeça, neblina escura e na areia, as marcas deixadas pelos passos. Não há vento que sopra, nem água. Há cerca de dois anos aqui perambulo, nada encontrando para saciar a fome e a sede. Sei que morri e a que minha pobre alma se acha só. Muito me esforcei por descobrir aquilo em que acreditava no mundo, mas não tive sucesso. Em todo este tempo, és o primeiro que me aparece. Porventura podes informar-me como devo agir para alcançar um local, mais ou menos estável? Estou cansado de pesquisar neste deserto.

4. Respondeu o personagem: Existem inúmeras criaturas neste reino, na mesma procura que tu, por vários séculos. Querendo algo descobrir, não deves agir como na Terra, na qual se procura tudo fora de si. Aqui não há localidade ou zona, ainda que procurasses no Espaço Infinito.

5. Precisas voltar os teus sentidos, aspirações e vontade para dentro de ti, e pensar, pesquisar e modelar internamente, que acharás um local correspondente ao teu eu e ao teu amor. Faz de conta que não vês este deserto e a neblina escura, mas volta-te para a fantasia da tua alma que tudo se transformará. Fiz com que me encontrasses, para te revelar isso.

6. Com estas palavras, o personagem deixou-me, e comecei a ponderar sobre o que havia dito, procurando projectar na minha fantasia uma zona qualquer, e, em pouco tempo, ela se apresentou diante de mim. Consistia num vale, trespassado por um riacho. De ambos os lados havia campos, arbustos e árvores, e mais para longe, um grupo de cabanas, das quais me aproximei.

7. No mesmo instante pensei: Se começar a andar, perderei finalmente o que criei com tanto custo. Tentarei imaginar uma casinha perto de mim, onde hei-de morar. – Nem bem usei a minha fantasia, a casinha surgiu dentro de uma boa horta. Ao entrar, vi que estava completamente vazia e prontamente projectei uma quantidade de objectos de utilidade comum, cama, mesa com pão e vinho e outros utensílios. Não hesitei em me servir de tudo,

sentindo-me tão fortalecido ao ponto de se tornar a minha fantasia mais exuberante.”

175. A EVOLUÇÃO NO ALÉM.

1. (O genitor): “Dirigi-me para fora, onde encontrei tudo como anteriormente. Então pensei: Está tudo bem. Mas estou sozinho. Se ao menos pudesse atrair aquele amigo, para agradecer-lhe pelo bom conselho! – Quando me viro para aquela direcção, vejo várias pessoas aproximarem-se e entre elas, o dito personagem que logo me diz: Desperta em ti o sentimento do amor, misericórdia, compaixão e caridade, que serás procurado por outros, na situação em que te achavas anteriormente. Divide com eles o teu pão e o vinho da vida, que vos tornareis vizinhos felizes. Os que não quiserem algo aceitar, deixa que procurem algures outra acomodação, que passarão pela mesma experiência que tu. Persiste no crescente amor, misericórdia e na vontade viva de fazer o bem aos cegos. Isto te enriquecerá e aumentará a tua felicidade.

2. O grupo se afastou, e eu segui o conselho recebido. Dentro em breve chegava grande número de almas necessitadas e eu lhes perguntei se estavam vendo e percebendo algo. Responderam: Até agora, nada mais que uma estepe arenosa sem fim, e acima de nós, neblina escura. Então entrei em minha cabana para buscar pão e vinho. Alguns prontamente viram o que lhes trouxera, enquanto outros nada perceberam, achando que eu estivesse fazendo uma brincadeira de mau gosto, e assim prosseguiram a sua caminhada.

3. Os que haviam aceite o pão e o vinho, descobriram a minha morada e a bela paisagem. Ficaram comigo e eu os ensinei conforme havia sido orientado. Passado algum tempo, a minha cabana estava rodeada de muitas outras, criando-se deste modo um local para mim, onde fiquei até que tivesse dilatado o meu íntimo, através do amor ao próximo. Essa dilatação tinha o mesmo efeito para com a zona envolvente, que se tornava cada vez mais viva e bela, e eu cresci em felicidade e conhecimento. Quanto mais intensa se fazia luz dentro de mim, e me sentindo com vontade de projectar qualquer coisa, tudo surgia fora de mim.

4. Nesta altura comecei a lembrar-me dos meus familiares deixados na Terra, e em pensamento os orientei da sobrevivência da alma após a morte. Não levou tempo, fui visitado pela tua mãe e alguns irmãos, e pude comunicar-me com eles como ora faço

contigo. Acreditaram em mim e te relataram tal facto. Não deste crédito, porque te havias entregue ao mundo exterior com o teu pensamento, amor e vontade.

5. Digo mais, o bom amigo que no deserto me dera aquele conselho, muito se parece com esse que está ao teu lado, e tive desde o começo a intuição de ser Ele o Senhor deste e de outros mundos. Falo contigo, porém me acho no meu mundo, de onde concluirás não ser necessário abandonar o meu paradeiro, pois onde estou também está a minha zona. Aliás chamo-te a atenção para o seguinte facto; caminhas psiquicamente em pleno deserto e acima, isto é, no teu intelecto, só tens neblina.

6. Essa Terra e tudo que nela vês, é igualmente uma Criação de um Espírito Elevado, assim como, em miniatura, projectei uma pequena localidade. O Amor do grande Espírito, Seus Pensamentos luminosos, Sua Omnipotência e imensa Misericórdia, são os elementos básicos pelos quais Ele cria zonas tão belas e as conserva enquanto quiser. Vês, portanto, apenas uma zona projectada pelo grande Espírito, segundo a Sua Ordem. Para a tua alma, continuará visível e algo real enquanto ela estiver envolta de matéria.

7. Tão logo te for tirado o invólucro, serás isento de localidade, solo firme e luz segura, a não ser que tenhas ainda neste mundo, encontrado o caminho do teu âmago. Neste caso levarás o que necessitares, sem precisares receber orientação do amigo, a respeito do alcance de uma cabana e amizades. Guarda bem isto, meu filho.”

8. O delegado faz menção de prosseguir na palestra, no que o genitor o impede, dizendo: “O que daqui por diante quiseres saber, receberás pela voz interna Daquele Que está ao teu lado. Todas as coisas Lhe são comuns, neste mundo e no Além.” Com isto, o espírito desaparece.

176. O INFERNO E OS SEUS DEMÔNIOS.

1. Virando-Me para o delegado, pergunto: “Foi ou não o espírito de teu pai?” Responde ele: “Grande Senhor e Mestre, tão certo quanto sou o filho dele. Se fosse criação de fantasia, não poderia ter falado tão sabiamente sobre assuntos estranhos para mim. Creio convictamente na sobrevivência da alma. Apenas estranhei, não ter ele tido contacto com maus espíritos dos pagãos e demónios dos judeus. Sempre se fala que os maus também sobrevivem, com intenção de praticarem maldades, em virtude do

seu ódio inapagável. Que aspecto têm os locais dos demónios, e porque o meu pai não os viu?”

2. Respondo: “Não te preocupes com isso. Os maus espíritos, chamados demónios, também se voltam para dentro de si, encontrando apenas maldades, ou seja, o seu amor. Constroem o seu mundo, correspondente ao seu íntimo, isolam-se em comunidades, segundo o grau da sua perversidade e procuram prejudicar a todos. Sentindo afins nesta Terra, em breve encontram meios para deles se aproximarem, da mesma forma que o teu pai se aproximou de ti. Primeiro apossam-se do corpo, saturando-o com tudo que seja mau e pernicioso.

3. No começo apresentam-se de mansinho, tentando atrair a alma para a carne. Isto acontecendo, é ela perdida para tudo que seja justo, puro, bom e verdadeiro. Justamente por este motivo, vim Eu a este mundo para terminar com tais abusos remotos, para que todos os que acreditarem em Mim e aceitarem a Minha Doutrina, não sejam prejudicados. Eu, somente, sou o Senhor acima de tudo, no mundo e no reino dos espíritos. Crê, que viverás.”

4. O delegado agradece pelo ensino, entretanto acrescenta: “Mas, Senhor e Mestre, como pudeste tolerar tais abusos, sem lhes dar término?”

5. Respondo: “Sempre o fiz, e nunca se perdeu uma criatura, mais ou menos aproveitável. Para isto que ora acontece, a humanidade não estava amadurecida e actualmente ainda está longe desse estado. Todavia Me apiedei das poucas criaturas de boa índole e fundarei para elas, Pessoalmente, um reino no Além, no qual estarão eternamente Comigo, devendo reger em Minha Companhia.

6. No imenso Além se encontram inúmeros espíritos de pagãos e judeus de bom carácter. Quando, dentro em breve, Eu voltar ao Meu Ser Original e Eterno, todos eles receberão orientação certa para a Vida Eterna. Aos maus será dada oportunidade de regeneração para encetarem os caminhos da Luz, ou continuarem na sua perversidade, sofrendo as suas consequências para sempre. Se assim o querem, não se podem queixar de injustiça.

7. Deste modo, o prémio dos bons será o bem. Dos maus, o mal, e cada um se encontrará no seu Dia Final, após a morte física, quando Eu o despertarei dando-lhe o prémio, bom ou mau. – Recebeste resposta a tudo que desejavas saber, e se desse explicações mais profundas, não as entenderias. Por ora, sois todos,

psiquicamente, infantis, não podendo suportar alimento mais pesado. Por isso sois tratados com leite. Uma vez bastante fortalecidos, sereis capazes de suportar alimento mais consistente, dos Céus.”

177. OS ÍDOLOS NA CASA DO HOSPEDEIRO.

1. Todos, inclusive os apóstolos, Me louvam dizendo: “Novamente nos esclareceste sobre a vida da alma após a morte, Senhor e Mestre, e só podia ser dado por Ti esclarecimento de factos ocultos à mente humana. Por isso Te agradecemos de viva voz.”

2. Digo Eu: “Está bem; acabemos a refeição para, em seguida, nos recolhermos.” Eles seguem o Meu Conselho, enquanto Eu não mais Me sirvo, descansando apenas. Perto da meia-noite, começam a sentir sono, razão por que o delegado, os fariseus e os judeus voltam para os lares. Ao despedir-se do hospedeiro, o delegado recomenda ao mesmo de não exigir de nós qualquer pagamento, pois tudo seria pago por ele.

3. Retruca o outro: “Não te preocupes. Nesta ceia, sou eu o único devedor, e todos os hóspedes, meus credores. Se fossem cobrar o serviço prestado, teria que pagar grande soma. Sou apenas amigo do bem e da verdade, e espero rever-te amanhã.” Assim se despedem, e o hospedeiro se recolhe, muito embora ainda tivesse feito observações do facto ocorrido, junto da mulher e dos filhos.

4. A família ainda é pagã, e conservava no quarto de dormir, quantidade de ídolos gregos e romanos, de madeira, pedra e cobre. O hospedeiro, então, vira-se para a mulher e diz: “Após termos tido a grande ventura de conhecermos, Pessoalmente, Deus, unicamente Verdadeiro, amanhã mesmo daremos sumiço a estas estatuetas.”

5. De princípio, ela não concorda. Mas o filho mais velho, livre pensador, reage: “Pai, de há muito o teria feito. A crença das mulheres é dura qual pedra e não aceita palavra razoável, conquanto deveriam elas compreender serem estes ídolos nada mais que matéria. Além disso, são mal feitos, envergonhando o senso artístico. Haja em vista, a Diana de Éfeso, que se parece mais a um sapo, e a figura de Júpiter dá margem para idealizar qualquer coisa.

6. Suportaria tais figuras, caso fossem obras de artista. As que enfeitam o quarto da nossa mãe, são feitas por pastores gregos, que as manipulam de madeira e barro, pedras ou chumbo. Em seguida, são consagradas pelos sacerdotes e entregues, a preços exorbitantes,

aos revendedores. Aqui chegam tais vendedores ambulantes, e as nossas mulheres têm dinheiro bastante para tais tolices. Em compensação, os alimentos são menos saborosos, e os hóspedes não têm motivo para elogios. De há muito me intriga a figura de Apollo, de tamanho natural, num canto do refeitório, pois está inteiramente seboso e negro, a despertar nojo. Amanhã mesmo darei cabo dele.”

7. Assustada com o rompante do filho, a genitora diz: “Tem cuidado de não seres descoberto pelo sacerdote de Apollo, que te castigaria como sacrílego.”

8. Responde o filho: “Nada temo por parte dele. Aquele Que nos supriu tão milagrosamente com vinho e peixes e impediu a acção dos fariseus pelo aparecimento dos leões, certamente será capaz de me proteger diante de um tolo sacerdote de Apollo. É tão ignorante e só sabe relatar as fábulas antigas de deuses, procurando somente o seu bem estar. Deveria eu sentir vergonha, caso temesse semelhante homem.”

9. Satisfeito com a reacção do filho, o hospedeiro diz: “Não te alteres. Amanhã veremos as consequências desse facto extraordinário.” Todos se calam até de manhã, quando ele é o primeiro a levantar-se.

178. NO MONTE NEBO.

1. Ao encontrar-Me no refeitório, o hospedeiro pergunta-Me com todo amor e respeito se desejo água perfumada para lavar-Me. Respondo: “Poupa-te tal sacrifício, querendo Eu lavar-Me, tenho água fresca em toda a parte. Não longe da cidade existe um Monte, conhecido desde a época de Moisés, o qual desejo galgar antes do pôr-do-sol. Em hebraico, chama-se Nebo; vós o denominais “*Mons Mosis*” (Montanha de Moisés). Não deves preparar o desjejum cedo demais, pois demorarei três horas.”

2. Diz ele: “Senhor e Mestre, tudo será feito segundo as Tuas Ordens. Permite eu e o meu filho mais velho Te acompanharmos. Dentro de uma hora estaremos no topo.” Eu o concedo, e ele dá ordens na cozinha. Ao voltar, encontra os apóstolos, o delegado, Dismas e Barnabás diante da porta. Eles pedem licença para tomarem parte no passeio, e assim seguimos para o Monte Nebo, cujo planalto é plantado com roseiras e árvores aromáticas, e além disso, dispunha de bancos de basalto.

3. Por este lado da cidade, o Monte se eleva apenas umas cem varas, enquanto em direcção do Vale do Jordão tem um declínio de mais de duas mil varas. Desfrutamos de vasto panorama sobre o deserto do Eufrates. Ao Sul vêem-se alguns montes conhecidos na Bíblia, como sejam, o Hor, no qual Moisés, secundado por Aarão e seu filho Eleazar, teve que pedir pela vitória dos israelitas contra os amalequitas. Enquanto ele erguia as mãos, a vitória estava do lado dos israelitas. Tão logo as deixava cair, venciam os amalequitas. Mais distante, via-se o Monte Hur, onde Aarão expirou, e no fundo, o topo do Sinai e Horeb.

4. Em direcção ao Oeste viam-se os cumes do Líbano, e para o Norte, os picos do Hérmon, dentro de densa neblina. O delegado lastima não se poder vislumbrar a paisagem no Vale do Jordão, ao que Eu observo dever ele esperar a chegada do Sol para dispersar as neblinas. Além do mais, observaríamos a zona do poente.

5. Nisto, vira-se o fariseu Dismas para Mim, dizendo: “Senhor e Mestre, seria este Monte em que nos encontramos, o mesmo do qual o grande profeta desapareceu qual chama de luz, diante de todos que o acompanhavam, deixando o seu corpo; em seguida aparecendo de um lado o arcanjo Miguel e do outro, Satanás, lutando durante três dias pelo corpo de Moisés, e no final conseguiu levá-lo?”

6. Todo o conhecimento judaico até hoje não explicou a finalidade daquele acontecimento, e os próprios profetas não deram explicação a respeito. Os cabalistas declararam o facto de apócrifo, enquanto algumas antigas castas da Arábia confirmam a sua veracidade. Que dizes a isto, Senhor?”

7. Responde o delegado no Meu lugar: “Que importância tem isso, se o espírito de Moisés é salvo e vive em vosso meio? O corpo é apenas invólucro do espírito, e não vem ao caso, se foi levado por Satanás ou espírito qualquer. Se eu estivesse no lugar do arcanjo, há mais tempo teria dado o prazer a Satanás, tão ávido do corpo de Moisés.”

8. Digo Eu: “O delegado vos deu boa resposta, pois Eu, o Senhor de toda Vida, de há muito troquei o corpo pecaminoso de Moisés por um outro. Satanás não teria tido poder sobre ele, caso o profeta em tempos passados não tivesse cometido pecado algum. **Tendo pecado com o físico, embora a sua alma e espírito fossem celestes, Satanás quis apossar-se daquilo que era seu.** Nada lucrou com isso, mas perdeu quase todo o poder, e desde aquele tempo não

mais pôde aparecer aos mortais, prejuízo enorme para a sua acção. A partir daí, muitos pagãos aderiram à doutrina de Moisés, e o oráculo de Dodona, obra principal de Satanás, foi destruído para sempre. O oráculo mais recente em Delphi ruiu após a queda de Tróia e não foi reconstruído. Basta dessas coisas, sem valor para o íntimo da criatura. O melhor de tudo é reconhecer-se Deus, Único e Verdadeiro, amá-Lo acima de tudo e o próximo como a si mesmo. – Dentro em pouco, surgirá o Sol, dando motivo para verdes coisas estranhas.”

179. A AURORA PECULIAR.

1. No mesmo instante, vê-se um sol, muito acima do horizonte e parecido com o próprio astro. O delegado não perde tempo para perguntar-Me: “Senhor e Mestre, como pôde o sol subir tão rapidamente sem que o vissemos, não havendo nuvens que pudessem ter impedido a nossa visão?”

2. Respondo: “Este não é o verdadeiro, mas o reflexo dele que se encontra abaixo do horizonte no espelho de uma camada de ar inteiramente calma. Este desaparecerá quando surgir o verdadeiro. Este quadro assemelha-lhe ao intelecto humano que desaparecerá quando, por Mim, surgir o verdadeiro Sol da Vida, e em parte já apareceu.”

3. Obsta o fariseu Dismas: “Sou de opinião, ser o nosso actual Sol mais traiçoeiro que esta luz fictícia a leste. Não tenciono ser profeta, entretanto afirmo, para nós, o astro aparente em breve desaparecerá surgindo o justo Sol do espírito e da vida para os pagãos.”

4. Digo Eu: “Tens razão, pois consta que Eu tirei a Minha Luz dos judeus, dando-a aos pagãos. Por isso digo que sustarei a antiga União e o Velho Testamento, para fundar um novo, tanto para os judeus quanto para todos os povos da Terra, segundo a Ordem de Melquisedeque. Foi Ele, Rei de todos os reis e Sumo-sacerdote de todos os sumo-sacerdotes, razão porque todos os regentes e patriarcas Lhe entregavam o dízimo, inclusive Abraão.

5. **Sou Eu o Rei Melquisedeque, pelo Qual fora feita a União partindo de Noé até Abraão, inclusive a grande Promessa.** Não pretendo positivar e manter a antiga União, mas estabelecer uma nova com todos os de boa vontade. Serei assim um Rei, Senhor e

Sumo-sacerdote, eternamente, dentro da Ordem perfeita de Melquisedeque.

6. Os antigos sacerdotes sacrificavam o sangue de animais para extinção dos pecados deles e do povo; entretanto, continuavam pecadores, do contrário Eu não teria deixado o Meu povo sofrer durante quarenta anos no deserto. Aquele ritual era apenas um símbolo daquilo que dentro em breve terá de acontecer de modo diferente.

7. **Aarão e Moisés faziam sacrifícios, anualmente, segundo a prescrição. Isso não foi de proveito para eles ou para o povo que continuava em pecados. Eu Me sacrificarei uma só vez para todos, e os que acreditarem em Mim, serão justificados e purificados perante Mim, não mais havendo pecados com eles.** Agora sabeis qual a vossa situação diante de Mim.

8. Moisés foi obrigado a ver, sentir e saborear a morte, neste monte, por isso exclamou, no último momento, no ponto em que Me encontro: Senhor, firmaste uma União connosco contra a morte e o pecado; todavia tenho que morrer aqui, sem poder levar os meus passos à Terra Prometida.

9. Uma voz fez-se ouvir acima dele: Viverás, não pela Lei da antiga, mas pela Graça da Nova União que firmarei com os povos da Terra. - Eis que **Moisés se desintegrou** e foi aceite através da Minha Graça, e não em virtude do seu mérito. Neste mesmo local vos digo, judeus e pagãos, que acabo de firmar e ainda mais a positivarei, uma nova União convosco, e em futuro breve o haveis de assistir. O Sol a surgir, terá de Me prestar testemunho, provando não ter Eu falado algo fútil."

10. Eis que aparece o Sol e acima dele lê-se em letras luminosas: "Honra e Louvor a Deus, unicamente Verdadeiro, nas alturas e nas profundezas!", e abaixo dele: "Melquisedeque é o verdadeiro Rei dos reis e Sumo-sacerdote de todos, e Pai Único dos Seus filhos, no Céu e nesta Terra."

180. A DETURPAÇÃO DA DOCTRINA JUDAICA.

1. Todos os presentes, mormente os três romanos e os vários fariseus, estão sobremaneira admirados, pois alguns colegas de Dismas e Barnabás os haviam seguido. Estes opinam: "É maravilhoso ler-se o que ali consta. A antiga União com Abraão findou-se e ficou sem efeito. Todos nós sabemos ter terminado a

função da Arca da União, há trinta anos, - somente Simeão e Zacarias conheciam o seu poder sobrenatural. Mas a vara de Aarão não mais verdejava, e os sete pães da preposição foram carcomidos pelas traças. Existiam as tábuas de pedra. As letras se apagavam cada vez mais e foi preciso restituir-se a Arca com a mesma madeira, excluindo o ouro e os grandes querubins. Tudo foi recomposto na antiga forma, e no centro fez-se um dispositivo que permitia a colocação de carvões em brasa, nos quais se deitavam incenso e resina aromática, imitando a coluna do Santíssimo.

2. O então sumo-sacerdote julgava ter a nova Arca de União a mesma função da primeira, construída após a prisão babilônica. Mas enganou-se. Por isso, os posteriores sacerdotes não se negavam a mostrá-la a romanos e gregos, mediante pagamento.

3. Os fariseus e escribas, de há muito, se convenceram do fim da antiga União. Preciso é manter-se o povo na velha crença, especialmente não havendo outra melhor, e além disso deve-se conservar a renda do Templo e dos seus servos. Este é o motivo principal por que o Senhor e Mestre, que por nós é reconhecido como único Autor da União Eterna e Nova, é tão perseguido e odiado pelos templários. Bem sabem ser a Sua Doutrina plena de Força Divina, mas não ignoram o seu extermínio, tão logo a considerem e permitam a sua divulgação entre o povo. Nós, ainda em ligação directa com o Templo, nada podemos fazer, pois temos que esperar cheios de fé, o que o Senhor de Céus e Terra venha a determinar. Entregamos o nosso destino nas Suas Mãos, continuando com Ele, com todo amor.”

4. Diz o delegado: “Faço parte dos que viram a nova Arca de União no Templo e me convenci não haver verdade na religião judaica, assim como não existe algo real no politeísmo. Este, ao menos, é mais engenhoso nas feitiçarias para enganar a multidão. Se os judeus perceberem a fraude com a coluna de fogo no Santíssimo, os templários farão bem em fugir.” Em seguida ele vira-se para Mim: “Senhor e Mestre, fala se disse a verdade.”

5. Retruco: “Inteiramente. Não há fraude que se mantenha por muito tempo, assim como a noite tem que desaparecer quando surge o Sol. Podes estar certo que o Templo, os seus servos e a própria cidade de Jerusalém, dentro de pouco tempo desaparecerão. Não ficará uma pedra sobre a outra. Podem os judeus pedir, apenas, que a sua fuga não se dê em pleno inverno ou em um sábado; pois então haveriam de sofrer muito mais que em outra estação ou em

dia comum.” Quando termino de falar, apagam-se as letras acima e abaixo do Sol, e as neblinas no Vale do Jordão se dissipam pelos raios que se irradiam nas zonas da Terra Prometida.

6. Diz o delegado: “É pena, não terem os habitantes de Jerusalém visto a escrita, pois ter-lhes-ia despertado a atenção.” Respondo: “Justamente para impedir que a vissem, fiz que as neblinas encobrissem aquelas zonas. Quem se alegra com as trevas, deve receber a paga das mesmas.”

7. Neste momento, vimos uma gazela perseguida por um chacal. Não demora ele alcançá-la e a uns cinquenta passos se entrega ao seu repasto predilecto. Em seguida, caminha lentamente para o sul, na expectativa de outra presa. Nisto, sobrevoa o local um enorme condor. Ao avistar o chacal, precipita-se lá de cima, agarra-o, não obstante a reacção do animal, e o carrega a considerável altura. De lá, solta-o no terreno pedregoso. O chacal morre instantaneamente e o condor desce a pique; novamente levanta voo com o cadáver para, em local pacífico, se saciar do chacal e da gazela. Passada esta cena, o delegado diz: “Este método de destruição recíproca entre animais, e as moléstias graves dos homens, sempre me pareceram de aspecto cruel. Certamente saberás o motivo disso tudo. De nossa parte, não conseguimos ter noção clara a respeito.”

8. Digo Eu: “Após o desjejum haverá oportunidade de entrarmos em detalhes. Agora vamos dirigir o nosso olhar para Moisés e o arcanjo Miguel, que lutou pelo corpo dele.” No mesmo instante, ambos se apresentam e louvam o Meu Nome. Em seguida desaparecem, e voltamos à cidade onde o desjejum nos espera.

181. A DESTRUIÇÃO DOS ÍDOLOS.

1. Chegando ao refeitório, tomamos o desjejum e continuamos sentados à mesa, pois Eu não queria aparecer em público, sem necessidade, em virtude dos pagãos ainda aferrados à idolatria. Nisto apresenta-se o filho do hospedeiro e Me conta ter a sua progenitora abarrotado o dormitório com ídolos, e no próprio salão havia uma figura de Apollo, aos quais deseja pôr término. “Pois”, diz ele, “desde que Te conhecemos, essas figuras não servem para a nossa casa.”

2. Digo Eu: “Caro filho, tens bons sentimentos. Mas se tu mesmo deres cabo delas, farás muitos inimigos entre os vizinhos. Vou ajudar-te e podes ir verificar se ainda encontras alguma figura.”

3. O moço dirige-se de imediato ao ponto onde costumava encontrar-se a imagem de Apolo, sem achar um simples vestígio, o mesmo se dando no dormitório da sua progenitora. Dirigindo-se à cozinha, ele relata o milagre, ao que ela responde: “Meu filho, que dirão os vizinhos, quando não mais encontrarem um ídolo em nossa casa?”

4. Responde ele: “Deixa por minha conta, pois contarei que o Senhor e Mestre, Autor de grandes milagres, lhes deu sumiço com um só pensamento. Além disso, temos a nosso favor a pessoa do delegado, e os vizinhos se conterão em fazer crítica.” Após esta combinação, mãe e filho Me agradecem pela libertação de algo em que nunca haviam acreditado.

5. Respondo: “Vai ao teu dormitório, que encontrarás algo diferente no lugar dos ídolos antigos.” Quando ela chega ao quarto, descobre um baú de cedro, munido de fechadura e trinco. Ao abri-lo, vê que está cheio de moedas de prata. Naturalmente volta para contar ao marido a sua descoberta.

6. Ele, então, diz: “Realmente, aquilo tem muito valor para nosso uso caseiro. O maior de todos é somente a palavra recebida do Senhor e Mestre. Vamos procurá-Lo, a fim de nos suprir de moedas espirituais que havemos de precisar na outra vida.” Entrementes, o delegado Me aborda com o seguinte pedido: “Mestre de Eternidades, prometeste responder a duas perguntas; uma, ontem à noite, e a segunda por ocasião da voracidade dos animais, no Monte Nebo. Queira ter a bondade de elucidar-me.”

182. O MOTIVO DAS ENFERMIDADES.

1. Digo Eu: “Quanto à questão de ontem, referente às moléstias perniciosas e às vezes prolongadas antes da morte, incluindo a morte prematura de crianças, trata-se apenas da Minha permissão, para a melhoria das criaturas, e não de determinação surgida da Minha Omnipotência.

2. As criaturas primitivas, que permaneciam na ordem e simplicidade demonstradas pelo Meu Espírito, nada sabiam de enfermidades. Atingiam idade avançada sem adoecerem, e no final adormeciam, a alma não sentindo dores, nem pavor da morte.

3. **A sua alimentação era sempre a mesma**, principalmente tomavam leite, pão e frutos maduros. Para matar a sede bebiam água da fonte. Por este motivo eram os nervos alimentados pelas mesmas substâncias psíquicas, boas e inofensivas, impossibilitando a penetração no físico, de qualidades impuras e nocivas. Isto garantia saúde boa e forte, tanto espiritual quanto fisicamente.

4. Comparai aquele alimento com os milhares de guloseimas com que se enchem o estômago de hoje, tornando-se evidente a quantidade de substâncias impuras e prejudiciais a se apossarem do corpo, começando a atormentá-lo. Dá-se uma constante luta de elementos, que o físico consegue acalmar por certo tempo, pelo recurso de ervas e raízes.

5. Tal estado saudável não é duradouro, mormente em pessoas idosas, a não ser que voltassem por muito tempo, ao alimento mui simples, o que geralmente não se dá. A maioria, sentindo o físico mais aliviado por remédios de boa escolha, em breve sente apetite das antigas guloseimas, adoecendo mais que anteriormente, tendo morte dolorosa.

6. Por este motivo, Moisés prescreveu o cardápio aos israelitas libertados da escravidão do Egito. Quem seguia tais directrizes, continuava forte e saudável até à velhice. A maior parte, dentro em breve começou a sentir vontade e apetite dos pratos de carne, e a consequência foi que adoeciam, finalizando os seus dias atormentados por várias moléstias.

7. Facto mais doloroso apresenta-se em crianças. Primeiro, os pais pecaram e de forma indiscriminada, acumulando substâncias psíquicas, más e perniciosas, de sorte que o pecado se transmitiu à prole. Como poderia ser sadia a sua descendência? Segundo, é a genitora durante a gestação, mui ávida de guloseimas, e os parentes entendem satisfazer-lhe tais desejos.

8. Nesta ocasião, a criança leva o segundo golpe na sua saúde. Não basta nascer enferma, pois é prontamente alimentada com leite fraco. Se com a ajuda de vários remédios consegue salvar-se, recebe o terceiro golpe. Como todos sabem, ela cresce com muita graça e despertando amor dos que a rodeiam. Não demora ser ela mimada e cumulada de petiscos, pois os pais não conseguem negar-lhe o que quer que seja. Qual o efeito disso? Estômago e intestinos são de tal forma enfraquecidos, que em breve produzem moléstia séria, provocando a morte.

9. Algumas morrem no ventre materno. Número maior, logo após o nascimento, entre dois e três anos, e a maior parte de quatro a doze anos. As que ultrapassam essa idade, têm que ter pais prudentes, levarem vida casta e dietética, não se aborrecerem, nem se irritarem. Em tal situação poderiam atingir saúde prestável até aos oitenta anos. Nesta altura, a idade já é moléstia em si, herança maternal e de pecados na juventude.

10. Desta demonstração percebes não ser Eu o Causador dos males físicos, mas as próprias criaturas, desde que começaram a abandonar, volúvel e voluntariamente, Leis e Regras dadas por Mim, seguindo a sua mente e vontade que através de maus espíritos no ar, na terra e na água, se tornaram cada vez mais obscuras e perturbadas.

11. Os idosos sabiam não ser a noite ao ar livre, amiga dos homens; todavia resolviam os seus negócios durante a noite. Tais excessivas especulações se assemelham ao roubo e ao assassinato, geralmente efectuados durante a noite.

12. É o planeta bastante grande para alimentar mil vezes mais criaturas do que vivem actualmente. Ganância, avareza e especulação demarcaram as fronteiras, e os ricos, avarentos e importantes se apossaram dos territórios maiores e melhores, perseguindo quem se opusesse. Assim acontece que alguns possuem cem mil vezes mais terreno do que necessitam para as suas famílias.

13. Em compensação, milhares viram-se forçados a procurar alimento péssimo à beira-mar. Assim inventou-se a navegação que levava os homens à caça de tesouros e riquezas marítimas. Deste modo, grandes povos vivem dos produtos marítimos, o que não se dava com os primeiros habitantes da Terra.

14. Se assim é, como pode um homem inteligente supor que as criaturas, que se desviaram da ordem anterior, pudessem estar com saúde, como eram as que nunca desobedeceram desde a concepção? A moléstia que precede a morte não só é a consequência do abandono quase total da ordem estabelecida, mas ao mesmo tempo, um guia das almas ainda sadias. Pouco a pouco a alma se retrai da sua carne prejudicada, desvia-se das algemas de substâncias nocivas, e caso comecem a martirizá-la em demasia, ela se afasta em tempo do corpo, com a ajuda do seu espírito no Além. Nunca mais terá o desejo de voltar a um corpo, a não ser que se tenha desligado inteiramente maldosa, e procure vingança física, pela possessão de

uma alma ainda em corpo físico; nesse caso a martiriza de modo inclemente, facto já observado por muitos. – Acabo de responder à tua pergunta de ontem, por isso vamos analisar o caso dos animais.”

183. A LUTA NA NATUREZA.

1. (O Senhor): “Podes caminhar por todas as zonas da Terra, que hás-de encontrar, aparentemente, apenas adversidades entre os irracionais. Observa o Sol, sem dúvida o maior benfeitor do planeta e das criaturas. Através da sua luz e calor tudo começa a vivificar e germinar, novamente. A flora surge do solo, traz frutos dentro da ordem da sua espécie, e as árvores se tornam suculentas, criam brotos, folhas, flores, às quais seguem o fruto.

2. Inúmeros insectos deitaram os seus ovos, a luz e o calor do Sol os chocam, para depois encherem o ar com milhões de pequeninos seres. O mesmo se dá com as aves, peixes e outros animais, despertando alegria entre os homens. É, como já disse, o Sol o maior benfeitor da Terra e das suas criaturas, mas igualmente o maior inimigo.

3. Depois de ter despertado todo o ser vivo no solo terráqueo, ele aumenta em luz e calor de forma tal, a matar no verão tudo o que criou no inverno e na primavera. Esta zona é um exemplo disso: Na segunda parte do inverno até à primeira da primavera, tudo viceja, dando aspecto de um paraíso. E agora? Nem bem na segunda parte do outono, tornou-se ela uma estepe na qual nem se vê algo verde. Tudo secou e morreu.

4. Se fores à África ou à parte sul da Arábia, viajarás por muitos dias sem encontrar algo vivo. O calor do Sol mata tudo o que no inverno produziu. As zonas moderadas passam melhor. Em compensação, a época do inverno dura muito mais que aqui, flora e fauna não progridem tão fartamente como nos territórios quentes.

5. Até mesmo o mar, que se acha nos trópicos, é pouco habitado quando o Sol desenvolve a sua maior força. Peixes e outros marítimos fogem para norte ou sul, de acordo como o Sol desenvolve o seu maior calor. Na mesma relação do Sol para a Terra, acham-se todas as criaturas entre si. Isso já se dá entre os elementos. Porventura não é a água a maior benfeitora, depois do Sol? Não é desejo de todo lavrador que uma chuva benéfica venha a regar campos e hortas? E quando vem, como se regozija a própria natureza!

6. Admitamos grandes enxurradas, em vez de chuva confortadora, que ninguém elogiará a sua utilidade. Destroem tudo, deixando os terrenos desertos dos quais o homem nem após séculos consegue extrair algum proveito.

7. Do mesmo modo são os ventos importantes benfeitores para o solo e a saúde de todos os seres. Quando desvirtuam em tempestades e furacões produzem apenas prejuízos, quer dizer, do ponto de vista humano, incapaz de apreciar a sua utilidade fenomenal.

8. Facto semelhante ocorre na flora, que contém plantas boas e venenosas, chamadas de joio. Alguém possuindo campo limpo para sementeira de trigo e cevada, ambos hão-de germinar satisfatoriamente. Vindo um inimigo que semeasse à noite quantidade de sementes nocivas, o joio surgiria entre as sementes boas, podendo abafá-las. Existem certas qualidades de plantas que impedem o surgir de outras, quando se tiverem apossado de um terreno.

9. O mesmo se dá no campo animal. Um serve de alimento para o outro, e o homem, de espécie animal, é o maior animal feroz. Uma gazela, cabra ou outro animal, fogem ao verem um lobo, urso, leão ou tigre. O homem, munido de armas potentes, lhes faz caça para se apossar da sua pele e saborear a sua carne.

184. A FINALIDADE DA LUTA NA NATUREZA.

1. (O Senhor): “Desejas saber por que permito tais adversidades num planeta como a Terra. Eu te respondo, existirem inúmeros planetas muito maiores que o nosso, nos quais pouca ou nenhuma adversidade haverias de encontrar.

2. Porquê justamente neste planeta? Por serem os seus habitantes, psíquica e espiritualmente, de tal forma constituídos a se tornarem filhos de Deus, podendo então fazer o mesmo que Eu, razão porque já foi dito, através da boca dos profetas: Sois Meus filhos, portanto deuses, como Eu, vosso Pai, sou Deus.

3. Para que isso seja possível, a alma tem que ser concatenada de inúmeras partículas psíquicas do reino animal desta Terra, após longos períodos, ocorrência que os antigos sábios denominavam de transmigração de almas (*metempsicose*).

4. **Se bem que as formas materiais dos seres se devorem reciprocamente, muitas almas são libertas e as afins se unem para**

um grau mais elevado, ingressando em nova forma até chegarem ao homem.

5. O que sucede com a alma, corresponde ao seu espírito no Além, propriamente o gerador, guia, escultor e conservador da psique até atingir a forma humana, cuja alma ingressa então em sua plena esfera de liberdade, podendo desenvolver-se em sentido moral.

6. Quando a alma se tiver elevado a certo grau de perfeição espiritual, a sua centelha de luz e amor a ela se une, dando-se a paulatina semelhança com Deus. Tão logo se desprender do corpo, é ela um ser perfeitamente semelhante a Deus, podendo projectar tudo, de si mesma, e igualmente manter a sua projecção.

7. O que acabo de te revelar, acontece somente nesta Terra, de modo tão complexo, e isto pela seguinte razão: Esta Terra corresponde ao Meu Coração. Eu tendo apenas um só Coração, só pode haver um corpo cósmico que corresponda inteiramente a ele, isto é, ao seu Ponto Central de Vida.

8. Naturalmente não o entendes na íntegra, e se Eu quisesse explicá-lo ao teu intelecto, levaríamos mais de cem anos até que começassem a perceber algo melhor da Minha Sabedoria interna. Basta que te unas ao Meu Espírito em tua alma, e assimilarás num momento, muito mais do que pelo caminho da pesquisa cansativa, em mil anos. Eu aqui Me encontrando e tudo Me sendo possível, demonstrar-te-ei o resultado psíquico da caça por ti observada.

185. EXEMPLO DE UNIFICAÇÃO ANIMAL.

1. (O Senhor): “Viste como no final, o condor se apoderou do chacal que havia ingerido a gazela, levou-o a considerável altura de onde o deixou cair no solo pedregoso, ocasião em que esse animal feroz encontrou a morte. Em seguida, a ave de rapina levou a sua presa em direcção ao sul, onde existia o seu ninho. Novamente a deixou cair porque não suportava mais o seu peso.

2. A presa caiu numa rocha, para depois se precipitar num desfiladeiro, no qual uns pastores árabes, pastavam as suas manadas. Não demorou a perceberem a presença do condor, inimigo das ovelhas, descer para buscar a sua presa. Imediatamente atiraram as suas flechas, sendo ele atingido por três pastores e apanhado como troféu vitorioso. O coitado do chacal está entre as rochas, até que outras aves de rapina se alimentarão dele.

3. Agora observa diante da porta uma figura infantil, à espera de acolhimento em um ventre materno. Atrás desta aparição psíquica vê uma figura luminosa. Trata-se do seu espírito, incumbido da encarnação, em ocasião oportuna, desta alma ainda animalesca. Viste como dos três degraus anímicos, perfeitos, se bem que com milhares de preparativos, surgiu uma alma humana.

4. Esta criança será do sexo masculino, do qual se formará homem perfeito, caso for bem educado. A subtileza da gazela regerá o seu coração, a astúcia do chacal, a sua razão, e a força do condor a sua coragem e vontade. A tendência predominante será bélica, que poderá ser moderada pelo sentimento e a prudência, e deste modo será útil seja qual for a sua posição. Tornando-se guerreiro, terá sorte em virtude da sua coragem, entretanto será presa de outras armas.

5. A fim de que possas observar a criança desde o nascimento, o teu vizinho será o seu pai, no ano vindouro. Agora sabes de factos que até hoje não demonstrei a quem quer que fosse. Vamos fortalecer-nos com algum pão e vinho, após palestra tão prolongada.

186. APARENTE PRIVILÉGIO DOS PAGÃOS.

1. Enquanto nos saciamos, os fariseus aparteiam: “Agora cremos indubitavelmente seres o Senhor e Verdadeiro Cristo, pois tais segredos profundos da natureza só podem ser do Teu Conhecimento.” Ao que alguns discípulos acrescentam: “Senhor e Mestre, demonstraste-nos coisa semelhante, sem todavia apontares as minúcias, e torna-se estranho o teu pronunciamento mais preciso entre pagãos.”

2. Digo Eu: “Porventura sois ainda tão míopes ao ponto de não compreenderdes o motivo? Nunca vos aprofundastes a respeito dos fenómenos e não vos despertava o menor interesse, se um lobo despedaçava um carneiro, ou no final, um aríete abatia um lobo. Se bem que fostes seguidores zelosos da Lei moisaica, nunca vos preocuparam as leis da natureza, por isso tratei de vos orientar naquilo que vos levaria ao justo conhecimento. O resto, pouco a pouco iríeis aprender Comigo.

3. No início, alguns entre vós tiveram dificuldades de Me tomar por alguém mais que um profeta. Tal assunto tendo-se tornado compreensível, conquanto não de modo igual para todos, - ser Eu o verdadeiro Messias - chegou o momento de vos revelar

certos factos do campo da natureza. Em sua profundez, o entendimento se fará somente quando fordes penetrados pelo Meu Espírito Santo.

4. Então concluireis, igualmente, ser impossível fazer-se menção de tais explicações nesta época ignorante, mormente entre judeus, inteiramente obtusos no que diz respeito ao sentido do primeiro Livro de Moisés. Por isso, também tereis feito o bastante para despertar a fé em Mim, entre os vossos irmãos. O necessário lhes será dado pelo Meu Espírito.

5. Os romanos têm conhecimentos da natureza por terem feito experiências e observações. Por isso, devem receber explicações acerca dos fenómenos psíquicos da natureza, que entendem mais facilmente do que vós. Aliás, acrescento que a Luz principal será tirada dos judeus teimosos e passada aos pagãos, em abundância.”

6. Retruca um adepto de João: “As Tuas Palavras nos entristecem, Senhor e Mestre; somos o povo escolhido por Deus, e Tu Mesmo tens a Tua Origem no mesmo. Agora serão os pagãos favorecidos, e nós, de certo modo dispersados entre os povos da Terra, sem país e morada, sem se falar dos descendentes do Rei David.”

187. O AMOR DE JESUS PARA COM O POVO JUDEU.

1. Digo Eu: “Meu amigo, falas e julgas qual cego. Os judeus foram o povo escolhido por Deus, – acaso se portaram de modo tal a continuarem no que foram destinados desde Abraão? Externamente cumpriam a Lei e louvavam a Deus com os lábios, mas os seus corações permaneciam obtusos e afastados de Jehovah. Inúmeras vezes foram advertidos, pelos profetas e outros sábios, de como se deviam portar perante Deus. Porventura cumpriram os Seus Mandamentos?”

2. Viviam em constantes arengas, guerreando-se em virtude de posses terrenas. Uma vez os castiguei com a prisão babilónica, isto é, pela espada do rei pagão, Nabucodonosor. Deixei-os sofrer vexames e misérias durante quarenta anos, todavia não os desprovi de profetas e doutrinadores.

3. Começando a se regenerar, permiti a sua volta ao país, podendo reconstruir Jerusalém e o Templo, com que tornaram a ser povo considerado. Pouco a pouco esqueceram-se de Mim, não

davam ouvidos aos profetas, mas os perseguiram e alguns foram apedrejados.

4. Desconsiderando todas as Minhas Advertências, permiti e instigui os romanos para que invadissem não somente a Terra Prometida, mas grande parte da Ásia; instituíram tetrarcas sobre os judeus e outros povos, sem lhes tirarem a Escritura Sagrada e o culto religioso.

5. Agora vim Eu Mesmo, visitei por diversas vezes a cidade de Jerusalém, doutrinei no Templo querendo recolher o povo debaixo das asas do Meu Amor, Poder e Sabedoria, como faz a ave com os seus filhinhos. Qual foi o resultado da Minha Aparição, Doutrina e Milagres? O ódio cresce dia a dia, sou perseguido em todas as direcções e até mesmo ameaçado de morte, facto que lhes será permitido dentro em breve, para que se cumpra o julgamento anunciado na Escritura.

6. Deixará de existir a antiga União, como foi predito por Daniel, e uma nova será firmada. Nela participarão todos os pagãos como herdeiros e possuidores do Reino de Deus. Pouco tempo após a Minha Passagem, eles a conquistarão de novo, destruindo-a de tal modo que das muitas cidades, inclusive Jerusalém, não ficará uma pedra sobre a outra, tampouco se poderá localizá-las.

7. Se afirmei que a Luz será tirada aos judeus e entregue aos pagãos, acaso serei injusto? Procura converter os judeus para que creiam em Mim, que susterei o último julgamento e renovarei a antiga União para mantê-la até ao fim dos tempos. Mas tem cuidado com tal empresa. Passarás muito pior do que o teu doutrinador João, que no deserto recomendava as obras de penitência para o perdão dos pecados, sendo por Herodes atirado no cárcere, onde foi decapitado pela exigência de Herodíade.

8. Seriam os judeus de Jerusalém, amigos de Deus, quando pretendem aprisionar e matar o seu Senhor e Pai, em Mim? Conviria deixar-se existir tal povo? Isto não é possível em virtude dos inúmeros escolhidos, razão porque encurtarei a época até ao extermínio de Jerusalém e do seu povo, atraindo sobre eles o julgamento.

188. DIRETRIZES COM RELAÇÃO AOS FALSOS PROFETAS E AOS MILAGRES.

1. (O Senhor): “Haverá muitos judeus crentes em Mim, aliás já existem vários. Mas não levará tempo, que se levantará grande número e cada indivíduo escreverá e pregará outro Evangelho, como já acontece em muitos lugares, fazendo surgir falsos Cristos. Tais falsos divulgadores do Meu Verbo dirão aos adeptos: Vede aqui o verdadeiro Cristo, pois sou testemunha ocular! Outro afirmará o mesmo.

2. Provocarão igualmente grande confusão entre os pagãos, pelo facto de encontrarem maior crédito como judeus do que certos pagãos por Mim inspirados. Além disso, produzirão falsos milagres, seduzindo a muitos na aceitação dos falsos Cristos. Previno-vos disto para não acreditardes neles, mas devem ser desmascarados perante o povo. Puni os falsos profetas e detende-os na divulgação da Minha Doutrina. Se nessa tarefa fordes indolentes, sereis semelhantes ao sal que se deteriorou tornando-se imprestável. Como, pois, temperar-se os alimentos? Por isso, ensinai, antes de tudo, a precaução contra os falsos profetas e os seus falsos milagres.

3. Vós mesmos, evitai a discordância pela palavra ou acção, mas passai a Doutrina na Verdade plena e simples, conforme a recebestes de Mim. Surgindo divergência entre vós, deitareis a semente desastrosa da contenda na Minha Doutrina, não podendo aguardar louvores e prémios da Minha parte. Sereis classificados de Meus discípulos pelo amor recíproco, como também Eu vos amei, jamais caindo em discussão e discordância. Isto acontecerá em breve entre os falsos profetas, pois um Cristo desafiará outro e até mesmo o perseguirá com maldições e condenações, cujo resultado seria idêntico, no que diz respeito à Minha Doutrina, à destruição de Jerusalém e de outras cidades.

4. **Saberei manter a Minha Doutrina inteiramente pura até ao fim dos tempos.** Mas ai dos anticristos! Não levarão os seus abusos além do tempo que os judeus, desde Moisés, praticaram contra Mim. Serão por Mim castigados por um julgamento mundial, pior que o de Noé, Sodoma e Gomorra. Entre os Meus ficarei até ao fim dos tempos, visitando-os sem distinção, como Seu Professor em todos os assuntos. Virei qual raio a iluminar do Levante ao Poente, esclarecendo tudo que era escuro e trevoso sobre e Terra.

5. A forte Luz deste raio dizimará os adversários, assim como a do corisco mata caranguejos ao serem atingidos por ele. Refiro-Me àqueles que temem o progresso espiritual, sentindo saudades da matéria como os israelitas das caçarolas cheias de carne do Egipto atrasado. O caranguejo, comum naquele país, procura geralmente o seu alimento no lodo. Se de tempos em tempos surge à luz, não demora a fazer um movimento retrógrado para o lodo.

6. Porventura não se assemelham os judeus de hoje aos israelitas libertos por Moisés no Egipto que, em vez de se movimentarem em direcção à Terra Prometida, somente almejavam as panelas de carne e injuriavam o profeta que de lá os havia afastado? Não são semelhantes aos crustáceos abjectos a não suportarem a luz do raio e, para saciarem a sua voracidade, se movimentam para a retaguarda, ao invés de caminharem para a frente?

7. Por isso determinei o seu completo extermínio, através do julgamento do fogo e da Luz do Meu Raio. Então se cumprirá o que afirmei em outra ocasião, quando falei que no final faria purificar a Terra através do fogo. Julgo ter demonstrado a fundo, porque a Luz será tirada aos judeus e entregue aos pagãos.

8. Conquanto os judeus continuarão a viver entre pagãos de todos os povos, esperando pelo Messias que não virá, serão idênticos aos cães e suínos que voltam ao vômito e ao charco. A tríplice coberta diante da face de Moisés continuará vedando os seus olhos, porque não suportam a Luz clara dos Céus e por tal razão não compreendem e assimilam o sentido das Escrituras. Estás satisfeito com a Minha extensa Explicação?"

9. Responde o adepto de João: "Tenho que estar satisfeito, Senhor e Mestre, pois sinto claramente não haver outra modalidade. Por que abusaram os homens do seu livre arbítrio, deixando-se conduzir pela inspiração do diabo, em vez de seguir o Teu Conselho para se elevarem em plena liberdade na conquista do Reino do Céu? Ainda assim, espero tenhas muitos recursos ao Teu dispor, pois não criaste os homens para se manterem eternamente semelhantes aos crustáceos."

10. Digo Eu: "Acha-se oculto nos Desígnios do Meu Amor e da Minha Sabedoria o que está reservado para eras futuras. Contudo, levará tempo até que o último Sol se tenha extinto. O apagar de muitas estrelas será visto pelos homens dando lugar a outras, - entretanto os crustáceos pouco terão perdido da sua forma abjecta.

Para Mim, mil anos são idênticos a um momento. O que não se consegue em uma era longínqua, talvez seja possível à próxima ou à milésima.

11. Quem quiser ajuda, recebê-la-á dentro em breve. Preferindo continuar na sua teimosia, - que o faça, ainda que durante milênios. Inclusive a matéria telúrica, bem como a dos inúmeros corpos cósmicos, necessitam de alimentação conservadora, e levará muito tempo até que um átomo interno consiga subir à superfície.

12. Por certo não compreenderás o que quero dizer com o seguinte: **O Filho perdido já se acha a caminho de volta, mas levará tempo quase infinito até que o faça integralmente.** Em proporção diminuta, cada pecador se assemelha a um filho perdido, cuja volta despertará maior alegria do que a presença de noventa e nove justos, jamais necessitados de penitência.

13. A Palavra que ora falo, serve não somente para esta Terra, mas tem relação para todo o Infinito. Não se trata de palavras humanas, e sim, de Palavras Divinas que são ouvidas por miríades de anjos, que as levarão de um ponto ao outro das Minhas Criações infinitas.

14. Por ora não o entendes. Quando fores renascido em espírito, poderás vislumbrar as infinitas profundezas das Minhas Misericórdias. Por enquanto satisfaz-te com o que acabas de ouvir; assuntos deste teor não mais serão ventilados por Mim, neste mundo. Guardai-o até ao tempo da vossa iluminação interna, após a qual podereis também falar aos compreensivos e esclarecidos espiritualmente, sobre tudo que vos disse. Diante dos incompreensivos, silenciai e não atireis as Minhas pérolas aos suínos."

15. Os discípulos assim fizeram e, especialmente entre os judeus, revelaram o Meu Padecimento, Morte e Ressurreição, e que portanto fui o verdadeiro Messias. Sobre estes acontecimentos finais não concordaram inteiramente, o que se deduz dos relatos acerca da Minha Ressurreição. Mormente a aceitação do testemunho de Maria Madalena; alguns acreditaram, enquanto outros tomaram o testemunho das mulheres por fábula (*Marcos 16:9-11*); até Eu Mesmo surgi, e ainda assim tive dificuldades para convencê-los de ter ressuscitado (*Marcos 16:12-13*). Apontei aos discípulos o perigo da controvérsia. Entre eles imperava o mesmo que entre outros: o espírito era submisso, mas a carne era fraca.

189. A DIFICULDADE DO OFÍCIO DOUTRINÁRIO.

1. Enquanto ainda nos encontramos à mesa, Barnabás, o fariseu, aparteia: “Senhor e Mestre, caso me achasses digno para disseminar a Tua Doutrina, não havia de omitir ou acrescentar uma palavra sequer.”

2. Respondo: “És judeu e através de considerável fortuna conseguiste chegar a ser fariseu, provando a tua descendência do tronco de Levi. Todavia, foste educado entre gregos apossando-te da sua teimosia, e nesses moldes não te darás bem com outro discípulo Meu.

3. Digo a todos: O verdadeiro disseminador da Minha Doutrina tem de ser igual a um médico muito experimentado e habilidoso na sua ciência. Suponhamos que um facultativo seja chamado a uma localidade, onde se encontram muitos enfermos acometidos de gota e outras moléstias. Como já tivesse tido casos idênticos, os quais curara com vários remédios, ele age da mesma maneira, admirando-se de não obter êxito, e os enfermos perderam e confiança, procurando outro médico. Chega, assim, outro especialista. Mais inteligente que o primeiro, ele se informa do sistema de vida, alimentação e quais as enfermidades tidas desde infância e outros pormenores. Em seguida, prescreve os remédios, individualmente, conseguindo curar a todos.

4. Sendo somente este o meio de se curar, caso não seja tarde demais, o mesmo ocorre a um verdadeiro médico de almas, das quais uma é de crença fácil, outra difícil, a seguinte orgulhosa, ainda outra avarenta e egoísta. No caso de serem procuradas por um médico espiritual que, com energia, comece a pregar a Minha Doutrina, pouco resultado obterá.

5. Quem não souber chorar com os tristes, rir com os alegres, ser rigoroso com os severos, não se prestará à disseminação do Meu Reino sobre a Terra e se assemelhará ao lavrador de mãos postas no arado, mas sempre dirigindo os olhares para trás, a fim de observar a posição dos sulcos. Esquece-se do arado que, devido à falta de atenção, se desviou sendo o homem obrigado a retirá-lo, até ao ponto onde ainda o sulco se achava direito, para recomeçar a sua tarefa.

6. Eis o que acontece aos divulgadores que pretendam ensinar a todos com um só sistema, sejam carácter e qualidades quais forem. Alguns assimilam qualquer coisa, porque o ensino se prestou para

as suas faculdades. Outros, ignorantes e desajeitados, abandonarão o professor.

7. **É preciso considerar-se o temperamento dos que serão orientados sobre a Minha Doutrina, do contrário tereis pouco êxito.** Aos de fé fácil, tudo acreditarão, mormente se o ensino for positivado por qualquer milagre. Convém considerardes: Quem aceitar algo novo, com facilidade o abandonará, mormente havendo tentação para tanto. O trabalho com um incrédulo será muito maior, mas, uma vez conquistado persistirá em seu conceito. Naqueles que forem de fé fácil não deveis confiar, pois em outra ocasião nem a metade estará mantendo a Doutrina, enquanto outra parte voltará à crença anterior, ou aderirá a falsos profetas.

8. **Por isso, sede unidos com referência à Minha Doutrina.** Quanto à divulgação, convém analisardes a mentalidade dos que necessitam dela, para depois pregá-la segundo o seu estado individual. Então obtereis bons resultados, em toda parte.

9. Além disso, considerai o provérbio romano pelo qual não se transformará um tronco podre em um deus, e que a pomba temerosa jamais chocou um condor dos seus ovos. Como já disse por diversas vezes: Sede cautelosos como serpentes, mas cheios de mansidão quais pombas. O ofício doutrinário é um dos mais difíceis e feliz quem souber exercê-lo proficuamente."

10. Diz Barnabás: "Acabas de proferir a pura verdade, Senhor e Mestre; também fui professor e percebi a dificuldade de se tratar com pessoas de carácter diverso. Aceito o Teu Conselho e praticá-lo-ei."

11. Respondo: "Assim farás. Todavia serás um dos primeiros a discordar com um dos Meus apóstolos, havendo separação por longo tempo. Não te digo quando, onde e com quem isso acontecerá. No momento te lembrarás das Minhas Palavras."

12. Obsta ele: "Sabendo isso antecipadamente, poderias impedir tal ocorrência desagradável."

13. Retruco: "Em todo o planeta sois vós, Meus discípulos, os homens mais livres, e de modo algum vos quero aplicar a algema mais subtil partindo da Minha Omnipotência. Se vos envio ao mundo, a fim de libertardes os homens do seu jugo da lei, em Meu Nome, como poderia enviar-vos como servos manietados? Se assim fizesse, a libertação e salvação seria precária; neste caso, ser-vos-ia aplicado um jugo novo e mais pesado que o anterior à Minha Vinda.

14. Eu vos inspiro para apóstolos e profetas da Nova União, e não da antiga, e assim sois os primeiros a serem libertados, a fim de que por vós a Minha Salvação se transfira a todos, de modo justo e na Ordem perfeita do Meu Amor Eterno, Sabedoria e Poder. Compreendeste?” Barnabás o confirma, junto dos outros. Acrescento: “Então ficai em Mim, que ficarei convosco até ao Fim dos Tempos, despertando a cada um no seu dia final, em Meu Reino.”

190. O SACERDOTE DE APOLLO PERGUNTA PELO SENHOR.

1. Entrementes, um sacerdote de Apollo, em companhia de dois colegas, manda perguntar por um mensageiro se podia verificar o aspecto do Deus judaico. Informamos ser a hospedaria pública, podendo ser frequentada por todos. Os representantes politeístas não demoram a entrar no salão, onde o primeiro se dirige ao delegado, dizendo: “Diz-me quem entre esses judeus, é o Deus milagroso, para que lhe possa dar a honra devida. Como sacerdotes dos deuses egípcios, gregos e romanos, sabemos enaltecer os de outros povos, à medida do seu mérito.”

2. Com o olhar indagador, o delegado volta-se para Mim, ao que lhe dou a entender que ofereça uma taça de vinho, com a afirmação tratar-se de água da cisterna. Entendendo o Meu gesto, o delegado diz ao sacerdote de aspecto algo imbecil: “Sentai-vos a esta mesa e tomai uma taça da água, a melhor da cidade.” Embora não fosse amigo de água, o sacerdote de Apollo prova a mesma e constata ser o melhor vinho de Chipre, somente oferecido nos banquetes do Imperador. Por isso pergunta porque o delegado lhe estava pregando esta partida.

3. Retruca o mesmo: “Vai pessoalmente apanhar água da cisterna e depois conta-me se é vinho. Não há-de tomar o hospedeiro por tão louco ao ponto de fazer encher a cisterna com várias centenas de odres de vinho caríssimo.”

4. O sacerdote levanta-se e o hospedeiro o acompanha à cisterna, dá-lhe o balde e diz: “Colhe tu mesmo e depois, prova.” Certificando-se inclusive os colegas, tratar-se do melhor vinho, os sacerdotes aconselham ao hospedeiro guardá-lo em odres para poder vendê-lo a bom preço. Responde ele: “Para tanto não recebi licença de Quem transformou a água em vinho, portanto tudo ficará no mesmo.”

5. A isto, os sacerdotes não encontram argumentos, voltando ao refeitório, onde o sacerdote de Apollo diz com ênfase ao delegado: “Tal nunca se deu entre os deuses, a começar por Júpiter até à mais simples ninfa fontana. Já tratamos com centenas de magos, realmente extraordinários. Nunca, algum teve a ideia de transformar água em vinho. Por isso, peço-te que me indiques a quem nesta ilustre assembleia devo externar a minha veneração e respeito.”

6. Retruca o delegado, com a Minha Aquiescência: “À minha direita está o Senhor de toda Glória, Mestre de todos os mestres e Deus de todos os deuses.” Diz ele: “Neste caso, seria ele o destino até mesmo insondável a todos os deuses, do qual dependem, assim como o Universo, inclusive a Terra. Segundo me parece, consta em um antigo livro egípcio, que tal divindade insondável, havia de se revelar aos deuses e homens deste planeta.

7. Hoje cedo, ovacionei como sempre o deus Apollo, quando surgiu o Sol, entretanto muito me surpreendi ao ver aparecerem dois astros. O que me causou enorme estupefacção foi a descoberta de palavras debaixo do segundo Sol, que infelizmente não pude interpretar por desconhecer o idioma hebraico.

8. Não tive a menor dúvida conter aquela escrita importância excepcional. Quando me informei se algum outro havia percebido o fenómeno, alguns hóspedes me disseram que ontem à noite, o Deus judaico havia chegado com vários servos. Se fores Tu o dito Personagem, perdoa eu Te render a minha veneração e respeito como pagão, e permite a construção de um templo no ponto mais elevado desta cidade, para poder adorar-Te com dignidade.”

191. A VERDADEIRA ADORAÇÃO.

1. Digo Eu: “Deixa-te disso. O Meu Templo está em toda a parte, mormente no coração dos homens que acreditam em Mim, Me amam acima de tudo e cumprem os Meus Mandamentos. Observa a Terra com tudo que comporta, e igualmente o Firmamento. Eis o Meu Templo, construído por Mim Mesmo; por isso não necessito de outro, feito por mãos humanas. Se acreditares ser Eu o Senhor, afasta-te dos ídolos e templos feitos pelos homens. Se os construtores prometiam certas vantagens aos homens que lhes traziam oferendas, não têm tanto poder de fazer nascer a mais

simples plantinha de musgo, qual seria o poder dos seus deuses e templos?

2. Possuem os sacerdotes um poder maldoso, quer dizer, do embuste e instigação da pior superstição, poder que deriva do chefe dos diabos, que por meios ocultos sabe obscurecer os corações das criaturas, a fim de enriquecer e aumentar o seu reino.

3. Ai dos que sabem não haver verdade em seus ensinamentos, entretanto conduzem os homens às trevas, para trabalharem em benefício deles e com as suas oferendas lhes proporcionam vida descansada e confortável. Digo-vos: Apiedar-Me-ei dos seduzidos, mas nunca dos sedutores. Sabem o que fazem, enquanto os outros o ignoram.

4. Tu mesmo nunca acreditastes em um dos deuses, todavia obrigastes aos homens a crerem em fábulas dos antigos. Se te quiseres salvar da perdição, vira as costas aos deuses e ensina aqueles que por ti foram traídos, a respeito do Deus Único e Verdadeiro, que deste modo poderás participar do Meu Reino, que não é deste mundo, mas do além, do qual não tens conhecimento."

5. Responde o sacerdote pagão: "Ó Senhor, Mestre e Deus, isto será um trabalho penoso! Os homens estão demasiadamente compenetrados da realidade dos deuses. Se começarmos a ensinar o contrário, seremos perseguidos e maltratados."

6. Digo Eu: "Se crerdes em Mim, tal fé vos dará a força que vos auxiliará a realizar o impossível." Obsta o sacerdote: "Tivemos prova, nada ser impossível à Tua Onnipotência. Poderias, portanto, destruir os nossos templos em um só momento. Assim não seremos responsáveis perante o povo, podendo mais facilmente dirigir-nos a ele. Há muitas testemunhas importantes que poderiam dar o seu parecer a respeito."

7. Digo Eu: "Isso seria possível, entretanto é melhor ensinardes primeiro o povo, que porá mãos nos templos e nos bosques que os circundam, pois são apenas matagal sem viço." Opina ele: "Mestre, Senhor e Deus..." Interrompo: "Se queres falar Comigo, trata-Me apenas Senhor e Mestre. Deus serei somente quando perceberes no íntimo, o Que seja a Divindade. Podes prosseguir."

8. Diz ele: "Como surgiram todos os deuses? Não me refiro aos pequenos e semi-deuses, tampouco às deusas. Mas deve haver algo atrás dos deuses principais, venerados até pelos antigos egípcios. Tu, certamente, serás a causa disso."

192. O SURGIR DO PAGANISMO.

1. Digo Eu: “Os primitivos habitantes do Egipto, descendentes de Noé, foram os portadores do conhecimento do Deus Único e Verdadeiro, para aquele país, ao Qual veneraram além de setecentos anos, e ainda existe um templo esculpido em rocha de granito, por quatro faraós.

2. No fundo do mesmo acha-se cinzelada a seguinte inscrição: *Jabu sim bil*, quer dizer, “Eu fui, sou e serei”. Deste modo e dentro de tal concepção veneravam os primitivos a Divindade, assim como Abraão o fez neste país, e o Espírito de Deus estava com eles e ensinava-lhes coisas importantes. À medida que se inteiravam das forças da natureza, entregavam-se a meditações sobre a Natureza de Deus.

3. Cada força descoberta por eles era representada como qualidade peculiar da Força Original da Divindade. A fim de orientarem mais facilmente o povo, começaram a interpretar tais emanções através de figuras correspondentes e que cada uma, projectada pelo Deus Uno e Verdadeiro, deveria ser igualmente venerada divinamente.

4. Construíram escolas e designaram professores. Lá se ensinava o conhecimento da Divindade, de onde o ensino passava às emanções isoladas, até que instituíram escolas e educadores especiais para cada emanção. Tais emanções tinham de ser estudadas por todos os alunos, a fim de serem admitidos na escola principal, após exames prestados.

5. Com o tempo, tais professores se tornaram sacerdotes, representantes das forças isoladas da Divindade, cabendo-lhes o maior conhecimento. Com o crescimento do povo, construíram-se várias escolas e templos, e os últimos eram ornamentados com as figuras correspondentes. A descoberta de constantes projecções de forças isoladas, incentivou a construção de escolas menores, cujos templos novamente eram enfeitados com estampas da Mesma Divindade. No final, simplificaram-se os ensinamentos, de sorte que bastava a veneração de uma só força em qualquer templo, pois deste modo homenageavam a Divindade principal, segundo as Suas Projecções isoladas.

6. Com isto, o conhecimento original da Divindade Una e Verdadeira manteve-se apenas entre os sacerdotes, cada vez mais preguiçosos e dominadores. O povo era instigado à apreciação e

devoção das várias emanações isoladas, e somente poucos eram admitidos nos segredos mais profundos, em escolas superiores.

7. Deu-se também a afluência de estrangeiros no Egipto, a exigirem a iniciação da Verdade. Se bem que os sacerdotes os levassem de templos a templos, de escolas em escolas, ensinavam apenas a interpretação dos quadros correspondentes. Os estrangeiros compravam as estampas, com algumas orientações, e na pátria também construía templos e escolas, à moda egípcia. Assim surgiu o politeísmo e a idolatria de estampas, e as criaturas eram levadas à crença de terem feito tudo pela veneração de uma ou várias, conforme eram expostas no templo, ofertando-lhes sacrifícios individuais.

8. A Própria Divindade era venerada com temor e respeito, como o destino implacável, e os gregos Lhe erigiram um templo especial sob a denominação: Ao Deus Desconhecido! Em tal templo não havia figura, apenas um círculo coberto com o véu de Isis, que ninguém deveria levantar. Eis a explicação completa, a respeito dos inúmeros quadros dos ídolos pagãos.”

193. A ORIGEM DA VENERAÇÃO DE APOLLO.

1. (O Senhor): “Classificas-te de sacerdote de Apollos sem saberes qual a força isolada que os egípcios representavam por essa figura, como emanação de Deus. Entre os primitivos se manifestava a necessidade de uma divisão de tempo mais definida. Se bem que o dia se dividia pelo facto de o Sol atingir o seu zénite, na metade do dia, a noite impunha-lhes dificuldade. Certas constelações serviam de ponto de partida, todavia percebiam que as estrelas não se apresentavam sempre de modo igual. Assim, a contagem da duração da noite era mais difícil que a do dia.

2. Por isso construíram colunas elevadas em vastas planícies e observaram a marcha da sombra, marcaram com pedras, Levante e Poente, e partindo destes dois pontos fizeram pequenas divisões na linha da sombra, calculando o tempo que um homem necessitaria no decurso de determinado trecho, a passos moderados.

3. Tal trajecto era chamado de trilha e fazia mais ou menos a quarta parte de uma hora de hoje. O tempo da trilha era marcado com pequenas pedras, a de quatro trilhas, com maiores, a coluna principal formava o meio-dia, partindo da qual, várias eram distribuídas. Tais medidores de tempo nos campos eram

denominados *Sa-pollo*, quer dizer, “para o campo”, a fim de determinar a contagem do tempo para os pastores e lavradores.

4. Ornamentava-se tal coluna com uma estampa que segurava, em uma mão, o Sol formado de aço e que deveria ser batido com martelo preso a longa vara, por parte do fiscal, com pancadas correspondentes à passagem da sombra do Levante ao Poente. Assim, todos os lavradores sabiam a hora precisa.

5. Subentende-se que posteriormente se tivesse variado a forma na coluna, a fim de exemplificar aos homens, a passagem do tempo. Pouco a pouco, não mais satisfazia tal instrumento, pois este não permitia a contagem de tempo durante a noite, dedicando-se atenção mais intensiva às constelações. Inventaram-se doze e deu-se-lhes o nome de zodíaco, segundo os fenómenos surgidos de mês em mês, no qual apareciam três denominações humanas, os gémeos, o sagitário e a virgem.

6. Quanto maior a atenção às constelações, tanto mais precisa se apresentava a qualificação da noite, de sorte que construíram em Diathira, um zodíaco enorme de pedras esculpidas, ainda hoje existente e sendo obra artística a despertar grande admiração de todos o astrónomos.

7. Desta Minha Explicação, deduzirás como surgiu o teu deus Apollo e porque posteriormente foi transformado em deus do Sol e de outras forças e ciências, convindo que na realidade nunca houve um deus Apollo. O tempo sendo igualmente aceita como uma tendência principal da Força Divina, o quadro foi admitido entre os doze deuses principais, apenas projecções da Mesma. Deste ensinamento poderás concluir como surgiram os outros deuses e ídolos, sabendo de que modo terás de ensinar os pagãos ignorantes, de sorte que desejem voltar a Mim, Entidade Original e Ser de todo o ser e vida.”

194. O AMOR E A PACIÊNCIA NA DIVULGAÇÃO DA DOUTRINA.

1. Retruca o sacerdote de Apollo: “Ó Senhor e Mestre, quão tolos foram os pagãos. O assunto é tão claro que tenho a impressão de ter vivido na era remota dos egípcios, mas também percebo o grande trabalho que surgirá na intenção de elevar-se os gentios à esfera da Luz da Verdade.

2. Confio na Tua Ajuda e talvez em tempos futuros poderá registrar-se um progresso. O melhor do politeísmo é que o Governo não impõe coacção podendo todo o cidadão romano crer o que quiser, ou seguir os filósofos gregos e romanos. Basta o homem ser cidadão fiel admitindo as leis do Estado, o resto não interessa ao Governo. Assim, julgo encontrar na Tua Doutrina maior compreensão entre os pagãos que entre judeus. Não entendem a sua própria religião nem conhecem as forças da natureza, e aquilo que assimilaram foi-lhes dado pelos pagãos. Agradeço-Te, Senhor e Mestre, por Ensino tão profundo.” Interrompe o delegado: “Também eu muito lucrei nesta ocasião e saberei o que fazer na conversão dos pagãos.”

3. Digo Eu: **“Tudo que fizerdes em Meu Nome, seja feito com muito amor e paciência.** De modo algum deveis pregar o Meu Evangelho, com a espada na mão. Opino haver muitos que ficarão satisfeitos em serem levados da treva profunda à Luz claríssima da vida.

4. Vede o Meu Exemplo. Sempre Me mantive cheio de amor e paciência entre vós, jamais pronunciei uma palavra áspera, nem obriguei alguém à fé em Mim, a não ser através de algumas provas milagrosas de Amor. Tais provas também sereis capazes de operar em Meu Nome. Mas neste caso, sede parcimoniosos, o mais possível.

5. Os antigos sábios gregos, egípcios e romanos não faziam milagres, entretanto fizeram grande número de seguidores. É melhor para todos, aceitarem a Minha Doutrina segundo a força da Sua Verdade, da qual é mui rica, do que aceitá-la somente após ter sido coagido por vários milagres. Digo-vos: A letra e todas as demais provas, não vivificam o espírito do homem, senão o Espírito da Verdade nas próprias palavras.

6. **A Minha Doutrina consiste apenas no seguinte: Reconheci-Me e amai em Mim o Espírito de Deus, Único e Verdadeiro, e entre vós, amai-vos da mesma forma que cada um se ama a si mesmo.** Com esta acção sereis levados, pelo Meu Espírito, a toda a Verdade e Sabedoria emanadas de Mim.

7. Fisicamente, deixarei este mundo dentro em breve, mas na Força do Meu Espírito ficarei convosco até ao Fim dos tempos. O que fordes pedir ao Pai, o Eterno Amor em Mim, em Meu Nome, ser-vos-á dado. Não peçais por coisas materiais, pois sei o que necessitais fisicamente. Procurai antes de tudo, o Meu Reino, no

amor para Comigo, e para com o vosso próximo. Tudo o resto ser-vos-á dado por acréscimo.”

195. A OMNIPRESENÇA E OMNIPOTÊNCIA DO SENHOR. O PROCESSO DA VISÃO.

1. Todos Me agradecem com efusão, e o delegado conjectura: “Agora reconheço plenamente seres realmente o Senhor e Criador do mundo material e espiritual. Teria vontade de perguntar-Te como podes agir a longa distância, enquanto Te achas aqui Presente.”

2. Respondo: “Este Meu Corpo, igual ao vosso de carne e sangue, propriamente aquilo que se chama de Filho do homem, acha-se no momento apenas em vosso meio. A Força do Espírito de Deus que Se projecta de Mim, preenche todo o Universo e age segundo a Minha Vontade Básica, justamente no momento em que pronuncio “que assim seja!” Não audivelmente, mas no Meu Íntimo. Tudo que vês, nada mais é que a Minha Vontade firme e imutável.

3. Esta qualidade, de que o teu pai te deu informação precisa, é inerente a todos os espíritos puros, especialmente aos Meus anjos, sempre a postos para Me servirem, num grau mais perfeito que os espíritos menos aperfeiçoados.

4. Como o mundo ainda prende a tua alma, não podes entender e compreendê-lo. Quando ela se libertar através do Meu Espírito, o mundo visível desaparecerá, quer dizer, poderás vê-lo quando quiseres, mas a sua matéria resistente e os seus elementos não mais te poderão impor barreira. Do teu próprio íntimo criarás um mundo tão perfeito e estável enquanto a tua vontade o quiser fixar.

5. Vou dar-te pequeno exemplo que servirá de maior entendimento dentro de justa observação. Tens durante a noite um sonho muito nítido e estás consciente seres tu mesmo a sonhar. Nunca tiveste um sonho em que não terias visto paisagem, recinto e pessoas, com as quais muitas vezes falavas, segundo o teu conhecimento e modo de pensar. Onde estavam a paisagem, as pessoas e os outros elementos que viste, senão dentro de ti?

6. Quando a tua alma, durante o sono físico, se sente livre dos laços materiais, não pode deixar de ver o que existe dentro de si, igualmente fora de si mesma. Seja o que for, tal visão é pura

realidade, onde a alma se acha tão à vontade como acordada dentro de casa.

7. O facto de poderes entrar em contacto com os vivos e igualmente com aqueles que já partiram desta Terra, baseia-se no seguinte: **Toda a alma contém o reflexo de todas as pessoas que viveram, vivem e ainda viverão na Terra, inclusive o mundo total dos espíritos, em miniatura, assim como um espelho recebe os quadros externos sem que sejam realidades.** O espelho não deixa de ser uma comparação mui fraca por ser morto, podendo apenas representar as formas mortas dos objectos.

8. **A alma é um espelho vivo.** Por isso pode vivificar os quadros ligados a ela e tratá-los com se fossem reais, com a enorme vantagem de poder entrar em contacto verdadeiro com eles, com um mínimo de esforço. Enquanto ela viver na Terra, tal capacidade é imperfeita, não sabendo o aproveitamento disso. Quando se tiver desprendido inteiramente, perceberá mais nitidamente como aproveitar esse dom.

9. Neste ponto assemelha-se a um jovem herdeiro que recebeu do seu pai muitos bens, e no começo não sabe que aspecto têm e para que servem. Com o tempo se identificará com eles e chegará a aproveitá-los. O mesmo sucederá com toda a alma mais ou menos perfeita, cada vez mais consciente daquilo em que ela se baseia, e aplicando os seus dons.

10. Através dos teus olhos vês as zonas, as criaturas, os objectos e outras imagens, como se estivessem fora de ti. Eu, todavia, afirmo que vês tudo isto dentro de ti. A tua alma tem apenas relação com os reflexos das realidades externas, e não com elas mesmas. Somente os teus sentidos entram em contacto com as realidades.

11. Vês uma cordilheira à distância; todavia não vês a própria cordilheira, mas apenas o seu reflexo através da visão ocular, de tal forma a poder esta receber objectos grandes, em proporção menor, transmitindo-os imediatamente à visão da alma, por uma organização física mui artística.

12. O corpo por si só, nada vê, e se assim não fosse, o olho não necessitaria de organização tão fantástica, que apenas existe para a alma. Se visses as realidades como são por Mim projectadas, no seu tamanho verdadeiro, não terminarias o estudo com uma pedra de tamanho regular, durante um milénio. Na sua superfície havias de

vislumbrar milagres tão extraordinários, que nem após muitos anos te poderias dela separar.

13. **No futuro, os homens hão-de descobrir uma espécie de lentes pelas quais poderão perceber as mínimas coisas em proporção mui dilatada, extasiando-se sobre o Meu Poder e Sabedoria; todavia não conseguirão ver um objecto por menor que seja, no tamanho em que por Mim foi criado.**

14. Os menores bichinhos que os teus olhos mal consegue enxergar, poderão ser percebidos em tamanho tão colossal como vês um animal realmente grande. Ainda que vissem um infusório do tamanho de um elefante, tal aumento nada seria em confronto com o tamanho verdadeiro pelo qual Eu criei o infusório. Dei-te esta explicação para veres que **a alma nada vê fora, mas dentro de si, à medida da sua percepção mais aperfeiçoada.**

15. Quando ela estiver unida ao espírito, poderá ver tudo no seu tamanho real, caso isto a alegre. Uma coisa te afirmo: os próprios anjos mais perfeitos têm receio de verem as Minhas Criações, no seu tamanho verdadeiro, percebendo em tudo a Minha Supremacia eterna e infinita. Terás entendido esta minha explicação?"

196. A EVOLUÇÃO HUMANA.

1. Responde o delegado: "Senhor e Mestre, tenho a impressão que dentro de mim tudo começou a dilatar-se e vejo a Verdade das Tuas Explicações, e os objectos desta Terra como à luz da madrugada. Ainda há muita neblina nas regiões mais profundas e terei de esperar até que surja em mim, o Sol do espírito. As Tuas Palavras provaram mais que suficientemente, que dentro de Ti existe uma enormidade infinita, mesmo na menor criação. Não há fantasia humana capaz de elevar-se a tamanhas alturas e profundezas, a fim de projectar quadros que somente podem ter origem no Criador Único."

2. Todos os presentes acrescentam: "Sentimo-nos arrasados diante da Tua Sublimidade, que nos demonstraste com tamanha facilidade, Senhor e Mestre. Que será, quando Te conhecermos cada vez mais perfeitamente?"

3. Digo Eu: "Dar-se-á convosco o mesmo que acontece a uma semente de mostarda, quando é deitada em bom solo: crescerá dentro em breve para o tamanho de uma árvore, em cujos galhos os

pássaros celestes farão os seus ninhos. O fruto desta semente se multiplicará até ao Infinito, qualidade inerente a todas as sementes.

4. Por ora ainda sois sementes mui simples. A Minha Doutrina é o solo bem estrumado no qual Eu vos semeio, e caso assimilardes a sua força vital, colhereis frutos abundantes, no Meu Reino. Não há olho que visse, ouvido que escutasse e sentido que percebesse o que aguarda no Meu Reino, aqueles que crêem em Mim, Me amam e cumprem os Meus fáceis Mandamentos. – Agora já passou do meio-dia e convém cuidarmos do físico. Trata disso, bom hospedeiro; em seguida Eu e os discípulos prosseguiremos a marcha.”

5. Após a refeição, que durou perto de uma hora, todos Me pedem para ficar até a manhã seguinte. Dirigindo-Me para os apóstolos, digo: “Se quiserdes, podemos ficar.” Retrucam eles: “Ó Senhor, sabes que nos agrada tudo que for da Tua Vontade. Além disso, já é tarde e será difícil atingirmos ainda hoje, outro lugar.”

6. Diz o delegado: “Neste caso, os Teus discípulos têm razão, Senhor e Mestre; a próxima cidade, localizada nas fontes do Arnon, dista mais que um dia de marcha, e no percurso se encontram apenas uns casebres.”

7. Digo Eu: “Quanto à distância, facilmente poderíamos alcançar aquela cidade. Sendo do vosso desejo ficarmos até amanhã, assim será. Vamos passar a tarde no Monte Nebo.”

197. O SUBIR E DESCER DOS ANJOS.

1. Todos esvaziam as taças de vinho, para em seguida nos dirigirmos ao mencionado Monte, onde morrera o Meu primeiro e maior profeta. A situação agora é mais agradável do que pela manhã, pois o oeste estava livre das neblinas, podendo-se avistar o Vale do Jordão, grande parte do Mar Morto, a Cordilheira do Líbano com grande quantidade de cidades, lugarejos e vilas, igualmente a antiga cidade de Belém e mais acima, Jerusalém. Falamos durante mais de uma hora acerca da história da Terra Prometida, e como esta deveria ser um dos países mais abençoados do orbe.

2. No final, digo: “Tendes razão, entretanto o seu aspecto será bem diverso, dentro de pouco tempo. Alguns de vós e os vossos filhos assistirão pessoalmente, vendo este paraíso dos judeus ser transformado em deserto. Não tendo reconhecido e igualmente não querendo aceitar a época da sua grande provação, a época da Graça será acompanhada pela do julgamento. **Muitos judeus serão**

dispersos por todo o mundo, havendo outros que se refugiarão nestas sessenta cidades antigas. Se perceberdes serem de boa vontade, devem ser acolhidos. Os teimosos deixai seguir caminho. Em compensação abençoarei esta zona em vasta extensão, a fim de que possais manter grandes manadas e cultivar cevada e trigo. Até mesmo a vinha poderá ser cultivada, dando-vos bom vinho.”

3. Retruca Barnabás: “Segundo as Tuas Palavras, Senhor e Mestre, terá razão o antigo profeta que disse: A zona de Auram será triturada pelos gentios; mas quando vier o Senhor da Glória, ela verdejará de novo, tornando-se terra fértil.”

4. Acrescento: “Assim será, mas não de modo geral, pois levará um tempo muito longo até que esta zona extensa, de Auram, se torne terra fértil. Durante alguns séculos será fertilizada nos pontos por Mim visitados, onde encontrei corações bondosos. Tão logo voltem a endurecer e secar, a terra terá novamente o aspecto anterior.”

5. Aparteia o fariseu Dismas: “Eu também li na Escritura, que quando estivesses na Terra, os Céus estariam abertos, e os anjos subiriam e desceriam para Te servirem. Como devemos interpretá-lo?”

6. Digo Eu: “Penso não ser este assunto incompreensível após terdes visto neste local, Moisés e um anjo ao seu lado; aliás, tem essa passagem da Escritura, outro sentido, de certo modo, o unicamente verdadeiro. O Reino do Céu, ou seja, o Reino de Deus, não consiste em pompa externa para o homem, mas está dentro dele. Quem tiver aceite tal Reino de Deus, Pessoalmente por Mim trazido, é pelo Amor para Comigo e ao próximo, o próprio Céu agora aberto, e o próprio anjo que sobe e desce entre Mim e ele, servindo-Me com o seu amor.

7. O que vós chamais de Céu, não é Céu, mas o próprio mundo, criado por Mim para a época de prova do livre arbítrio dos homens. Quando tiverdes despido o vosso próprio mundo com a morte física, este mundo externo e visível não mais existirá para vós, tornando-vos habitantes de um outro. Será inteiramente diverso, criado por vós mesmos, segundo o amor de cada um para Comigo e o próximo. O Meu amigo delegado teve ontem à noite a prova real, quando ouviu o pronunciamento do genitor, falecido há dez anos.

198. APARIÇÃO DOS ANJOS.

1. (O Senhor): “A fim de que vejais, poder Eu deixar-Me servir pelos Meus anjos que habitam o Meu Céu, a penetrar todo o Universo, dar-vos-ei uma prova. Quero que vários aqui apareçam e designarei um para Me servir em vosso benefício. Eu Mesmo não necessito do serviço de anjo ou criatura. Quero que, neste momento, justo número de anjos nos circundem.”

2. Imediatamente somos rodeados por uma legião de anjos, em vestes brancas, azuis e vermelhas. Pagãos, judeus e fariseus cruzam as mãos sobre o peito e não se atrevem a pronunciar palavra, por tamanha veneração. Alguns anjos aproximam-se e dizem: “Caros amigos e irmãos, por que tendes temor diante de nós? Será o nosso aspecto tão horrendo?”

3. Retruca o delegado: “Amigos celestes, não é bem isso, pelo contrário e me vejo obrigado a confessar, jamais ter sonhado com figuras tão sublimes. O Senhor, ora em nosso meio, é evidentemente também o vosso Senhor, do contrário não teríeis obedecido tão velozmente. Eu poderia ter-vos chamado durante toda a minha vida, sem que algum de vós me aparecesse. Por isso, é Ele o Senhor, Tudo em tudo, obedecendo-Lhe os Céus e a Terra. Somente a grande cegueira dos homens não quer reconhecer a imensa Graça que Ele lhes proporcionou.”

4. Nisto adianta-se um anjo, precisamente o arcanjo Raphael, e diz: “Falaste certo; mas o que ora ainda não se realizou, sê-lo-á no decurso do tempo. Crê-me, nós, aqui presentes, e incontáveis seres semelhantes, nunca fomos inactivos, muito menos neste tempo.

5. Viajamos pela Terra toda, e analisamos os corações humanos, se são capazes de aceitarem a Graça vivificante do Senhor. Caso encontremos tais corações nós os fortalecemos, e tão logo o Verbo do Pai chegue a eles, em breve será aceite com muita alegria.

6. Assim, também eu vos procurei anteriormente e vos fortifiquei segundo a Vontade do Senhor, e quando Ele Pessoalmente aqui veio, dentro em pouco O reconhecestes. Para tanto não necessitamos mostrar-nos perante os homens, pois temos o Poder e Força Dele, de servirmos de tal forma, a não prejudicarmos o livre arbítrio humano. Agora, tendo reconhecido e aceite o Senhor em vosso coração, a nossa aparição real não exerce coacção sobre a vossa alma e podeis falar simplesmente connosco.”

7. Retruca o delegado: “Sublime amigo dos Céus divinos! Se futuramente tiver algo importante a resolver em Nome do Senhor e necessitasse da tua presença, poderias aparecer-me, caso te chamasse?”

8. Diz Raphael: “Sim. Mas somente para a tua pessoa. Para os teus semelhantes, apenas, caso a minha aparição não provocasse fé obrigatória. Podes confiar no que te disse, e ainda hoje terás provas de eu te ser útil, em muitas coisas, pela Permissão do Senhor.”

9. Em seguida, Raphael afasta-se, enquanto Eu Mesmo pergunto a todos se estão satisfeitos com a presença dos inúmeros anjos. Eles respondem: “Senhor, a Tua Vontade se faça! Convencemo-nos, não terem os profetas predito inutilmente a Teu respeito. Cada palavra se realizou literalmente.”

10. Só então Me viro para Raphael: “Ficarás visivelmente entre nós, até que te avise de outra incumbência.” O arcanjo Me agradece pela tarefa. Após isso, digo aos outros anjos: “Voltai para onde a Minha Vontade e Sabedoria determinaram um trabalho para vós.” Eis que todos desaparecem.

199. A ACCÇÃO DOS ANJOS.

1. Raphael permanece connosco e, subitamente, veste-se com uma túnica cinza escura, e os seus pés estão munidos de calçado. A cabeça é coberta de um chapéu à moda judaica, geralmente confeccionado de seda ou pêlo de camelo, de cor qualquer, porém clara. Deste modo, a sua figura não desperta atenção.

2. Então digo ao delegado: “Cumprimenta-o como amigo e irmão, e te certifica ser realmente de carne e osso.” Ele assim faz e se admira não pouco da figura humana deste arcanjo; por isso pede que ele se sente ao lado dele, na relva. Nisto se aproxima o sacerdote de Apollo, saúda Raphael e diz: “Certamente não te alegras comigo, que fui por muito tempo sacerdote pagão. Mas agora reconheci a Deus unicamente Verdadeiro e tudo farei para exterminar, no meu âmbito, o paganismo.”

3. Responde o arcanjo: “Podes estar certo de eu te ajudar e fortalecer quando necessário, pois também estive contigo antes que aceitasses o Senhor e amoldei o teu coração. Mais tarde estarei novamente contigo, e serei um precursor entre os teus irmãos pagãos. Não estamos indolentes quando o Senhor, Pessoalmente, põe Mãos à obra. Como espíritos perfeitos, somos de certo modo, os

Dedos na Mão do Senhor. Bem sabes que os dedos de alguém sempre estão em movimento enquanto empreendem um trabalho. Confia na Promessa do Senhor, e eu não te abandonarei. Acreditas?”

4. Retruca o delegado: “Por acaso és capaz de tudo que o Senhor faz, – com a Sua Permissão, naturalmente?” Diz Raphael: “Caro amigo e irmão, a tua pergunta foi bem humana. Nós todos, anjos celestes, somos tão pouco capazes de realizar algo como vós, humanos. Já te disse, sermos de certo modo, os Dedos da Sua Mão e Executores da Sua Vontade. Como tais, somos seres livres, por coisa alguma limitados, portanto Emanações da Força Divina e podemos realizar tudo que essa Força nos revelar e quiser. O que fazemos, não é obra nossa, mas apenas Obra do Senhor.

5. Somos perfeitamente independentes e em tudo, igualmente livres. A maior independência residindo na Sabedoria e Vontade do Senhor, subentende-se que tanto o homem quanto um espírito angelical, em si também um homem, se encontram na maior independência e liberdade, à medida da posse da Sabedoria e Vontade do Senhor. Vou provar-te por um exemplo terreno.

6. És delegado conceituado e exerces um poder, dado pelo Imperador, sobre esta e mais quatorze cidades, inclusive determinas sobre a vida e morte dos habitantes. Como chegaste a tal importante poder? Explicarei. Por meio de estudos legislativos provaste nos rigorosos exames em Roma, teres adoptado a vontade do soberano de tal forma que submeteste a tua à dele, pelo que te tornaste homem diferente que no início dos estudos. Tendo gravado a lei imperial, inclusive a sua vontade, tão vivamente, e algemado o teu livre arbítrio, nada perdeste, mas lucraste imensamente. Seguindo a tua vontade própria, terias continuado escravo da vontade imperial. Aceitando-a como a tua própria, tornaste-te inteiramente livre e poderás fazer o que quiseres, que não te caberá responsabilidade. Alguém não querendo submeter-se à tua ordem, dispões do *jus gladii*, podendo obrigar os renitentes à obediência pelo poder e força do Império.

7. Quanto mais te esforçares por executar rigorosamente a vontade do soberano, o que em breve ele saberá, tanto maior o âmbito governamental auferido por ele, no qual poderás agir muito mais livremente que agora. Deste modo, poderás elevar-te cada vez mais, a ponto de seres atraído à corte, onde agirás como o próprio Imperador. Pergunta-te de que maneira chegaste a tamanho poder, que a resposta só poderá ser a seguinte: Renunciei de tal modo à

minha vontade, que nada mais sobrou senão o desejo de me apossar da vontade do soberano.

8. O mesmo acontece nos espíritos mais perfeitos. Nós também temos a nossa vontade própria e livre. Entretanto é ela infinitamente mais restrita que a Vontade libérrima do Próprio Senhor. Quanto mais nos apossarmos da Vontade do Senhor como se fora a nossa, tanto maior serão o nosso Poder, Força e Autoridade, podendo realizar tudo que o Próprio Senhor faz e projecta. Agora compreenderás não sermos nós que realizamos as coisas, senão o Próprio Senhor, em nós e por nós.

9. Se alguém no teu distrito assalta e mata um viajante, em seguida é levado preso, diante da tua pessoa, condená-lo-ás à morte, e terás agido bem porque empregaste a vontade do Imperador, e como tal, estás fora da lei. O assaltante e assassino agiu segundo a sua própria vontade, e por isso sucumbiu. – Compreendes que nós, espíritos angelicais e possuidores do Poder e Força de Deus, fazemos livremente e sem responsabilidade tudo que Ele Mesmo faz?”

200. UMA PROVA DO PODER DE RAPHAEL.

1. Responde o delegado: “Acabaste de esclarecer o assunto em apreço de tal forma, a impossibilitar qualquer dúvida durante toda a minha vida e reconheço a tua sabedoria, idêntica à do Senhor, e seres capaz de tudo como Ele. Assim, a tua ajuda no meu trabalho será mui profícua.”

2. Digo Eu ao delegado: “Então agradou-te o Meu servo celeste?” Diz ele: “Senhor e Mestre, ele fala como se Tu Mesmo estivesses falando e deduzo possuir ele Poder divino como servo da Tua Glória e Majestade; entretanto creio que a Tua Sabedoria e Vontade sejam muito mais poderosas do que a mais profunda sabedoria de todos os Teus anjos.”

3. Digo Eu: “Meu caro amigo, essa noção não veio de teu intelecto, mas do teu espírito no além, vindo de Mim. Procura apossar-te da Minha Vontade como fizeste com a vontade do Imperador, que dentro em breve ter-te-ás unido com o teu espírito provindo de Mim, ou seja, o Meu Amor, Sabedoria e Poder, podendo agir semelhante a este espírito angelical que se chama Raphael. Nem de longe és capaz de imaginar o seu poder, todavia poderás receber algumas provas. Pede tu mesmo uma prova perante

todos, para terdes uma ideia o que podem o Meu Poder e a Minha Vontade através dele.”

4. Retruca o delegado: “Ó Senhor e Mestre, de repente acho-me tão ignorante que nem sei o que pedir, e seria melhor Tu Mesmo dares uma ideia para a nossa orientação.”

5. Respondo: “Não, Meu amigo, isso é impossível, pois Raphael é pleno do Meu Poder. Por este motivo retraio a Minha especial Vontade e Onnipotência para que ele possa querer e agir do seu próprio tesouro recebido de Mim, e tu reconheceres o que pode realizar o Meu Reino em todos os anjos e criaturas, sem que Eu fosse obrigado a guiá-los através da Minha Onnipotência. Escolhe tu mesmo o que achas justo ele efectuar.”

6. O delegado silencia, esfrega a testa com uma das mãos, e com a outra se coça atrás da orelha, não sabendo o que apresentar razoavelmente diante de Mim e de Raphael. Finalmente recorda-se ter Eu falado na casa do hospedeiro, que esta zona deveria produzir vegetação, cevada, trigo, árvores frutíferas e vinha. Neste sentido se expressa junto a Raphael.

7. O arcanjo bate amistosamente no seu ombro e diz: “Caro amigo e irmão, formulaste um pedido realmente razoável e será imediatamente aceite.”

8. Protesta ele: “Não, não, não precisa ser já. Ficarei satisfeito, caso se dê paulatinamente e com ajuda do nosso zelo humano.” Retruca Raphael: “Por acaso ignoras que quem dá de pronto, fá-lo duplamente e várias vezes, do que proporcionando ajuda segundo a sua conveniência e circunstância favorável?” Responde o delegado: “Realmente assim é, e nós romanos temos, na legislação popular, determinação de teor semelhante mas que nem sempre é posta em vigor.”

9. Diz Raphael: “Isso é comum entre cidadãos da Terra, por serem vontade e força de execução, carregadas de muitas fraquezas. Nos cidadãos dos Céus de Deus, tal não se dá e tudo que desejamos e queremos, surge no momento, em sua perfeição máxima. Levantate e faz uma vistoria pela zona, para te convenceres da veracidade das minhas palavras.”

201. A ZONA DO MONTE NEBO É TRANSFORMADA.

1. O delegado ergue-se e dirige o olhar para o vasto terreno em redor, sem o reconhecer, pois vê quantidade de campos de trigo

maduro, prados e grandes jardins em volta da cidade e hortas fertilíssimas. O próprio Monte Nebo está verdejante e apresenta as mais belas figueiras e videiras. Aos pés da cidade, descobre um grande lago, do qual vários córregos escoam em direcções diversas.

2. Levando as mãos à cabeça, ele exclama: “Ó Senhor, isto é demais e ultrapassa a minha compreensão! Que dirão os moradores desta cidade a perante esta transformação milagrosa? Só poderão concluir que um deus qualquer se tenha apiedado das suas aflições, através do pedido dos sacerdotes. Eu saberei como orientar o povo, o mais rápido possível. Peço-Te, Senhor, não mais operares outro milagre; pois este me atirou no maior embaraço e ainda hoje terei de enfrentar os importunos com as suas perguntas cansativas.”

3. Digo Eu: “Não resta dúvida, entretanto cuidarei de vos suprir de respostas adequadas, de sorte que todos seguirão felizes e gratos para os seus lares, podendo começar a colher os frutos dos terrenos individuais. Com o auxílio dos teus subalternos poderás inculcar a ordem de não fazerem alarde, porquanto atrairiam invejosos de outras localidades, e no fim ver-se-iam obrigados a tomar das armas para afastá-los.

4. Também vós, judeus e Meus apóstolos, não façais propaganda entre os conterrâneos. Muitos não vos darão crédito, vos ridicularizariam e vos perseguiriam. Outros talvez acreditassem em vós e em Mim. Mas tal fé não seria sólida, pois dentro em pouco a transformariam em superstição por meio de aditamentos, e além disso, tal propaganda demasiadamente sujeita à antiga mistificação, provocaria fé duvidosa pela alegação de ter sido a mão humana a efectuar tal transformação. Mais tarde podereis fazer referência aos que já aceitaram inteiramente a Minha Doutrina e por ela tenham ingressado no Meu Reino. Acreditarão, alegando: O que seria impossível ao Onnipotente? Possuindo-O, teremos tudo!

5. Baseai-vos, no princípio, apenas da Doutrina. Posteriormente podeis passar para as Minhas Provas que, no decorrer dos tempos, fé reduzida encontrarão. O intelecto criticará tais factos enquanto não estiver orientado na sua origem, orientação esta que para muitos só pode ser dada no Além. Segui o Meu Conselho, que prosseguireis facilmente. Em caso contrário, o melhor é o que Eu vos digo.” Todos prometem obedecer, e o delegado pergunta se deve dar notícias a respeito ao Imperador.

6. Respondo: “Por ora deixa o Imperador de lado. Passado um ano, poderás informar o Meu amigo Agrícola, que o transmitirá

oportunamente ao soberano, em teu benefício. Por enquanto, basta orientares o teu distrito. Caso vier um vizinho das cidades situadas ao Norte, ele mesmo te dirá quem foi o autor. O capitão Pellagius pode ser informado, pois é chefe militar dessa cidade e Me conhece.”

202. A VELOCIDADE DE RAPHAEL.

1. Em seguida, indago do delegado, se em casa da sua genitora havia qualquer objecto que tivesse desejo de possuir aqui. Ele retruca: “Sim, Senhor e Mestre, e trata-se do título de patriciado que durante a minha estada em Roma foi de tal modo guardado que não foi possível encontrá-lo. Estava em uma cápsula de ouro, data da época de Julius Cesar e me empenho pelo título, não tanto por mim, mas pelos meus irmãos mais novos.”

2. Diz Raphael, sentado ao lado dele: “Ei-lo, vê se é o mesmo.” Sumamente surpreendido, o romano abre o estojo onde se acha o documento, e exclama: “Como te foi possível isto?” Responde o arcanjo: “O nosso poder consiste, entre outras coisas, em nos podermos locomover num momento, de um local para outro, de sorte que fui e voltei de Roma.”

3. Diz o romano: “Se não conhecesse tão bem o estojo e o título, acreditaria que o tivesses criado da mesma forma que transformaste esta zona estéril num paraíso. Acredito poderes locomover-te num momento, de um ponto a outro; entretanto, não te ausentaste. Assim, julgo que tenhas enviado um anjo ao teu serviço, que prontamente executou a tua ordem.”

4. Diz Raphael: “Não, meu amigo, fui pessoalmente. O tempo pode, como tudo que se relaciona ao espaço, ser dividido em diminutíssimas partes, de sorte que o espaço por ti denominado de “um momento”, se divide em inúmeros, mais curtos. Para a tua capacidade assimiladora é tal momento tanto quanto nada, mas não para nós, espíritos angelicais perfeitos. Eu posso, em tal diminuto momento, movimentar-me inúmeras vezes à mais longa distância, ida e volta, sem perceberes a minha ausência, e os que se achavam naquele local tampouco sentem a minha falta. Conheces a velocidade do pensamento?”

5. Responde o delegado: “Sim, tenho pequena noção a respeito, segundo o ensino do sábio Platão.” Prossegue Raphael: “Como se chama o local mais distante que conheces pessoalmente?”

Diz o romano: “Britânia. Lá estive em companhia do meu pai, e a viagem de ida e volta a Roma durou dois anos, por mar.”

6. Diz Raphael: “Quanto tempo necessitas ir para lá em pensamento?” Responde o romano: “Em um momento posso estar aqui e lá, e ainda que fosse mil vezes mais longe, o tempo não seria maior.” Aduz Raphael: “Vê, meu amigo e irmão, a faculdade que possuis com os teus pensamentos é igualmente a nossa, espíritos perfeitos, em um grau aliás muito mais perfeito, no Reino de Deus, e tal capacidade será também tua, como espírito puro e livre, no Reino Celeste.

7. **O Reino de Deus é de extensão infinita. Se os espíritos perfeitos não se movessem mais rapidamente que os mortais nesta Terra, a execução da Vontade do Senhor seria duvidosa nos pontos mais afastados das Suas Criações.** Tempo e espaço não nos podendo impor barreiras, a Ordem do Senhor em todo o Universo, jamais sofrerá a menor perturbação. Entendeste?” Retruca o delegado: “Entendi algo mais que anteriormente, todavia não serei capaz de assimilar por muito tempo a profundidade desse segredo.”

203. A PEDRA LUMINOSA DO SOL.

1. Diz em seguida Raphael: “Observa o Sol, a oeste. Qual seria a distância daqui a esse astro? Sei que desconheces a mesma, e ainda que te dissesse o número da vossa medida actual, de nada adiantaria, porque não tens conhecimento dos números arábicos, e em números romanos não se pode exprimir cálculo tão imenso. Sabes a velocidade que uma flecha necessita para o percurso de cinquenta a cem passos. Não ultrapassa quatro momentos, sendo o voo de uma flecha, a mais rápida para o teu conhecimento. Caso uma flecha projectada em direcção ao Sol não encontrasse resistência pela atracção da Terra, necessitaria perto de cinquenta anos. Subentende-se que um viajante precisaria vários séculos para tal viagem a pé. Quanto tempo julgas eu necessitar para ir e voltar ao Sol?”

2. Responde o romano: “Pelo que vejo, a tua viagem não demoraria mais que a feita para Roma, ida e volta.”

3. Diz Raphael: “Respondeste certo, – e enquanto falava contigo, lá estive e já voltei! Como prova, trouxe-te uma pequena lembrança.” Metendo a mão na túnica, ele tira uma pedra luminosa como o Sol, mostrando-a com as seguintes palavras: “Tais pedras

não existem na Terra. Mas no grande corpo solar, mormente em sua esfera central que posteriormente irás conhecer pessoalmente, há pedras tais em tamanhos diversos e em grande quantidade.

4. Os habitantes do Sol as usam para iluminação de recintos internos, pois **o Sol, em si, é igualmente escuro**. A luz que vês, desenvolve-se na sua superfície atmosférica, agindo em sua potência apenas para o exterior e no próprio Sol, pouco mais fortemente do que avistas a superfície terrestre, iluminada.

5. Guarda esta pedra com a qual poderás iluminar os teus recintos, durante dez anos. Passado esse tempo, perderá a sua luz, gradualmente. Querendo prolongar os seus serviços iluminadores, basta expô-la aos raios solares com os quais se suprirá, fornecendo-te luz melhor do que qualquer lâmpada por melhor que seja. Passados cem anos, quando saturada do ácido da atmosfera telúrica, não mais se prestará para tal fim.”

6. Com respeito, o delegado embrulha a pedra em pano limpo e a guarda no bolso, agradecendo ao arcanjo o presente. Os discípulos invejam o romano, conjecturando: “Há tanto tempo estamos na companhia do Senhor, sem jamais ter Ele operado milagre semelhante. Basta entrar em convívio com romanos, realiza os maiores feitos, e nós os víamos somente entre pagãos, aos quais dava explicação directa, ou por meio de Raphael. Quando na proximidade de Jerusalém, Nicodemos perguntou pelo Reino de Deus, Ele respondeu: Não compreenderás as coisas do Céu enquanto não fores renascido. Não compreendendo as coisas desta Terra, visível, como entenderias fenómenos celestes, invisíveis? – Por que Ele não disse isto igualmente aos judeus?”

7. Ouvindo tais conjecturas, aproximo-me dos discípulos e digo: “Por que vos queixais secretamente? Porventura não permito serdes testemunhas de tudo o que faço entre os pagãos e não vos disse, há poucos dias, o motivo pelo qual posso demonstrar e explicar-lhes mais que a vós?”

8. No que diz respeito aos conhecimentos naturais, não sois orientados, enquanto os romanos possuem vastas noções em tais assuntos. Isso vos falta desde a época dos Juízes, conhecedores dos fenómenos da Natureza tirados dos dois Livros de Moisés, por vós recusados, preferindo criar a Cabala, cujo conteúdo é pior que o de qualquer filósofo pagão. De maneira alguma vos privo da participação de esclarecimentos mais elevados e de tais provas.

Quanto tempo terei de suportar-vos até vos tornardes mais compreensivos?"

9. Diz Simão Judá: "Ó Senhor e Mestre, tem paciência connosco. Vemos que novamente caímos em pecado diante de Ti." Respondo: "Está bem. Mas no futuro evitai tais queixas." Eles gravam as Minhas Palavras nos seus corações, tornando-se mais modestos e pacientes em todas as ocasiões.

204. MILAGRES DE RAPHAEL.

1. Em seguida, abordamos assuntos mais simples, e o hospedeiro observa que esta zona não teria concorrente em qualquer ponto do orbe, no tocante às maravilhosas pastagens. Todavia, as manadas da cidade e adjacências eram escassas e o seu número poderia ser cem vezes maior.

2. Digo Eu: "Os vossos rebanhos poderiam ser aumentados de modo milagroso como tudo o resto, entretanto chamaria ainda mais a atenção dos curiosos. Quem possuísse dez carneiros ficaria estatelado quando o seu pastor recolhesse mil, sabendo que o estábulo comporta apenas vinte. Por isso, procurai comprar animais, que dentro de dois anos se terão procriado. Os cereais podem ser guardados, porquanto dispondes de bons celeiros.

3. Daqui podeis avistar um grande lago. Existem mais seis na redondeza, pelos quais os terrenos poderão ser irrigados. Contêm igualmente grande quantidade de peixes, podendo ser aproveitados pelos moradores. Quanto aos peixes deste lago, devem ser considerados propriedade do delegado, do hospedeiro, dos sacerdotes pagãos e dos judeus, tendo cada um direito de pescar a quarta parte, segundo a sua necessidade, a fim de que ninguém seja prejudicado pela ganância do próximo. Trata-se de peixes de boa qualidade que jamais empestarão as águas."

4. Todos Me agradecem pelo presente e querem cumprir rigorosamente a partilha, e o delegado promete respeitar a mesma com os demais lagos. Alguns comentando ainda o milagre de se povoar os lagos, Raphael levanta-se e diz: "Isso nos é tão fácil como fazer verdejar um deserto, pela Vontade do Senhor. Tanto faz criar animais de qualquer espécie, como plantas ou outros seres ou coisas.

5. Tudo que um espírito pensa e quer, seguindo a Vontade de Deus dentro de si, surge de imediato. Naturalmente é o pensar de um espírito puro, diferente de um mortal. O homem só pode

imaginar e idealizar formas externas. Ninguém pode ter uma ideia e dirigir a sua vontade a formas do mais ínfimo ao mais sublime, e qual a sua construção para se tornarem capazes de viver. Isto é inerente a um espírito perfeito, tanto em grau diminuto quanto no mais complexo.

6. Para me expressar humanamente, é quase a mesma diferença que entre um artista exímio e um homem simples, capaz de talhar uma figura desajeitada de um pedaço de madeira. Havendo nesta Terra tamanha diversidade na educação dos homens, quanto mais no reino dos espíritos.

7. O elefante é actualmente o animal mais colossal e inteligente, podendo ser utilizado para serviços pesados, caso receba certo ensino por parte dos homens, e houve um tempo em que essa espécie habitava esta zona. Devido aos abusos dos homens, as terras se tornaram sempre mais estéreis, de sorte que os paquidermes emigraram para o Sul, para zonas mais férteis, trazendo sérias desvantagens para esta zona.

8. Se tu, amigo delegado, o desejares, posso proporcionar-te um casal de elefantes para o qual encontrarás forragem de sobra. Olha em direcção ao lago, onde avistarás dois paquidermes. Manda mais tarde os teus empregados levarem alguns pães, que os elefantes os seguirão ao estábulo, bastante espaçoso. Corta a erva do teu pasto, deixa-a secar e atar em molhos. Os empregados levarão os animais ao pasto, e eles mesmos transportarão o feno para o celeiro. Deste modo, poderás amestrá-los para outros trabalhos.”

9. O delegado agradece a Raphael e diz: “Alguns lavradores são entendidos na educação destes animais, pois conduziram alguns da Índia a Roma, e o Imperador os manteve para o trato deles. Mais tarde aqui vieram a serviço de meu pai e agora me servem fielmente.”

205. OS ELEFANTES SÃO AMESTRADOS.

1. Entrementes, o Sol havia desaparecido e nos dirigimos à casa do hospedeiro. Ao entrarmos no refeitório, ele pergunta se deve colocar um prato para Raphael. Respondo: “Naturalmente, pois também ele é envolto de um corpo, extraído da atmosfera telúrica, necessitando de alimento como Eu, o Senhor. Nele, a nutrição é transformada de modo diverso que em criaturas terráqueas. Mas não importa. Alimentar-se-á como nós, apenas em maior

quantidade, e disto deves estar prevenido. Manda trazer pão e vinho, e só depois, peixes e carneiro assado.”

2. Retruca o hospedeiro: “Ó Senhor e Mestre, não disponho de carneiro. Tenho trinta ovelhas, das quais mandarei matar uma, caso o pastor as tiver trazido ao estábulo.”

3. Digo Eu: “Não te preocupes. Na cozinha encontrarás um, pronto a ser assado. Por isso nenhuma ovelha deve ser morta, pois todas se acham prenhes e, dentro de algumas semanas, o teu rebanho se terá duplicado.” O hospedeiro serve pão e vinho e vai à cozinha para verificar o carneiro. Já não se admira muito, em vista dos outros milagres. Muito mais, porém, a sua mulher e serviçais que se achavam na horta, que subitamente se apresentou verdejante.

4. A companheira do hospedeiro não se cansa de relatar a sua impressão daquele momento; finalmente concluiu que só podia ser obra do hóspede milagroso que também os empregados tomavam por um deus, mormente os sacerdotes se tendo submetido às determinações do mesmo.

5. Enquanto nos confortamos no refeitório, entram os dois empregados do delegado, contando ofegantes, o seguinte: “Que milagre, senhor! Na proximidade do lago pastam dois elefantes, certamente fugidos de uma caravana hindu. Encontram-se precisamente no teu pasto e tens direito de proprietário. Se quiseres, podemos levá-los ao estábulo, do qual não fugirão tão facilmente.”

6. Responde o delegado: “Está bem, não vos deixarei sem recompensa.” Os dois apanham vários pães, dirigem-se para perto dos elefantes e lhes falam em determinados sons. A atenção é despertada e o cheiro do pão os atrai, de sorte que seguem os homens, a lhes darem pedaços de pão durante o caminho. Pela janela assistimos como os paquidermes acompanham os empregados quais ovelhas pacíficas, até o estábulo, onde recebem forragem e água. Só mais tarde, os outros servos puderam aproximar-se deles.

7. Cinco anos mais tarde, quando o Imperador proporcionou ao delegado, posto mais elevado, em virtude da transferência do capitão Pellagius e o Prefeito Cirénus, na grande cidade de Damasco, onde ele protegeu os cristãos, o romano presenteou os dois animais ao soberano, inclusive os servos. Muito satisfeito, este lhe auferiu a chefia da cidade e posteriormente a doou, passando tal doação aos próprios descendentes. Eis um pequeno relato à parte.

206. A CAUSA DA BEM-AVETURANÇA DOS ESPÍRITOS PERFEITOS.

1. Durante a ceia, alegre, os Meus apóstolos contam sobre os Meus Feitos em cidades e lugares, e também Raphael recebe elogio por parte deles, porquanto a sua atitude excepcional é ventilada. Os demais amigos se sentem tão felizes com tais relatos, que o delegado observa: “ Ó Senhor e Mestre, se fosse possível continuar na Tua Companhia e do Teu servo celeste, desistiria das bem-aventuranças muito mais sublimes dos Teus Céus. Considero o Teu Convívio directo como a situação mais privilegiada. Estando Contigo, desnecessário se torna o conhecimento dos fenómenos naturais. Tudo, desde o mais ínfimo ao mais grandioso, do Alfa ao Ómega, é apenas projecção de Pensamentos e Ideias fixados pela Tua Vontade e o Teu Espírito.”

2. Concordo: “Falaste certo, pois **também no Céu de todos os espíritos perfeitos, o Meu Convívio lhes é a bem-aventurança suprema.** Tal felicidade imensa não deriva da Minha Personalidade mui simples, que sou tanto Homem como tu, e como Espírito, tanto quanto o arcanjo Raphael, mas se origina no conhecimento cada vez mais perfeito e claro das Minhas infinitas Perfeições, em Minhas Obras sem número e medida.

3. Dá-se mais ou menos o mesmo entre criaturas desta Terra, inclinadas às artes e ciências. Ouviste, por exemplo, falar de um grande arquitecto e escultor, cujas obras eram alvo da maior admiração. Como não te faltassem os meios necessários, encetaste a viagem ao país longínquo onde tal artista executava e expunha os seus trabalhos.

4. Dentro em breve chegaste ao local e com facilidade descobriste o endereço do artista, do qual durante a viagem fizeste uma ideia fenomenal, inclusive de ser ele pessoalmente de estatura impressionante. Quando chegas a conhecê-lo, vês ser homem simples e despretensioso, cuja personalidade não traduz o que contém o seu íntimo. Falas com ele, pensando: Parece impossível existir neste homem tão simples, tamanha grandiosidade criadora, da qual os entendidos se extasiam. – Todavia sentes-te feliz e te convences da companhia do maior arquitecto e artista, podendo abordar diversas obras suas.

5. Finalmente, ele observa: Tendo empreendido o sacrifício de me procurares pessoalmente, quero levar-te daqui, da minha

mansão que apenas ilustra coisa pouca, para uma cidade longínqua e muito grande, onde terás oportunidade de te alegrar com as minhas obras. – Acompanhas o artista simpático, que durante a viagem continua homem simples. Quanto mais te aproximas da referida metrópole e de longe avistas os formidáveis monumentos, palácios e burgos, a tua fantasia a respeito dele dilata-se. A simplicidade pessoal desaparece, na proporção que a sua grandiosidade espiritual se evidencia pelas obras.

6. No fim, entras na cidade, onde uma obra após outra, cada vez mais excepcional, artística e fenomenal, te fazem silenciar, e a tua admiração sobre o arquitecto em tua companhia, cresce quando percebes como todos os moradores o cumprimentam com amor e respeito. Diz-Me, amigo, se o teu conceito anterior, na contemplação das grandes obras, não se modificou a respeito do artista e se tornou mais extasiante para a tua alma?”

207. O INCONCEBÍVEL DA CRIAÇÃO.

1. Responde o delegado: “Sim, Senhor e Mestre, escolheste um quadro perfeito, que eu, – naturalmente não na mesma proporção – assisti na minha mocidade, em que viajei com o meu pai pelas partes do norte do império romano, chegando a Veneza. Lá deparei com um palácio formidável e perfeito dentro das regras artísticas, sentindo vontade de conhecer o arquitecto.

2. Consegui chegar à sua residência e oficina, onde conheci um grego simples, da Ilha de Rhodes, e nem de longe suspeitaria ter ele capacidade de contar pelos dedos. Assim que começava a falar, via-se imediatamente que possuía, além da matemática de Euclides, outros conhecimentos de arte e ciências, despertando-me o maior respeito. Na Tua comparação Senhor, não percebo o que quiseste apontar com relação a Ti Mesmo.”

3. Digo Eu: “Amigo, nada mais que a tua suposta grande felicidade, na Minha e na companhia de Raphael, ainda não atingiu o máximo grau, o que sucederá somente quando te inteirares de todas as Minhas Construções e Criações. Se bem que saibas que em Mim se concentre a maior capacidade criadora e dela tenhas uma noção elevada desde que viste Eu operar vários milagres, a tua concepção modificará quando o teu âmbito de visão interna se tiver dilatado e elevado. Só então, o realmente Divino em Mim se destacará em uma Luz cada vez mais pura, se bem que jamais na

Luz Final mais sublime, ou seja, o Meu Eu Intrínseco, porque isso é impossível a um espírito criado, não obstante a sua máxima perfeição.

4. Agora conjecturas: Mas como? Neste caso, o espírito mais perfeito continuará um eterno nada diante de Ti! – Tens razão. Tudo Me é possível. Criar um outro Eu, perfeitamente igual a Mim, não posso, assim como também não posso gerar outro Espaço infinito e Tempo eterno. Deste modo, o mais perfeito espírito angelical não pode atingir a completa potência da Luz dentro de Mim, nem os limites do Espaço infinito, ou contar as horas das eras infindas. A respeito destes três fenômenos, ele pode formar conceitos cada vez mais dilatados, sem atingir um fim dos mesmos. Vês a força iluminadora do Sol e tomas a sua luz como a mais forte. Que dirias, se Eu te apresentasse milhares de sóis de tamanho e luz idênticos? A claridade não cairia nesta Terra, mil vezes mais forte?”

5. Responde o romano: “Ó Senhor e Mestre, não faças isso. Temos de sobra com a luz de um Sol, durante o verão. Se mil sóis iluminassem o firmamento, todos os seres haviam de queimar, e no fim, a própria Terra. Vi certa vez, em Alexandria, o que pode causar a luz do Sol através de um espelho côncavo. É o Sol aumentado, dez a vinte vezes, e causa no centro tamanho efeito a incendiar tudo. Imagina-se o efeito de mil sóis!”

6. Digo Eu: “Tens razão, a Terra é suprida mais que suficientemente com apenas um Sol. Queria somente apontar-te que até mesmo a luz natural pode ser potenciada ao infinito, quanto mais a espiritual! Por isso consta em Moisés, que nenhum ser poderia ver Deus em Sua Realidade Intrínseca, e continuar vivo.”

7. Diz o delegado: “Senhor e Mestre, começo a sentir medo na Tua Presença, pois percebo a minha perfeita nulidade e o Teu Todo, e razão tinha Platão quando disse: Em espírito vi a orla da Veste de Deus. Tudo estava transformado em luz, e eu nela me encontrava como que completamente dissolvido. Somente o amor para com a Divindade conservou a minha consciência.”

8. Digo Eu: “Aquele filósofo tinha razão, mas apenas para o seu tempo. A partir de agora, a realidade é diferente. Envolvi-Me com um Corpo, a fim de não mais Me apresentar como Deus incompreensível e invisível, mas qual Homem, com o qual podeis falar e privar, tornando-vos não somente Meus filhos, perfeitamente idênticos, senão igualmente amigos e irmãos. Com esta Dádiva da Minha Parte, julgo estardes todos satisfeitos, não vos preocupando

ser Eu jamais atingível em Minhas Capacidades, eternas e divinas. – Eis que vem o nosso assado, com o qual nos ocuparemos, deixando todo o resto de lado.”

208. A MILAGROSA REFEIÇÃO NO ALBERGUE.

1. O carneiro é dividido por todos os hóspedes, de sorte que as partes eram um tanto pequenas. O anfitrião que o percebe, vira-se para Mim dizendo: “Senhor e Mestre, pelo que vejo é este cordeiro pequeno para tanta gente e talvez nem supriria o próprio Raphael.”

2. Digo Eu: “Deixa estar. Os Meus discípulos sabem que satisfiz milhares de pessoas com alguns pães e peixes, de forma tal a sobrarem vários cestos cheios de pedaços de pão. Assim sendo, teremos de sobra com este carneiro.” Concorda o hospedeiro: “A Tua Vontade se faça, Senhor e Mestre.” Em seguida, senta-se à nossa mesa, sem se atrever a participar do assado, com receio que os outros fossem prejudicados. Deitando um pedaço em seu prato, digo: “Amigo, acredita no que te disse! Embora todos se venham a saciar, ainda sobrarão para os teus empregados.”

3. Os hóspedes se servem à vontade e quanto mais comem, tanto mais aumenta o que tinham em seus pratos. No final sobra tanto que os pedaços não cabem na grande travessa, na qual o assado havia sido trazido à mesa. É preciso buscar-se outra travessa, para levarem o resto à cozinha. A família do anfitrião e as serventes não se cansam de comentar o milagre, agradecem e servem-se, entretanto ainda sobra para o dia seguinte.

4. Enquanto ainda tomamos algum vinho, o delegado externa-se da seguinte maneira: “Senhor e Mestre, compreendo ser-te possível, bem como a Raphael, transformar um deserto em zona fértil, água em vinho, criar dois elefantes e quatorze leões e outras coisas extraordinárias, pois trata-se de coisas fáceis à Tua Omnipotência. Tudo que queres nesta Terra foi por Ti criado, portanto é admissível teres deitado em flora e fauna, a capacidade procriadora, segundo a sua espécie.

5. O caso com este carneiro é bem diverso. Havia apenas um, que foi trazido assado à mesa, e durante a partilha vimos que as partes seriam pequenas para todos. Quando, porém, se levava um pedaço à boca, ele crescia. Como podia um organismo morto aumentar, conforme acontece a um cedro que cresce de ano para ano? Confesso, não assimilar este milagre.”

6. Digo Eu: “Caro amigo, estes discípulos de há muito Me acompanham e assistiram a vários milagres iguais a este. Todavia, nenhum teve a ideia de Me perguntar a respeito, conquanto sejam judeus. Isto, devido a ignorância, não fazer diferenciação entre um e outro milagre. Vós, romanos, descobristes a diferença em virtude da inteligência apurada que dá ensejo de analisarmos o assunto.”

7. Intervém Filipe, geralmente calado: “Senhor e Mestre, por diversas vezes teríamos feito indagações. Quando tal acontecia, sempre levávamos uma corrigenda, de modo a preferirmos ouvir, recebendo orientação maior sem reprimenda.”

8. Contesto: “Se fossem assuntos deste teor, não haveria corrigenda. Indagando de factos por diversas vezes explicados, forçais-Me à seguinte pergunta: Quanto tempo terei de suportar-vos até vos tornardes mais compreensivos? A este romano não preciso fazer tal réplica. A sua inteligência descobre a menor diferença entre uma e outra Acção Minha. Operei um Milagre grandioso quando saciei vários milhares com pão e peixes, reduzidos, e além disso fiz outros, que o romano classificaria de naturais. Entretanto, não alegastes naquela ocasião: Senhor e Mestre, admitimos teres enchido as nossas redes, transformado zonas desertas em férteis, água em vinho, na Galileia e em outros lugares. Como Te foi possível transformar pães e peixes, mortos, a ponto de se saciarem milhares? Caro amigo Filipe, se Me tivésseis perguntado deste modo, nenhuma reprimenda vos seria feita. Não fazeis diferença entre as Minhas Ações, atirando-as todas no mesmo saco. O nosso romano descobriu algo que merece explicação, sem a menor corrigenda.”

209. O PROCESSO ALIMENTÍCIO DO CORPO HUMANO.

1. (O Senhor): “Caro amigo delegado, à tua pergunta inteligente, dar-te-ei resposta clara. Vê, aparentemente existe diferença nas Minhas Obras milagrosas, entretanto assim não é. Tudo que ingeres para fortificação e vivificação do corpo, não é morto como pensas. Tem o alimento três faculdades. Primeira: a material que vês e sentes pelo paladar e aroma, que servem para a vivificação do corpo. Segunda: quando os alimentos chegam ao estômago, são novamente cozidos, e neste cozimento desenvolvem-se duas partes principais, das quais uma, mais grosseira se presta à

nutrição física, dos membros e músculos, a outra é levada pelo sangue que deriva de ambas, a todas as partes físicas.

2. Quando ambas as substâncias são levadas do estômago ao intestino, começa a sentir sede e procura satisfazê-la. Deste modo, o alimento é levado ao duodeno. Através de um processo de fermentação, o elemento etéreo é filtrado, servindo para a vivificação dos nervos, que podes também chamar de sistema nervoso.

3. O elemento sumamente subtil que denominaremos de “substância”, é pelo baço levado ao coração e de lá passa inteiramente purificado à alma, de sorte que ela igualmente absorve do alimento, as substâncias afins, sendo alimentada em todas as suas partes, correspondentes ao físico.

4. Observarás que as tuas expressões e critérios se manifestam pesados e desconexos, quando estiveres com fome e sede. Se tiveres ingerido alimento bom e saudável, e tomado bom vinho, as tuas opiniões e julgamentos tomarão outro carácter, provando a participação da alma. Se deixasses de te alimentar por longo tempo, as faculdades de pensar, falar e julgar seriam mui precárias.

5. Tão logo os alimentos tiverem passado o essencial ao corpo, aos seus nervos e à sua alma, as impurezas são expelidas pelas vias naturais. Se o homem for glutão, tendo erigido o estômago como o seu deus, os alimentos e o excessivo vinho não podem ser expelidos pelo estômago e duodeno, dando-se o acúmulo de muitas partículas para o físico, nervos e alma que passam aos intestinos, e através do fígado e baço, à bexiga, provocando fermentações das quais com o tempo se desenvolvem moléstias, fazendo com que a alma se torne preguiçosa, obtusa e insensível.

6. Destas substâncias nocivas surge às vezes outro mal. Quando os espíritos da natureza, maus e não fermentados, da irradiação de tal homem perceberem haver no seu estômago e intestino quantidade de espíritos afins, infiltram-se no corpo e com eles se unem. Com este acontecimento, a situação do homem é bastante perigosa. Não somente é o físico assolado de moléstias incuráveis, mas inclusive a sua alma que, cada vez mais enfraquecida e preguiçosa, não mais se pode defender contra essas influências, ipenetrando mais e mais em sua carne sensual e sofredora.

7. A fim de impedir a materialização da alma, só existe o recurso da moléstia. Tal criatura perde o apetite e procura expelir os

antigos detritos por meio de remédios. Às vezes se consegue a cura, jamais, porém completa, pois basta a pessoa esquecer-se da sua situação enfermiça, e terá reanimado os elementos de sofrimento, tornando-se o segundo estado, pior que anteriormente.

8. Este não é o único caso prejudicial que o glutão atraiu sobre si. Acresce um terceiro, muito pior, e que consiste na possessão de um ou vários espíritos realmente maus, que temporariamente passaram a sua prova de independência num físico qualquer. Deste mal, não há médico que salve um homem, mas somente Eu e aquele que de Mim recebeu tal poder e força.”

210. OS ALIMENTOS PRINCIPAIS DO HOMEM.

1. (O Senhor): “Quem quiser permanecer com físico e alma perfeitamente sadios, tem de ser alimentado desde a infância, moderadamente, com alimentos puros. Vede o Meu Exemplo. Sou Humano, mas alimento-Me sempre da mesma espécie de comida e vinho, puro e bom, mas dentro da justa medida. O que ora saboreio, diante dos teus olhos, já o fiz como Menino, inclusive a maioria dos Meus apóstolos, quase todos pescadores que viviam de peixes. Do supérfluo dos peixes, compravam roupas, pão, sal e vinho, que tomavam diluído. Pergunta-lhes se algumas vezes foram acometidos por doenças, com exceção de um que não quero mencionar.

2. Afirmo-te, se os homens tivessem permanecido nas regras alimentícias determinadas por Moisés, nunca os médicos teriam tido lucro. Entretanto, começaram a encher-se quais pagãos, a exemplo dos epicuristas, com centenas de guloseimas, caindo em moléstias de toda espécie.

3. Peixes de qualidade, que vivem em águas limpas, são o melhor alimento quando preparados como aqui. Em falta desses, pão de trigo e cevada, leite de vaca, cabra e ovelha, são alimentos saudáveis. Entre os cereais, as lentilhas tomam o primeiro lugar, bem como o milho persa preparado em papas. Das carnes se prestam a de certas galinhas, pombos, gado sadio, cabras e carneiros, inteiramente sem sangue, frita ou cozida, sendo a carne frita preferível. **O sangue não deve ser ingerido.** Eis o alimento mais simples, puro e sadio. Tudo o resto, mormente ingerido em excesso, é nocivo, especialmente não tendo o preparo pelo qual os elementos prejudiciais sejam inteiramente extraídos.”

4. Indaga o delegado: “Senhor e Mestre, como devemos proceder com as múltiplas qualidades dos frutos e raízes?”

5. Respondo: “Os frutos devem estar maduros para serem ingeridos; entretanto, são mais salutareos quando cozidos, fritos ou secos, pois com esse processo são expelidos os elementos da natureza, não fermentados. O mesmo sucede com as raízes.

6. Conheces as qualidades de frutos e batatas que se prestam para alimento. Os homens famintos e intemperados não se satisfazem com eles, mas inventam muitos outros alimentos da flora e fauna, e a consequência é naturalmente as crescentes e mais variadas moléstias.

7. Destas Minhas Palavras deduzirás ser indiferente para Mim, dotar, através da Minha Vontade, um campo com qualquer espécie de cereais ou encher os teus celeiros com trigo maduro, ou então, fornecer-te a ti ou a outro qualquer, um pão assado, inclusive aumentá-lo quando preciso. O mesmo acontece com a carne. Se posso criar animais vivos, certamente Me é possível criar a sua carne, prepará-la e também aumentá-la, segundo as necessidades.

211. O SENHOR, COMO CRIADOR OMNIPOTENTE.

1. (O Senhor): “Em tempos remotos criei apenas um Sol, descomunal para a tua noção. Mas observa o Firmamento durante a noite, e vê-lo-ás repleto de estrelas. Todas essas estrelas, com excepção dos planetas por ti conhecidos, também são sóis, em redor dos quais giram corpos semelhantes à nossa Terra.

2. Além dessas estrelas que avistas à noite, deves imaginar biliões de outras em um Espaço infinito, e todos os inúmeros sóis e planetas surgiram daquele Sol original, naturalmente não inteiramente amadurecidos e prontos, mas quais sementes da espiga de uma haste, com a capacidade reprodutora. Agora te pergunto: Quem forneceu a substância para a formação e o futuro desenvolvimento dos grandes corpos cósmicos?”

3. Responde ele: “Quem mais, Senhor, senão Tu?”

4. Prossigo: “Se isso te é compreensível, convirás ser-Me igualmente possível aumentar um assado de carneiro, da mesma forma que no decorrer dos tempos fiz surgir do imenso Sol original, inúmeros outros sóis e planetas, e organizá-los fortes e activos, em determinados pontos do Universo. Para a tua compreensão, é uma pedra, objecto inteiramente morto. Se tivesses uma neste momento,

Eu poderia aumentá-la em um tamanho colossal ou dissolver a maior pedra existente, a ponto de nada sobrar para os teus sentidos, ou então poderia transformá-la em solo fértil.

5. É indiferente se Eu organizo tudo em um planeta qualquer, progressivamente dentro de certa ordem, ou de imediato, caso for necessário. O facto de surgir tudo nos corpos cósmicos gradualmente, como consequência de ocorrência anterior, baseia-se principalmente no Meu Amor, Paciência e Meiguice para com as criaturas, mormente nesta Terra e subsequentemente para com as de outros mundos, onde passam a sua prova de emancipação. Todo o Espaço infinito é a Minha Morada particular, onde existem muitas acomodações que irás conhecer no Meu Reino. Compreendes agora, como Me foi possível aumentar o assado?"

6. De alma contrita, o delegado responde: "Ó Senhor e Mestre, compreendo-o melhor que anteriormente, entretanto sinto-me quase exterminado diante da Tua Grandiosidade e Majestade. Sinto que existo. Mas percebo também que nada sou perto de Ti."

7. Aduzo: "Ainda assim, surgiste, como todos, de Mim; portanto és eterno. A maneira pela qual isso se deu, saberás somente através do Meu Espírito desperto dentro de ti. Acaso desejas ser mais?"

212. A CONFISSÃO DE PEDRO. A PARÁBOLA DO SEMEADOR.

1. Após Eu ter dado esta explicação, levanta-se Simão Judá, chamado Pedro, e diz: "Senhor, também nós Te agradecemos por ensinamento tão maravilhoso. Somente agora sinto na profundidade da minha alma, seres Tu, fisicamente, o Filho de Deus, o Verdadeiro Cristo, do Qual predisseram os profetas desde Moisés, e até mesmo antes dele, os inspirados patriarcas, a começar em Abraão. Não saberia o que mais perguntar-Te, pois tudo me parece claro como em um quadro estupendo diante dos meus olhos."

2. Digo Eu: "Simon Judá, falaste certo porque é assim mesmo. No entanto, desertarás com as outras ovelhas quando o Pastor for abatido. **O homem terá que dar várias provas da sua fé, antes que se aperfeiçoe igual ao seu Mestre.** Lembra-te destas Minhas Palavras. Também para ti virá o momento em que Me negarás, de medo perante o mundo. Se bem que retornarás e fortificarás a tua fé

fraca, não o farás por ti próprio, senão pelo Meu Espírito em ti, que te puxará pelos cabelos para tal fim.”

3. Diz Simão Judá: “Senhor e Mestre, é realmente estranho que nunca nos predizes algo de bom, não obstante Te acompanharmos desde o começo e, por amor a Ti, abandonamos a família e as posses.”

4. Digo Eu: “Se Eu vos tivesse criado e escolhido apenas para este mundo, profetizaria somente coisas mundanamente favoráveis. Tendo-vos escolhido somente para Mim e para o Meu Reino no Além, – por que te preocupas se não posso anunciar-te factos agradáveis e bons? Bem sabes que o mundo mau e trevoso, ama e alegra somente aquilo que lhe é afim. O que for heterogéneo, é perseguido e condenado. Sois, tanto quanto Eu, não deste mundo, mas do Alto, por isto o mundo nos persegue e odeia. Assim sendo, não te posso predizer outra coisa, caro Simão. Compreendes?”

5. Responde ele: “Ó Senhor e Mestre, compreendo bem, mas ocorre comigo o que se deu com o nosso amigo delegado. Sinto-me inteiramente aniquilado diante da Tua Perfeição infinita e Presença Pessoal. Como já esteja falando, desejava pedir-Te maior elucidação a respeito da parábola do Reino de Deus, dada na proximidade de Betsaida. A explicação foi boa, entretanto não posso concordar com o quadro.

6. Era o seguinte: O Reino de Deus é semelhante a um semeador que foi espalhar o trigo em seu campo. Uma parte caiu em caminhos e ruas. Em breve foi pisado e comida pelos pássaros, portanto não germinou nem trouxe frutos. Outra parte caiu em rochas e pedras. Germinou enquanto encontrou humidade, mas dentro em pouco secou, não tendo a semente oportunidade de dar frutos. Outra parte perdeu-se entre cardos e abrolhos. Germinou, mas foi abafada por eles, não dando fruto. Somente uma parte caiu em bom solo e produziu fruto centuplicado.

7. Quando Te pedimos explicação, disseste: A vós é dado conhecer os Segredos de Deus, enquanto aos outros não, pois consta nas Escrituras: De olhos e ouvidos abertos, não verão nem ouvirão. Em seguida explicaste o quadro, cuja explicação nos satisfez, mas ele próprio não.

8. Se querias dizer que nós representássemos o semeador destinado a disseminar a Tua Doutrina, ou seja, o Reino de Deus na Terra, o quadro teria sua justificativa. Se Tu Mesmo Te apresentas como Semeador, o quadro torna-se algo estranho, porque não posso

imaginar um semeador prudente, que deixe cair três partes do trigo nobre onde a experiência remota ensina não poder produzir em caminhos e ruas, rochas e pedras, cardos e abrolhos. Subentende-se que ele venha a preparar primeiro um campo prestável para dar fruto centuplicado.

9. Tu, Senhor e Mestre, és como Semeador infinitamente mais Sábio do que nós jamais seremos, e tenho a impressão de cometer pecado, se Te considerasse Semeador imprudente. Se formos nós, o tal semeador, o quadro é perfeito, pois alimentamos muita imprudência e ignorância.

10. Além disso, nos advertiste por diversas vezes, não devermos atirar as Tuas Pérolas, que são idênticas ao trigo puro e ao Reino de Deus, aos suínos. Assim concluo, ser o sentido da parábola uma advertência de não deitarmos o Teu Trigo em locais onde não germinaria. Teria eu dado esclarecimento certo a respeito, Senhor?"

213. A PREGAÇÃO DO EVANGELHO A TODAS AS CRIATURAS.

1. Digo Eu: "Finalmente, o Meu Espírito começa a manifestar-se dentro de vós. Se fosse a vossa memória mais forte, lembrar-vos-íeis ter Eu Mesmo dado oportunamente o conselho de não agirdes na divulgação da Doutrina qual semeador imprudente, mas conviria deitar a mesma em bom solo. Não vos disse anteriormente que todos deveriam dirigir-se a todas as parte do mundo e pregar o Meu Evangelho a todas as criaturas? Como entendeste aquilo?"

2. Responde Judá: "Ó Senhor e Mestre, com esta pergunta tiraste-me uma grande pedra do coração. A Tua convocação feita a nós, despertou, ao menos em mim, o pensamento ridículo que querias realmente a nossa divulgação não somente entre os homens prestáveis, de certo modo um bom solo, mas inclusive às montanhas, matas, lagos e rios, pássaros, enfim, flora e fauna. Por criatura se entende tudo por Ti criado, e se devemos propagar a Doutrina em todo o mundo, o meu raciocínio só podia querer executar a Tua Ordem.

3. Aliás, não é muito certo passarmos ilesos entre feras do deserto, durante tal trabalho. A Tua Vontade é soberana sobre tudo, e neste caso certamente não haveria motivo para medo maior do que perante o orgulho e egoísmo dos materialistas. Houve na Índia,

homens capazes de falar aos animais. Nunca vi semelhante coisa, portanto pode-se crer ou não em tal fábula.”

4. Digo Eu: “Agora o quadro do sementeiro com relação a todos, referente à imprudência, tornou-se mais claro. Se interpretaste o Meu convite de pregar o Evangelho a todas as criaturas, conforme acabas de expressar, deste a prova não ser a tua prudência na sementeira mui profícua. Ainda assim, fiz-vos um convite certo e real. Se fordes pregar o Meu Evangelho a criaturas verdadeiras, elas se tornarão sábias em tudo e fortes através de Meu Espírito, podendo convencer as menos proveitosas.

5. Coloquei o homem nesta Terra, para se tornar soberano e senhor de todos os seres, o que de há muito não mais é. Pelo contrário, teve que se deixar dominar pelos irracionais. Voltando a ser o que devia, através do Meu Espírito, será novamente senhor e soberano de todos os seres e eles prestar-lhe-ão serviços úteis.

6. Se ele disto for capaz, não será tanto quanto ter pregado o Meu Evangelho a todos os seres? Se, com o Meu Poder em ti, podes impor a tua vontade a um tigre ou a um urso, para que se dirija ao seu local, como já viste por várias vezes ser feito por Mim, compreenderás ser entendida a Minha Palavra e Vontade por todos, mesmo os irracionais.

7. Não vos disse, por várias vezes, que poderíeis dizer a uma montanha: Atira-te ao mar, e assim seria, caso tivésseis fé inabalável? Se para a montanha, a Minha Palavra em vós é compreensível, sê-la-á a todos os seres. Naturalmente, subentende-se para tanto a verdadeira prudência do sementeiro. Assim, caro Simão Judá, terás assimilado melhor a parábola do sementeiro. Se ainda alimentas algo, como fazias a essa parábola, podes externar-te.”

214. O SENTIDO DAS VÁRIAS PARÁBOLAS.

1. Diz Simão Judá: “Senhor e Mestre, haveria algo da época do Teu célebre Sermão da montanha. Mas me envergonho de expressar-me porque a minha ignorância se evidenciaria.”

2. Digo Eu: “Ora, que teria dito naquela ocasião que ainda não digeriste em tua alma?”

3. Encabulado, Simão Judá responde: “Foi o assunto do arrancar de olhos e decepar de mãos, caso um deles nos aborrecesse; pois seria melhor entrar no Céu, mutilado, do que perfeito, no

inferno. Sei que falaste em sentido espiritual, entretanto não conseguimos assimilá-lo na profundidade e continuamos presos, por três quartas partes, no sentido literal. O cegar de um olho ainda seria possível. Quanto ao decepar das mãos, nem sempre a pessoa dispõe de instrumento adequado e, além disso, seria difícil eu decepar a direita, por ser a esquerda algo desajeitada.

4. Sinto ter dito algo tolo. Mas de que adianta, Tu teres dito tal coisa e eu não entender o sentido espiritual, como também não compreendi a Tua Ordem em Cafarnaum, de comermos a Tua Carne e bebermos o Teu Sangue, para entrarmos no Teu Reino?

5. Esta parábola foi explicada pelo inteligente hospedeiro, e Tu Mesmo confirmaste o seu sentido justo. Com referência à mutilação física, não estamos equilibrados, e caso formos divulgar aquele Sermão, poderia suceder que pessoas de fraco entendimento pusessem em prática tal ensinamento, enquanto outras, mais inteligentes, diriam ser cruel e impraticável."

6. Digo Eu: "Dirige-te ao Meu querido João, que logo após ser dito o sermão, pude explicar o sentido, e sentirás claramente não ter Eu determinado mutilação física, senão o controle rigoroso do livre arbítrio e da mente humana. Compreendeste?"

7. Responde Pedro: "Ó Senhor e Mestre, com essas poucas palavras deste-me explicação completa e posso deixar em paz o nosso irmão João. Vejo perfeitamente serem a mente do homem, os olhos da alma, e a vontade, a mão activa. Acontece ter o homem dois olhos e duas mãos, portanto dois raciocínios e duas vontades, quer dizer, bons e maus, correspondentemente.

8. Quando o raciocínio negativo aborrece o positivo, deve o homem reconhecê-lo e desfazer-se do primeiro, para sempre, fazendo o mesmo com a vontade. É preferível ingressar seguramente no Reino Celeste, com raciocínio e vontade positivos, do que descer ao inferno dotado com ambos. Julgo que um homem que, devido às circunstâncias da inclinação para o mundo, facilmente se deixa levar a agir, ora seguindo a sua má vontade, ora obedecendo ao bem, já se tornou em vida verdadeiro demónio.

9. Um outro, que, devido à sua educação original, dispõe apenas de raciocínio e vontade maus, podendo agir somente com maldade, não é propriamente diabo perverso, senão tolo, pelo qual poderíamos pedir que Tu o perdoasses, pois não sabe o que sempre fez. Senhor e Mestre, diz-me se julguei certo."

10. Respondo: “Perfeitamente. Naturalmente terás percebido que tal critério não vem de ti, mas do Meu Espírito dentro da tua alma. Procura libertar-te inteiramente do teu raciocínio e vontade mundanos, que o entendimento celeste do espírito e a força de vontade do Céu, serão posse tua. Acaso tens mais alguma dúvida a respeito dos Ensinamentos dados por Mim à humanidade? Hoje estou disposto a endireitar tudo para vós.”

215. A JUSTA APLICAÇÃO DO AMOR AO PRÓXIMO.

1. Diz Simão Judá: “Haveria outros pontos que para o meu intelecto não se apresentam como desejava. Como os principais, aparentemente desconexos foram explicados com tanta facilidade, as linhas menos tortas da minha razão poderão endireitar-se com o tempo.”

2. Digo Eu: “Prossegue com as tuas observações.” Diz ele: “Fá-lo-ei, não muito satisfeito porque demonstro, perante os outros, ser mais ignorante. Sendo da Tua Vontade, vou humilhar-me. Na ocasião em que ensinaste o povo a respeito do amor para com Deus e do próximo, afirmaste devermos amar até mesmo os nossos piores inimigos, abençoar os que nos maldizem e fazermos o bem aos que nos prejudicam, e se alguém nos der uma bofetada, conviria oferecermos a outra face, em vez de retribuí-la.

3. Sinto que neste proceder, a prática do amor ao próximo toma a forma verdadeiramente celeste, pois se devemos fazer tudo o que desejamos para nós, justifica-se o amor para com os adversários. Todavia, não se considera a defesa em caso de ataque, pois existem os que perseguem os outros quais arqui-demónios, e em tais situações devia haver excepção.

4. Não me refiro à bofetada, pois quem quisesse dar-me uma segunda, aceitá-la-ia para que houvesse paz e união entre nós. Mas que fazer se o meu adversário quase me mata com tal aplicação? Não seria melhor tomar as devidas precauções de legítima defesa? Neste Ensino existe algo errado, segundo a minha razão. Não sei se falei com prudência ou não. Acreditando que o meu raciocínio mundano deva ser de natureza evoluída, sem a qual eu não Te teria aceite como Senhor e Mestre, sou de opinião ser precisamente ela a perceber pequenos erros.”

5. Digo Eu: “A tua pergunta é boa e justa. No entanto faço a observação de, não obstante o teu intelecto, teres memória fraca, no

que responsabilizo a tua idade avançada, de sorte que não te recordas o que em outra ocasião por Mim foi acrescentado ao ensinamento referido.

6. É claro, ser impossível dar-se a um homem perverso, oportunidade maior para aumentar a sua tendência criminosa. Neste caso, seria a consecutiva condescendência, nada mais que verdadeira ajuda para a crescente maldade do adversário. Para este fim, designei neste mundo juízes severos, dando-lhes autoridade de punição dos maldosos, e além disso formulei um Mandamento pelo qual deveríeis ser submissos à justiça do mundo, seja ela condescendente ou severa.

7. Quem tiver a má sorte de contar com adversário deste teor, procure as autoridades e faça queixa para impedir o prosseguimento dos actos do maldoso. Caso não seja possível através de punição física, a espada terá que entrar em função.

8. O mesmo ocorre com a bofetada. Caso a recebas de alguém que se deixou levar por uma reacção súbita, não reajas, a fim de que ele se acalme, podendo ambos voltar à anterior amizade, sem juiz terreno. Se fores enfrentado por alguém com bofetada assassina, tens pleno direito de defesa. Se assim não fosse, não vos teria dito para sacudirdes também a poeira dos pés, no local em que as criaturas não só recusam aceitar-vos, mas ainda vos tratam com escárnio e ameaças de perseguição.

9. Estejas certo, não ter Eu sustado poder e força da espada por causa do Sermão do amor ao próximo, e não devem ser reduzidos enquanto a inimizade entre os homens tiver atingido o grau que justifique a classificação de demoníaca.

10. Entre os patriarcas e antigos juízes constava: Vida por vida, olho por olho, dente por dente! Entre nós, tais leis não devem ser tomadas ao pé da letra, que dão igualmente a entender que o perdão não deva ultrapassar sete vezes. Tal ponto foi por Mim várias vezes explicado e por vós compreendido.

11. Mas, como já disse, com isto não anulei a Lei de Moisés, dos Juízes e dos Profetas, senão apenas as suavizei. Empregavam-na literalmente e puniam com o mesmo rigor a quem muitas vezes prejudicava o próximo, casualmente, e não em virtude de vontade maldosa.

12. A consequência disso foi que o povo, em tempos de Samuel, o último Juiz em Israel, exigiu um rei, esperando legislação mais amena. Enganou-se, porém, mormente com o Rei Saul, que o

castigava muito mais que os Juizes anteriores. Sob o regime de David e Salomão, tudo se tornou mais humano.

13. Posteriormente, quando o reino foi dividido entre vários soberanos, a situação foi pior que durante os Juizes. Finalmente tornou-se insustentável, só houve uma solução: entregar todos os judeus e muitos povos vizinhos, com os quais eles constantemente guerreavam, ao poderio romano, porque Roma tinha as leis mais sábias e úteis. Com isto foram estabelecidas, a ordem e a calma.

14. Se os judeus começarem a elevar-se e os sacerdotes apontarem as leis romanas de ultrajantes a Jehovah, condenando os judeus amigos dos pagãos, estes se levantarão e entrarão neste país para destruí-lo a ponto de não ficar uma pedra sobre a outra. Serão os judeus dispersos por todas as partes do mundo e se dará o que vos predisse: devem orar que tal fuga não suceda no inverno, nem em um sábado. Seria pior que em outra estação e em outro dia qualquer. Especialmente difícil será a fuga de mulheres grávidas.

15. Em tal época, dois judeus dormirão juntos. Um, conhecido como amigo dos romanos, será salvo, mas o teimoso, condenado. Haverá homens a moerem em um moinho. Pela mesma razão, um será aceite, outro renegado. Quem estiver trabalhando no campo, não volte a casa para apanhar as suas vestes, e quem estiver consertando o telhado, não deve querer apanhar algum objecto em sua casa, pois convém saltar directamente ao solo e salvar a sua vida. – Eis, caro Simão Judá, o que por várias vezes Eu predisse, inclusive a muitos fariseus, e presumo não encontrares algo errado.”

216. O MORDOMO INFIEL.

1. Responde Simão Judá: “Nestes pontos nada há que contrapor, porém existem ainda alguns com os quais não me conformo. Com o Teu Amor e Graça espero alcançar o justo equilíbrio.”

2. Digo Eu: “Quais são?” Responde Ele: “Sendo da Tua Vontade, vou apontá-los. Trata-se do Teu elogio feito ao mordomo infiel e da condenação do hóspede que se apresentou sem veste festiva. Acontecem dois factores incompreensíveis: primeiro, como foram os hóspedes apanhados pelos empregados, em cercas e ruelas, e empurrados para a ceia, sendo providos com as vestes necessárias. Segundo, o pobre diabo, igualmente impellido à ceia, tinha de ser enxotado por não haver posto veste festiva. Este homem

e o Teu elogio ao mordomo infiel constituem para mim, erros que não consigo apagar.”

3. Digo Eu: “Não vos disse naquela ocasião: Imitai o mordomo infiel e fazei amigos com o dinheiro injusto, pois vos receberão, se ainda estiverdes ao desabrigo, em suas moradas celestes? Para que o possas entender, ouve-Me com os dois ouvidos, a fim de impedir que entre por um e passe pelo outro, mas conserves no coração o que assimilas.

4. Todo homem abastado, possuidor de imóveis e fortuna, maiores do que necessita para o seu sustento, é perante Mim, que sou o Único Verdadeiro Fazendeiro, mais ou menos um mordomo infiel; e os bens que alega serem posse sua, constituem o dinheiro injusto.

5. Se procurar socorrer os pobres, na sua enfermidade, como Meus Mensageiros, o advertem: O Proprietário desses bens reclama de ti, em virtude da tua acção injusta, dizendo: deixarás de ser mordomo! – Ele fará dos necessitados socorridos, amigos que dele se apiedarão e recompensarão a sua caridade, quando ele chegar no Meu Reino, desnudo e abandonado.

6. Quando criei o mundo, não medi a Terra nem marquei limites, portanto não disse: Esta parte é tua, aquela, do teu vizinho. Fiz da Terra, posse uma comum a todos. Só com o tempo, a ganância e o domínio dos homens começaram a medi-la e a determinar: Esta grande área pertence-me a mim, e quem quiser trabalhar e servir-me, receberá pequena parte do arrendamento. Contudo, sou eu proprietário.

7. Tal foi a primeira constituição patriarcal entre os homens. Conquanto fosse injusta, foi a melhor e mais sábia. Sendo geralmente o patriarca, homem bom e devoto a Deus, os seus súbditos e pequenos arrendatários passavam bem, pois ele cuidava do benefício de todos.

8. A sua posse era naturalmente mil vezes maior do que necessário, portanto era mordomo injusto. Todavia, aplicava o seu dinheiro injusto em bens agradáveis a Mim, e dos seus súbditos e fez grande número de amigos, segundo a Minha Vontade e Agrado, e Eu tive que demonstrar o Meu Agrado e Louvor.”

217. A EXPLICAÇÃO DA PARÁBOLA DO MORDOMO INJUSTO.

1. (O Senhor): “Deste modo, foi o patriarca Abraão, proprietário de toda a Terra Prometida, igualmente mordomo injusto. Certamente já ouvistes falar ter ele em Salém, onde morava, organizado uma grande mesa na qual diariamente eram saciados milhares de pobres e necessitados, tanto que surgiu o provérbio de serem bem-aventurados os que têm a felicidade de se alimentar na mesa de Abraão.

2. Por isso foi ele o Meu Predilecto, e Eu o abençoei, por várias vezes, toda a sua família, pelo que podeis deduzir ter sido Abraão o primeiro e maior amigo do Rei dos reis e do Sacerdote dos sacerdotes, sem começo e sem fim, que se chamava Melquisedeque. Deu-Lhe Pessoalmente o dízimo e entre todos os reis, unicamente, teve a felicidade e o direito de se poder aproximar da Morada de Melquisedeque, Que o visitou, em companhia de dois anjos, e lhe predisse que a sua Sara, já idosa, lhe daria um filho, o que Abraão acreditou firmemente.

3. Ao mesmo tempo revelou-lhe que as cidades de Sodoma e Gomorra sucumbiriam, e que do seu tronco, Eu Próprio surgiria como Homem, para verdadeira bem-aventurança de todos.

4. Deixemos Abraão e Melquisedeque, pois o Último Se acha entre vós, na Minha Pessoa, e o velho patriarca não está longe Dele, em espírito. Tratemos de um outro mordomo injusto, que vive nas proximidades de Jerusalém e em cuja casa dentro em breve estaremos. Trata-se de Lázaro, um filho de Simão, o leproso, ao qual, sem ele saber, curei aos Meus doze anos, antes de ir a Jerusalém. Isto fiz porque, com toda a justiça, praticava grandes benefícios a milhares, através da sua fortuna vultosa, assim como faz o seu filho Lázaro.

5. Estais lembrados de tudo que ele fez quando nos hospedou por várias vezes, e quem aplica o seu dinheiro injusto de forma tal, certamente terá muitos amigos no Meu Reino, sendo-Me agradável, e quando morrer, Eu o despertarei para a Vida, sendo a sua passagem igual à do Meu querido Enoque, que ora aqui está ao Meu lado, como verdadeiro arcanjo. Com isto, caro Judá, presumo ter demonstrado claramente aonde dirijo o Meu Louvor para o injusto mordomo, e transformei em ti, a linha curva, em recta. Resta ainda a

explicação da ceia, em que foi enxotado o por ti, classificado de pobre diabo.

6. Os convivas que não compareceram e se desculparam com negócios mundanos, são precisamente tais mordomos injustos que de modo algum merecem de Mim um elogio. Os outros, posteriormente convidados em ruas, ruelas e cercas, são os que, materialmente pobres, se acham internamente com roupas de festa pela vida justa, segundo a Minha Lei.

7. Aquele que também se apresentou à Minha Ceia, representa pela personalidade, o farisaísmo obtuso, tomando lugar à Minha Mesa. Quando Eu vim Pessoalmente, como ora acontece diante de todos, vi que o teu pobre diabo não tinha veste festiva. Por isso mandei que os Meus servos o enxotassem para a mais densa treva.

8. Tal Ceia é oferecida neste momento e desde que Me apresentei como Guia e Doutrinador dos homens desta Terra, deves ter percebido por várias vezes que em muitas ocasiões se infiltravam à Minha Mesa tais hóspedes, que sempre fiz enxotar através da Minha Palavra. Porquê? Por não terem veste festiva. Entendes agora o que quis demonstrar com tal parábola?"

9. Responde ele: "Sim, Senhor e Mestre, e acrescento que na Tua Mesa certamente se encontrarão, muitas vezes, tais hóspedes sem veste comemorativa, e estaria em tempo de afastá-los." Digo Eu: "Por certo, mas neste mundo nem sempre é possível. Por isso, darei outro quadro do Semeador pelo qual vos deveis orientar."

218. A PARÁBOLA DO JOIO ENTRE O TRIGO.

1. (O Senhor): "Um fazendeiro, dono de muitas vinhas, pastos, campos e hortas, recebera do seu pai, sementes de trigo especial. Virando-se para os lavradores, disse: Limpai o campo vasto com todo o cuidado, para não surgir qualquer joio, após eu ter semeado o trigo mais seleccionado.

2. Eles assim fizeram, e o trigo germinou para alegria do fazendeiro, pois não percebia joio entre as hastes. Após certo tempo, quando o trigo já começava a botar espigas, os lavradores procuraram o dono e disseram: "Patrão, fizemos tudo conforme ordenaste e tu mesmo te alegraste com o trigo puro. Agora que começa a botar espigas, surgiu grande quantidade de joio. Se quiseres, podemos arrancá-lo.

3. Respondeu o fazendeiro: Deixai-o, para não prejudicardes o trigo. Já sabia que o inimigo faria isto. Esperai o amadurecimento de tudo; quando o trigo estiver na época da colheita, mandar-vos-ei guardá-lo nos meus celeiros, e só então o joio será juntado em molhos para secar. Em seguida será queimado, para a futura limpeza do campo.

4. Eis o quadro pelo qual deveis aprender o que fazer com relação ao joio no Meu Campo de Vida. O trigo puro representa aqueles que na Minha Ceia têm veste festiva. O joio é na sua totalidade o hóspede sem roupa comemorativa. Serviu-se dos alimentos na mesa até que o perspicaz anfitrião chegou ao salão, – o que corresponde à maturação do trigo puro e do joio. Os hóspedes festivamente enfeitados são acolhidos, e o outro, atirado ao fogo da ira do anfitrião, servindo ele próprio à purificação do campo maculado, por meio da queima.

5. Neste mundo encontrareis muitos hóspedes sem veste especial e perceberéis a proliferação do joio entre o trigo puro. Não vos altereis por isso, deixai tudo chegar à maturação e esperai que o Grande Anfitrião venha Pessoalmente. Com Ele virá igualmente o tempo certo para a selecção, e cada um receberá aquilo pelo que o seu amor, bom ou mau, se esforçou. **Na Minha Casa existem muitas acomodações bem-aventuradas, mas igualmente inúmeras prisões.** Os que preferem as últimas, terão o que desejam e jamais os tiraremos à força para macularem as nossas habitações puríssimas do Céu. Querendo resolver a sua regeneração, não lhes serão impostas barreiras para tanto. Compreendeste?”

219. COMO IDENTIFICAR OS FALSOS PROFETAS.

1. Diz Simão Judá: “Entendo perfeitamente, todavia confesso ser tal entendimento muito mais fácil para nós, os primeiros discípulos que através da Tua Graça e Amor tivemos muitas oportunidades de ouvir explicações semelhantes. Tais verdades não serão assimiladas por criaturas enterradas no materialismo, dando-se o mesmo que sucedeu aos Teus Ensinos transmitidos por Daniel e Ezequiel e outros profetas, que quanto mais se lê, menos se entende.

2. Carácter parecido contém a Tua Doutrina, mormente quando falas em parábolas e interpretações espirituais. Agora nós as entendemos. Posteriormente haverá milhares a aceitarem o

Evangelho, no entanto interpretarão os quadros de modo erróneo, dando-se a falsa compreensão. Como poderíamos impedir isso?”

3. Respondo: “Não afirmei que a vós, os Meus discípulos escolhidos e doutrinadores populares, é dado o entendimento dos Segredos de Deus? Todo o professor e mestre deve evidentemente entender mais do que os seus alunos, de contrário não o seria. Se o mestre não fosse mais sábio que o aluno, dar-se-ia o mesmo que um cego a guiar outro, até caírem ambos no abismo. Por isso, poucos são escolhidos, conquanto muitos, chamados.

4. No começo devem ser nutridos com o leite simples da Minha Doutrina; tornando-se mais fortes, poderão receber alimento mais pesado e substancial. Por isso tende cuidado que não se levantem os simples chamados a dizer ao povo: Também nós fazemos parte dos escolhidos, a fim de ensiná-lo por vantagens terrenas. Neste caso, um cego conduziria outro.

5. Percebereis quem seja um escolhido pelo facto de ser pleno do Meu Espírito, assim como vós, pregando o verdadeiro Amor a Deus e ao próximo. Se pregar como fazem os fariseus no Templo, será ele também um escolhido por eles, fazendo parte do mundo como diabo. Quem não colher de Mim, o verdadeiro Amor e a Sabedoria, dissipará e será falso doutrinador, atirando as criaturas à superstição, da qual nem todos os anjos as poderão levar à esfera da pura Verdade que liberta, mormente quando tais pessoas tiverem atingido idade avançada e se enraizado na treva da superstição. Afirmo-vos ser mais fácil afastar-se todos os males de uma criatura do que a superstição. Nos outros males, é a alma apenas parcialmente presa. Na superstição tola, o é totalmente.

6. Por isso previno-vos do aparecimento de profetas falsos, ainda nos vossos dias, doutrinadores falsos e igualmente quantidade de cristos falsos, a ensinarem o povo: Ei-Lo!, ou: Lá está Ele!, ou: Ele habita no Templo!, ou: ...em determinados recintos! – Avisai-o, porém, ser aquilo pura fraude.

7. O povo que vos seguir, deverá ser abençoado e baptizado em Meu Nome. Espargirei o Meu Espírito Santo sobre ele, podendo reconhecer a Verdade e expulsar os profetas e cristos falsos, da comunidade. Caso alguns seduzidos pelos mistificadores não vos queiram ouvir e talvez ainda vos persigam, em consideração do falso profeta e doutrinador, afastai-vos para onde o Meu Espírito vos conduzir. Tudo o resto entregai a Mim. Em tempo oportuno saberei mandar a tais mistificadores os Meus Julgamentos, e no

Além terão a mesma sorte do hóspede que na Minha Ceia não se vestiu festivamente, e as almas por eles desviadas serão os seus perseguidores.

8. **Basta que a Minha Doutrina seja mantida pura entre poucos, no que sempre serão tomadas as medidas necessárias.** A plebe materialista deve enxurdar-se e banhar-se no antigo detrito e lodo, entrando em vigor o Meu Mandamento para vós, pelo qual não deveis atirar pérolas aos suínos.”

220. A AÇÃO MILAGROSA.

1. (O Senhor): “Se bem que o Meu Evangelho deva ser divulgado sobre toda a Terra, não imponho um dever ao verdadeiro professor e profeta, no sentido de levá-lo na sua Verdade luminosa, para todos. É o suficiente que a Doutrina pura seja transmitida às pessoas bem intencionadas e com tendências espirituais, com o direito de passá-la a outras. Felizes as que a aceitarem; no entanto, o professor e profeta mais perfeito não conseguirá o crescimento de uvas em espinhos e de figos, em abrolhos.

2. Sou o Próprio Senhor, e sabeis não haver o que Me fosse impossível. Ainda assim, não posso elevar as criaturas desta Terra à esfera da Minha Luz eterna da Verdade, enquanto têm que usar do seu livre arbítrio, não obstante todo o Meu Amor e boa Vontade. O que Eu Mesmo não posso realizar, muito menos será possível a vós.

3. Tendes a impressão de que tal facto Me seria possível através de um milagre espectacular, e em parte tendes razão, – mas não na sua totalidade. Um milagre age em determinado local e mormente no momento em que foi operado. Em outras localidades, é levado o relato do mesmo, e alguns acreditarão, enquanto outros dirão o seguinte: Se o milagre foi efectuado para despertar a fé, – por que não se deu entre nós?

4. No futuro, o mais extraordinário milagre como outro qualquer facto excepcional, encontrarão menos fé à medida da sua propaganda, e passarão ao âmbito dos contos e das fábulas históricos, servindo na maioria à crença fácil, para fortificar a superstição. As criaturas não conseguem discernir entre um milagre falso e um verdadeiro, considerando ambos como extraordinários, e se deixam coagir à fé.

5. Por isso deveis praticar milagres o menos possível, a não ser curar enfermos pela imposição das vossas mãos e baptizar os que se

tornaram firmes na fé, para poderem aceitar o espírito da Verdade. Antes de tudo, mantende a pura Verdade. Ela somente liberta o homem de modo completo; tudo o resto deixa uma coacção em sua alma, mais ou menos forte, da qual ele não se livra tão facilmente. Uma fé coagida é geralmente muito pior que nenhuma.

6. Os estóicos em nada acreditam, entretanto prefiro-os aos judeus, tolos e ignorantes, que ainda acreditam ser o esterco do Templo, elemento vivificador para campos, hortas, pastos e vinhas e os fertiliza. Afirmam que quem entregar o seu dinheiro como óbolo no Templo de Jerusalém, prestará serviço muito mais agradável a Deus, do que favorecendo a um pobre, ao qual teria socorrido por longo tempo. Por isso, pregai somente a Verdade e sede parcimoniosos com milagres.”

7. Manifesta-se o Meu querido João: “Senhor e Mestre, quanto a mim, pouco me ocuparei de atitudes milagrosas, pois percebo claramente não ser a actuação milagrosa tão útil quanto a simples palavra. Quem não se libertar pela palavra verdadeira, muito menos se livrará pelo milagre. Não deixam de ter o seu benefício as Provas dadas por Ti, porquanto sabes melhor quando devem ser praticadas e qual o seu carácter.

8. Nós, os Teus apóstolos, jamais o entenderemos perfeitamente, enquanto as nossas almas estiverem envoltas com esta matéria. Assim, sou de opinião ser melhor continuarmos somente com a palavra, que através do seu sentido verdadeiro se fortificará, dispensando de outros recursos o que podemos provar pela matemática.

9. Porventura deveria eu praticar um milagre a quem ensinei que dois mais dois são quatro, a fim de positivar-lhe tal realidade? Creio ser inútil esse trabalho. A Tua Doutrina mui simples é em si qual cálculo verdadeiro que qualquer homem, dotado de apenas um vislumbre de boa vontade, deve compreender e assimilar.

10. Todo o homem sente uma ânsia de procurar Aquele que criou o mundo e tudo que nele existe, pois compreende que o Criador de tais maravilhas deve ser sábio, poderoso e sumamente bondoso, e quem O aceita desse modo, tem que respeitá-Lo e amá-Lo, passando tal sentimento para os semelhantes, igualmente Obra Divina. Eis duas Verdades matemáticas contra as quais não há quem possa argumentar. Acresce a isto que quem compreende tais máximas, *ipso facto* confirma que Deus não fez surgir tais coisas estupendas a fim de se tornarem distracção do Criador, de hoje para

amanhã, mas a menor das Suas Obras comporta uma finalidade eternamente crescente. Esta Verdade será compreensível a qualquer um, sem se operar qualquer milagre. Depende da maneira pela qual lhe é exposta. Curar-se enfermos, livrar-se possessos dos seus espíritos martirizantes e outras maravilhas, são obras de caridade ao próximo. Mas não deverão ser praticadas para positivar a Verdade, senão motivadas pelo amor. Senhor e Mestre, teria eu falado certo?"

221. A CONVERSÃO ATRAVÉS DOS MILAGRES.

1. Digo Eu: "Meu caro João, falaste de modo justo e verdadeiro. Se desta forma a Minha Doutrina for trazida aos homens, produzirá frutos bons e duradouros. Sendo imposta com milagres em profusão, assemelhar-se-á a um fruto prematuramente amadurecido que raramente contém sabor real e não pode ser guardado para o futuro.

2. Todo o amadurecimento artificial contém pouca resistência e facilmente passa à deterioração. O que se consegue realizar com facilidade tem o seu paralelo com o construtor que edificou a sua casa em areia, no vale e com pouca despesa, que por ocasião das enxurradas não pôde oferecer resistência e foi arrasada. O mesmo acontece com a Doutrina do Reino de Deus, que foi pregada e imposta com auxílio de muitos milagres e provas.

3. As criaturas a aceitam com facilidade; mas quando se apresentam tentações e provações, de nada dispõem para antepor às tentações – quer dizer, àqueles que procuram seduzi-las com outra religião ou seita – senão as provas assistidas, pessoalmente. Se os tentadores, como falsos doutrinadores e profetas, praticam os seus falsos milagres diante dos olhos de tais cristãos coagidos, estes não têm recursos para positivarem a Verdade intrínseca da Minha Doutrina, por isso a abandonam e passam para os profetas e professores mistificadores. Tais homens, que ainda não compreendem a Verdade, são comparáveis a uma vara que se deixa vergar pelo vento.

4. Com carvalhos e cedros, os ventos não podem praticar os seus abusos. São comparáveis aos homens que se converteram para Mim, através da pura Verdade da Minha Doutrina. Diante deles poderão os falsos doutrinadores e profetas engendrar o seu jogo traiçoeiro, pois não se vergarão. A força da Verdade interna é mais poderosa que todas as forças da Terra.

5. Quem entre vós fizer deste ensinamento o seu princípio, na divulgação do Evangelho, semelhar-se-á ao semeador que semeou o trigo somente em bom solo. Desconsiderando tal princípio doutrinário, deitará a sua semente em caminhos e ruas, pedras e rochas, entre espinhos e abrolhos, e pouco resultado obterá por ocasião da sua colheita.

6. Dos milagres por Mim operados, não deveis igualmente fazer grande alarde, preferindo abrir a compreensão dos homens para os milagres e provas que realizo diariamente diante de todos, e deste modo colhereis frutos muito melhores e abundantes. Tão logo compreenderem ser Eu o Senhor e Mestre em todas as coisas, desde eternidades, aceitarão, com facilidade, que por ocasião da Minha Passagem terrestre nada havia de impossível para Mim.

7. Quem o entender, procure agir de acordo, que Me proporcionará bons frutos. Todavia acrescento que, entre os Meus discípulos, alguns há que não o entendem como João. Por isso, a palavra dele se manterá até ao Fim dos Tempos, enquanto isso não se dará com a de qualquer outro, mormente com quem abre a sua boca no relato dos Meus Milagres." Este Meu Discurso, bem como o de João não agradam aos apóstolos presentes, todavia nenhum se atreve a fazer objecções.

222. ALMAS PRÉ-AMADURECIDAS POR COACÇÃO E ALMAS INTEIRAMENTE AMADURECIDAS.

1. Levanta-se o delegado e diz: "Senhor e Mestre, eu, o hospedeiro e o seu pessoal, bem como os três sacerdotes de Apollo e os fariseus, fomos convertidos através dos Teus Milagres, conquanto me convencesse que os Teus Ensinos me fossem muito úteis. Acaso devemos fazer parte dos frutos prematuramente amadurecidos, e seria possível que um falso doutrinador e profeta nos fizesse apostatar através das suas mistificações?"

2. De minha parte posso afirmar que isso jamais seria possível com a minha pessoa, porque conheço a natureza de tais milagres. Por várias vezes tive oportunidade de observar magos, cujo negócio redundava em ludibriar o povo. Foi aquela experiência muito boa porque me livrou da superstição e me induziu às obras filosóficas.

3. As Provas dadas por Ti e Raphael provaram a Tua Divindade, e creio em Ti mais firmemente que a solidez de um

diamante. A força da Verdade da Tua Palavra me fortaleceu na fé em Ti, muito mais que as Provas, pois tiveste a Bondade de nos explicar claramente a maneira pela qual ages. No entanto, desejo saber se o nosso grupo pertence aos frutos pré-amadurecidos.”

4. Respondo: “De modo algum, caro amigo, pois uma prova é amadurecimento forçado apenas para quem imediatamente se torna crente, sem se preocupar com coisa alguma. Isso não se deu contigo. Após o Meu Milagre manifestaste objecções curiosas e tive até mesmo certa dificuldade para levar-te ao justo caminho. E quando no íntimo já acreditavas em Mim, fizeste crítica acerba contra o Meu Proceder para com todos os seres, mormente para com os homens desta Terra. Se Eu não soubesse argumentar com a Verdade das Minhas Palavras, nem todos os Milagres ter-te-iam levado à fé em Mim. Foste levado à fé verdadeira em Mim pela força da Verdade, e as Provas anteriores e posteriores não aceitaste somente como positividade das mesmas, e sim como benefício teu e desta cidade, cuja possibilidade aceitas como a Mim e Raphael, e em futuro breve a compreenderás ainda melhor.

5. O que o homem analisa, concebe e compreende pelo coração e o espírito, não tem efeito de coacção de fé, mas apenas fortifica o seu espírito, não sendo classificado de fruto pré-amadurecido, mas faz parte dos inteiramente evoluídos. Afirmo o seguinte: Todo aquele que aceita qualquer verdade sem conhecer os seus elementos básicos e tampouco se preocupa com eles, pertence aos frutos não amadurecidos. Mas quem permite surgirem toda sorte de dúvidas a respeito, até ter assimilado todos os seus elementos básicos, faz parte dos frutos inteiramente amadurecidos.

6. Com relação a Mim, deve o homem ser inteiramente frio ou quente no coração, caso pretenda ser aceito por Mim. Os mornos devem ser afastados até que se tenham tornado ou frios ou quentes. Um carácter decisivo é-Me mil vezes mais agradável que milhares de indecisos. Assemelham-se estes aos recipientes de barro ainda crus e imprestáveis, até que sejam levados ao fogo. Assim também os mornos têm que passar por vários fogos de provação e tentação até que se tornem prestáveis para Mim e o Meu Reino. Presumo ter dito tudo que sirva para a tua compreensão e a de todos. Poderia acrescentar algo mais. Para quê? Quem assimila a Verdade em breve discurso, dispensa explicação maior. Assim não sendo, não compreenderá a Verdade em dissertação prolongada. Estás satisfeito?”

7. Diz o delegado: “Muitíssimo, e só me resta agradecer até ao fim da minha existência. Por esta Graça construístes em nosso coração um Templo jamais atingido pelo poder do mundo. Protege-o diante das tempestades tentadoras.” Respondo: “O que pedirdes, ser-vos-á dado. Já passa da meia-noite e convém descansarmos um pouco. Antes de partirmos de manhã, teremos oportunidade de falar ainda.”

223. JUDAS ISCARIOTES.

1. De manhã cedo, dirijo-Me com João, Pedro e Jacob (*Tiago*) ao conhecido Monte Nebo. Os outros discípulos estão ocupados com a lavagem de roupas e cabelos. O hospedeiro, seu filho, o delegado com a família e os três sacerdotes de Apollo não se fazem esperar, e logo após chegam os apóstolos, com excepção de Judas Iscariotes. Preferiu movimentar-se na cidade propalando o benefício prestado por Mim, e os moradores o favoreciam com algumas moedas que Judas gastava em pão e vinho. Percebendo a ausência do discípulo, o hospedeiro indaga do porquê.

2. Respondo-lhe: “Deixa-o. A sua ausência Me é mais agradável que a sua presença, e não necessito dizer-te mais.” Manifesta-se o delegado: “Senhor e Mestre, como foi possível ser aquele homem aceite como Teu discípulo? Não me passou despercebido que ele não pode olhar directamente para a pessoa e mesmo durante os Teus Ensinos divinos, continuava indiferente, sem dar manifestação de admiração ou aprovação. Em suma, ele não me agrada. Se eu tivesse um empregado desta qualidade, de há muito o teria despedido. Onde nasceu?”

3. Digo Eu: “É galileu e oleiro de profissão. Entre todos os discípulos possui a maior prática na escrita e na oratória. A par disso, é cheio de avareza, de certo modo um demónio dentro dele, do qual não se libertará. Todos os demónios e maus espíritos quando se apossaram do coração humano, são mais fáceis de expulsar do que o demónio da avareza.

4. Em todos os outros maus espíritos encontra-se um vislumbre de amor ao próximo. **O demónio da avareza é o mais pertinaz e penetra o homem de tal forma, até que se lhe torne idêntico, podendo usá-lo para as acções mais tenebrosas.** Precavei-vos antes de tudo da avareza. Qualquer pecador entrará mais facilmente no Reino de Deus que um avarento.”

5. Diz o delegado: “Se tem este vício e Tu sendo Onnipotente, afasta-o de Ti. Que faz ele em Tua Companhia?”

6. Respondo: “Justamente por ser Eu o Senhor Onnipotente, tenho que suportar, mormente nesta Terra, a Escola de Provação para os Meus filhos, tanto os demónios como os anjos. Ninguém pode tornar-se Meu filho sem o seu livre arbítrio, e **até mesmo ao demónio o caminho de volta não lhe é barrado**. Compreendes, portanto, porque tolero um discípulo, no qual não sinto agrado enquanto desejar ficar em Minha Companhia. Querendo afastar-se hoje, nenhum do Meu Grupo o impedirá. Aliás, caso não se corrija, dentro em breve receberá o seu prémio. Deixemos este discípulo ausente. Ainda há outros assuntos a serem ventilados. Após o desjejum, partirei para a zona onde nasce o conhecido córrego Arnon. É o caminho melhor que leva ao Vale do Jordão. Lá tenho que realizar muita coisa e dentro em breve subirei para Jerusalém.”

224. ADVERTÊNCIA CONTRA A PREGUIÇA.

1. Obsta o delegado: “Senhor e Mestre, certamente conheces melhor do que eu, todos os caminhos nesta Terra. Mas conheço, em direcção ao norte, uma trilha pela qual se chega ao Vale do Jordão.”

2. Respondo: “Caro amigo, estou ciente disso; entretanto sei, o que ignoras. Entre todos os Meus Conhecimentos sei igualmente qual o caminho a tomar, qual o lugarejo a visitar e a que hora tenho que ali chegar. Comigo não se dá o mesmo que entre os homens que dizem diante de uma tarefa: Não é preciso ser feita hoje, amanhã ou depois ainda haverá tempo. Eu, porém, digo: O que podeis fazer no dia de hoje, não deve ser adiado para amanhã. Se viesse um faminto e pedisse comida, recebendo de vós a seguinte resposta: Volta amanhã, hoje não temos tempo!, julgais ter tido ele algum benefício? Achas que tal prorrogação de caridade pertença à esfera do amor ao próximo, por Mim pregado?”

3. Se tal atitude não faz parte do amor ao semelhante, qualquer adiamento de trabalho que poderia ser executado um dia antes, não faz parte do amor ao próximo, senão da preguiça dos homens, e a preguiça é sempre a origem de todos os pecados e vícios. Um homem sempre activo, pouco tempo terá para praticar pecados. Ao passo que o preguiçoso reflectirá como afastar de si o tédio, surgido da inactividade. Cada um estando sempre rodeado de espíritos bons e maus, subentende-se que os maus conseguem influência numa

criatura ociosa. Isto feito, tolhem a alma com fantasias inúteis, atraindo-a cada vez mais para esferas baixas e trevosas. Sabendo disto, não prorogueis um trabalho que pode ser feito hoje.”

4. Responde o delegado: “Senhor e Mestre, agradeço também por este ensino, do qual deduzi que, como pagão, não estava errado em ter feito dele princípio de vida. Todo o empregado tem que seguir estritamente tal norma de vida, para que o trabalho não sofra atraso prejudicial.

5. Digo Eu: “Conheço as leis romanas. São boas e quem as respeita, não passa mal na Terra. Eis que surge o Sol e lhe prestaremos a nossa atenção.” Todos começam a observar nuvenzinhas claras a Leste, rosadas e cada vez mais brilhantes, o que leva os sacerdotes de Apollo a quererem expressar louvores àquele deus. Em tempo se controlam, e louvam-Me, dizendo ser Eu o Apollo verdadeiro e eterno, que fazia surgir e desaparecer o Sol, a Lua e todas as estrelas. Concluo: “Meus amigos, chamo-Me somente “Senhor e Mestre”, por isso poupai-Me o nome de Apollo. Já vos expliquei o sentido desse nome.” Satisfeitos com a advertência, eles se calam.

225. A ECONOMIA.

1. Pergunta, em seguida, o hospedeiro: “Senhor e Mestre, como interpretarmos a tão elogiada virtude da economia, igualmente princípio vital dos romanos? Consta que quem economiza na juventude, não passa necessidades na velhice, e tal axioma é até mais usado entre judeus que entre os romanos.”

2. Respondo: “Os últimos também usam um outro que recomenda o meio-termo. A justa economia é virtude, enquanto não se excede prejudicando o próximo. Neste caso deixa de ser virtude, passa à avareza e se torna vício. Por isso, prefiro um não exagerado gastador de seus bens a um demasiado económico. O gastador dá algo ao próximo, e o seu defeito é apenas o imprudente esbanjar as suas posses. Por este motivo nada de bom pratica, e sim, prejudica.

3. O homem muito económico a ninguém favorece, guarda tudo sob pretexto de ser preciso cuidar da família. Todavia digo: O fogo do amor para com a tua família, seja qual luz que acendes durante a noite. Mas o amor aos filhos dos pobres deve ser qual incêndio colossal, pelo qual se ilumina uma vasta zona.

4. Quem respeitar as Minhas Palavras ao lado da sua tendência económica, terá, por Mim, sorte em tudo e bênção plena, e tal felicidade e bênção continuarão em sua casa e família. Desconsiderando o Meu Princípio de vida, dentro em breve verá os filhos e parentes esbanjarem de modo inescrupuloso as suas economias, tendo que enfrentar dificuldades e misérias. Fazei tudo segundo a Minha Doutrina, com prudência e sabedoria, considerando as consequências e o final das atitudes.”

5. Aparteia o hospedeiro: “Estou muito grato, Senhor e Mestre, e além disso, muito feliz por ter respeitado tal norma desde jovem, e no futuro cuidarei ainda mais dela.”

6. Novamente se manifesta o delegado: “Também eu gravarei o Teu Ensino em meu coração e farei com que o meu amor para com a esposa e os filhos se torne verdadeira luz; enquanto a educação para com a prole dos pobres incendiará a cidade toda para iluminar todas as redondezas. Está bem assim?” Respondo: “Isto saberás pelo cumprimento das Minhas Palavras, por isso, age e vive como mandam.”

226. O “BOM-DIA” DOS GROUS.

1. Nisto surge a leste um grande bando de grous e quando se acha acima de nós, começa a aproximar-se em movimentos circulatorios. Eis que o delegado pergunta: “É um sinal de que o tempo mudará. Que achas, Senhor?”

2. Respondo: “A crença popular fez tal experiência; havendo ou não um bando de grous, é natural que em época do outono, o tempo costuma modificar-se. Para este ano deve a temperatura permanecer como é, por mais algum tempo. Estes grous não são profetas de mudança meteorológica, mas as suas almas sentem a Presença de Alguém. Demonstram-Lhe uma espécie de honra e apresentam o seu “bom-dia” porque sentem ser Ele também seu Criador.

3. Um cão afeiçoado ao seu dono, percebe a sua proximidade e demonstra pelos saltos e outras manifestações de agrado, a sua amizade e afecto. De um estranho ele não se achega, e caso alguém se aproxime do seu dono, é imediatamente atacado, obedecendo somente à voz dele. Quem lhe diz ser precisamente aquele o seu dono? Isto não se origina na carne do animal, e sim na sua alma, que se encontra em estado mais elevado de inteligência.

4. Tanto o homem quanto o animal possuem uma esfera externa que os envolve, indispensável e afim com a sua alma. Pessoas que levam vida simples percebem às vezes horas antes, a aproximação de um amigo há muito tempo ausente e podem determinar até a hora da sua chegada.

5. Os irracionais possuem em grau muito mais forte a capacidade de pressentir e perceber, a grande distância, algo agradável ou desagradável. Cães e gatos têm este dom em alto grau. Podes mandar o teu cão a vários dias de distância onde deveria ser solto, que em breve voltaria sem conhecer geografia. Quem lhe demonstra o caminho e pelo que se guia, a fim de poder voltar para junto de ti?

6. Primeiro, é a tua irradiação externa de longa projecção, que ele conhece como sendo tua, através da sua forte capacidade de faro, muito embora seja cruzada por inúmeras outras. Segundo, é o seu amor instintivo e a fidelidade que o impelem à tua pessoa. O facto de não errar o caminho e saber estar-se aproximando cada vez mais, ele percebe pela maior ou menor capacidade da tua esfera vital por ti irradiada.

7. Dá-se com ela, conquanto em relação psíquica, o mesmo que com a irradiação de uma luz, cujo efeito é mais forte no local em que se encontra. Quanto mais se afasta, mais fraca e ténue se torna, e a grande distância pouco se perceberá da mesma, mormente uma criatura de visão fraca. Do mesmo modo percebem homens e irracionais as irradiações de amigos, a longa distância, principalmente os animais dotados de faro aguçado.

8. Sou o Senhor de todas as criaturas em todo o Infinito, portanto também da Terra, e estes groues Me cumprimentam e a um aceno Meu, dirigir-se-ão para o lago que ontem mandei criar por Raphael. Lá tomarão o seu alimento matutino e se proverão de água necessária para a continuação do voo.”

9. Nem bem termino, cerca de trezentos groues descem junto de nós, formando alas e olhando para Mim. Eu lhes aceno para a direcção do lago, ao que para lá se dirigem e através do grulhar demonstram a sua alegria pelo alimento e a água pura, enchendo os seus depósitos internos. Todos observam este espectáculo da natureza com grande agrado, louvando o Meu Amor, Sabedoria e Poder.

227. O SUPRIMENTO DAS AVES.

1. Em seguida, o delegado vira-se para Mim e diz: “Por que necessitam estas aves de água? Sempre observei que tomam dez vezes mais o tamanho, entretanto não urinam, ao menos nunca vi tal fenómeno. Neste caso, a água só pode fazer peso durante o voo.”

2. Respondo: “Meu amigo, o Mestre das Suas Obras sabe melhor o que necessitam para a sua conservação e como é constituído o seu corpo, para a sua finalidade. Desejando saber da razão de uma ave precisar de água para o voo, dirige-te a Raphael.”

3. O delegado repete a questão ao arcanjo, que lhe explica: “Quando abateis um animal, seja carneiro, cabra, bezerro ou boi, os intestinos são tirados - quer dizer, estômago, vísceras e bexiga - limpos e enchidos de vento, a fim de secarem. As partes maiores são utilizadas para odres e sacos, as menores, para guardar sementes.

4. Se tivesses aqui uma bexiga seca ou outro qualquer odre, mais facilmente demonstraria como as aves se servem da água para o voo. Tomarei as providências necessárias para tal fim, - e eis aqui um odre bastante grande, cheio de água, no qual poremos alguns ingredientes com capacidade de absorverem o gás carbono e o oxigénio, libertando o puro hidrogénio. Aqui estão os desejados elementos: ferro, enxofre, cal, sal e carvão. Coloco-os na água e ouvem-se peculiares ruídos de efervescência. Tomamos uma bexiga vazia e seca para enchê-la de hidrogénio. Segura-a pela boca e sentirás como puxa para cima. Agora podes soltá-la e observa o que acontece.”

5. A bexiga cheia de ar, sobe velozmente e dentro em pouco não mais é vista. Uma outra, maior e em cuja boca amarram um galho, sobe igualmente com velocidade. Em seguida enchem-se doze bexigas com o restante hidrogénio, amarram-se galhos pesados, com os quais também se elevam ao ar. Terminada a experiência, Raphael diz ao delegado: “Tens pequena noção, porque as aves se servem de água para o voo?” Responde ele: “Mais ou menos, pois não percebo como usam a água para voar.”

6. Diz Raphael: “Cada ave é de tal modo constituída a produzir da reserva de água, igual quantidade de hidrogénio, indispensável para o voo, porque o instinto lhe faculta esse cálculo. Com o hidrogénio ela enche, de momento, todos os canhões, grandes e pequenos e o interior dos ossículos, tornando-se tão leve qual cabelo humano, peso este que vence com as asas e se levanta no

ar. Considerando este processo, compreenderás de que maneira se efectua o voo das aves.”

228. O VOO DOS HOMENS.

1. Diz o delegado: “Entendo perfeitamente. Mas de onde as aves se suprem dos ingredientes necessários? Tais elementos não devem encontrar-se em toda a parte?”

2. Responde Raphael: “Caro amigo, encontram-se em toda a superfície terrestre, em quantidade de biliões de vezes maior que todas as aves necessitam em milhares de anos. As aves são óptimos mineralogistas, assim como raízes e galhos da flora são entendidos e inteligentíssimos na matéria substancial. Se assim não fosse, não havia tantas espécies de plantas e árvores, e os pássaros também não saberiam voar. Vês, portanto, que cada animal e planta descobrem o que lhes seja necessário e sabem aproveitá-lo.

3. Observa um ovo. A casca é de cal e o seu conteúdo consiste de cal, sal, ferro e enxofre. O quantitativo de cada elemento, toda a ave sabe por si, e onde o deve encontrar. Para tal fim, todo pássaro, animal e criatura possuem os cinco sentidos, e a planta tem as suas antenas na raiz e nos galhos. Creio ter esclarecido esse assunto tão difícil para os homens.”

4. Opina o delegado: “Se os homens conhecessem a questão dos ingredientes e o seu número quantitativo, poderiam encher odres colossais com hidrogénio e com auxílio mecânico, levantar voo quais pássaros.”

5. Diz Raphael: “**O que ora não é possível, futuramente o será.** Por enquanto é melhor ao homem não saber voar, pois se tivesse tal capacidade, tornar-se-ia o maior animal voraz na superfície da Terra, sem cuidar do cultivo. Preferível é que a sua alma se torne espiritualmente capaz de voar, enquanto o corpo permanece no solo terrestre, para o que tem a constituição física. O homem chega bem longe e, às vezes, longe demais através dos seus pés. Havendo necessidade de maior pressa, dispõe de animais e também pode construir navios que o levem sobre o mar, como se fosse terra firme. **No futuro inventarão quantidade de meios de transportes que dispararão com enorme velocidade.** Agora sabes mais do que precisas. Tudo isto demonstrei para poderes facilmente reconhecer, que o Senhor é o Mestre mais perfeito e inatingível em todas as Suas Obras.”

6. O romano agradece a Mim e a Raphael e diz: “Contigo, Senhor, aprende-se em uma hora muito mais que de um professor inteligentíssimo. Em Teu Ensino não há limites, e a Tua Sabedoria não tem fim. Todos nós Te rendemos Graças e pedimos perdão pelas fraquezas e pecados.”

7. Digo Eu: “Também vós sois perdoados, mas no futuro tereis que vos precaver dos mesmos. Vamos tomar o nosso desjejum para em seguida partirmos.” Durante o mesmo, muitos são os comentários, que não precisam ser mencionados por se tratar de assuntos já conhecidos.

8. Terminado o desjejum, abençoo o hospedeiro e a sua família, e partimos, acompanhados por alguns amigos, durante duas horas, e eles admiram-se de ver as terras em bom cultivo. Quando se despedem, Raphael também desaparece, pois não mais necessitava dele.

229. O SENHOR NO VALE DO JORDÃO.

1. Perto do meio-dia chegamos a um pequeno lugarejo habitado por pastores árabes, cujo chefe indaga para onde íamos, pois de lá em diante não havia localidades e, caso nos quiséssemos reconfortar, ele nos ofereceria os seus préstimos.

2. Digo Eu: “Agiste bem, considerando-nos no teu coração, e aceito a tua boa vontade como acção. Acontece que ainda hoje temos de chegar ao Vale do Jordão, o que nos impede aqui demorarmos.”

3. Retruca ele: “Se este é o vosso desejo, podeis seguir por um atalho que parte da minha cabana. Aqui se encontra a primeira fonte do Arno, não havendo grande declive. As outras, que no fim perfazem o córrego, têm declive forte e as trilhas são perigosas.”

4. Retruco: “Serás recompensado igualmente por este conselho. Mas não com ouro, prata e pedras preciosas, porém com algo mais útil. Este terreno que ocupas com os vizinhos se tornará fértil e as tuas manadas aumentarão, para que vejas ser Eu mais que um simples homem. Oportunamente podes ir à cidade situada no Monte Nebo, que os seus moradores te dirão Quem fui, sou e sempre serei.” O pastor fita-Me de olhos arregalados e pede-Me para o deixar acompanhar-nos ao vale do Jordão, pois conhece o caminho.

5. Digo Eu: “Não é preciso, porque Eu Mesmo conheço melhor todos os caminhos da Terra. Em virtude da tua gentileza, podes

acompanhar-Me mais um pouco de tempo.” Ele toma a dianteira e nos conduz por boa trilha quase perto do vale, onde nos separamos. Três horas após o crepúsculo, atingimos um pequeno lugarejo e descobrimos um albergue. Ao batermos na porta, o dono chega à janela e pergunta aborrecido o que queríamos a esta hora. Respondo: “O dono de um albergue é por lei obrigado a acolher viajantes, inclusive à noite.” Tomando-Me por juiz romano, ele abre a porta, faz luz e entramos. Quando nos sentamos no refeitório, ele indaga se queríamos algo para comer.

6. Digo Eu: “Nada comemos desde cedo, portanto há-de compreender a nossa necessidade de alimento. Tens pão e vinho, é quanto basta.” Diz ele: “Tenho também reserva de carne e peixe. Se quiseres, posso mandar preparar alguma refeição. As serventes ainda não se recolheram.” Retruco: “A tua carne não serve para judeus, pois não comemos porco, nem burro. Os peixes estão mortos há cinco dias e não se prestam para nós. Traz apenas bom vinho e pão.”

7. Então, ele e a sua mulher servem-nos o que havíamos pedido. Pegando no pão, Eu parto-o aos pedaços e os divido entre nós. O taverneiro enche as taças com vinho, de péssima qualidade. Virando-Me para ele digo: “Tens outro vinho, porque nos ofereces o pior?” Retruca ele: “O bom vinho guardo para os romanos e gregos. Para os judeus, ele é bom demais. Todos os judeus são maus pagadores, e os hospedeiros cuidam de não serem prejudicados.”

8. Digo Eu: “Toma de um outro cântaro e dá-nos água.” Aborrecido, ele obedece, dizendo: “Se o meu vinho não vos agrada, bebei água em nome de Neptuno.” Eu abençoo a água e a transformo em vinho, como fiz por muitas vezes. Assim nos confortamos. Percebendo que a água nos agrada, ele diz: “Estranho preferirdes a água péssima ao vinho. Ela não presta por ser do Jordão, que nas proximidades do Mar Morto não dá prazer.”

230. O HOSPEDEIRO MAL EDUCADO.

1. Ofereço uma taça cheia de água ao hospedeiro, que se admira sobremaneira ao perceber estar tomando um vinho especial. Por isso, diz: “Segundo me parece, sois magos e feiticeiros. Com pessoas tais não é aconselhável tratar-se.”

2. Respondo: “Com magos da nossa espécie podes privar, mas não com os que conheces, pois sempre têm más intenções e são

mistificadores. Eu sou a Própria Verdade, e toda a espécie de fraude está longe de Mim. No futuro perceberás isto melhor. Traz mais pão.” Protesta ele: “Só tenho um, que preciso para o pessoal. Os vizinhos estão dormindo e não posso pedir-lhes emprestada qualquer coisa.” Novamente abençoo alguns pedaços em nossa mesa, havendo pão de sobra, ao ponto de o hospedeiro encher um grande cesto.

3. Este milagre o estonteia de sorte que diz: “Transformar-se água em vinho, não é algo de especial, pois coisa semelhante fora realizada pelos sacerdotes de Baco. Mas criar-se algo, onde nada existe, isto tem cunho divino, pois os mortais não poderiam fazer tal coisa.”

4. Digo Eu: “És grego e viajaste por várias cidades da tua pátria. Nunca te preocupaste com as verdades que se espalham entre os homens, e como hospedeiro não fazes parte dos prestativos. És ganancioso, sem com isso teres feito fortuna. Se não fosse tão tarde, Eu teria evitado bater à tua porta.”

5. Responde ele: “Teria sido mais educado, caso o teu procedimento não fosse tão chocante. Ofereci-te carne e peixes. A isto fizeste uma observação que não me agradou. Hás-de convir que ninguém – judeu, grego ou romano – se deixa injuriar. Percebo que és algo incomum, entretanto só posso oferecer o que tenho a esta hora. O meu único engano foi de não vos ter oferecido o melhor vinho. Repararei a falta e irei buscar um cântaro cheio.”

6. Obsto: “Nada disso é preciso. Se Eu quisesse, todo o Jordão e o Mar Morto se transformariam em vinho. Temos pão e vinho em quantidade, e podes fazer-nos companhia sem causar prejuízo à adega.” Ele se senta à nossa mesa e Me pede desculpas pelo mau feitio, julgando Eu ser sábio, portanto não culparia um homem da sua ignorância. Aduzo: “Está bem. Alimenta-te e sê alegre. Amanhã Me deixarás partir com menos prazer do que hoje Me recebeste.”

231. O SENHOR ANUNCIA A CHEGADA DE UMA CARAVANA.

1. Entrementes, a mulher e algumas filhas do hospedeiro aproximam-se, perguntando se não havíamos de querer alimentos quentes, ao que ele retruca: “Só pediram pão e vinho, portanto podes recolher-te.” Obsta ela: “Será difícil repousarmos, pois temos somente dois pães que de modo algum chegarão para tanta gente.”

2. Interrompo: “Não há necessidade fazerdes pão, pois não haverá falta enquanto estivermos aqui. Toma estes pedaços que restaram e dá-lhes também três taças de vinho.” Assim acontece, e as mulheres muito se admiram da boa qualidade do vinho, perguntando de onde surgiu e quem os havia suprido de tanto pão.

3. Ele explica: “Amanhã sabereis de tudo, por hoje recomendai aos empregados para arranjam peixes frescos.” Após as moças se terem afastado, o taverneiro pergunta da Minha Procedência e qual o Meu destino. Respondo: “Por enquanto só precisas saber que vim do Alto e seguirei pelo vale do Jordão às proximidades de Jerusalém. Aqui pernoitaremos, nas tuas cadeiras bastante cómodas, podendo os teus leitos serem aproveitados para os componentes de uma caravana de Jericó, que dentro de uma hora baterão à tua porta. Prepara-te, porque não te disse uma mentira.”

4. Informada do imprevisto, a mulher dele exaspera-se em virtude da carência de pão. Por isso, viro-Me para o marido, dizendo: “Verifica se não tens mais que dois pães na despensa.” Dirigindo-se para lá, ele a encontra abarrotada do melhor pão, e a mulher pergunta que indivíduo seria Eu, e se era aconselhável comerem do mesmo. Diz o marido: “Acaso não te serviste do pão no refeitório, sem que te prejudicasse? Podes ficar descansada e tratar de arrumar tudo para a chegada dos outros hóspedes, enquanto eu ficarei na companhia destes.”

232. A CRÍTICA DO HOSPEDEIRO ACERCA DOS JUDEUS.

1. Voltando junto de nós, o hospedeiro ajoelha-se diante de Mim, dizendo: “Bom amigo, ainda não faz uma hora que te encontras aqui e já me tornei teu devedor. Deves ser grande profeta dos judeus que certamente não te aceitam. A meu ver, são eles os piores cidadãos, e os seus sacerdotes perseguem todos os seus grandes representantes, considerando pecador todo judeu que prive com romanos e gregos, enquanto não desprezam os últimos.”

2. Digo Eu: “Por isso te disse que vim do Alto. Por enquanto ainda não o entendes. Aquela raça sacerdotal de que falaste, é uma raça de víboras, quer dizer, de baixo. Entendes isto?”

3. Responde ele: “Homem estranho, agora faz-se-me pequena luz. Tu és um dos maiores profetas do teu povo! Mas aconselho-te não ires para Jerusalém, cujos habitantes são os maiores perdulários,

inclusive os seus sacerdotes e o rei Herodes. Não compreendemos como os romanos, tão inteligentes, puderam arrendar a Judeia a um homem tal.

4. Sou macedónio e tive oportunidade de passar um olhar na grande biblioteca de Alexandria. Em seguida adoptei a profissão militar e em campanhas pequenas e grandes, cheguei até à Índia, África, até às colunas de Hércules, Europa, Britânia e Gália, - mas em parte alguma encontrei homens tão desprezíveis como em Jerusalém.

5. Daqui chega-se em três horas até à margem do Mar Morto, do qual se diz que pelo Seu poder, o grande Deus dos judeus, destruiu dez cidades, pelo fogo dos Céus e por um enorme terremoto. Contudo, aposto que aqueles infelizes enterrados no Mar Morto, não podiam ser piores que o povo orgulhoso de Jerusalém.

6. Por isso me perdoarás a minha opinião não lisonjeira, quando aqui chegaste. Não te conhecia de perto e te tomei por simpatizante de Jerusalém. As tuas palavras e acções provaram seres outro. Este lugarejo consiste de setenta gregos. Um único judeu possuía uma parte do terreno, que compramos por preço bastante elevado para vivermos em paz. Enquanto ele vivia connosco, só havia confusão. Não quero generalizar a minha opinião, pois deve haver alguns mais humildes e compreensivos. De minha parte, nunca tive a sorte de encontrá-los e te advirto de Jerusalém e dos seus moradores." Retruco: "Não estás errado e amanhã ventilaremos o assunto. Deves agora preparar-te para receber a caravana que vem aí."

233. O PROSSEGUIMENTO DA PALESTRA ENTRE O GREGO E O SENHOR.

1. Não demora a chegar a caravana, montada em camelos e burros, sendo acomodados pelos empregados, enquanto o taverneiro recebe os donos, levando-os a um recinto à parte onde encontram o necessário. Voltando para junto de Mim, o grego diz: "De maneira alguma me ocuparei com esta gente. Logo vi tratar-se de comerciantes de Jerusalém, entre eles levitas."

2. Digo Eu: "Como não fosse do teu agrado, não te adverti a respeito. Agora sabes como tratá-los para não haver atrito."

3. Diz ele: "Poderão receber os restantes peixes que foram salgados e fritos. Se quiserem carne defumada, mandarei servi-la,

conquanto os judeus não se alimentem da mesma. A menos que estejam em presença de pagãos e estando famintos, comem tudo que se lhes serve.” Enquanto o dono da casa dá as suas ordens na cozinha, um daqueles hóspedes o procura para saber se não dispunha de vinho melhor. Ele responde: “Nas proximidades do Mar Morto não existe outro, portanto dai-vos por satisfeitos.” O outro observa que Jericó também se acha perto daquele Mar, entretanto lá tomaram vinho especial.

4. Retruca o dono: “Este local não é Jericó, tampouco temos os meios de nos suprir de vinho de Chipre. Assim nos contentamos com o que colhemos aqui.” Percebendo nada conseguir do hospedeiro, o hóspede volta ao grupo. Então o grego diz-Me: “Tenho vinho melhor e lastimo tê-lo negado a vós pelo mesmo motivo que neguei àqueles. Todavia percebi, como já disse, serdes apenas externamente judeus, enquanto o vosso íntimo não combina com o judaísmo.

5. Tenho alguns conhecimentos a respeito dos judeus da antiguidade e também me dediquei à leitura dos profetas, mas como não os entendia, guardei-os novamente. As obras hebraicas ainda não foram traduzidas em grego, mas somente alguns trechos em romano. Por isso, o meu conhecimento é fraco.

6. Uma coisa me saltou aos olhos. Os judeus esperam um novo rei, que viria com todo o poder e força, a fim de fundar um reino enorme, poderoso e invencível. Sou de opinião que tal rei se fará esperar por muito tempo, tendo eles que suportar o regime romano. Aliás seria de lastimar, se um herói surgisse da Ásia para libertar a gentilha judaica, do ceptro de Roma. Não sei se tenho razão. O meu raciocínio, que agradeço aos filósofos gregos, diz-me que o meu parecer é certo.”

234. O SENHOR DÁ TESTEMUNHO DE SI.

1. Digo Eu ao hospedeiro: “Tens perfeitamente razão. Mas debes considerar que abrigas moradores de Jerusalém no outro recinto e talvez algum te tivesse escutado, podendo causar-te dissabores.”

2. Diz ele: “Não te preocupes. A maioria dos hierosolimitanos me conhece e sabe que um soldado romano não os teme. Além do mais, possuo ainda a minha espada, com a qual me atrevo a afugentar cem destes tipos.”

3. Digo Eu: “Conheço a honestidade, justiça e coragem dos romanos, assim como a hipocrisia quase ilimitada dos judeus, mormente dos templários. Ainda assim são eles o povo escolhido do Deus Verdadeiro, no Qual os romanos também acreditam, pois Lhe erigiram um templo, chamado o templo do Deus Desconhecido. Todavia, acrescento que o título de povo escolhido, ser-lhes-á tirado e entregue aos pagãos. Os judeus serão dispersos em todo o mundo, não tendo país e soberano da sua estirpe até ao Fim dos Tempos. Sei que este povo Me odeia e persegue, entretanto terei que Me dirigir para Jerusalém, sem querer e poder esquivar-Me do seu grande ódio e ira. O sacrifício praticado por Mim, abrirá para todos os homens da Terra, a Porta do Reino de Deus.

4. Até então regiam a antiga morte e o pecado, pelos quais a morte veio ao mundo, através da Lei que sempre fora dada aos homens. **Após o Meu sacrifício, reinará a Vida através da Doutrina Daquele que será sacrificado pela plena liberdade da fé. Todo aquele que procurar a Verdade, facilmente a encontrará, conquistando a vida mais livre e eterna.**

5. Sou Um dos Primeiros a trazer esta Doutrina ao mundo. Vim entre os Meus, mas eles não Me reconheceram nem aceitaram, pois perseguem-Me em todos os caminhos e veredas. Por isso deles afastarei o Meu Olhar para dirigi-Lo aos pagãos. És pagão, e Eu, judeu. No entanto aqui Me hospedei com todos os Meus apóstolos, e como sabes, só te fiz o bem. Mas não és o único, pois já favoreci a muitos dos teus conterrâneos e o farei até ao Fim dos Tempos.”

6. Retruca o grego: “Das tuas palavras soa uma vibração estranha e tenho impressão seres mais que um profeta do povo judeu. Os seus profetas operavam coisas mais ou menos milagrosas. Mas nunca ouvi que tivessem feito o que fizeste. Além disso, pediam pela palavra e o poder milagroso. Tu nada pedes, mas ages qual senhor, não necessitando que um poder mais elevado te dê o dom da palavra e a força para a acção. Desejava ouvir de ti mesmo, o que dizes de ti.”

7. Respondo: “Amanhã haverá tempo para tanto. Então tu e os teus vizinhos haveis de conhecer-Me melhor. Hoje nada direi a respeito, por causa dos judeus que no momento se enchem com comida, pois o seu estômago é o seu deus. De há muito nenhum deles crê no Deus Verdadeiro de Abraão, Isaac e Jacob, nem nos profetas, muito menos em Mim. Preferível é tomarmos mais algum

alimento e, querendo falar, procuraremos outro assunto, deixando a Minha Pessoa de lado.”

235. O APARECIMENTO DO MAR MORTO.

1. Entrementes, o hospedeiro pede informações a respeito do Mar Morto, que devido a certos fenómenos, surgiu após o afundamento de várias cidades. Respondo: “Escolheste bom tema, pois esse grande lago recebeu desde aquele tempo o nome de “Mar Morto” porque na sua profundidade se acham enterradas duas grandes cidades, Sodoma e Gomorra, e mais sete pequenas, com todos os habitantes e animais.

2. Em tal época, o Jordão tinha outra direcção e desembocava no Mar da Arábia, chamado de Mar Vermelho. Em tempos de Abraão e Lot, deu-se a grande catástrofe, segundo a Vontade de Deus Único e Verdadeiro, e o próprio leito do Jordão recebeu maior profundidade. Deste modo, o rio desemboca no Mar Morto. Se alguém navegasse pelas margens na época em que o lago não exalasse vapores, poderia descobrir várias ruínas das cidades menores, debaixo do nível do Mar.”

3. Exclama o taverneiro: “Então é verdade o que disse Moisés a respeito do aparecimento deste Mar. Vários navegantes me haviam dito terem visto alguns vestígios de muros e outras ruínas, do alto das margens bastante íngremes. Eu mesmo nunca tive oportunidade de ir às proximidades do Mar Morto. Só se vêem rochas escarpadas, tão estéreis quanto o próprio Mar, onde não se descobre nenhum peixe, nem ao menos na desembocadura do Jordão.

4. Existem alguns pontos dos quais se pode chegar ao nível, com muita dificuldade, onde se desprende forte odor de enxofre. Foi o motivo porque nunca me interessou ver de perto a natureza do Mar Morto. Qual foi o motivo que teria feito o Deus Verdadeiro afundar aquelas cidades?”

5. Respondo: “Nada mais que a desobediência contra Deus, que por muitas vezes advertiu esse povo para deixar os seus pecados e abandonar o local das perversões, porque toda aquela zona estava localizada sobre minas de enxofre, e a Divindade sabia quando havia de se incendiar.

6. O povo, porém, continuava em sua perversidade de vários matizes, desconsiderando a Advertência Divina, com excepção de Lot e a sua pequena família. E assim, deu-se um incêndio colossal na

redondeza do Mar Morto, como já viste na Itália e Sicília. Todo o Firmamento estava cheio de fogo, que caiu em uma chuva copiosa de enxofre e betume.

7. Essa cena durou mais de quatorze dias, formando debaixo da camada mais leve do solo, um espaço oco, e todo o território se precipitou nas profundezas do fogo, que somente pouco a pouco se encheram com as águas do Jordão e outros pequenos córregos. Se tal não se tivesse dado, todo o Vale do Jordão se teria incendiado e sucumbido, pois também ele está situado em cima de enxofre e betume. Eis um resumo daquilo que leste com todas as minúcias no Livro de Moisés.”

236. O APARECIMENTO DO MAR CÁSPIO.

1. (O Senhor): “Seguindo o Vale do Jordão, foz acima, ultrapassando as Cordilheiras da Ásia Menor, encontrarás um grande lago que os romanos chamam de *Mare Caspicum*. Surgiu ele na época de Noé, ou para o entenderes melhor, em tempos de Deukalion, da mesma maneira que o Mar Morto, com a diferença que no Mar Morto se acham enterradas apenas nove cidades, enquanto no Mar Cáspio, cerca de quinhentas, inclusive a grande metrópole de Hanoch (*filho de Caim*).

2. Talvez perguntes: Por que Deus permitiu que quase toda a povoação do orbe fosse exterminada? A isso respondo, que Deus fez ensinar e advertir os homens, mormente os hanochitas durante quinhentos anos, por meio de profetas e até mesmo por anjos celestes, no sentido de evitarem isto e aquilo, principalmente deixar intactas as montanhas. A sua teimosia e orgulho desrespeitaram as advertências.

3. Os hanochitas inventaram uma espécie de pólvora com a qual encheram as montanhas perfuradas, incendiando-a através de longos pavios. A pólvora explodia e arrebatava as montanhas. Os hanochitas ignoravam que se encontravam grandes comportas de água debaixo das montanhas. Estas, perdendo o equilíbrio, desmoronavam para dentro das grandes bacias, impelindo águas à superfície do solo. Do outro lado, incendiaram-se igualmente as minas de enxofre, carvão e betume, provocando também nas planícies incêndios colossais, com que todo o solo soçobrou, fazendo surgir um mar.

4. Compreende-se que em tal ocasião, grandes massas de água subiam à superfície e, com elas, vapores e nuvens que se elevaram a certa altura e desabaram em chuvas torrenciais que duraram mais de doze meses, o que foi muito necessário, pois do contrário, a superfície se teria incendiado em alguns anos. Em profundidades de duas mil braças, e às vezes ainda menos, existem materiais incendiáveis como sejam, enxofre, betume e carvão, inclusive bacias enormes de nafta. Convirás, caro amigo, que naquela época fora indispensável a maior das enchentes da Terra, isto é, da maior parte da Ásia. Se não fosse assim, a maior parte do orbe seria hoje deserta, como acontece agora, partindo do Mar Cáspio até quase ao fim da Ásia.

5. Deus, o Senhor, cuidou que a Terra não fosse destruída, a fim de que os homens não perdessem a sua escola de provação na qual devem ser educados para a Vida Eterna. Quem não passar pela Escola da Vida, encarnando na Terra, não pode alcançar a Filiação de Deus, ficando eternamente no grau evolutivo dos animais. Por isso é a conservação desta Terra sumamente necessária. Amanhã, quando abordarmos novamente o assunto, a tua compreensão será maior.”

6. Retruca o grego: “Caro e milagroso mestre! Sinto algo como quem ao amanhecer vislumbra os primeiros raios do Sol, a lhe iluminarem o caminho. Têm os romanos o seguinte ditado: *Non existet vir magnus sine afflatu divino*. E tu pareces ser um que recebeu o maior hálito da Divindade, o que quer dizer: Em ti habita toda a Plenitude de Deus!” Acrescento: “Recebeste uma inspiração do próprio espírito. Por hoje deixemos o assunto de lado. Os fariseus começam a prestar atenção à nossa palestra e convém mudarmos de tema.”

237. O MOTIVO DA DESTRUIÇÃO DE BABILÓNIA E NÍNIVE.

1. Meditando certo tempo, finalmente o hospedeiro prossegue: “Bom amigo, dotado da Força e do Poder de Deus! Explica-me porque o Deus judaico permitiu que cidades como Babilónia e Nínive fossem de tal modo exterminadas que hoje em dia nem se pode localizá-las?

2. É bem verdade terem os seus habitantes igualmente cometido grandes pecados, - mas o que é finalmente o pecado?

Nada mais do que certa acção contrária a qualquer lei, da qual poucos têm noção. Ao lado das leis, deveria cogitar-se de educação correspondente. Acontece que os genitores, com excepção da fala e de algumas experiências, são tão ignorantes quanto a sua prole, que cresce sem conhecimento e ensino. Quando adultas, tais criaturas se acham presas a muitas paixões, mas dotadas de pouca razão. As tendências exercem poder maior, de sorte que tais infelizes pecam em detrimento de leis que desconhecem.

3. Quanto mais se prolonga esse estado de coisas, tanto mais tolo se torna um povo, cujo regente e sacerdotes se regozijam da ignorância popular, e ninguém se preocupa da educação, inclusive a Divindade. Basta chegar a um ponto insustentável, Deus vem com os Seus Julgamentos tremendos. Não seria mais sábio tratar de início da educação útil, pela qual os homens soubessem por que vivem? Por mais que eu medite a respeito, não concordo com a negligência de Deus Poderoso.

4. Por que existe em Roma maior ordem que em outros lugares? Porque o Governo cuida de tudo, para que todos os cidadãos tenham conhecimento das leis, até que sejam capazes de prestar exame. Só então recebem o direito de cidadania. O mesmo deveria acontecer com outros povos que deste modo são largados na selvageria, cometendo toda a sorte de crimes. Atingindo tal ponto, sucedem-se os castigos do Alto. Surgem então os profetas e professores incumbidos de reconduzir um povo à antiga moral e virtude, como se vê na História dos judeus.

5. Só depois que os israelitas se perverteram sob o domínio dos faraós, Deus despertou Moisés, que os deveria libertar de todos os seus pecados. Por que a Divindade não o fez antes, quando os judeus ainda não se haviam desviado do caminho justo? Muitas vezes, eu e os meus vizinhos falamos a respeito, sem que algum entre nós soubesse encontrar justificativa razoável. Por isso fiz a minha pergunta sem rodeios e estou certo que me responderás.”

238. A PESTE ESPIRITUAL DO ÓCIO.

1. Digo Eu: “Caro amigo, a tua pergunta foi bem formulada. No entanto, esqueceste que Deus não criou esta Terra com tudo que comporta, para uma eterna duração, e nem a podia ter criado para tal fim. Na Terra tudo é mutável e perecível; é ela apenas um

ponto de transição do julgamento original e da morte, para a Vida verdadeira e eterna.

2. A Divindade poderia agir no sentido que o homem se mantivesse em certa ordem, qual planta ou animal, mas em tal caso não seria mais homem, pois não disporia de intelecto, nem razão, nem livre arbítrio. Não sendo esta a Vontade de Deus, por motivos mui sábios, Ele deu ao homem, razão, inteligência e vontade livre, e, com isso, capacidade à semelhança divina de se poder formar e aperfeiçoar espiritualmente.

3. Que a Humanidade foi negligenciada na educação – pela qual Deus sempre cuidou desde o início – cabe a culpa somente à preguiça dos homens. Se entre as criaturas iguais a ti e aos teus vizinhos existem pessoas honestas e justas, por que outras não se assemelham a vós? Por serem preguiçosas. Deus fez exterminar grandes cidades porque nelas o ócio e a depravação começaram a exceder-se.

4. Se os habitantes tivessem continuado como vós, Deus não lhes teria enviado adversários, porém ficariam protegidos. O extermínio se motivou na peste do ócio, que no final teria empestado e pervertido todo o género humano. Nunca Deus privou os povos de sábios doutrinadores, e, por eles, muitos homens conseguiram salvar-se. Os excessivamente preguiçosos tinham de ser exterminados com as suas habitações.

5. Um Governo que pretenda manter boa ordem através das suas leis, chamará à responsabilidade e punirá os infractores das mesmas. Acaso não deveria a Divindade, embora fosse Bondosa e Indulgente, castigar um povo depravado, despertá-lo com o açoite da Justiça, por causa da sua imensa ociosidade, e guiá-lo à actividade?

6. Convirás ser isto necessário. Considera, antes de tudo, a vontade inteiramente livre do homem, contra a qual a Divindade não pode opor-Se, e tudo te será compreensível neste assunto. Em um planeta, no qual uma criatura não pudesse cair nos piores vícios, em virtude do seu livre arbítrio e intelecto, tampouco poder-se-ia elevar à mais elevada virtude, de semelhança divina. Se meditares um pouco, receberás elucidação em todos os pontos indagadores. Fácil é para Deus criar flora e fauna, e protegê-las. A educação dos homens é mais difícil, pois só pode ensiná-los sem impor-lhes coacção interna. Compreendes?”

7. “Na questão em si”, diz o hospedeiro, “estou informado. Mas existem muitas contradições, não tão facilmente esclarecidas.” Retruco: “Quem consegue percepção clara no assunto principal, fá-lo-á nos pontos convergentes. Agora muda de tema porque os fariseus novamente prestam atenção à nossa palestra, tomando-me por sábio. Amanhã ainda teremos dificuldades com eles. Procura um problema sem importância para nossa palestra.” Diz ele: “Isso é difícil, precisamente quando se pretende abordar algo sem valor. Para os romanos, de natureza mais pesquisadora, não é fácil falar-se de futilidades. Mas sendo da Tua Vontade, procurarei externar um problema menor.”

239. CRÍTICA À DIETÉTICA DE MOISÉS.

1. (O hospedeiro): “Por que Moisés proibiu aos judeus o consumo da carne de porco? Os romanos entendem o seu preparo e atingem idade mais avançada que os judeus. Talvez ele visasse uma brincadeira, sabendo que os seus conterrâneos se tornaram suínos no Egito, por isso cortou-lhes o gozo pela carne de porco.

2. Naquele país não havia animal, peixe e ave a salvo da voracidade dos israelitas, enquanto na antiguidade só comiam carne de gado, galinhas, carneiro e cabras, algumas espécies de peixe, pão e vinho, mantendo-se completamente sadios. Soubessem os antigos egípcios e hebreus como se prepara a carne de porco, corça, gazela e coelho, ter-se-iam mantido fortes e saudáveis.

3. Moisés foi egípcio por educação e após ter salvo o povo israelita das garras do faraó, adoptou o cardápio da corte, dando-lhe cunho divino, pois tivera oportunidade de entrar em contacto com a Divindade e até mesmo alegou que o homem se maculava quando o alimento fosse outro que o prescrito. Certamente visou a temperança do povo. Entretanto, lutou durante quarenta anos até que o educasse na manutenção dos alimentos prescritos.

4. Pouco lucrou com isso, segundo o critério romano. Habitou os israelitas às normas externas incentivando a crença de ser o suficiente na veneração de Deus, caso fossem respeitadas as leis externas, - e com isso, prestou meio benefício. Se tivesse instruído o povo com a sabedoria dos antigos egípcios, teria atingido finalidade melhor do que com a proibição da carne de porco. A meu ver, foi este o motivo da perversão actual. Que dirias Tu, quanto aos alimentos a serem ingeridos?”

240. ORIENTAÇÃO DIETÉTICA DO SENHOR.

1. Digo Eu: “O mesmo que tu. O que entra pela boca, quando é fresco e bem preparado, não macula o homem e não prejudica a sua saúde se for ingerido com temperança. **Somente a carne de animais sufocados**, como é uso em certos pagãos, **ele não se deve alimentar, porque no sangue agem determinados elementos (espíritos) da Natureza, não fermentados, que para o corpo humano têm efeito de tóxicos.** Sobrecarregam o sangue e provocam moléstias que o incapacitam para o trabalho.

2. O vinho, fermentado, após extraídos todos os elementos impuros, é recomendável para todos, no fortalecimento interno e externo. Alguém tomando o mosto do qual os elementos impuros ainda não se evaporaram pela fermentação, prejudicar-se-á. **Deve-se tomar vinho velho e puro, e deixar o mosto guardado até que se tenha purificado, atingindo no mínimo dois a três anos.**

3. Bem sei que Moisés praticou certos erros, assim como o seu irmão Aarão. Por isso, ambos não chegaram à Terra Prometida. Aarão chegou até ao Monte Hor, pôde ver a Terra Prometida, e morreu. Moisés atingiu o Monte Nebo, também viu a Terra Prometida e morreu em seguida. Tu, Meu amigo, conheces ambas as montanhas por se encontrarem na tua proximidade.

4. Moisés enriqueceu de sabedoria, mormente a tribo de Levi à qual pertencia e que o rodeava constantemente. Os demais troncos (ou tribos) ele abandonou em sua rudeza e dominou o povo pela tirania, sem que a Divindade lhe tivesse dado Leis para tanto, razão porque Deus lhe aplicava corrigendas.

5. Isso se dava com todos os profetas, pois nenhum sentia verdadeira alegria com a sua missão, e a Divindade tinha que insistir com todos os Seus recursos e até mesmo forçá-los à actividade espiritual. Isto é facto corriqueiro neste mundo, porque Ela não pode suprimir até ao mais sábio profeta, o livre arbítrio, amor, razão e intelecto. Do contrário, seria reduzido a um instrumento sem vida.

6. **A Divindade obriga o profeta, pela Omnipotência, a falar, escrever e agir segundo a Sua Vontade, nos momentos da sua actividade espiritual, exigida por Ela. Em seguida liberta-o, e então ele poderá fazer o que quiser, e nesta ocasião, o profeta pode cometer erros como qualquer outro. Compreendes?”**

241. A IMPERFEIÇÃO DO CONHECIMENTO HUMANO.

1. Responde o hospedeiro: “Esta breve resposta foi-me mais compreensível que a primeira. Entretanto, lembro-me do conceito de um sábio que dizia não haver perfeição debaixo do Sol, e ser todo o conhecimento, experiência e saber, obra de remendão; e afirmava que o homem se tornava mais sábio, quando compreendia que nada sabia.

2. A vida humana é por demais variável para poder atingir uma educação espiritual. Quando jovem, o homem é acometido de várias paixões, razão porque não pode elevar-se à Luz pura do espírito. Entre mil, talvez haja um que faça exceção. Na melhor das hipóteses, atinge sessenta, setenta ou oitenta anos. Então começa a pensar na morte, tornando-se desanimado e sem coragem para uma ocupação intensiva com o Espírito de Deus. Se pudesse atingir no mínimo trezentos anos, a sua sabedoria verdadeira teria aspecto melhor. Deste modo só consegue captar coisa pouca, sem poder concatenar as suas conquistas escassas porque lhe falta tempo.

3. Em Alexandria existe uma das maiores bibliotecas do mundo, na qual se encontra quantidade de conhecimentos em todos os sectores. Onde estaria o homem que vivesse o tempo suficiente para poder ler tudo? Como guerreiro passei por vários países do mundo, sem atingir um fim e também nada compreendi daquilo que vi. Mentalmente gravei algumas experiências e quadros; mas de que me adiantam, se não entendo o que são, como surgiram e qual a sua finalidade?

4. O conhecimento humano não ultrapassa a experiência alimentícia, de homens e animais, o uso de madeira para aquecimento e construções. Assim são as criaturas motivo de pena e não vem ao caso se vivem na superstição mais trevosa ou quais sábios eruditos, pois todas elas nada sabem porque vivem no mundo.

5. No tocante à sobrevivência da alma, todos os filósofos estão de acordo. O seu aspecto, porém, é impossível definirem. Neste ponto, talvez tenhas a noção mais sábia, que todavia não estaria em concordância com a dos outros. Tenho razão?”

242. A TOLERÂNCIA ROMANA.

1. **Digo Eu:** (*) “Tens razão dentro do conceito mundano. Mas, para o espírito existe apenas uma só Verdade, que consiste no conhecimento de Deus, Único e Verdadeiro, no amor para com Ele e o próximo. Este é melhor que todas as ciências da Terra, e para tanto, a vida humana é bastante longa e boa.

2. Quem for esclarecido nesta Única Verdade através do espírito do amor em seu coração, dentro em breve possuirá sabedoria e ciência maiores que todas as bibliotecas do mundo. Hoje não há tempo para conduzir-te a esta esfera, na qual poucos problemas terás para abordar.”

3. Enquanto falamos, um fariseu entra no quarto e diz: “Meus amigos, faltam quase duas horas para a meia-noite. Como ouvimos a vossa palestra, tomei a liberdade de participar dela. Podeis classificar-me de atrevido. Sei, porém, serem os romanos, educados e permitem a um fariseu manifestar-se.”

4. Retruca o hospedeiro: “Prestamos atenção a todas as opiniões, na hipótese que manifestem inteligência. Além disso, somos amigos de todos, sejam gregos, judeus, árabes, persas ou hindus. Os vossos conceitos em Jerusalém a respeito do verdadeiro valor e dignidade do homem, diferem muito dos nossos. Quem não for judeu como vós, é pecador desprezível. Para os romanos rege o ditado: Vive honestamente, dá o que de direito ao próximo e não prejudiques a quem quer que seja. Para nós não existem pecadores, a não ser ladrões, assaltantes e assassinos, e quem age voluntariamente contra a lei.

5. Com respeito à religião, damos liberdade para todos manifestarem a sua crença, seja a verdade ou a mentira o seu objectivo. Tudo o resto entregamos às forças que criaram Terra, Lua, Sol e estrelas. Somos conhecidos como povo guerreiro e sumamente valentes, e o ceptro romano rege sobre quase toda Europa, parte da África e Ásia. Nunca invadimos um povo que nos deixasse em paz. Somente quando nos ameaçava e provocava distúrbios, caímos sobre ele para o dominar e fazer dele tributário, como acontece com os judeus e outros povos asiáticos, até às fronteiras da Índia. Quanto à veneração religiosa, permitimos a manifestação de todas, inclusive dos judeus, construindo até mesmo templos em Roma e Atenas para as suas divindades. Talvez errássemos com a nossa tolerância, que neste caso faz parte do princípio pelo qual se deva deixar e favorecer

a todos com o que é seu. Se concordas com a minha opinião, podes falar em nossa companhia.”

6. Responde o fariseu: “Bom hospedeiro, já falei a muitos romanos, mas nunca encontrei um mais liberal e razoável. Que dirias da nossa situação religiosa, bastante ameaçada? Surgiu na Galileia um homem que há três anos prega contra nós, age milagrosamente à moda essénia, querendo converter o povo, dizendo ser ele um filho de Deus e até mesmo o prova pela Escritura, mostrando que é o Prometido Messias. Não sabemos como agir.”

() – Estas foram as últimas orientações que Jesus proferiu e foram reveladas ao profeta Jakob Lorber. Seguem-se alguns diálogos entre o hospedeiro e o fariseu, e a obra termina abruptamente sem estar concluída, pois este servo do Senhor falece entretanto.*

243. AS MÁΣ INTENÇÕES DO FARISEU.

1. Responde o romano: “Já ouvi falar a respeito desse homem e teria grande satisfação se aqui viesse, pois é mais sábio do que qualquer um e eu poderia aprender muito com ele. Aqui já vieram muitos sábios e igualmente dotados de poder milagroso, e ao meu lado está um sábio do Oriente que hoje chegou. Acolhi-O com prazer e Ele poderá ficar o tempo que quiser. Fazei o mesmo com o galileu, que certamente não vos prejudicará. Querendo persegui-lo, ele fará o mesmo, o que acho mui justo. Sinto ele não perseguir os romanos, porque respeitamos os homens inspirados. Se me entendeste, e aceitares o meu conselho, não terás inimigos.”

2. Retruca o fariseu: “Também nós não somos inimigos de homens sábios e educados. Não nos servem os que pretendem privar-nos da nossa subsistência. Sendo enfrentados por um sábio que semeia suspeita no povo contra nós e, além disso, afirma ser filho de Deus, cura os enfermos e faz outras maravilhas, impossível se torna aceitarmos tais atitudes prejudiciais.

3. Por várias vezes estive em Jerusalém para doutrinar no Templo, e milhares apostataram do judaísmo. Alegando ser filho de Deus, evidentemente contradiz-se, pois em nossa Lei consta: Deves crer em um só Deus, e não manter outros deuses ao Meu lado. – Neste caso, teríamos dois deuses. Que fazemos com uma doutrina contrária à Lei moisaica?

4. É bem possível ser realmente profeta recente, o que se deu por várias vezes entre os judeus, pois sempre a Divindade despertava homens que prediziam ao povo o resultado da negligência das Leis de Jehovah. Assim, foram-lhe feitas promessas da Vinda de um Messias, caso permanecesse fiel a Ele.

5. O sábio da Galileia se aproveita disso, dizendo-se o Próprio Messias, enquanto nasceu em Nazaré, filho de um carpinteiro, em cuja companhia trabalhou durante quinze anos. Desconhecemos de onde tirou a sua sabedoria. Eis os motivos principais porque perseguimos aquele homem. Quem nos quiser aniquilar, será aniquilado, pois somos mais fortes do que ele com todos os seus adeptos.”

244. A CRÍTICA DO HOSPEDEIRO CONTRA O SACERDÓCIO.

1. Diz o hospedeiro: “Falaste bem, mas tenho a objectar que os romanos, por vós classificados de pagãos, nada de bom ouviram a respeito dos fariseus. Sois cheios de orgulho, amor-próprio e tendência dominadora, perseguindo quem se atreva a enfrentar-vos com a verdade. Opino que os vossos profetas, por vós apedrejados, não estavam errados pela assertiva do vosso extermínio, em virtude dos pecados praticados.

2. Muita coisa por eles predita, já se deu, e ainda vos espera o resto. O vosso culto religioso consiste na manutenção do Templo, ornamentando-o com preciosidades, um altar de sacrifícios e um tal Santíssimo, dotado com a Arca. Consta derivar-se ela de Moisés e Aarão, conquanto não mais existe e fora repostada por uma nova, sem efeito. Muitos romanos sabem disso. Pergunto: Por que não sustentais a verdade, preferindo enganar o povo, ao qual induzís por força, à superstição, enquanto nada acreditais daquilo que é ensinado?

3. Não seria mais razoável dizer ao povo: Deus nos tirou a Sua Graça em virtude dos muitos pecados. Façamos penitência justa e peçamos a Ele que Se compadeça novamente de nós. Por causa do vosso conforto e honra mundanos, preferistes trair o povo.

4. Entre os romanos também há grande superstição. Mas um romano verdadeiro mantém-se na verdade, e caso encontre alguém que seja orientado profundamente, ele o aceita com amor e se enriquece com os tesouros espirituais. São incalculavelmente

superiores aos da matéria, perecíveis e destrutíveis. Os bens do espírito são eternos e trazem benefícios. O bem e a verdade devem, por isso, ser conservados enquanto a Terra for habitada.

5. Formando-se sociedades que se opõem ao bem e à verdade, em virtude do orgulho, domínio e amor-próprio, é compreensível todos os homens sucumbirem nas trevas, querendo perseguir os que a Divindade inspirou para salvar o povo. Segundo me parece, este é o caso dos judeus, não só de agora, pois sempre procuraram perseguir aqueles que tencionavam incutir-lhe as Verdades divinas.

6. Não fossem os romanos tão poderosos, o vosso orgulho nos teria banido do país. Somos fortes e destemidos, e respeitamos Moisés e os demais profetas. Digo mais: Não estenderemos a nossa complacência, quando voltarmos com armas na mão, e não passareis tão bem como da primeira vez que vos dominamos.

7. Por isso, aconselho-vos a não perseguirdes homens sábios e sinceros. Aceitai-os e aplicai o que ensinam. Isto modificará a nossa atitude. Estou ansioso por conhecer esse galileu, e daria metade da minha fortuna, caso me desse a honra da sua visita. Deveis fazer o mesmo, pois o bem paga-se por si só. O contrário se castiga automaticamente. São estas as minhas opiniões, colhidas em viagens pelo reino de Roma. Seguindo o meu conselho, passarás melhor do que insistindo na tua tendência perseguidora. Concordas?"

8. Retruca o fariseu: "Podes ter razão, pois a Verdade e o Bem devem ser procurados antes de mais nada. Mas onde estão? No fim, o homem fica reduzido a uma crença qualquer, e ninguém consegue desvendar o véu de Ísis. Para nós, melhor é manter-se um povo na uma religião sistemática do que instruí-lo demais em Verdades que não consegue compreender." Contesta o hospedeiro: "Enganas-te muito. Se ninguém se interessar pela Verdade, tudo na Terra passará a uma certa decomposição."

Nota: Com estas palavras importantes termina o ditado do Senhor feito ao profeta Jakob Lorber, no dia 19 de Julho de 1864. Enfermo há algum tempo, foi ele chamado pelo Senhor para a junto Dele, no dia 23 de Agosto do mesmo ano, sem ter concluído a obra.

Fim do décimo e último volume

Amém!

ÍNDICE

1. Propostas para a Rápida Divulgação da Doutrina 2
2. Falhas de uma Divulgação Obrigatória 3
3. O Romano Converte os Seus Amigos 5
4. Persas e Hindus São Salvos por Raphael 7
5. Viagem do Senhor para Genezareth 8
6. A Refeição em Casa de Ebahl 10
7. A Refeição é Interrompida Pelo Romano 12
8. Um Milagre do Senhor Acalma os Romanos 14
9. A Ressurreição da Carne 15
10. Indagações Filosóficas do Capitão 17
11. Considerações Negativas 19
12. O Constante Zelo de Deus para Com as Criaturas 20
13. O Capitão Pede Orientação Acerca do Globo Terrestre 22
14. Raphael, Professor de Astronomia 23
15. A Relação Entre os Planetas e o Sol 25
16. Condições para a Conquista da Sabedoria 26
17. Raphael Positiva o Seu Poder 29
18. A Matança de Animais 31
19. A Finalidade da Luta em a Natureza 32
20. A Variabilidade da Criação do Orbe 34
21. A Substância Psíquica e a Sua Gradativa Libertação da Matéria 35
22. A Composição da Alma Humana 37
23. A Queda da Doutrina Pura 38
24. A Proposta para Desmascarar os Falsos Profetas 39
25. As Condições Espirituais da Actualidade 41
26. Os Falsos Profetas da Época Actual 43
27. A Impossibilidade de Guerras Religiosas 46
28. O Futuro da Igreja Cerimonial 48
29. Futuro da Europa e da América 50
30. A Ordem da Evolução 51
31. As Dúvidas dos Seguidores do Senhor 53
32. Oração do Senhor 54
33. O Senhor em Pella 55
34. O Senhor na Escola de Pella 56
35. A Ceia no Albergue 57
36. O Senhor e o Capitão Romano 58

37. Verónica Agradece ao Senhor 59
38. O Rabi É Advertido Pelo Senhor 61
39. Os Habitantes de Pella São Doutrinados 62
40. O Senhor e o Capitão Observam a Aurora 63
41. Os Apóstolos à Procura do Senhor 64
42. O Capitão Consola os Apóstolos 66
43. O Almoço de Verónica 67
44. A Grande Importância da Doutrina com Relação aos Feitos do Senhor 68
45. Objecções do Ajudante de Ordens 69
46. A Importância da Verdade 70
47. A Possessão 71
48. Dois Possessos São Trazidos Junto do Senhor 72
49. Pellagius Cura um Possesso 73
50. O Senhor Cura Outro Possesso 75
51. A Natureza dos Cinco Espíritos Expulsos 76
52. A História dos Dezassete Espíritos 77
53. O Senhor Admoesta o Chefe dos Espíritos Expulsos 78
54. O Perigo de Alimentos Impuros 80
55. A Viagem para Abila 81
56. O Senhor Entre os Judeus 82
57. O Ancião Testemunha do Senhor 84
58. Interpretação da Reforma da Ruína 85
59. O Castelo de Melquisedeque 86
60. Ocorrência da Época do Rei de Salém 87
61. A Ceia no Antigo Refeitório 89
62. O Alvorço Diante da Casa Judaica 90
63. A Verdadeira Consagração do Sábado 90
64. Ensino para Pagãos Supersticiosos 92
65. O Método de Ensino 93
66. O Prefeito de Abila 93
67. O Comandante Converte o Prefeito 94
68. Amor e a Paciência, são as Duas Principais Virtudes do Homem 95
69. Almoço e Despedida do Senhor 96
70. Chegada a Golan 98
71. A Cura da Esposa e das Filhas do Judeu 99
72. O Poder Milagroso do Senhor 100
73. O Reino de Deus 101
74. O Taverneiro e o Comandante são Orientados 102

75. Prenúncio de um Temporal 103
76. A Noite Tempestuosa 104
77. A Bonança 106
78. A Procura de Deus 106
79. Os Bons Propósitos do Vizinho Pagão 108
80. Os Efeitos da Tempestade e do Terremoto 108
81. Ponderações Acerca do Poder do Galileu 110
82. A Volta para o Albergue 111
83. A Atitude Perante os Sacerdotes 112
84. A Importância do Amor 99
85. Os Sacerdotes Pagãos Defendem a Sua Atitude 114
86. Inutilidade das Cerimónias Pagãs 115
87. Ponderações dos Colegas Templários 117
88. A Decisão dos Sacerdotes 118
89. A Gratidão dos Sacerdotes 119
90. A Atitude dos Verdadeiros Discípulos do Senhor 120
91. A Partida para Aphek 121
92. O Hospedeiro Romano de Aphek 122
93. Ponderação do Taverneiro a Respeito do Senhor 124
94. O Senhor Cura os Enfermos do Albergue 125
95. O Senhor Analisa o Curso Educacional do Sacerdote 126
96. A Queda da Humanidade 126
97. A Justa Procura de Deus 127
98. O Senhor Exemplifica a Justa Procura de Deus 128
99. A Justificativa para a Vida Mundana 130
100. As Primitivas Revelações do Senhor 131
101. Conjecturas Acerca das Belezas Naturais 132
102. Pedido e Promessa do Sacerdote 133
103. O Milagre Interpretativo para os Sacerdotes 134
104. Discurso de Andreas Acerca das Obras do Senhor 136
105. A Milagrosa Refeição 137
106. A Libertação do Paganismo 140
107. O Amor ao Próximo 142
108. Promessa e Advertência do Senhor 143
109. A Onnipotência do Senhor e a Sua Restrição 144
110. A Questão do Inferno 146
111. A Utilidade da Destruição da Forma Externa 147
112. A Finalidade das Moléstias 148
113. A Dificuldade na Conversão de Almas Desencarnadas 149
114. A Educação Inútil de um Tirano 150

115. Promessa do Senhor Sobre o Fim dos Tempos 151
116. O Ambiente Espiritual do Senhor 152
117. Os Cidadãos de Aphek 154
118. A Partida de Aphek 155
119. O Senhor a Caminho para Betsaida 156
120. O Senhor Dirige-se à Caravana 157
121. O Senhor num Albergue em Betsaida 158
122. O Motivo da Ausência dos Filhos do Hospedeiro 159
123. A Fé e a Confiança do Hospedeiro 160
124. A Questão do Messias 161
125. O Senhor Dá Testemunho de Si 162
126. O Feliz Ágape 163
127. A Omnipresença e Graça do Senhor 164
128. A Divulgação da Doutrina 165
129. O Senhor Explica o Cosmos 167
130. A Astrologia 168
131. A Indispensável Prudência no Ensino 169
132. A Zona Abençoada 170
133. A Segunda Missão dos Apóstolos 171
134. A Organização dos Apóstolos 172
135. O Tanque de Peixes do Hospedeiro 174
136. O Esclarecimento Referente à Transformação da Zona 175
137. O Conhecimento dos Hóspedes 176
138. A Confissão do Ancião 177
139. Quem É o Próximo 178
140. A Parábola do Fazendeiro 179
141. A Predição Sobre a Paixão do Senhor 181
142. O Prosseguimento da Viagem 182
143. O Pobre Albergue da Cidade de Basalto 183
144. O Milagre 185
145. A Taverneira e os Empregados 186
146. O Amor para Com Crentes de Outras Religiões 187
147. O Porquê das Misérias e da Decadência Humana 189
148. O Motivo da Moléstia do Filho do Hospedeiro 190
149. Os Dois Forasteiros de Nínive 191
150. As Condições Religiosas na Pátria dos Forasteiro 192
151. Os Julgamentos de Deus e Seus Efeitos 193
152. A Consequência da Divulgação do Evangelho. A Volta do Senhor 195
153. O Despertar dos Fiéis no Dia do Juízo Final 196

154. O Senhor Positiva a Sua Graça 197
155. A Noção da Eternidade 198
156. O Julgamento Final 200
157. Orientações do Senhor para João e Mateus 201
158. Fatos Históricos da Cidade de Basalto 202
159. A Natureza do Sol 204
160. O Senhor Prediz a Recepção dos Forasteiros Junto ao Rei 206
161. A Divulgação da Doutrina em Babilónia 206
162. O Senhor Abençoa a Zona Deserta 209
163. O Senhor na Cidade Situada no Monte Nebo 210
164. O Milagre no Albergue Romano 213
165. As Conjecturas Acerca do Milagre 214
166. A Conversão dos Fariseus 215
167. A Predição Feita a Barnabás 216
168. O Testemunho de Fé do Delegado 217
169. A Crítica Materialista 219
170. O Teste do Senhor 220
171. O Efeito das Forças 221
172. O Senhor Mostra a Realidade da Vida no Além. A Visão Interna 223
173. Aparecimento de uma Alma 224
174. Aventuras no Além 225
175. A Evolução no Além 227
176. O Inferno e os Seus Demónios 228
177. Os Ídolos na Casa do Hospedeiro 230
178. No Monte Nebo 231
179. A Aurora Peculiar 233
180. A Deturpação da Doutrina Judaica 234
181. A Destruição dos Ídolos 236
182. O Motivo das Enfermidades 237
183. A Luta na Natureza 240
184. Finalidade da Luta na Natureza 241
185. Exemplo de Unificação Animal 242
186. Aparente Privilégio dos Pagãos 243
187. O Amor de Jesus para Com o Povo Judeu 244
188. Directrizes Com Relação aos Falsos Profetas e aos Milagres 246
189. A Dificuldade do Ofício Doutrinário 249
190. O Sacerdote de Apollo Pergunta Pelo Senhor 251
191. A Verdadeira Adoração 252
192. O Surgir do Paganismo 254

193. A Origem da Veneração de Apollo 255
194. O Amor e a Paciência na Divulgação da Doutrina 256
195. A Onnipresença e Onnipotência do Senhor. O Processo da Visão 256
196. A Evolução Humana 259
197. O Subir e Descer dos Anjos 260
198. Aparição dos Anjos 261
199. A Acção dos Anjos 263
200. Uma Prova do Poder de Raphael 264
201. A Zona do Monte Nebo é Transformada 266
202. A Velocidade de Raphael 267
203. A Pedra Luminosa do Sol 269
204. Milagres de Raphael 270
205. Os Elefantes São Amestrados 272
206. A Causa da Bem-Aventura dos Espíritos Perfeitos 273
207. O Inconcebível da Criação 275
208. A Milagrosa Refeição no Albergue 276
209. O Processo Alimentício do Corpo Humano 278
210. Os Alimentos Principais do Homem 279
211. O Senhor, Como Criador Onnipotente 281
212. A Confissão de Pedro. A Parábola do Semeador 283
213. A Pregação do Evangelho a Todas as Criaturas 285
214. O Sentido das Várias Parábolas 286
215. A Justa Aplicação do Amor ao Próximo 288
216. O Mordomo Infel 290
217. A Explicação da Parábola do Mordomo Injusto 292
218. A Parábola do Joio Entre o Trigo 293
219. Como Identificar o Falso Profeta 294
220. A Acção Milagrosa 296
221. A Conversão Através dos Milagres 298
222. Almas Pré-Amadurecidas Por Coacção e Almas Inteiramente Amadurecidas 299
223. Judas Iscariotes 301
224. Advertência Contra a Preguiça 302
225. A Economia 303
226. O "Bom-Dia" dos Grous 304
227. O Suprimento das Aves 306
228. O Voo dos Homens 307
229. O Senhor no Vale do Jordão 308
230. O Hospedeiro Mal Educado 309

- 231.** O Senhor Anuncia a Chegada de Uma Caravana 310
- 232.** A Crítica do Hospedeiro Acerca dos Judeus 311
- 233.** O Prosseguimento da Palestra Entre o Grego e o Senhor 312
- 234.** O Senhor Dá Testemunho de Si 313
- 235.** O Aparecimento do Mar Morto 315
- 236.** O Aparecimento do Mar Cáspio 316
- 237.** O Motivo da Destruição de Babilônia e Nínive 317
- 238.** A Peste Espiritual do Ócio 318
- 239.** Crítica à Dietética de Moisés 320
- 240.** Orientação Dietética 321
- 241.** Imperfeição do Conhecimento Humano 322
- 242.** A Tolerância Romana 323
- 243.** As Más Intenções do Fariseu 324
- 244.** A Crítica do Hospedeiro Contra o Sacerdócio 325



Porto – Portugal

www.refugiobetania.org
refugiobetania@gmail.com